

HEBREUS

ÍNDICE

HEBREWS

WILLIAM BARCLAY

**Título original em inglês:
The Letter to The Hebrews**

Tradução: Carlos Biagini

O NOVO TESTAMENTO Comentado por William Barclay

... Introduz e interpreta a totalidade dos livros do NOVO TESTAMENTO. Desde Mateus até o Apocalipse William Barclay explica, relaciona, dá exemplos, ilustra e aplica cada passagem, sendo sempre fiel e claro, singelo e profundo. Temos nesta série, por fim, um instrumento ideal para todos aqueles que desejem conhecer melhor as Escrituras. O respeito do autor para a Revelação Bíblica, sua sólida fundamentação, na doutrina tradicional e sempre nova da igreja, sua incrível capacidade para aplicar ao dia de hoje a mensagem, fazem que coleção ofereça a todos como uma magnífica promessa.

**PARA QUE CONHEÇAMOS MELHOR A CRISTO
O AMEMOS COM AMOR MAIS VERDADEIRO
E O SIGAMOS COM MAIOR EMPENHO**

ÍNDICE**Prefácio****Introdução Geral****Introdução a Hebreus**

Capítulo 1	Capítulo 5	Capítulo 9	Capítulo 13
Capítulo 2	Capítulo 6	Capítulo 10	
Capítulo 3	Capítulo 7	Capítulo 11	
Capítulo 4	Capítulo 8	Capítulo 12	

PREFÁCIO

Quando chegamos à *Carta aos Hebreus* encontramos com aquele que é, para o homem de hoje, o livro mais difícil de todo o Novo Testamento. Hebreus nunca foi um livro de fácil leitura. Mesmo quando foi escrito, foi por um erudito para um pequeno grupo de eruditos. O conhecimento que exige do Antigo Testamento e do sistema sacrificial hebreu, nunca foi de posseção geral de todos; e se foi difícil para as pessoas às quais foi escrita, deve ser muito mais para nós hoje. Mas creio que não há no Novo Testamento um livro que seja mais digno do esforço para entendê-lo. Creio que nenhum livro do Novo Testamento nos dá um quadro tão glorioso de Jesus Cristo em todo o esplendor de sua humanidade e em toda a majestade de sua divindade. Sei que os que leiam Hebreus o acharão difícil, mas meu ardente rogo é que muitos perseverem até que este grande livro lhes abra seus tesouros.

Ao escrever esta exposição tenho feito uso constantemente de certos livros, pois existe uma literatura muito extensa sobre Hebreus. Para aqueles que lêem o grego, o comentário de B. F. Westcott, na série de Macmillan, ainda não foi superado, embora escrito há tanto tempo como em 1889. O volume de Moffat no *International Critical Commentary* é um monumento de erudição ao qual devo muito. Dos comentários sobre o texto inglês, o de F. D. V. Narborough na

Clarendon Bible é pequeno mas muito sugestivo e ilustrativo. O comentário de T. H. Robinson no *Moffat Commentary* não é um dos volumes destacados dessa série, ainda que seja útil. O comentário de E. C. Wickham na série dos *Westminster Commentaries* é em todo sentido de primeira classe. Tem havido muitos estudos de primeira classe sobre Hebreus. O de E. F. Scott é particularmente bom, como o é também o de A. Nairne. *Let us go on, the Secret of Christian Progress in the Epistle to the Hebrews*, por W. H. Griffith Thomas é de notável utilidade. Mas até hoje a melhor obra sobre o pensamento de Hebreus é sem dúvida *The Epistle to the Hebrews, the First Apology for Christianity*, por A. B. Bruce. A. B. Bruce destaca-se supremo entre todos os intérpretes. Tenho para com ele uma dívida que não posso deixar de reconhecer. O primeiro homem a quem ouvi dissertar sobre Hebreus foi o finado W. M. Macgregor, mi profesor cuando yo era estudiante en el Trinity College.

Nunca esquecerei essas conferências. Para mim assinalaram o nível mais alto da obra daquele que foi o maior intérprete do Novo Testamento que jamais encontrei. Se este livro tiver algo de bom, isso se deve à inspiração do W. M. Macgregor. Estou obrigado a dizer que pode haver neste livro dívidas que *não* reconheci. Isso se deve a que durante sete anos foi meu dever e privilégio dissertar sobre Hebreus perante estudantes, e, ao longo dos anos, recolhi materiais sem anotar às vezes sua procedência. Se tiver chamado a obra de alguns sem o devido reconhecimento, peço-lhes perdão.

Espero que haja muitos que empreendam a aventura de ler esta grande carta do Novo Testamento. Minha oração é que sua leitura brinde a muitos esse acesso à presença de Deus no qual o anônimo autor da *Carta aos Hebreus* via a própria essência da religião.

William Barclay.

INTRODUÇÃO GERAL

Pode dizer-se sem faltar à verdade literal, que esta série de Comentários bíblicos começou quase acidentalmente. Uma série de estudos bíblicos que estava usando a Igreja de Escócia (Presbiteriana) esgotou-se, e se necessitava outra para substituí-la, de maneira imediata. Fui solicitado a escrever um volume sobre Atos e, naquele momento, minha intenção não era comentar o resto do Novo Testamento. Mas os volumes foram surgindo, até que o encargo original se converteu na idéia de completar o Comentário de todo o Novo Testamento.

Resulta-me impossível deixar passar outra edição destes livros sem expressar minha mais profunda e sincera gratidão à Comissão de Publicações da Igreja de Escócia por me haver outorgado o privilégio de começar esta série e depois continuar até completá-la. E em particular desejo expressar minha enorme dívida de gratidão ao presidente da comissão, o Rev. R. G. Macdonald, O.B.E., M.A., D.D., e ao secretário e administrador desse organismo editar, o Rev. Andrew McCosh, M.A., S.T.M., por seu constante estímulo e sua sempre presente simpatia e ajuda.

Quando já se publicaram vários destes volumes, nos ocorreu a idéia de completar a série. O propósito é fazer que os resultados do estudo erudito das Escrituras possam estar ao alcance do leitor não especializado, em uma forma tal que não se requeiram estudos teológicos para compreendê-los; e também se deseja fazer que os ensinamentos dos livros do Novo Testamento sejam pertinentes à vida e ao trabalho do homem contemporâneo. O propósito de toda esta série poderia resumir-se nas palavras da famosa oração de Richard Chichester: procuram fazer que Jesus Cristo seja conhecido de maneira mais clara por todos os homens e mulheres, que Ele seja amado mais entranhadamente e que seja seguido mais de perto. Minha própria oração é que de alguma maneira meu trabalho possa contribuir para que tudo isto seja possível.

INTRODUÇÃO À CARTA AOS HEBREUS**Deus compreende-se de muitas maneiras**

A religião jamais foi nem jamais pode ser o mesmo para todos os homens. "Deus", como dizia Tennyson, "compreende-se de muitas maneiras." George Russell: "Há tantas maneiras de subir aos astros como pessoas que o fazem." Há um ditado bem conhecido que com toda verdade e beleza diz que "Deus tem sua própria escada secreta em cada coração." Falando em geral, existiram quatro grandes conceitos da religião.

(1) Para alguns a religião é *comunhão interna com Deus*; uma união tão estreita e íntima com Cristo que pode dizer-se que o cristão vive em Cristo e Cristo nele. Este era o conceito da religião que tinha Paulo. A religião era algo que o unia mística e misteriosamente com Deus.

(2) Para outros a religião é o que dá ao homem *uma norma de vida e o poder para alcançar essa norma*. A religião é a lei para uma vida boa e o poder para observar essa lei. Em geral nisto consistia a religião para Tiago e Pedro. Era algo que lhes mostrava o que devia ser a vida e os capacitava para realizar isto.

(3) Para outros a religião é *a suprema satisfação da mente*. Indagam e indagam até que descobrem que podem descansar em Deus. Platão disse: "Uma vida sem exame é uma vida que não merece ser vivida." Há certos homens que devem entender ou perecer. Suas mentes pedem satisfação. Em geral isto é o que a religião significava para João. O primeiro capítulo de seu Evangelho é um dos maiores intentos do mundo de conceber a religião de modo que realmente possa satisfazer a mente.

(4) Para outros a religião é o *acesso a Deus*. É o que os leva à própria presença de Deus, o que remove as barreiras, o que elimina os estranhamentos e abre as portas à presença viva do Deus vivente. Isto significava a religião para o autor da Carta de Hebreus. Sua mente está obcecada por esta idéia. Encontrava em Cristo a única pessoa que podia

conduzi-lo à própria mesma de Deus. A porta que tinha estado fechada foi aberta pelo que Jesus foi e fez.

Toda a idéia de religião se resume na importante passagem de Hebreus 10:19-20,22a:

“Tendo, pois, irmãos, intrepidez para entrar no Santo dos Santos, pelo sangue de Jesus, pelo novo e vivo caminho que ele nos consagrou pelo véu, isto é, pela sua carne. ... aproximemo-nos, com sincero coração, em plena certeza de fé.”

Se o autor de Hebreus tinha um texto e um lema era o seguinte: "aproximemo-nos".

O duplo pano de fundo cultural

O autor de Hebreus tinha um duplo pano de fundo, e desses dois panos de fundo procediam suas idéias. Um *pano de fundo de pensamento grego*. Desde o tempo de Platão — quinhentos anos antes os gregos viviam obcecados pelo contraste entre o real e o irreal, o visível e o invisível, o temporal e o eterno. A idéia grega era que em alguma parte existe um mundo real do qual este mundo é só uma cópia imperfeita, pobre e velada. Platão pensava que em alguma parte existia um mundo de *formas, idéias* ou *modelos* perfeitos, dos quais cada coisa deste mundo é só uma cópia imperfeita. Para mencionar um simples exemplo, em alguma parte se conserva o modelo, a idéia ou a forma de uma cadeira perfeita da qual todas as cadeiras deste mundo são cópias inadequadas.

Dizia Platão: "O Criador do mundo desenhou e levou a cabo sua obra de acordo com um modelo imutável e eterno do qual o mundo é apenas uma cópia." Filo, que extraiu suas idéias de Platão expressava: "Deus sabia a princípio que nunca se poderia obter uma copia bonita, a não ser a partir de um belo modelo; que nenhum dos objetos perceptíveis pelos sentidos podia ser sem mancha se não estava modelado de acordo

com um arquétipo e a uma idéia espiritual. Portanto, quando dispôs criar este mundo visível formou de antemão um mundo ideal para constituir o corporal de acordo com o modelo imaterial e semelhante a Deus."

Quando Cícero falava das leis que os homens conhecem e usam sobre a Terra dizia: "Não possuímos uma lei real e uma justiça genuína que sejam naturais; tudo o que desfrutamos é uma sombra e um esboço."

Todos os pensadores do mundo antigo opinavam que em alguma parte existia um mundo real do qual este mundo é só uma espécie de pálida sombra, uma cópia imperfeita. Aqui só podemos conjecturar e andar Tateando; só podemos trabalhar com sombras e cópias imperfeitas. Mas no mundo invisível estão as coisas reais, perfeitas, o mundo tal como foi concebido por Deus. À morte do Newman foi-lhe erigiu uma estátua em cujo pedestal se podiam ler as palavras latinas: *Ab umbris et imaginibus ad veritatem*. "Das sombras e as aparências rumo à verdade." Se isto é assim então a tarefa importante desta vida consistirá em sair das sombras e imperfeições para alcançar a *realidade*. Isto é exatamente o que o autor de Hebreus anuncia: Jesus Cristo pode nos capacitar para obtê-lo. O autor de Hebreus podido ter dito ao pensador grego: "Durante toda a sua vida vocês buscaram a realidade e tentaram sair das trevas para chegar à verdade. Isto é justamente o que Jesus Cristo pode lhes capacitar a fazer".

O pano de fundo hebreu

O autor de Hebreus tem também um *pano de fundo judeu*. Para o judeu sempre era perigoso aproximar-se muito a Deus. Disse Deus a Moisés: "Porquanto homem nenhum verá a minha face e viverá" (Êxodo 33:20). Jacó exclamou assombrado em Peniel: "Vi a Deus face a face, e a minha vida foi salva" (Gênesis 32:30). Quando Manoá se precaveu de quem tinha sido seu visitante disse aterrorizado a sua mulher: "Certamente, morreremos, porque vimos a Deus" (Juízes 13:22). O dia da expiação constituía a grande data do culto judeu. Era o único dia do

ano em que o sumo sacerdote entrava no santíssimo onde se considerava que habitava a própria presença de Deus. Ninguém jamais entrava ali a não ser o sumo sacerdote e este somente neste dia. Ao realizar este ato a Lei pedia que não se demorasse muito no lugar santo "para que Israel não se aterrorizasse". Era perigoso entrar na presença de Deus; atrasar-se muito podia significar a morte.

Dentro deste contexto surgiu no pensamento judeu a idéia de uma *aliança*. A aliança significava que Deus em sua graça e por iniciativa própria — de uma maneira absolutamente imerecida — se aproximava do povo de Israel e lhe oferecia uma relação especial consigo. De uma maneira única eles seriam seu povo e ele seria seu Deus; era o modo de ter um acesso especial a Deus. Mas este acesso estava condicionado à observância da Lei que Deus lhes tinha dado.

Vemos como se cercou esta relação e aceitou-se a Lei na cena dramática de Êxodo 24 3-4. Assim, pois, Israel tinha acesso a Deus *mas só se observasse a Lei*. Quebrantar a Lei era pecado; o pecado interrompia o acesso a Deus e colocava perante ele uma barreira. Para apartar esta barreira se construiu todo o sistema do sacerdócio levítico e dos sacrifícios. A Lei tinha sido dada; o homem pecava; surgiam barreiras; se fazia o sacrifício destinado a restabelecer as relações rotas, recuperar o acesso perdido e abrir de novo o caminho a Deus. Mas segundo toda a experiência da vida era que precisamente isso era o que o sacrifício não podia conseguir. Era preciso repetir uma e outra vez os sacrifícios; os mesmos sacerdotes eram pecadores e devia oferecer em primeiro lugar sacrifícios por seus próprios pecados; nenhum sacrifício de animal é capaz de tirar efetivamente a culpa do pecado. A prova da ineficácia de todo este sistema estava em que os sacrifícios se deviam continuar ininterruptamente. O sacrifício era uma batalha perdida e ineficaz para remover a barreira que o pecado tinha colocado entre o homem e Deus.

O sacerdote perfeito e o sacrifício perfeito

O que os homens precisavam era um *sacerdote perfeito* e um *sacrifício perfeito*; alguém que pudesse oferecer um sacrifício que de uma vez para sempre abrisse o acesso a Deus. Isto é exatamente o que, no dizer de Hebreus, fez Cristo. Ele é o sacerdote perfeito porque é ao mesmo tempo homem perfeito e perfeito Deus. Em sua humanidade pode levar o homem a Deus e em sua divindade pode trazer Deus ao homem. Ele não tem pecado. O sacrifício perfeito que oferece é o de si mesmo: um sacrifício tão perfeito que não precisa ser repetido jamais. Aos judeus o escritor de Hebreus dizia: "Durante toda a sua vida vocês estiveram buscando o sacerdócio perfeito que pudesse oferecer um sacrifício perfeito para recuperar o acesso a Deus e anular as barreiras para poder viver para sempre na devida relação com Deus. Isto é o que têm em Jesus Cristo e só nele."

Aos gregos o autor de Hebreus dizia: "Vocês andam buscando o caminho para sair das sombras à realidade; vocês o encontrarão em Jesus Cristo." Aos judeus o autor dizia: "Vocês andam buscando o sacrifício perfeito que lhes abra o caminho a Deus fechado por seus pecados; vocês o encontrarão em Jesus Cristo." Para o autor de Hebreus, Jesus era a única pessoa na Terra que dava acesso à realidade e a Deus. Este é o pensamento-chave de toda a Carta.

O enigma do Novo Testamento

Tudo isto está claro, mas quando encaramos as outras questões da introdução a Hebreus, tudo se encontra envolto pelo manto do mistério. E. F. Scott escreveu: "A epístola aos Hebreus é em muitos sentidos o enigma do Novo Testamento." Quando nos perguntamos quando foi escrita, a quem foi escrita e quem a escreveu, só podemos suspeitar e conjecturar. A própria história da Carta mostra como seu mistério fez com que a tratasse com certa reserva e suspeita. Passou muito tempo até que a

Carta aos Hebreus formasse parte integrante do Novo Testamento. A primeira lista dos livros do Novo Testamento — o Cânon Muratoriano compilado cerca de 170 — não a menciona absolutamente. Os grandes sábios alexandrinos, Clemente e Orígenes, conheciam-na e a apreciavam, mas estavam de acordo em que seu lugar na Escritura era disputado. Dos grandes Pais africanos, Cipriano nunca a menciona e Tertuliano reconhece que seu lugar era discutido. Eusébio, o grande historiador da Igreja, diz que era contada entre os livros discutidos. Só na época de Atanásio, em meados do século IV, Hebreus foi aceito definitivamente como livro do Novo Testamento, e o próprio Lutero não estava seguro disso. É algo estranho que este livro tenha tido que esperar tanto tempo para chegar a possuir plena autoridade e reconhecimento. De cada livro do Novo Testamento devemos nos perguntar quando foi escrito, a quem se dirigiu e quem o escreveu. Tentemos responder a estas perguntas na medida do possível.

Quando se escreveu

A única informação que podemos dar provém da própria Carta. Certamente se escreveu para a que poderíamos chamar a segunda geração cristã (2:3). O relato foi irradiado a seus destinatários por aqueles que tinham ouvido o Senhor. A comunidade para a qual foi escrita não era nova na fé cristã, mas sim já amadurecida (5:12). Devem ter tido uma longa trajetória porque os ameaça a olhar para trás, aos dias de antes (10:32). Tinham atrás deles uma grande história e heróicas figuras de mártires que podiam contemplar em busca de inspiração (13:7). O que mais nos ajudará a datar a Carta são as referências que se fazem à perseguição. É evidente que em certa época seus dirigentes tinham morrido pela fé, pois os insiste a lembrar a entrega de vida dessas grandes figura (13:7). Também está claro que eles mesmos não tinham sofrido ainda perseguição, pois não tinham resistido ainda até o sangue

(12:4). Também é evidente que tinham sofrido maus entendimentos, porque tinham tido que padecer o saque de seus bens (10:32-34).

E todo o teor da Carta patenteia que se está perante o risco iminente de uma perseguição. Por tudo isto, pode-se dizer com segurança que a Carta deve ter sido escrita entre duas perseguições em circunstâncias em que os cristãos não eram de fato perseguidos mas não obstante eram impopulares. Agora, a primeira perseguição foi na época de Nero, no ano 64, e outra na de Domiciano cerca de 85. A Carta foi escrita em algum momento entre estas duas datas. Tinham por trás uma história de perseguição para inspirar-se com o relato de seus heróis; perante eles se abate a perspectiva de perseguição, diante da qual devem fortalecer-se; havia um ódio e uma hostilidade contínuos que às vezes estalavam em maus entendimentos. Podemos localizar esta Carta entre os dias de Nero e os de Domiciano, mais provavelmente mais perto da época deste último. Se adotamos a data do 80 não estaremos muito equivocados.

A quem foi escrita

Logo, perguntemo-nos a quem foi escrita a Carta aos hebreus. Novamente dependemos aqui de alguns indícios que podemos obter na própria Carta. Há algo seguro — não pôde ter sido escrita a nenhuma das grandes Igrejas, pois em tal caso o nome do lugar ao que se dirigiu não teria desaparecido tão completamente. Estabeleçamos o que podemos saber. A Carta foi escrita a uma Igreja estabelecida durante muito tempo (5:12); uma Igreja que em seu passado tinha sofrido perseguição (10:32-34); uma Igreja que tinha tido dias gloriosos e grandes mestres e chefes (13:7). Uma Igreja que não tinha sido fundada diretamente pelos apóstolos (2:3); que se tinha distinguido por sua generosidade e liberalidade (6:10). Agora chegamos a uma alusão direta: entre as saudações finais acham a frase: "Os da Itália vos saúdam" (13:24). Uma tradução mais exata seria: "Aqueles que são da Itália vos saúdam". A frase em si poderia significar que a Carta foi escrita da Itália ou à Itália.

Mas com muita maior probabilidade o significado é que foi escrita à Itália, desde o estrangeiro por alguém procedente da Itália, e que, por alguma razão estava ausente de sua terra. Podemos dizer, pois, que a carta foi escrita à Itália; e se foi assim, quase com segurança foi a Roma. Mas certamente não se dirigiu a toda a Igreja de Roma; neste caso jamais teria perdido seu título.

Além disso, ao lê-la não podemos deixar de tirar a impressão de que foi escrita a um pequeno grupo de pessoas de uma mesma mentalidade. Ainda mais, é óbvio que foi dirigida a um grupo de pessoas ilustradas. Por 5:12 sabemos que este grupo tinha estado dedicado a uma longa aprendizagem como preparação para ser mestres na fé cristã. Ainda se pode acrescentar que Hebreus supõe um conhecimento tal do Antigo Testamento, do tabernáculo, dos sacerdotes e do sistema de sacrifícios que deve ter sido escrito por um erudito na matéria e para eruditos. Se resumirmos tudo, podemos dizer que Hebreus é uma carta escrita por um grande mestre — por alguém que nós chamaríamos mestre — a um pequeno grupo ou colégio de cristãos em Roma. Era seu mestre; no momento se achava ausente, e temia que estivessem apartando-se da fé; e por isso lhes escreveu esta carta.

Mais que uma carta é uma conversação. Não começa como uma carta, como o fazem as de Paulo, ainda que termine com saudações. O próprio autor a chama "uma palavra de exortação" (13:22). Não estaremos errados se pensamos que Hebreus foi uma carta escrita a um pequeno grupo que se estava preparando para o magistério na Igreja cristã. Foi escrita por seu próprio mestre em momentos em que não podia ir em pessoa vê-los.

Por quem foi escrita

Talvez é justamente este o problema mais insolúvel de todos. Quem escreveu a Carta aos Hebreus? Precisamente esta incerteza fez com que a Carta estivesse durante tanto tempo à beira do Novo Testamento. Nos

primeiros tempos o título era simplesmente *Aos Hebreus*. Não se dá o nome de nenhum autor. Nos primeiros dias ninguém a relacionava diretamente ao nome de Paulo.

Clemente de Alexandria pensava que Paulo poderia tê-la escrito, talvez em hebraico, e que Lucas a teria traduzido, porque o estilo é totalmente diferente do de Paulo.

Orígenes fez a famosa observação. "Só Deus sabe com certeza quem escreveu a Carta aos Hebreus." Tertuliano pensava que foi escrita Barnabé. Jerônimo diz que a Igreja latina não a recebia como de Paulo e ao falar do autor diz: "O escritor de Hebreus seja quem for." Agostinho sentia da mesma maneira. Lutero declarava que Paulo jamais podia tê-la escrito porque o pensamento não é dele e Calvino que "ele não podia convencer-se de que esta Carta fosse de Paulo".

Em nenhuma época da história da Igreja se creu realmente que Paulo tivesse escrito Hebreus. Como, então, resultou vinculada a seu nome? Tudo aconteceu de uma maneira muito simples. Quando o Novo Testamento alcançou sua forma final, naturalmente se discutiu sobre que livros se incluíam e quais não. Para estabelecê-lo se usou um critério. Acaso o livro era obra de um apóstolo ou ao menos de alguém que tivesse estado em contato direto com algum dos apóstolos? Agora, naquela época a Carta aos Hebreus era conhecida e estimada em toda a Igreja. A maioria sentia como Orígenes que só Deus sabia quem a tinha escrito, mas eles a liam, estimavam e valorizavam. De modo que só se havia um caminho. *Devia* entrar no Novo Testamento e para assegurar isto havia um só caminho, e era incluí-la com as treze cartas de Paulo, o grande escritor de cartas. Desta maneira Hebreus ganhou seu lugar no Novo Testamento por razão de sua grandeza indiscutida; mas para obtê-lo teve que ser incluída entre as cartas de Paulo e passar sob seu nome. Sabia-se que o estilo e o pensamento não eram de Paulo, mas foi incluída entre suas cartas porque ninguém sabia quem a tinha escrito e tinha que ser incluída.

O autor de Hebreus

Podemos ao menos suspeitar quem foi o autor? Já se têm proposto muitos candidatos. Só podemos lançar uma olhada a três das muitas sugestões.

(1) Tertuliano pensava que Barnabé tinha escrito Hebreus. Barnabé nasceu em Chipre, povo famoso por falar um grego excelente e o grego de Hebreus é o melhor do Novo Testamento. Barnabé era levita (Atos 4:36) e de todos os personagens do Novo Testamento era aquele que poderia ter tido o conhecimento mais íntimo do sistema sacerdotal e sacrificial sobre o qual se baseia todo o pensamento da carta. Barnabé é chamado filho de *consolação*; a palavra grega é *paraklésis* (13:22), palavra de *exortação* ou *consolação*. Barnabé era um desses poucos aceitos tanto pelos judeus como pelos gregos e que se sentia à vontade em ambos os ambientes. Pode ser que Barnabé escrevesse a carta, mas se o fez é estranho que seu nome se desvinculasse inteiramente da mesma.

(2) Lutero estava seguro de que Apolo a tinha escrito. Apolo, de acordo com a menção do Novo Testamento, era um judeu nascido em Alexandria; homem eloqüente e muito versado nas Escrituras (Atos 18:24 ss.; 1 Coríntios 1:12; 3:4). Aquele que escreveu a carta conhecia certamente as Escrituras, era muito eloqüente, e pensava e argumentava da maneira que o faria um alexandrino culto. É seguro que aquele que escreveu Hebreus era no fundo e por seu pensamento da talha de Apolo.

(3) A mais romântica de todas as conjeturas é a do grande erudito alemão Harnack. Ele pensava que talvez a tivessem escrito entre Áqüila e Priscila. Áqüila era um mestre (Atos 18:26). A casa deles em Roma era uma Igreja (Romanos 16:5). Harnack pensava que esta poderia ser a razão pela qual a carta carece de saudações e não leva o nome de seu autor, pois a autora principal de Hebreus teria sido uma mulher e uma mulher não era permitido ensinar.

Mas chegando no fim das conjeturas só podem repetir o que Orígenes disse faz mil e setecentos anos: só Deus sabe quem escreveu a

carta aos Hebreus. Para nós o autor não tem rosto mas sim é só uma voz que se expressou com uma habilidade e beleza incomparáveis sobre este Jesus que para ele — e para nós — é o caminho à realidade e a Deus. Por isso damos graças a Deus.

Hebreus 1

O fim dos fragmentos - 1:1-3

Acima dos anjos - 1:4-14

O FIM DOS FRAGMENTOS

Hebreus 1:1-3

Esta é a peça oratória grega mais eloquente de todo o Novo Testamento. Qualquer orador clássico grego teria estado orgulhoso de tê-la escrito. O autor da Carta aos Hebreus utilizou aqui todos os recursos de palavras e ritmo que a bela e flexível língua grega permitia. Em grego os dois advérbios que se traduzem *muitas vezes* e *de muitas maneiras* são palavras únicas (*polymeros* e *polytropos*). O prefixo grego *poly-* nestas combinações significa *muitos*. Os grandes oradores gregos, como Demóstenes, o maior de todos eles, tinham o hábito de intercalar tão sonoros adjetivos no primeiro parágrafo de um discurso. O autor de Hebreus sentiu que, já que ia falar da revelação suprema de Deus aos homens, devia revestir seu pensamento da linguagem mais nobre possível. Um grande pensamento exigia uma expressão grandiosa. E até aqui notamos algo que é de sumo interesse. O autor da Carta deve ter sido preparado na oratória grega. Ao tornar-se cristão não desdenhou o patrimônio assimilado; *usou o talento que tinha a serviço de Jesus Cristo*.

É bem conhecida a bela lenda do acrobata que se fez monge. Diz-se que lamentava muito ter tão pouco que oferecer. Certo dia alguém o viu entrar na capela e deter-se perante a estátua da Virgem Maria. Depois de um momento de vacilação, decidiu oferecer o que tinha: interpretou o

repertório acrobático de todas as provas ginásticas que tinha aprendido. Assim que terminou suas contorções ajoelhou-se em adoração. E então — conta a lenda — a estátua de Maria cobrou vida, baixou do pedestal e enxugou com suavidade o suor da fronte do acrobata que tinha devotado tudo o que podia. Quando alguém se torna cristão não deve abandonar todos seus dons e talentos, mas sim deve usá-los para o serviço de Jesus Cristo e de sua Igreja.

A idéia básica da Carta afirma que só Jesus Cristo traz para os homens a revelação plena de Deus; e que só Ele capacita para entrar na própria presença de Deus. O escritor começa aqui opondo a figura de Jesus à dos profetas que o precederam. Fala de Jesus como daquele que tem que vir, *nestes últimos dias*. Os judeus dividiam o tempo em duas eras: a presente e a futura. Entre as duas situavam o dia do Senhor. A era presente era inteiramente humana e má; a era futura seria a era áurea de Deus. O dia do Senhor no meio consistiria em algo assim como as dores de parto de uma nova era. Por isso diz o autor: "O tempo velho está passando, a era do incompleto está terminando; o tempo das conjeturas e da incerteza humanas chega a seu fim; a nova era de Deus amanheceu em Cristo." Via que o mundo e o pensamento dos homens tinham, por assim dizer, um novo começo com Jesus Cristo. Em Jesus, Deus tinha entrado na humanidade, a eternidade tinha invadido o tempo e as coisas já não podiam ser as mesmas.

O autor prefere começar comparando Jesus com os profetas, porque sempre se creu que estes estavam no segredo de Deus. Muito tempo antes Amós havia dito: "O SENHOR Deus não fará coisa alguma, sem primeiro revelar o seu segredo aos seus servos, os profetas" (Amós 3:7). Filo diz que "os profetas são intérpretes do Deus que os usa como instrumentos para revelar aos homens o que quer." Posteriormente esta doutrina tinha sido mecanizada por completo. Atenágoras dizia que Deus movia a boca dos profetas do mesmo modo que um homem toca um instrumento musical, e que o Espírito soprava neles como um flautista na flauta. Justino Mártir diz que o divino desce do céu para pulsar os

profetas como o plectro pulsa as cordas do harpa ou do alaúde. No final parecia que os profetas não tinham outra relação com sua mensagem que a do instrumento com a música que toca ou a da pena com a mensagem que escreve. Isto era mecanizar muito a questão; porque a verdade é que o melhor músico está em certa medida à mercê de seu instrumento. Não se pode interpretar boa música num piano ao qual faltam certas notas ou estão desafinadas, e até o melhor escritor depende em certa medida de sua pena. Deus não poderia revelar mais do que os homens pudessem entender. A revelação de Deus vem através de mentes e corações humanos. E isso é exatamente o que via o autor de Hebreus.

Diz que a revelação de Deus, a verdade, veio *muitas vezes* (*polymeros*) e *de muitas maneiras* (*polytropos*). Notemos dois pensamentos.

(1) A revelação dos profetas tinha uma variedade tão grande que fazia dela algo tremendo. Em cada época em que agiam adaptavam a mensagem às circunstâncias, fazendo ressaltar aquela faceta da verdade que resultava essencial para os homens aos quais falavam. Nunca se tratava de algo estático, passado de moda; algo carente de pertinência ou incompreensível; sempre era algo adequado às necessidades de cada época.

(2) Ao mesmo tempo, essa revelação era fragmentária e devia apresentar-se em forma tal que pudesse ser entendida apesar das limitações da época. Era *fragmentária*. Uma das coisas mais interessantes é ver como várias vezes os profetas se caracterizam por uma idéia determinada. Por exemplo, Amós é "*um clamor pela justiça social*". Isaías compreendeu a *santidade de Deus*. Oséias, por causa de sua própria amarga experiência caseira, descobriu a maravilha do *amor de Deus que perdoa*. Cada profeta, a partir de sua própria experiência da vida, e da experiência de Israel, capta e expressa um fragmento, uma parte da verdade de Deus. Nenhum profeta tinha captado todo o círculo completo da verdade; mas outra coisa acontecia com Jesus. Jesus não era uma parte da verdade; era a verdade inteira; não era uma revelação

fragmentária de Deus, mas sim sua revelação completa. NEle Deus não mostrava alguma faceta de sua verdade; revelava-se *Ele próprio* plenamente aos homens. Além disso, os profetas tinham usado vários métodos, por exemplo, *o discurso*; quando este fracassava recorriam à *ação dramática* (1 Reis 11:29-32; Jeremias 13:1-9; 27:1-7; Ezequiel 4:1-3; 5:1-4). Tinham tido que usar métodos humanos para transmitir uma parte da verdade de Deus. Também isto era distinto no caso de Jesus. Jesus revelou a Deus *sendo Ele mesmo Deus*. O que nos mostra como é Deus não é tanto o que disse e fez como o que é em si mesmo. A revelação dos profetas foi grande e múltipla, mas fragmentária e oferecida através de métodos que podiam achar para fazê-la efetiva; mas a revelação de Deus em Jesus era completa e estava apresentada em Jesus mesmo. Em outras palavras, os profetas eram os *amigos* de Deus mas Jesus era o *Filho*; os profetas captaram *parte* da mente de Deus mas Jesus era a *própria* mente de Deus. Note-se que o autor de Hebreus não pretende diminuir os profetas; seu propósito era deixar bem assentada a supremacia de Jesus Cristo. Não diz que há uma ruptura entre a revelação do Antigo Testamento e a do Novo; dá ênfase ao fato de que há continuidade: uma *continuidade* que termina na *consumação*.

O autor de Hebreus utiliza duas grandes figuras para descrever a Jesus. Diz que foi o *apaugasma* da glória de Deus. O termo tem duas acepções: pode significar *resplendor*, uma luz que brilha, ou pode significar *reflexo*, a luz refletida. Em nosso caso significa mais provavelmente *resplendor*. Jesus é o resplendor da glória de Deus entre os homens. O autor considera Jesus o *carakter* da mesma essência divina, de sua substância, de seu ser. Agora, em grego *carakter* tem duas acepções; significa primeiro um *selo* e segundo, a *marca* ou *impressão* que o selo deixa na cera. A impressão tem a forma do selo e reproduz exatamente e em detalhe seu forma. Quando o autor de Hebreus diz que Jesus é o *carakter* do ser de Deus quer afirmar que em Jesus encontra-se a *imagem mesma* e expressão exata de Deus. Assim como na impressão vê-se como é o selo que a fez, assim também em Jesus vê-se exatamente

como é Deus. Jesus não é fragmentário ou incompleto; é a expressão total e exata de Deus.

C. J. Vaughan assinalou que esta passagem nos ensina seis coisas importantes sobre Jesus.

(1) A Jesus pertence a glória original de Deus; é seu resplendor. Este é um pensamento sublime. Jesus é a glória de Deus. Vemos, pois, com clareza meridiana que a glória de Deus não consiste em esmagar os homens e tiranizá-los, reduzindo-os a uma servidão abjeta, mas em servir aos homens, amá-los e, finalmente, morrer por eles. A glória de Deus não é a glória do poder destruidor, mas sim a do amor que sofre.

(2) A Jesus pertence o império prometido. Os escritores do Novo Testamento nunca tiveram dúvida sobre o triunfo final de Jesus. Advirtamos que se referem a um carpinteiro galileu crucificado como criminoso sobre uma colina no lado de fora de Jerusalém. Os próprios discípulos sofreram uma perseguição selvagem e eram da mais humilde procedência. A eles se referia Sir William Watson quando escrevia:

"Ao lobo selvagem do ódio foi sacrificado
o ofegante e confuso rebanho cujo crime era Cristo."

Mas apesar de tudo jamais duvidaram do triunfo final. Viviam a certeza que o amor de Deus tinha o respaldo de seu poder e que no final os reinos deste mundo seriam do Senhor e de seu Cristo. Bem faríamos em captar de novo este otimismo com que a Igreja primitiva desafiava os acontecimentos.

(3) A Jesus pertence a ação criadora. A Igreja primitiva tinha um grande pensamento. Sustentava que o Filho tinha sido o agente e instrumento de Deus na criação; que nas origens Deus, de algum modo, tinha criado o mundo mediante seu Filho. Estavam imbuídos da idéia de que Aquele que tinha criado o mundo seria aquele que recriava a esse mesmo mundo; Aquele que fez o mundo devia ser aquele que também o redimisse.

(4) A Jesus pertence o poder sustentador. Por seu poder faz com que tudo siga sua marcha para frente. Os cristãos primitivos tinham uma compreensão tremenda da doutrina da *providência*. Não pensavam que Deus tivesse criado o mundo para logo abandoná-lo a seu próprio destino. De algum modo e em algum lugar existia um poder na vida e no mundo que conduzia cada coisa e cada vida a seu fim estabelecido.

(5) A Jesus pertencia a obra redentora. Ele levou a cabo a necessária purificação do pecado dos homens. Com seu sacrifício pagou o preço e com sua presença contínua liberta do pecado.

(6) De Jesus é a exaltação mediadora. Está sentado ao I mão direita da glória de Deus; mas o tremendo pensamento do autor de Hebreus que não está ali para ser o juiz, senão para interceder por nós; a fim de que quando nos apresentarmos perante Deus, não ouçamos a acusação da justiça divina, mas sim o amor de Deus interceder por nós.

ACIMA DOS ANJOS

Hebreus 1:4-14

Na passagem anterior o autor da Carta se preocupou de demonstrar a superioridade de Jesus sobre todos os profetas anteriores. Agora empreende a tarefa de demonstrar sua superioridade sobre os anjos. O fato de que cria importante fazer isto, mostra o lugar que a crença nos anjos ocupava no pensamento judeu da época, crença que na época aumentava. Isso se devia à impressão que causava nos homens o que se chama a transcendência divina. Cada vez se sentia com mais intensidade a distância e a diferença entre Deus e os homens. Sentiam que Deus se afastava cada vez mais, fazendo-se cada vez mais incognoscível e inacessível. O resultado era que tinham chegado a pensar nos anjos como intermediários entre Deus e o homem. Tinham começado a sentir que Deus estava tão afastado que não podia falar diretamente com o homem e vice-versa; e assim tinham começado a pensar nos anjos como pontes entre Deus e os homens: por eles Deus falava e eles eram os que, entre

outras coisas, levavam as orações dos homens à presença de Deus. Há um caso particular que ilustra muito especialmente este processo. No Antigo Testamento a Lei foi entregue diretamente por Deus a Moisés; não houve necessidade de intermediários. Mas na época do Novo Testamento os judeus criam que Deus tinha entregue a Lei aos anjos e estes por sua vez a Moisés, porque já não era plausível uma comunicação direta entre Deus e os homens (Atos 7:53; Gálatas 3:19).

Examinemos algumas das crenças básicas dos judeus e assim nos daremos conta de como reaparecem nesta passagem. Deus era concebido rodeado de hostes angélicas (Isaías 6; 1 Reis 22:19) denominadas às vezes o exército de Deus (Josué 5:14 ss.). Os termos correspondentes a *anjos* são — respectivamente em grego e em hebreu — *aggeloi* e *mal'a Kim*; em ambos os idiomas significam tanto *mensageiros* como *anjos*. De fato, *mensageiro* é seu sentido geral e comum. Os anjos são os instrumentos de Deus para trazer ao mundo sua palavra e a operação de sua vontade ao universo dos homens. São intermediários e mediadores entre Deus e os homens. Eram concebidos como espíritos de uma substância ígnea e etérea, algo assim como uma luz resplandecente. Tinham sido criados no segundo ou no quinto dia da criação; não bebiam nem comiam nem engendravam filhos. Às vezes eram considerados imortais embora podiam ser aniquilados por Deus, mas, como veremos, havia outra crença sobre sua existência. Alguns deles, os querubins, os serafins e os ofanins (*querubin, serafin, ofanin* — *in* é a terminação plural hebraica dos nomes) rodeavam sempre o trono de Deus. Cria-se que desfrutavam de um conhecimento superior aos homens, acima de tudo com relação ao futuro. Mas não possuíam esse conhecimento por direito próprio, mas sim "pelo que tinham ouvido atrás da cortina"; era como se tivessem bisbilhotado nos propósitos e planos divinos. Eram considerados como o séquito ou a *família* de Deus; além disso lhe serviam de conselho ou senado. Antes de fazer algo Deus os consultava; por exemplo quando disse "*Façamos o homem*" (Gênesis 1:26). Às vezes os anjos dissentiam com Deus e objetavam seus planos.

Opuseram-se particularmente à criação do homem, e nesse então muitos foram aniquilados. Também se opuseram à entrega da Lei., e tinham atacado a Moisés quando subia ao Sinai. Isto foi porque eram ciumentos e não queriam compartilhar sua posição ou suas prerrogativas com nenhuma outra criatura.

Havia milhões e milhões de anjos. Só muito depois os judeus lhes deram nomes. No princípio eram seres anônimos. Os anjos da presença (os arcanjos) eram sete e tinham nomes. Entre os mais importantes menciona-se Rafael, Uriel, Fanuel, Gabriel (aquele que transmitia as mensagens de Deus aos homens) e Miguel (que regia os destinos de Israel). A função dos anjos era variada: além de trazer mensagens divinas aos homens para entregá-las e desaparecer imediatamente (Juízes 13:26) intervinham em nome de Deus nos acontecimentos da história (2 Reis 19:35-36). Duzentos anjos controlavam o movimento das estrelas e as mantinham em seus cursos. Um anjo controlava a interminável sucessão dos anos, dos meses e dos dias; outro, como príncipe poderoso, controlava o mar. Havia anjos da geada, do orvalho, da chuva, da neve, do granizo, do trovão e do raio. Havia anjos guardiães do inferno e torturantes dos condenados. Os anjos escribas registravam num livro cada palavra proferida pelo mortal. Havia os destruidores e punidores. Figurava Satanás, o anjo fiscal que durante 364 dias — à exceção do dia da expiação ou do perdão — contínua e assiduamente apresentava perante Deus acusações contra os homens. O anjo da morte cumpria só por ordem de Deus um dever inexorável para com justos e pecadores. Cada nação tinha à sua frente um anjo guardião que possuía a *prostasia*, quer dizer, o lugar de preeminência. Cada pessoa tinha seu anjo guardião, até os meninos (Mateus 18:10). Abundavam tanto os anjos que os rabinos estavam acostumados a dizer: "Cada folha de erva tem seu anjo."

Nesta passagem se alude indiretamente a uma crença particular mantida por um grupo reduzido. Usualmente se estava de acordo em que os anjos eram imortais; mas alguns pensavam que viviam só um dia. Em

certas escolas rabínicas ensinava-se que "Deus cada dia cria uma nova companhia de anjos que lhe entoam uma canção para logo desaparecer". "Os anjos são renovados cada manhã e logo após adorar a Deus retornam ao rio de fogo de onde provêm." 4 Esdras 8.21 fala do Deus "perante quem a hoste celestial permanece aterrorizada e a cuja palavra se transforma em vento e fogo". Uma homilia rabínica põe na boca de um anjo as seguintes palavras: "Deus nos transforma cada hora... às vezes em fogo, outras em vento." Isto é o que o autor de Hebreus quer expressar quando diz que Deus "a seus anjos faz ventos, e a seus ministros, labareda de fogo" (1:7).

Com uma angelologia tão desenvolvida existia o perigo real de que na crença popular se fizesse intervir os anjos entre Deus e os homens. Nestas circunstâncias era necessário demonstrar que o Filho era muito superior a eles e que quem conhecia o Filho não necessitava nenhum anjo mediador. O autor da Carta obtém seu propósito selecionando uma série de textos para ele probatórios, nos quais se atribui ao Filho um lugar superior ao que jamais foi dado a anjo algum. Os textos citados são: Salmo 2:7; 2 Samuel 7:14; Salmo 97:7; Deuteronômio 32:43; Salmo 104:4; Salmo 45:7-8; Salmo 102:26-27; Salmo 110:1. Alguns dos textos diferem da versão que aparece em nossas Bíblias porque o autor estava citando da Septuaginta, a versão grega do Antigo Testamento, que nem sempre concorda com o original hebraico do qual provêm nossas traduções modernas.

Alguns destes textos probatórios nos resultam estranhos. Assim, por exemplo, 2 Samuel 7:14 originariamente é uma referência simples e direta a Salomão e nada tem a ver com o Filho ou o Messias. O Salmo 102:26-27 refere-se a Deus e não ao Filho. Mas quando os cristãos primitivos encontravam um texto com a palavra *Filho* ou *Senhor* consideravam justificado tirá-lo de seu contexto para aplicá-lo a Jesus. Apesar do que opinemos deste método, o certo é que lhes resultava convincente.

A doutrina dos anjos era uma bela construção mas não carecia de perigos. O autor da carta quer a todo custo evitar o perigo de colocar uma série de seres entre o homem e Deus; uma série de seres que não são Jesus e através dos quais os homens pretendam aproximar-se a Deus. Isto se vê claramente na crença judia de que os anjos traziam mensagens de Deus aos homens e levavam a Deus as orações destes. O cristianismo não tem necessidade de nenhum outro intermediário. Por causa de Jesus e de sua obra o acesso a Deus é direto.

O autor de Hebreus compreendeu a grande verdade que enuncia e que nós devemos lembrar sempre: que não necessitamos de ninguém, nem sequer de algum ser sobrenatural que nos leve a presença de Deus. Jesus Cristo derrubou toda barreira e nos abriu o caminho direto a Deus.

Hebreus 2

A salvação que não se deve negligenciar - 2:1-4

O homem recupera seu destino perdido - 2:5-9

O sofrimento essencial - 2:10-18

A SALVAÇÃO QUE NÃO SE DEVE NEGLIGENCIAR

Hebreus 2:1-4

O autor argumenta aqui em forma progressiva do menor ao maior. Tem em sua mente duas revelações. Uma foi a da Lei que veio *por meio dos anjos*, quer dizer, os dez mandamentos. Qualquer infração desta Lei ou desobediência era seguida por um castigo estrito e justo. A outra revelação era a que veio através *de Jesus Cristo, o Filho*. Esta é infinitamente maior que a revelação da verdade divina trazida pelos anjos; portanto toda transgressão ou negação da mesma deve ser seguida necessariamente de um castigo maior e mais terrível. Se não se pode ignorar a revelação que veio *pelos anjos* muito menos pode-se negligenciar a que veio *por meio do Filho*.

É bem possível que no primeiro versículo nos faça uma descrição mais gráfica que a que reproduz a tradução. As duas palavras chaves são *prosequein* e *pararrein*. Na presente Versão *prosequein* se traduziu por *atender*; este é um de seus significados mais comuns. *Pararrein* tem vários significados. Aplica-se a algo que se desliza ou escorre, por exemplo, a um anel que deslizou do dedo, a uma partícula de alimento que ao ser ingerida se desviou por uma via equivocada, a um tema que se introduziu sub-repticiamente na conversação, a algum fato que escapou da mente, a algo que simplesmente decaiu ou se perdeu. Habitualmente se usa para algo que descuidada ou inconscientemente se deixou escapar ou perder. Neste sentido interpretamos as duas palavras. Mas, além disso, ambas têm um significado náutico. *Prosequein* pode significar *amarrar um barco*, e *pararrein* pode indicar que uma nave se afasta do porto à deriva porque os marinheiros negligenciaram as precauções adaptadas para rebater os efeitos do vento, da corrente ou da maré. Assim, pois, o primeiro versículo poderia traduzir-se: "Portanto, devemos tentar com esforço ancorar nossas vidas nas coisas que nos foram ensinadas para que a nave de nossa vida não vá à deriva, afaste-se do porto e naufrague."

Há aqui uma imagem muito vívida — a de um barco que corre em direção do desastre porque o piloto dorme enquanto as nefastas correntes o arrastam longe do porto a um naufrágio seguro. Para a maioria de nós a ameaça da vida não consiste tanto em que afundemos num desastre mas em sermos arrastados ao pecado. São poucos os que deliberadamente e de improviso dão as costas a Deus, mas são muitos os que diariamente se afastam cada vez mais dEle. Não são muitos os que num momento determinado cometem algum pecado tremendo, mas são muitos os que passo a passo e quase insensivelmente se envolvem em alguma situação e despertam de repente para se darem conta que arruinaram sua vida e destroçaram o coração de alguém. Faríamos bem em estar continuamente alerta contra o risco de deixar que nossas vidas partam à deriva.

O autor da Carta caracteriza os pecados penados pela Lei em dois grupos: chama-os *transgressão* e *desobediência*. Ao primeiro termo corresponde *parabasis* que literalmente significa *transpassar uma linha*. Há uma linha traçada tanto pelo conhecimento como pela consciência, transpassar a qual constitui o pecado. Ao segundo termo corresponde *parakoe*. O termo é interessante. Começa significando *uma audição imperfeita* como por exemplo a de algum surdo; logo aplica-se também à *audição descuidada*, quer dizer, a que por negligência ou falta de atenção interpreta mal ou deixa de ouvir o que se disse; e termina significando falta de vontade para ouvir e portanto *desobediência à voz de Deus*. Consiste em fechar deliberadamente os ouvidos aos mandamentos, advertências, conselhos e convites de Deus.

O autor da carta termina seu parágrafo estabelecendo três formas em que a revelação cristã é única.

(1) É única em sua *origem*. Provém diretamente das palavras do próprio Jesus; foi enunciada primeiro pelo Senhor. Isto significa que não consiste em especulações ou conjeturas a respeito de Deus. É a voz do próprio Deus que vem a nós em Jesus Cristo.

(2) É única em sua *transmissão*. Chegou às pessoas a quem o autor de Hebreus escreve, por meio daqueles que a tinham ouvido diretamente de lábios de Jesus. Sempre será verdade que a única forma de transmitir Cristo aos outros será conhecendo-o "em primeira mão". Nunca poderemos ensinar o que não sabemos e só podemos transmitir Cristo a outros quando o conhecemos por nós mesmos.

(3) É único em sua *efetividade*. Esta derivou em sinais, maravilhas e múltiplos atos de poder.

Em certa ocasião alguém felicitou a Thomas Chalmers depois de um de seus grandes sermões. "Sim", repôs, "mas *que resultados obtive?*" Como estava acostumado a dizer Denney, o objeto último do cristianismo é transformar homens maus em bons; e a prova da realidade do mesmo continua sendo sua capacidade de transformar as vidas dos

homens. Os milagres morais da fé cristã são ainda claramente visíveis para todos.

O HOMEM RECUPERA SEU DESTINO PERDIDO

Hebreus 2:5-9

Este não é, por certo, uma passagem fácil; mas uma vez que compreendemos seu significado adquire uma importância tremenda. O autor começa com uma citação do salmo 8:46. Agora, se queremos entender corretamente esta passagem devemos ter muito em conta que o salmo 8 refere-se *inteiramente ao homem*. É o salmo que canta a glória que Deus concedeu *ao homem*. Não há nele referência alguma ao Messias ou a Jesus. Refere-se exclusivamente ao homem. Há neste salmo uma expressão que dificulta a tarefa de entendê-lo. É a frase *o filho do homem*. Estamos tão acostumados a aplicá-la a Jesus que temos propensão a referi-la sempre a Ele. Mas em hebraico *filho de homem* significa simplesmente *homem*. Basta que nos remetamos ao livro do profeta Ezequiel para fazer esta comprovação. Repetidamente —mais de oitenta vezes Deus dirige-se a Ezequiel como *filho de homem*: “Filho do homem, volve o rosto contra Jerusalém” (Ezequiel 21:2); “Filho do homem, profetiza e dize...” (Ezequiel 30:2). O significado normal de *filho de homem* em hebraico não é outro senão de *homem*. No salmo aqui chamado as duas frases paralelas “Que é o homem, que dele te lembres?” e “Ou o filho do homem, que o visites?” são duas maneiras diferentes de dizer uma mesma coisa.

O salmo é um grande canto lírico a respeito da glória do homem segundo o desígnio de Deus. De fato é uma ampliação da grande promessa de Deus na criação quando Deus disse ao homem: “Dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra” (Gênesis 1:28). De fato, a glória do homem é ainda maior que a conhecida expressão: “Contudo, pouco menor o fizeste do que os anjos” (Salmo 8:5, RC). Esta é uma tradução correta da versão

grega dos Salmos mas que não reproduz fielmente o *original* hebraico onde diz-se que o homem foi feito menor que os *Elohim*; e *Elohim* é a palavra comum hebraica para *Deus*. O que o salmista escreveu efetivamente foi, como na RA, “por um pouco, menor do que Deus”; ou na B.J., “pouco menos do que um deus”. Desta maneira o salmo canta a glória do homem feito algo inferior ao divino e a quem Deus destinou a dominar sobre tudo o que há no mundo.

Mas o autor de Hebreus continua. De fato a situação com a que nos enfrentamos é muito diferente. O homem devia possuir domínio sobre todas as coisas *mas não o tem*. É uma criatura frustrada por suas circunstâncias, derrotada por suas tentações, cercada por suas fraquezas. Aquele que devia ser livre está aprisionado; aquele que devia ser rei é escravo. Como disse G. K. Chesterton: "uma coisa é certa: o homem não é o que deveria ter sido".

Mas então o autor vai ainda mais além. A esta situação veio Jesus. Ele sofreu e morreu, e porque sofreu e morreu entrou na glória. E esse sofrimento, morte e glória são em favor do homem, porque Jesus Cristo morreu para que o homem fosse o que devia ser. Morreu para liberá-lo de sua frustração, sua escravidão, seu aprisionamento e sua fraqueza e para lhe conceder o domínio que devia possuir. Morreu para recriar o homem de maneira que chegasse a ser aquilo para o que originariamente tinha sido criado.

Desta maneira nesta passagem encontramos três idéias básicas.

(1) Deus criou o homem só um pouco inferior a si mesmo para que tivesse o domínio sobre todas as coisas.

(2) Pelo pecado o homem se sumiu na frustração e na derrota em vez de exercer domínio e possessão.

(3) Neste estado de frustração e derrota se introduziu Jesus Cristo para que por sua vida, morte e glória o homem pudesse ser aquilo para o qual foi criado.

Para expressá-lo de outra maneira, o autor de Hebreus nos mostra nesta passagem três coisas.

(1) *O ideal do que o homem deveria ser* — semelhante a Deus e dono do universo.

(2) *O estado atual do homem* — a frustração em vez do domínio; o fracasso em vez da glória. O homem que foi criado para reinar se converteu em escravo.

(3) E, por último, *como o homem atual pode ser transformado no homem ideal*. A mudança foi operado por Cristo. O autor de Hebreus vê em Jesus Cristo o único que por seu sofrimento e glória pode fazer com que o homem seja o que está destinado a ser, e sem Ele nunca poderia ser.

O SOFRIMENTO ESSENCIAL

Hebreus 2:10-18

Aqui usa-se um dos grandes títulos de Jesus: *o autor (arquegos) da salvação*. O mesmo termo aplica-se a Jesus Atos 3:15; 5:31; Hebreus 12:2. O significado mais simples desta palavra é *cabeça* ou *chefe*. Assim Zeus era a *cabeça* dos deuses e um general é *chefe* de seu exército. Pode significar *fundador* ou *originador*. Neste sentido usa-se acerca do fundador de uma cidade, de uma família, de uma escola filosófica. Também se emprega como *fonte* ou *origem*. Um bom governante, neste caso o *arquegos* da paz e o mau governante, o *arquegos* da confusão. Há uma idéia básica que ressoa em todas as acepções do vocábulo. Um *arquegos* é aquele que começa algo para que os outros possam ter acesso a isso. Por exemplo, inicia uma família para que outros possam nascer em seu seio; funda uma cidade para que outros possam habitá-la algum dia; inaugura uma escola filosófica para que outros possam segui-lo na verdade e na paz que descobriu por si mesmo. O *arquegos* é autor de bênçãos ou de desgraças para outros; é aquele que abre o rastro para que outros a sigam.

Alguém empregou a seguinte analogia: Suponhamos que um barco se acha encalhado e a única maneira de resgatá-la à tripulação é que

alguém nade rumo à costa com uma corda, a fim de que uma vez assegurada esta, outros possam segui-lo. Aquele que nadou primeiro seria o *arquegos* da salvação dos demais. Esta é a imagem que Hebreus nos sugere ao dizer que Jesus é o *arquegos* de nossa salvação. Jesus é o pioneiro que nos abriu o caminho para Deus que devemos seguir.

Como pôde Jesus chegar a ser isto? Nossas versões dizem que Deus o *aperfeioou por aflições*. *Aperfeioar* traduz o verbo *teleioun*, que vem do adjetivo *teleios*, que se traduz geralmente por *perfeito*. Mas no Novo Testamento a palavra *teleios* tem um significado particular. Nada tem a ver com a perfeição abstrata, metafísica ou filosófica. Aplica-se por exemplo a um animal sem mancha e adequado para o sacrifício; a um estudioso que deixa os níveis elementares e chega à maturidade; a um animal ou um ser humano completamente desenvolvido; a um cristão que já não está nas fronteiras da Igreja, mas sim recebeu o batismo. O significado fundamental de *teleios* no Novo Testamento indica sempre que a coisa ou a pessoa que se descrevem *cumprem completamente o propósito ou o plano para aquele que foram destinados*. No sentido de novo Testamento uma pessoa é *teleios* quando cumpre em forma plena o propósito que Deus lhe atribuiu e para o qual veio ao mundo. Portanto o verbo *teleios* não significa tanto *aperfeioar* como *fazer inteiramente adequado e capaz para a tarefa a que alguém está destinado*. Assim, pois, o que o autor de Hebreus diz é que por meio do sofrimento Jesus foi capacitado inteiramente para a tarefa de ser o autor de nossa salvação. Seus sofrimentos o tornaram capaz de abrir a outros o caminho da salvação.

E por que é isto assim?

(1) Por meio de seus sofrimentos se *identificou* realmente com os homens. O autor de Hebreus cita três textos do Antigo Testamento como profecia dessa identidade com os homens: Salmo 22:22; Isaías 8:17-18. Se Jesus tivesse vindo ao mundo numa forma que excluísse todo sofrimento teria sido absolutamente diferente dos homens e, portanto,

nunca poderia ter sido seu Salvador. Como disse Jeremy Taylor: "Quando Deus salvou os homens o fez por meio de um homem." De fato esta mesma identificação com os homens é a própria essência da idéia cristã de Deus. O básico na idéia grega de Deus era a *separação*, enquanto que na concepção cristã é a *identidade*. Por meio de seus sofrimentos Jesus Cristo se identificou com os homens.

(2) Mediante essa identidade Jesus Cristo *simpatiza* com o homem; literalmente *sente com* ele. É quase impossível compreender a tristeza e a dor de outro sem ter passado por tudo isso. Alguém que não tem rastros de nervos não pode conceber a tortura da nervosismo. Um homem que se encontra em perfeitas condições físicas não entende a lassidão do que facilmente se cansa ou o sofrimento do que nunca está livre de dor. Frequentemente acontece que uma pessoa inteligente e que aprende com rapidez não é capaz de entender por que os outros são lerdos e aprendem com dificuldade. Quem nunca teve pesares não pode entender a dor de uma pessoa visitada pela desgraça. Alguém que nunca amou não pode entender nem o estalo de tal nem a dolorosa solidão do coração que ama. Antes de poder simpatizar com alguém devemos passar pelas mesmas coisas pelas quais passou essa pessoa — e isto é precisamente o que Jesus fez.

(3) E devido a esta simpatia Jesus pode *ajudar* efetivamente. Ele conhece nossas necessidades; padeceu nossas tristezas; enfrentou nossas tentações. E por esta razão sabe com exatidão que ajuda necessitamos e pode nos dar. A verdade suprema de Jesus é que devido ao que suportou na própria carne pode ajudar aos que passam pelas mesmas circunstâncias.

Hebreus 3

[Maior que o maior - 3:1-6](#)

[Enquanto ainda dura o hoje - 3:7-19](#)

MAIOR QUE O MAIOR**Hebreus 3:1-6**

Lembremos de novo a convicção com a qual começa o autor de Hebreus. A base de todo seu pensamento está em que a plena e suprema revelação de Deus vem através de Jesus Cristo, que só por meio de Jesus o homem tem verdadeiro acesso a Deus. Começou demonstrando que Jesus foi superior aos profetas; continuou provando que Jesus supera os anjos; e agora passa a demonstrar a superioridade de Jesus sobre Moisés.

À primeira vista pareceria tratar-se de um anticlímax. Mas não é assim, porque no pensamento judeu Moisés ocupava um lugar absolutamente singular. Moisés foi o homem com quem Deus falou face a face, como se fala com um amigo; foi o receptor direto dos dez mandamentos — a lei de Deus — quer dizer, o mais importante do mundo para o judeu. Moisés e a Lei eram virtualmente uma e a mesma coisa.

Um mestre judeu do segundo século, o rabino José Ben Jalafta, dizia comentando esta mesma passagem: "Deus chama Moisés fiel em toda sua casa e desta maneira o coloca numa categoria superior aos anjos que o servem." Por esta razão para o judeu o passo que dá o autor de Hebreus é lógico e inevitável. Se Jesus for superior aos anjos agora deverá demonstrar que é superior a Moisés que por sua vez supera os anjos. Esta mesma citação é índice da posição que os judeus atribuíam a Moisés. "Moisés foi fiel em toda a casa de Deus", é uma citação de Números 12:6-7. Agora, a argumentação de Números estabelece que Moisés difere de todos os profetas. A estes Deus se manifestava numa visão; a Moisés fala "boca a boca". Teria sido impossível que um judeu concebesse que alguém jamais teria estado mais perto de Deus que Moisés; e isto é precisamente o que o autor de Hebreus se propõe provar.

O autor pede a seus leitores que *considerem* Jesus. Usa uma palavra interessante e sugestiva. A palavra *katanoein*. Agora, esta palavra não significa simplesmente olhar algo ou perceber alguma coisa. Qualquer

pessoa pode olhar ou perceber algo sem ver realmente. Significa fixar a atenção em algo ou em alguém de tal maneira que seu significado profundo e a lição que dá possam ser assimilados. Em Lucas 12:24 Jesus usa a mesma palavra quando diz: "*Considerem os corvos.*" Não quer dizer simplesmente "Lancem uma olhada aos corvos" mas sim "Olhem os corvos, *entendam e aprendam* a lição que Deus lhes dá neles." Se tivermos que aprender a verdade cristã, não é suficiente um olhar opaco, desinteressado e desprendido; devemos concentrar nosso olhar com um esforço da mente para ver o que significa para nós.

Em certo sentido a razão está implícita quando o autor fala com seus amigos como a *participantes da chamada celestial*. O convite, o chamado que recebe um cristão têm uma dupla direção. É um chamado *do céu e para o céu*; uma voz que vem *de Deus* e nos convoca a Deus; é uma chamada que exige uma atenção concentrada tanto por sua origem como por seu destino, tanto por sua fonte como por seu propósito. Não se pode olhar desinteressadamente um convite *a Deus e desde Deus*.

O que vemos, então, quando fixamos nossa atenção em Jesus? Percebemos duas coisas.

(1) Vemos o grande *apóstolo*. Agora, nenhum outro no Novo Testamento jamais chamou *apóstolo* a Jesus. O fato do autor de Hebreus fazê-lo deliberadamente é absolutamente claro, porque nunca dá o título de *apóstolo* a nenhum homem nem o usa para denominar algum cargo ou posição dentro da Igreja. Reserva o termo para Cristo. Mas, o que quer dizer ao usá-lo assim? O substantivo *apostolos* significa literariamente *aquele que é enviado*. Na terminologia judia descrevia os enviados do sinédrio, a corte suprema judia. O sinédrio enviava *apostolos* investidos de sua autoridade e portadores de suas ordens. No mundo grego significa freqüentemente *embaixador*. Neste caso Jesus é o supremo embaixador de Deus.

Qual é a característica do embaixador? Podem-se indicar dois de suma importância.

(a) O embaixador está investido com todo o poder e a autoridade do país ou do rei que o envia.

Numa ocasião o rei de Síria, Antíoco Epifânio, tinha invadido o Egito. Roma desejava detê-lo e para isso recorreu a um enviado chamado Popilio para que persuadisse Antíoco a abandonar a invasão projetada. Popilio o alcançou na fronteira egípcia. Conversaram de tudo já que se tinham conhecido em Roma. Popilio não se tinha apresentado com um exército, nem sequer com um guarda, sem força alguma. No final Antíoco lhe perguntou pelo motivo de sua viagem. Com toda calma lhe respondeu que Roma desejava que abandonasse a invasão e retornasse a seu país. "Vou ter isso em conta", disse Antíoco. Popilio sorriu com um olhar inquisidor e com sua fortificação traçou um círculo em torno de Antíoco dizendo-lhe: "Considera-o e decida antes de abandonar este círculo." Antíoco o pensou uns segundos e logo disse: "Pois bem, retornarei a casa." Popilio não dispunha da mais mínima força, mas atrás dele estava todo o poder de Roma. O embaixador estava revestido com a autoridade do império do que provinha. Assim também Jesus veio de Deus revestido com todo o poder de Deus. Toda a graça, a misericórdia, o amor e o poder de Deus estavam em seu embaixador, seu *apostolos*, Jesus Cristo.

(b) A voz do embaixador é a voz do país ou do rei que o envia. Num país estrangeiro o embaixador fala por sua pátria. É a voz de seu país. Assim Jesus veio com a voz de Deus; nele fala Deus. Ouvi-lo é ouvir a voz de Deus.

(2) Jesus é o grande *sumo sacerdote*. Qual é o alcance desta expressão? A idéia ocorre com freqüência na Carta. Por agora, nos conformemos estabelecendo seu significado fundamental. A palavra latina para sacerdote é *pontifex* que significa *construtor de pontes*. O sacerdote é a pessoa que estende uma ponte entre o homem e Deus. Para isto deve conhecer tanto ao homem como a Deus; deve ser capaz de falar a Deus em nome dos homens e aos homens em nome de Deus. Jesus é o sumo sacerdote perfeito porque é perfeitamente homem e Deus; porque

pode representar os homens perante Deus e Deus perante os homens; nele Deus se aproxima do homem e o homem se aproxima a Deus; nele Deus vem aos homens e os homens vão a Deus.

Onde reside, pois, a superioridade de Jesus sobre Moisés? A imagem que o autor de Hebreus tem em mente é a seguinte. Concede o mundo como a casa e a família de Deus. Nós usamos a palavra casa num duplo sentido: como edifício e como família composta por pessoas. Falamos de uma casa construída por um arquiteto e da casa dos Hanover constituída por uma família. Os gregos utilizavam a palavra *oikos* com o mesmo sentido duplo. Portanto, o mundo é a casa de Deus e os homens são sua família. Mas pouco antes nos mostrou a imagem de Jesus como Criador do universo de Deus. Agora, Moisés só constituía uma parte deste universo; foi homem e trabalhou num mundo criado; era parte da casa e membro da família. Mas Jesus é criador da casa e, portanto, deve permanecer sobre a mesma. Moisés não criou a Lei; só foi seu transmissor; não criou a casa; só serviu nela; nunca falou por si mesmo; tudo o que disse assinalou só as coisas maiores que Jesus Cristo faria algum dia. Em síntese, Moisés foi o *servo*, Jesus Cristo o *Filho*: Moisés conheceu algo *sobre* Deus, Jesus *era* Deus. Nisto reside a grandeza de Jesus e o segredo de sua superioridade exclusiva.

A seguir o autor de Hebreus introduz outra imagem. É certo que todo mundo é a casa de Deus, mas a Igreja o é num sentido especial, pois Deus edificou a Igreja, criou-a e lhe deu existência. Esta é uma descrição muito cara aos escritores do Novo Testamento (cf. 1 Pedro 4:17; 1 Timóteo 3:15 e especialmente 1 Pedro 2:5). E este edifício da Igreja só se manterá em pé, firme e indestrutível, quando cada pedra se mantenha incomovível, quer dizer, quando cada membro esteja firme na orgulhosa e confiada esperança que tem Jesus Cristo. Cada um de nós é uma pedra da Igreja. Se uma pedra for fraca, todo o edifício corre perigo de desmoronamento; a Igreja só pode permanecer firme quando cada pedra viva se arraiga e se fundamenta em Jesus Cristo pela fé.

ENQUANTO AINDA DURA O HOJE**Hebreus 3:7-19**

Até aqui o autor de Hebreus esteve tentando provar a supremacia única de Jesus, e agora muda a argumentação pela exortação. Trata de convencer os seus leitores da conseqüência inevitável dessa supremacia única. Se Jesus tiver tão suprema e única grandeza, então conseqüentemente deve ser objeto de uma confiança total e de uma obediência plena. Se endurecerem seus corações e recusam escutar sua voz e lhe obedecer confiantemente, as conseqüências serão terríveis.

É muito difícil para nós compreender o modo como o autor de Hebreus arma sua argumentação por meio de uma dupla alusão. Começa com uma citação do Salmo 95:7-11. O salmo exorta aos que o escutam a prestar ouvidos à voz de Deus para não assemelhar-se aos filhos de Israel "como na *provocação* e no *dia da tentação*". Agora, estas duas expressões — *provocação* e *dia da tentação* — são tradução de duas palavras hebréias que expressam *nomes de lugares*: Massá e Meribá. O texto refere-se à história narrada em Êxodo 17:1-7 e Números 20:1-13. Ambas as passagens relatam um broto de rebelião durante a peregrinação do povo de Israel. Encontravam-se sedentos no deserto e protestaram perante Moisés, lamentando ter abandonado o país do Egito. Tinham perdido toda a confiança em Deus. Na versão de Números Deus ordena que Moisés fale com a rocha para que dela surja água. Mas Moisés em sua irritação não falou, antes *bateu* na rocha. A água brotou igualmente, mas por causa deste ato de desconfiança e desobediência Deus declarou que Moisés jamais introduziria o povo na terra prometida. O ato de desconfiança e desobediência fechou a entrada à terra da promessa. "Certamente não entrarão em *meu descanso*" significa "Certamente não entrarão na terra prometida." Para os nômades e vagabundos do deserto a terra prometida era o lugar do descanso, e freqüentemente a chamavam *o repouso* (Deuteronômio 12:9). Aqui se sublinha que a desobediência e desconfiança de Israel os impediram de desfrutar das bênçãos de Deus.

O autor de Hebreus diz a seu povo: "Guardem-se de mostrar a mesma desobediência e desconfiança para com Deus que mostraram seus pais, para que não percam as bênçãos reservadas a vocês assim como eles as perderam." Efetivamente lhes diz: "Enquanto haja ainda tempo, enquanto ainda possam falar do 'hoje', tributem a Deus a confiança e a obediência devida." É obvio que para todos o significado da palavra "hoje" tem o alcance de "enquanto dure a vida". O escritor diz portanto: "Enquanto têm oportunidade, tributem a Deus a confiança e a submissão que lhe é devida antes que conclua seu dia e seu 'hoje' passe definitivamente." Aqui encontramos algumas importantes advertências.

(1) Deus faz um oferecimento. Assim como ofereceu aos israelitas as bênçãos da terra prometida assim também oferece todos os homens as bênçãos de uma vida muito superior à que podem viver sem Deus.

(2) Mas para obter as bênçãos de Deus se requerem duas coisas.

(a) *Confiança*. Devemos crer que o que Deus diz e oferece é verdade; que Deus pode e quer fazê-lo. Devemos estar dispostos a arriscar nossas vidas por esta fé.

(b) *Obediência*. É como se um médico nos dissesse: "Posso curar você se obedecer sem reservas as minhas instruções." É justamente o que diria um mestre: "Posso transformar você em sábio contanto que siga meus ensinamentos com fidelidade absoluta." É o que um treinador diz ao atleta: "Posso fazer de você um campeão se não se apartar nunca das leis disciplinadoras que estabeleço." Em todos os campos da vida o êxito depende da obediência à palavra do perito. Deus, por assim dizê-lo, é o perito na vida; a verdadeira felicidade depende de que lhe obedecemos.

(3) Há um limite para o oferecimento de Deus. Esse limite é o da própria vida. Agora, nunca sabemos quando chegará este termo. Falamos facilmente sobre o "amanhã" que talvez nunca vejamos. Tudo o que possuímos é o hoje: este momento de tempo. Alguém disse: "Deveríamos viver cada dia como se fosse toda uma vida." O oferecimento de Deus deve ser aceito hoje; a confiança e a obediência devem manifestar-se hoje porque nunca estamos seguros do amanhã.

Aqui temos, pois, o oferecimento supremo de Deus, mas é um oferecimento que só se faz à confiança perfeita e à obediência plena; um oferecimento que deve ser aceito agora, antes que seja impossível aceitá-lo.

Hebreus 4

O repouso que não devemos arriscar - 4:1-10

O terror da palavra - 4:11-13

O sumo sacerdote perfeito - 4:14-16

O REPOUSO QUE NÃO DEVEMOS ARRISCAR

Hebreus 4:1-10

Numa passagem complicada como esta é melhor captar primeiro as grandes linhas do pensamento e da argumentação, antes de entrar nos detalhes. O autor de Hebreus usa aqui a palavra repouso (*katapausis*) em três diferentes sentidos.

(1) Usa-a como usaria a frase *a paz de Deus*. O maior e mais apreciado deste mundo é entrar nessa paz divina.

(2) Como já vimos em 3:12, usa-a com o significado da *terra prometida*. Para os filhos de Israel que tinham vagado tanto tempo pelo deserto a terra prometida era de fato o descanso de Deus.

(3) Usa-a com referência ao *descanso de Deus* depois do sexto dia da criação, quando terminou toda sua obra. Esta forma de utilizar uma palavra em um, dois ou três sentidos, de insistir na mesma até extrair sua última gota de significado, caracterizava os ambientes de pensamento culto e acadêmico da época em que foi escrita a carta.

Sigamos agora passo a passo a argumentação.

(1) Ainda permanece firme a promessa do repouso e da paz de Deus em favor de seu povo. A promessa não mudou; o perigo está em que a percamos e não consigamos alcançá-la.

(2) Antigamente os israelitas não tinham conseguido entrar no repouso de Deus. Aqui a palavra *repouso* usa-se no sentido de descanso,

paz e possessão da terra prometida depois dos anos de perambular pelo deserto. Evidentemente é uma referência a Números 14:12-23. Ali se narra como os filhos de Israel chegaram aos limites da terra prometida e enviaram exploradores para inspecionar o país. Dez destes retornaram com a conclusão de que efetivamente tratava-se de uma terra boa, mas com dificuldades insuperáveis para a ocupação. Só Calebe e Josué estavam decididos a prosseguir a marcha na força do Senhor. O povo prestou ouvidos os covardes e por isso — por essa covardia e desconfiança — foi condenado a vagar pelo deserto até o fim de seus dias. Aquelas pessoas não entraram no repouso que teriam podido desfrutar, porque não tiveram fé em Deus, num Deus que teria enfrentado com eles todas as dificuldades. Não tinham confiança nem fé em Deus, e portanto nunca desfrutaram de do re-pouso que tivessem podido ter.

(3) Agora o autor de Hebreus permuta o significado da palavra *repouso*. É certo que antigamente o povo tinha perdido o repouso que teria podido obter, mas apesar de tudo *o repouso permanecia*. Atrás deste argumento jaz uma das concepções rabínicas favoritas. No sétimo dia depois de terminar a obra da criação, Deus tinha descansado de seus trabalhos. Agora, no relato da criação de Gênesis 1 e 2 há um fato extraordinário e curioso. Nos primeiros seis dias da criação fala-se do sobrevir da manhã e da tarde; em outras palavras, cada dia tinha seu começo e seu fim. Mas no sétimo dia — o dia do descanso de Deus — *não se menciona absolutamente o sobrevir da tarde*. A partir daqui os rabinos argumentavam que enquanto os outros dias concluía, o dia do descanso de Deus não tinha fim: era eterno e perdurável. O descanso de Deus não tem entardecer mas sim perdura para sempre. Portanto, ainda que na antigüidade os israelitas não tivessem podido entrar nesse repouso, este ainda permanecia, já que era um repouso eterno.

(4) Novamente o autor volta ao significado anterior de *repouso* como a terra prometida. Depois de quarenta anos de peregrinação pelo deserto chegou finalmente o dia em que o povo pôde entrar na terra

prometida sob a direção de Josué. Agora, esta era a terra do *repouso* e portanto podia-se argumentar que então se cumpriu a promessa e que o povo tinha entrado em seu repouso. Sob Josué se tomou posse da terra prometida. Não se cumpriu assim a promessa?

(5) De maneira nenhuma. No Salmo 95:7 Davi ouve a voz de Deus dizendo a seu povo para que se não endurecerem seus corações entrarão em seu *repouso*. Quer dizer, que séculos *depois que* Josué tinha conduzido o povo ao *repouso* da terra prometida, Deus *ainda* os convida a entrar em seu *repouso*. Este repouso consiste em algo mais que na mera entrada na terra prometida.

(6) E agora vem a chamada final. Deus ainda chama os homens, dizendo-lhes que não endureçam seus corações, mas que entrem em sua paz e seu repouso. O "hoje" de Deus persiste; a promessa segue ainda aberta. Mas o "hoje" não dura eternamente; a vida chega a seu termo; a promessa pode desperdiçar-se; portanto "entrem mediante a fé na paz de Deus e conheçam o mesmo repouso de Deus".

No primeiro versículo há uma questão de interpretação muito interessante. Nossa tradução pode interpretar-se assim: "Tomem cuidado, não seja que sua desobediência e sua falta de fé e de resposta possa significar que vocês mesmos excluam-se do repouso e da paz que Deus lhes oferece. Cuidem de que por sua desobediência e falta de confiança não se mostrem indignos até de entrar no repouso e na paz de Deus." Esta é uma tradução perfeitamente possível, e até poderia ser a correta.

Mas existe ainda uma possibilidade muito mais interessante. A frase pode significar: "Tomem cuidado de não pensar que vocês chegaram muito tarde para entrar no repouso de Deus; de não acariciar a idéia de que vocês chegaram à história muito tarde para poder desfrutar alguma vez do repouso e da paz de Deus." Nesta segunda tradução se encerra uma advertência. É muito fácil pensar que a grande época da religião pertenceu ao passado; que a Igreja já passou sua época de ouro. Conta-se que quando narravam a um menino algumas das importantes histórias

do Antigo Testamento exclamou pesarosamente: "Nesse então Deus era muito mais emocionante."

Há na Igreja uma continuada tendência de olhar para trás; a pensar que as grandes manifestações de Deus pertencem ao passado; a crer — se tivéssemos a suficiente honestidade para lhe dizer — que o braço de Deus se cortou e seu poder diminuiu; que a época de ouro está no passado. O autor de Hebreus lança uma clarinada: Não pensem", diz, "que chegastes muito tarde à história, não pensem que os dias da grande promessa e os grandes êxitos são do passado. Este é ainda o 'hoje' de Deus. Há para vós uma felicidade tão grande como a dos santos, uma aventura tão grande como a dos mártires. Deus é tão grande 'hoje' como foi sempre."

Nesta passagem encontram-se duas grandes verdades que sempre têm vigência.

(1) Uma palavra como grande, nobre e digna que seja, não é de nenhuma utilidade se não chegar a integrar-se pela fé na pessoa que a escuta. Há muitas maneiras de ouvir neste mundo: ouvir com indiferença, com desinteresse, criticamente, incredulamente, cínica e zombeteiramente. O que interessa é escutar com esforço, crer e agir. As promessas de Deus não são apenas belas peças literárias e declarações melífluas sem significado; são promessas pelas quais o homem deve arriscar sua vida e mediante as quais deve impulsionar sua ação.

(2) No primeiro versículo o autor de Hebreus exorta seus leitores a que *tomem cuidado* de não perder a promessa. A palavra traduzida *temamos* corresponde a *fobeisthai* que literalmente significa *temer*. Este temor cristão não é aquele que faz com que alguém evite uma tarefa, nem aquele que reduz a uma inação estéril, mas sim aquele que o leva a investir cada átomo de energia num grande esforço para não perder a única coisa que vale a pena.

O TERROR DA PALAVRA**Hebreus 4:11-13**

O argumento desta passagem é que a palavra de Deus veio aos homens e sua natureza é tal que não pode ser passada por alto. Os judeus possuíram sempre uma concepção muito particular sobre as palavras. Para o judeu, uma palavra, uma vez pronunciada, tinha uma existência independente; não era só um som com algum significado, mas sim uma força ou um poder que saía e fazia coisas. Isaías escutou de Deus que a palavra que saía de sua boca nunca careceria de efeito, mas sim ao contrário, realizaria sempre o que Ele propusesse. O judeu sempre considerou a palavra não como um som, mas sim como um poder. E isto se pode entender se pensamos no tremendo efeito das palavras na história. Um líder cunha uma frase que se converte num toque de trombeta ou num grito de batalha que inflama o povo para lançá-lo às cruzadas ou ao crime. Alguma personalidade publica um manifesto que provoca uma ação que pode construir ou destruir nações. É uma realidade indiscutível que a palavra pronunciada por algum grande líder ou pensador chega a ter importantes resultados. Se isto ocorre com as palavras dos homens, quando maior será o efeito da palavra de Deus?

O autor de Hebreus descreve a palavra de Deus numa série de frases muito expressivas.

A palavra de Deus é viva. Há publicações mortas e livros que carecem absolutamente de interesse; há palavras que são de sumo interesse mas só para um círculo determinado de pessoas. Platão foi um dos pensadores mais importantes da humanidade, mas não é provável que se reunissem muitos para um estudo diário de Platão. O grande da palavra de Deus, de seu requerimento e oferecimento, é que se trata de uma questão viva para todos os homens e para todos os tempos. Outras coisas podem facilmente passar ao esquecimento ou reter um interesse acadêmico ou de museu; mas a palavra de Deus dirigida ao homem

significa vida. A exigência da palavra é algo que cada homem deve encarar; seu oferecimento é algo que cada qual deve aceitar ou rechaçar.

A palavra de Deus é *eficaz*. Um dos atos interessantes da história é que cada vez que os homens tomam a sério a palavra de Deus sucedem acontecimentos de significação. Quando a Bíblia foi publicada numa linguagem clara ao alcance do homem da rua, ocorreu inevitavelmente a Reforma. Quando o povo toma a sério a palavra de Deus, dá-se conta de que ela não apenas é objeto de estudo, leitura ou dissertação, mas também é algo que *deve levar-se a cabo*.

A palavra de Deus é *penetrante*. O autor acumula aqui frases para ilustrar isto. Penetra até partir a *alma e o espírito*. Em grego a *psyque*, a alma, é o princípio da vida. Todo ser vivente possui *psyque* – tanto os homens como os animais – porque se trata da vida física, enquanto que o *pneuma*, o espírito, é o característico do homem. Só o homem tem *espírito, pneuma*. Mediante o espírito o homem pensa, raciocina e contempla a Deus mais além da Terra. É como se o autor dissesse que a palavra de Deus põe à prova a vida terrena do homem e sua existência espiritual. Tanto a vida corporal como a espiritual são escrutinadas pela palavra de Deus. A palavra de Deus esquadrinha os *pensamentos* e as *intenções* do homem. Os *pensamentos* (*enthymesis*) são a parte *emocional* do homem: aquela que é governada pelos sentimentos, os instintos e as paixões. A *intenção* (*ennoia*) é a parte intelectual governada pelo intelecto e a vontade. É como se dissesse: "Sua vida emocional e intelectual devem estar submetidas de modo igual ao exame de Deus."

Igualmente o autor faz um resumo. Diz que todas as coisas estão *nuas e abertas* aos olhos de Deus. Emprega duas palavras interessantes. Para *nus* a palavra é *gymnos*. O que quer dizer é que perante os homens podemos levar nossos disfarces e atavios externos; mas perante a presença de Deus somos despojados de todo isso e devemos nos apresentar tal como somos. A outra palavra é ainda mais gráfica. *Estamos abertos aos olhos de Deus*. Aqui usa-se a palavra

tetraquelismenos. Trata-se de um termo não comum e cujo significado não é inteiramente certo. Parece ter-se aplicado em três sentidos diferentes.

(1) No jargão dos lutadores, para indicar que um deles agarra pelo pescoço a seu adversário até imobilizá-lo. Podemos escapar de Deus por um tempo mas no final nos agarra de tal maneira que não podemos evitar um encontro face a face.

(2) A palavra usa-se para a esfolamento de um animal; o animal é pendurado para tirar-se o couro. Os homens poderão nos julgar por nossa conduta e aparência externas mas Deus vê no segredo mais íntimo de nosso coração; os lugares mais recônditos de nosso coração e intelecto estão à vista de Deus.

(3) Parece que em certa época antiga, quando um delinqüente ia ser levado a juízo ou à execução, era colocado debaixo do queixo uma adaga com a ponta para cima para que não pudesse baixar a cabeça envergonhado, mas sim tinha que mantê-la erguida para que todos pudessem contemplar seu rosto e seu desonra. Um homem nessas condições estava *tetraquelismenos*. Portanto, significaria que no final deveremos enfrentar o olhar de Deus. Podemos evitar o olhar das pessoas perante as que nos envergonhamos, mas no final não poderemos agir assim perante Deus: *estamos obrigados a olhá-lo face a face*.

Kermit Eby escreve em *O Deus que há em ti*: "Sempre há um momento em que o homem deixa de escapar de si mesmo e de Deus, talvez porque já não fica lugar aonde escapar." Chega o momento em que cada um deverá encontrar-se com esse Deus de cujos olhos nada está oculto nem pode ocultar-se.

O SUMO SACERDOTE PERFEITO

Hebreus 4:14-16

Aqui nos aproximamos mais da grande concepção típica do autor de Hebreus — a de Jesus como perfeito sumo sacerdote. Para cumprir

perfeitamente sua função o sumo sacerdote devia estar plenamente em contato com os homens e com Deus. Sua tarefa consiste em levar a voz e a presença de Deus aos homens, e introduzir os homens à própria presença divina. O sumo sacerdote devia conhecer perfeitamente o homem e a Deus. Isto é o que esta Carta reclama para Jesus.

(1) Em primeiro termo esta passagem começa sublinhando a grandeza infinita e a divindade absoluta de Jesus. É grande por natureza, não em virtude das honras que os homens lhe conferem ou das aparências externas. É grande por direito próprio e em seu ser essencial. Ele *penetrou os céus*. Isto pode significar uma de duas coisas. No Novo Testamento advertimos diferentes usos do substantivo *céu*; pode significar o firmamento estrelado; o céu dos anjos, e o supremo céu; o céu da presença de Deus. Isto poderia significar que Jesus passou através de todos os céus que possam existir e está na própria presença de Deus. Poderia ser o que quis dizer Cristina Rossetti: "Os céus não podem contê-lo." Poderia significar que Jesus é tão maravilhoso e grande que até o próprio céu é muito pequeno para Ele. Ninguém pôs jamais maior ênfase na infinita grandeza de Jesus que o autor de Hebreus.

(2) Mas agora se volta do outro lado. Ninguém esteve nunca mais convencido da identidade completa de Jesus com os homens. Ele suportou tudo o que um homem tem que suportar. Passou por todas as experiências humanas. É em tudo semelhante a nós — exceto em que de tudo isso emergiu sem pecado. Agora, antes de examinar mais de perto o valioso conteúdo desta afirmação devemos perceber algo. O fato de que Jesus fosse sem pecado significa necessariamente que conheceu abismos, tensões, assaltos e tentações que nós jamais conhecemos nem chegaremos a conhecer. Sua luta, longe de ser mais fácil, foi extremamente difícil. Qual é a razão? Nós cedemos à tentação antes que o tentador use todo seu poder; somos facilmente derrotados e jamais experimentamos a tentação em toda sua força e em seu embate mais

terrível, porque nos desabamos muito antes de alcançar essa etapa. Mas Jesus foi tentado como nós — e muito mais além do que nós. Em seu caso o tentador usou todos os seus recursos, mas Jesus se manteve incombustível.

Pensemos na dor. O organismo humano pode suportar certo grau de dor — mas quando se alcança esse ponto a pessoa desfalece e perde o sentido; chegou ao limite. Há agonias de sofrimento que não conhece devido ao fato de que sobreveio o colapso. O mesmo ocorre com a tentação. Sofremos um colapso perante a tentação. Mas Jesus sofreu tentações muito maiores que as nossas, sem desmaiar. Verdadeiramente, pois, foi tentado em tudo como nós o somos, e também é verdade que jamais ninguém foi tentado como Ele.

(3) Esta experiência de Jesus teve três efeitos.

(a) Deu-lhe *o dom da simpatia*. Aqui há algo que devemos entender, mas nos resulta difícil. A idéia cristã de Deus como um pai amante está entrecortada na malha mesmo de nossa mente e coração; mas *era uma idéia nova*. Para o judeu Deus era *santo*. A palavra *santo* tinha o significado de *diferente*; a idéia fundamental de Deus é que era *diferente*, que pertencia a uma esfera da vida e do ser completamente diferente da que é a nossa; que não participava de nenhum sentido de nossa experiência humana. De fato era incapaz de tomar parte nela porque era Deus. Isto se acentuava ainda mais no pensamento grego. Os estóicos, os pensadores gregos de mais vôo, diziam que o atributo primário de Deus era a *apatheia* entendendo por isso a incapacidade essencial de sentir algo. Argumentavam que se uma pessoa pode sentir tristeza ou alegria isso se deve a que alguma outra pessoa pode influir nela; pode fazê-la feliz ou alegre; pode afetá-la.

Agora, se pode afetá-la significa que ao menos nesse momento essa pessoa é superior à afetada. Os gregos sustentavam pois, que ninguém podia fazer nada a Deus; ninguém podia afetá-lo de algum modo; ninguém podia ser maior que Deus. Portanto Deus devia ser completa e

essencialmente incapaz de sentir alegria ou tristeza, felicidade ou tristeza. Os estóicos sustentavam que a própria essência do ser e natureza divinos consistiam em que Deus estava mais além de todo sentimento. Outra escola importante estava formada pelos epicureus que afirmavam que os deuses viviam em perfeita felicidade e bem-aventurança. Viviam no que denominavam os *intermúndio*: os espaços entre os mundos. E ali em completo afastamento nem sequer eram conscientes do mundo.

Os judeus tinham seu Deus *diferente*, os estóicos os deuses *sem sentimento*, os epicureus os deuses completamente *separados*. E neste mundo de pensamento se introduz a religião cristã com a concepção incrível de um Deus que deliberadamente suportou toda a experiência humana. Plutarco, um dos gregos mais religiosos, declarava que era blasfemo envolver a Deus nos assuntos deste mundo e o cristianismo veio com a surpreendente concepção de um Deus que não só está envolto, mas também identificado com o sofrimento deste mundo. É-nos quase impossível ter uma idéia da revolução que o cristianismo provocou nas relações do homem com Deus. Durante séculos se acariciou a idéia de um Deus intocável; agora se descobre a um Deus que se submete a tudo o que os homens devem submeter-se.

(b) Agora, isto conduz a dois resultados. Confere a Deus a *qualidade da misericórdia*. É fácil ver por quê: porque Deus *entende*. Alguns viveram uma vida protegida de todo ímpeto de tormenta; outros uma vida fácil sem as tentações que acozzam àqueles para quem a vida não foi tão fácil; outros têm um temperamento e uma natureza fáceis de dominar; outros têm o coração ou as paixões ardentes, que fazem com que para eles a vida seja perigosa. O homem que vive protegido é de uma natureza não inflamável dificilmente entende por que os outros caem; sente-se vagamente aborrecido e contrariado; não pode senão condenar o que não é capaz de entender. *Mas Deus conhece tudo*. "Conhecer tudo é perdoar tudo": de ninguém é isto mais verdade que de Deus.

John Foster narra em um de seus livros como certo dia ao voltar para casa encontrou a sua filha desfeita em lágrimas frente à rádio. Perguntou-lhe por quê. Soube que o informativo desse dia continha a oração: "Os tanques japoneses entraram hoje em Cantão". A maioria das pessoas terão ouvido esta notícia sem o mais mínimo sentimento de condolência. Os estadistas talvez a terão escutado com um sentimento de lúgubre pressentimento. Para a grande maioria terá sido indiferente. Por que, então, a filha do John Foster se desfazia em lágrimas? Porque justamente tinha nascido em Cantão. Para ela Cantão significava uma casa, uma ama, uma escola, uns amigos e um lugar muito querido. A diferença consistia em que ela *tinha estado ali*.

O ter estado ali faz toda a diferença. E não há nenhum âmbito da experiência humana do qual Deus não possa dizer: "Eu estive ali". Quando temos uma história triste e lamentável que contar, quando a vida nos empapa nas lágrimas do sofrimento, não dirigimos a um Deus que seja absolutamente incapaz de entender o que nos aconteceu; vamos a um Deus que "esteve ali". Esta é a razão por que — se podemos expressar desta maneira — para Deus é fácil perdoar.

(c) Torna Deus *capaz de ajudar*. Ele conhece nossos problemas porque passou por eles. A pessoa melhor para nos brindar informação e ajuda numa viagem é a que já fez antes a travessia. A pessoa melhor para nos ajudar a suportar uma enfermidade é a que passou por ela. Deus pode ajudar porque conhece tudo.

Eis aqui pois, a tremenda verdade. Jesus é o Sumo sacerdote perfeito porque é perfeitamente Deus e perfeitamente homem; porque conheceu nossa vida pode nos brindar simpatia, misericórdia e poder; Ele trouxe Deus aos homens e pode levar os homens a Deus.

Hebreus 5

[Em paz com o homem e com Deus - 5:1-10](#)

[Recusar crescer - 5:11-14](#)

EM PAZ COM O HOMEM E COM DEUS**Hebreus 5:1-10**

Agora o autor de *Hebreus* elabora a doutrina que constitui sua contribuição particular ao pensamento cristão: a doutrina do sumo sacerdócio de Jesus Cristo. Nesta passagem há três pensamentos básicos de importância sobre o ofício de um sacerdote. Estas três qualidades fundamentais não têm o menor sabor local e temporário: são as qualidades essenciais do sacerdote de qualquer tempo e geração.

(1) O sacerdote está destinado a tratar as coisas que correspondem a Deus em interesse do homem.

A. J. Gossip costumava contar a seus alunos o que havia sentido quando tinha sido ordenado pastor. É como se o povo lhe tivesse dito: "Nós estamos permanentemente envoltos no pó e no calor do dia; devemos investir nosso tempo ganhando e gastando; devemos servir no mostrador, trabalhar no escritório, fazer girar as rodas da indústria. Queremos que você fique à parte a fim de que possa entrar no lugar secreto de Deus para voltar cada domingo com uma palavra divina para nós".

O verdadeiro sacerdote é o elo entre Deus e o mundo. Agora, em Israel o sacerdote tinha uma função especial: era a pessoa que tinha a tarefa de oferecer sacrifícios pelos pecados do povo. O pecado entorpece a relação que deve existir entre o homem e Deus; levanta uma barreira entre eles; produz o afastamento entre o homem e Deus. O sacrifício tem a finalidade de restabelecer as relações que devem existir e eliminar as barreiras e o afastamento. Mas novamente devemos nos deter aqui para notar algo. Para o judeu estava sempre muito claro, quando pensava com elevação, que os pecados que o sacrifício podia expiar eram os *pecados de ignorância*.

O pecado deliberado, com teimosia, não era expiado pelo sacrifício. O mesmo autor de *Hebreus* diz: "Porque, se vivermos deliberadamente em pecado, depois de termos recebido o pleno conhecimento da verdade,

já não resta sacrifício pelos pecados” (Hebreus 10:26). Esta é a crença e convicção que surge várias vezes nas leis sacrificiais do Antigo Testamento. O começo que continuamente se repete é o seguinte: “Quando alguém pecar por ignorância contra qualquer dos mandamentos do SENHOR...” (Levítico 4:2, 13). Números 15:22-31 é uma passagem chave. Ali se estabelecem os sacrifícios requeridos: “Se foi cometido erro com *ignorância*”. Mas no final estabelece-se: “Mas a pessoa que fizer alguma coisa *atrevidamente* [RC: *à mão levantada*; Reina Valera: *com soberba*] ... tal pessoa será eliminada do meio do seu povo, pois desprezou a palavra do SENHOR ... será eliminada essa pessoa”. Deuteronômio 17:12 estabelece o seguinte: “O homem, pois, que se houver *soberbamente* ... esse morrerá”. O pecado de ignorância é perdoável, não assim o pecado de soberba.

Entretanto, devemos advertir o que os judeus entendiam por pecado de ignorância. Pensavam em algo mais que na simples falta de conhecimento. Incluíam os pecados cometidos quando o homem era miserável pela ira ou pela paixão num momento de arrebatamento, quando era dominado por uma tentação que o subjugava, quando se arrependia pesaroso por algo que tinha feito. Pelo pecado de soberba deve-se entender o pecado frio, deliberado e calculado pelo qual a pessoa não sentia a mais mínima aflição; a desobediência a Deus a olhos abertos; quando alguém, não num momento de paixão ou arrebatamento, mas com toda frieza, dispunha-se a desobedecer a Deus. O sacerdote estava ali para abrir ao pecador o caminho de volta a Deus, sempre que se arrependesse.

(2) O sacerdote deve ser um com os homens. Deve ter passado pelas experiências do homem para colocar nele toda sua simpatia. A esta altura o autor de Hebreus detém-se para advertir — mais adiante mostrará que esta é uma modalidade pela qual Cristo é superior a todo sacerdote terreno — que o sacerdote terreno é um com os homens a tal ponto que está sob a necessidade de oferecer sacrifícios por seu próprio pecado antes de oferecê-lo pelos pecados do povo. O sacerdote deve ser

um homem; deve estar completamente comprometido com a situação humana; deve estar ligado com os homens pelo vínculo da vida; deve viver com eles e sentir com eles conhecendo suas alturas e seus abismos. Com relação a isto usa um termo maravilhoso: *metriopathein*. Traduzimo-lo *que se mostre paciente* (NVI: *capaz de se compadecer*) mas trata-se em realidade de um desses termos gregos intraduzíveis. O grego definia sempre a virtude como o meio termo entre dois extremos. O homem podia cair em qualquer dos dois extremos; no meio estava o justo e o caminho reto. A virtude para o grego era um equilíbrio, um ponto médio e equidistante entre dois extremos. Desta maneira os gregos definiam a *metriopatheia* (que é o substantivo correspondente) como o meio termo entre a tristeza extravagante e a indiferença absoluta; como a virtude pela que o homem sente da maneira devida.

W. M. Macgregor a definiu como "o curso médio entre as explosões de ira e a indolência condescendente".

Plutarco fala da *paciência* filha da *metriopatheia* e se refere a esta como o sentimento de simpatia que o capacita a alguém a tomar a iniciativa de salvar, perdoar e ouvir. Outro grego reprova a alguém por não ter *metriopatheia*, e portanto, *não querer reconciliar-se* com alguém com quem teve uma diferença. Trata-se de uma palavra extraordinária. Significa a capacidade de suportar a outros sem irritação nem chateio; de não deixar-se arrastar pelo temperamento quando outros procedem neciamente, não aprendem ou caem sempre de novo no mesmo ou parecem ser insensatamente cegos. Descreve a atitude para com outra pessoa que não estala em cólera por suas falta nem o condena, mas sim no fim do dia responde com uma simpatia amável e ao mesmo tempo eficaz e consegue com sua paciência reconduzir o homem ao caminho reto. É a atitude que jamais considera o homem néscio sem chance de resgate, mas com freqüência como um filho rebelde de Deus que de algum modo deve ser reconduzido com bondade ao caminho reto. Ninguém pode tratar com seus semelhantes sem possuir esta *metriopatheia* firme, paciente e concedida por Deus.

(3) A terceira qualidade essencial do sacerdote é a seguinte: ninguém se destina a si mesmo ao sacerdócio; sua nomeação provém de Deus. O sacerdócio não é um ofício que o homem assume, mas sim um privilégio e uma glória ao que é chamado. O ministério de Deus entre os homens não é um ofício ou uma carreira, mas sim uma vocação e um chamado. A pessoa deveria ser capaz de olhar para trás e dizer, não "eu escolho este trabalho", mas antes, "Deus me escolheu e me concedeu desempenhar este trabalho".

E agora o autor de Hebreus passa a demonstrar como cumpre Jesus Cristo as grandes condições do sacerdócio.

(1) Em primeiro termo considera que Jesus não escolheu sua missão. Deus o escolheu para ela. No batismo, Jesus ouviu a voz que lhe dizia: "Tu és meu Filho, eu, hoje, te gerei." (Salmo 2:7).

(2) Jesus atravessou pelas experiências mais amargas dos homens e entende a humanidade em toda sua fortaleza e sua fraqueza. O autor de Hebreus tem quatro grandes pensamentos sobre Jesus.

(a) Lembra a Jesus no Getsêmani. Pensa nisto quando fala de suas preces e súplicas, de suas lágrimas e seu clamor. A palavra usada para clamor tem muito significado. O termo grego *krauge* designa esse clamor que o homem não tenta expressar, mas sim que arranca quase involuntariamente de seu ser pela angústia e agonia de alguma tremenda tensão ou alguma dor dilaceradora. De modo que, o autor de Hebreus diz que não existe agonia do espírito humano pela qual Jesus não tenha passado. Os rabinos tinham o dito: "Há três tipos de súplica uma mais elevada que a precedente: oração, clamor e lágrimas. A oração faz-se em silêncio; o clamor em alta voz; mas as lágrimas superam tudo". Não há porta através da qual as lágrimas não passem. Jesus Cristo conheceu até a oração desesperada das lágrimas.

(b) Jesus aprendeu de todas as experiências humanas pelas que aconteceu as enfrentou a todas com reverência. A frase grega traduzida "por isso padeceu aprendeu..." é um trocadilho: *emathen afjon epathen*. Este é um pensamento corrente entre os escritores gregos: sempre ligam

mathein, aprender, e *pathein*, sofrer. Tosquio, o mais antigo dos grandes dramaturgos gregos, tem incessantemente o texto: "a aprendizagem vem do sofrimento" (*pathei mathos*). Chama o sofrimento uma sorte de graça brutal dos deuses. Heródoto declarava que estes sofrimentos eram *acarista mathemata*, um modo desgraçado de aprender. Um poeta moderno diz dos poetas: "Aprendemos sofrendo o que ensinamos cantando."

Deus fala com homem nas múltiplas experiências da vida e não menos nas que põem à prova o íntimo do coração e da alma. Mas só podemos escutar esta voz de Deus quando com reverência aceitamos o que nos ocorre. Se o aceitarmos com ressentimento, então os gritos rebeldes de nosso próprio coração nos fazem surdos à voz de Deus.

(c) Através das experiências pelas quais passou (*teleioun*). O verbo *teleioun* dá lugar ao adjetivo *teleios* que certamente pode traduzir-se *por perfeito* sempre que lembremos o que o grego pensava desta perfeição. Para o grego algo era *teleios* se levava perfeitamente a cabo o propósito para o qual tinha sido feito e destinado. Quando usava o termo não pensava numa perfeição abstrata ou metafísica, mas em termos de *função*. O que diz o autor de Hebreus é que as experiências e sofrimentos pelos que Jesus passou o capacitaram perfeitamente para chegar a ser o Salvador e Redentor dos homens. Foi capaz de salvar os homens porque passou por todos os vales tenebrosos da vida pelos quais deve passar o espírito humano.

(d) Finalmente o autor de Hebreus diz que a salvação que Jesus brinda é uma *salvação eterna*. É algo que salva o homem no tempo e na eternidade; algo que assegura ao homem na vida presente e em toda vida possível. Com Cristo o homem está salvo para sempre jamais. Não há circunstância concebível ou inconcebível que possa arrancar o homem da mão de Cristo.

RECUSAR CRESCER**Hebreus 5:11-14**

Aqui o autor de Hebreus trata as dificuldades que o confrontam ao tentar apresentar a seus leitores uma concepção adaptada do cristianismo.

Encontra-se frente a duas dificuldades. Em primeiro lugar não é fácil captar todo o âmbito da fé cristã, nem o pode aprender num só dia. Requer-se tempo para ensinar e esforço para aprender. Em segundo lugar o ouvido de seus ouvintes é torpe. A palavra que usa aqui é muito expressiva: *nothoros* significa tardio de mente, torpe em entender, duro de ouvido, néscia e insensatamente esquecido. Aplica-se ao membro entorpecido de um animal doente, a uma pessoa que tem a natureza de pedra, insensível e letárgica. Agora, aqui se encerra uma mensagem para todo aquele que tem algo a dizer porque sua ocupação e dever é pregar, ensinar e pensar; para aquele que tem que transmitir algo a outra pessoa. Ocorre com freqüência que evitamos ensinar algo porque é difícil que jamais chegamos a encarar alguma explicação porque a exposição resulta árdua. Com freqüência nos justificamos dizendo que nossos ouvintes ou nossa congregação ou nossos alunos jamais chegarão a entendê-lo ou captá-lo. De fato uma das tragédias da Igreja é que tente tão pouco brindar ao povo novos conhecimentos, novos enfoques, novas concepções. É verdade que a tarefa de tal ensino resulta difícil. É verdade que freqüentemente tentar ensinar dessa maneira significa topar-se com a letargia de mentes indolentes ou com preconceitos combatentes de mentes fechadas. Mas a tarefa permanece. O autor de Hebreus não evitava brindar sua mensagem aos homens mesmo quando a mensagem fosse difícil e a mente de seus ouvintes lerda para a aprendizagem. Considerava sua responsabilidade suprema transmitir a verdade que conhecia.

Queixa-se de que seus ouvintes, que foram cristãos durante muitos anos, sigam sendo meninos e estejam longe da maturidade. O contraste

entre o cristão imaturo e o menino, entre o leite e o alimento sólido, ocorre com frequência no Novo Testamento (1 Pedro 2:2; 1 Coríntios 2:6; 3:2; 14:20; Efésios 4:13 ss.). Diz-lhes que no tempo eles deveriam ser mestres. Não é necessário que tomemos isto ao pé da letra. Dizer que um homem era capaz de ensinar significava em grego que possuía uma verdadeira e amadurecida compreensão de um assunto. Diz-lhes que ainda necessitam ser ensinados *nos primeiros rudimentos* do cristianismo. A palavra usada para rudimentos é *stouqueia*. O termo tem uma variedade de significados. Em gramática significa as letras do alfabeto, o A B C; em física os quatro elementos básicos dos quais se compõe o mundo; em geometria os elementos de prova como o ponto e a linha reta; em filosofia os primeiros princípios com os quais começam os estudantes. O autor lamenta que depois de muitos anos de cristianismo seus fiéis não tenham superado o elementar; são como os meninos que não conhecem a diferença entre o bem e o mal.

Aqui o autor se depara com um problema que acossa a Igreja de todas as gerações: o problema do *cristão que recusa crescer*.

(1) O cristão pode recusar crescer em conhecimento. Pode ser culpado do que alguém chamou "a incapacidade culpável resultante de descuidar a oportunidade". Há gente que insiste em dizer que o que era suficientemente bom para seus pais é suficientemente bom para eles. Há cristãos cuja fé não cresceu durante trinta, quarenta, cinquenta ou sessenta anos. Há cristãos que deliberadamente se negaram a tratar de compreender os progressos que têm feito as ciências bíblicas e teológicas. São homens e mulheres amadurecidos que, entretanto, insistem em ficar satisfeitos com o progresso religioso de um menino. São semelhantes a um cirurgião que rejeitasse o uso das novas técnicas de cirurgia, os novos e maravilhosos anestésicos, as novas equipes de instrumentação e que dissesse: "o que era suficientemente bom para Lister é suficientemente bom para mim". São semelhantes a médicos que ao rechaçar o uso da penicilina, das sulfamidas ou alguma das novas drogas, dissessem: "O que aprendi como estudante faz cinquenta anos é

suficientemente bom para mim." Em assuntos religiosos isto é ainda pior. Deus é infinito; as riquezas de Cristo são inescrutáveis; e deveríamos seguir progredindo até o final de nossa vida.

(2) Há gente que jamais experimentou um crescimento em sua conduta. Pode perdoar-se que um menino esteja de mau humor, que seja propenso a acessos incontrolados de temperamento e recuse jogar a não ser seguindo seus próprios impulsos. E há muitos adultos — até na Igreja — que são tão pueris em sua conduta como qualquer menino. Fisicamente são já homens e mulheres, mas em matéria de conduta não se desenvolveram.

Um caso de detenção no crescimento é sempre algo patético; e o mundo está cheio de gente cujo desenvolvimento religioso se deteve. negam-se a crescer. Faz anos que se detiveram no crescimento; seus pensamentos são ainda os de um menino; sua conduta é ainda a de um menino. É verdade que Jesus disse que a maior coisa do mundo é fazer-se semelhante a um menino; mas há um mundo de diferença entre *ser semelhante a um menino* e ter um espírito *pueril*.

Peter Pan, o menino que não cresceu, é uma encantadora peça no cenário; mas na vida real Peter Pan, o homem e a mulher que não crescem, constituem uma tragédia. Tenhamos cuidado de não viver ainda na religião da infância quando deveríamos ter obtido a fé da maturidade. Tenhamos cuidado de não nos comportar ainda como meninos quando nossa conduta deveria corresponder à de homens e mulheres amadurecidos.

Hebreus 6

[A necessidade de progredir - 6:1-3](#)

[Crucificando de novo a Cristo - 6:4-8](#)

[O aspecto mais luminoso - 6:9-12](#)

[A esperança segura - 6:13-20](#)

A NECESSIDADE DE PROGREDIR**Hebreus 6:1-3**

O autor de Hebreus estava muito seguro da necessidade do progresso na fé cristã. Nenhum mestre chegaria a nenhuma parte se cada vez que começa a ensinar tivesse que começar de novo com as verdades básicas da ensino. O progresso seria impossível se cada vez tivéssemos que começar de novo pelos primeiros princípios. O autor de Hebreus diz que seus fiéis devem progredir no que ele chama *teleiotes*. Esta palavra foi traduzida por *perfeição* mas em grego *teleios* — que é o adjetivo — e suas palavras derivadas têm um significado técnico especial. Pitágoras dividia a seus estudantes em *joi manthanontes* — os aprendizes — e *joi teleioi* — os amadurecidos —. Filo classificava a seus estudantes em três classes diferentes: *Joi arcomenoi*, os principiantes; *joi prokoptontes*, os que estão progredindo; *joi teleiomanoi*, os que começam a obter a maturidade. *Teleiotes* não implica um conhecimento e uma perfeição completos, mas sim certa maturidade na fé cristã.

O que é o que o autor de Hebreus quer expressar com esta *maturidade*? Quer dizer duas coisas.

(1) Refere-se a algo que tem que ver com *a mente*. Quer dizer que à medida que a pessoa cresce em idade deveria pensar cada vez mais por si mesmo. Por exemplo, deveria ser capaz de expressar melhor quem crê que é Jesus. Deveria ter um entendimento mais profundo não só dos atos, mas também do significado da fé cristã.

(2) Significa algo que se refere à *vida*. Enquanto um homem cresce deveria ir refletindo cada vez mais a Cristo. Durante todo o tempo deveria ir-se libertando das antigas faltas e conquistando novas virtudes. Enquanto a vida cresce deve progredir em amor, fortaleza e delicadeza. Diariamente deve irromper na vida uma serenidade e uma nobreza novas.

Na vida cristã não pode a pessoa deter-se. Conta-se que Cromwell em sua Bíblia de bolso tinha uma máxima escrita em latim: *qui cessat*

esse melior cessat esse bonus, aquele que cessa de ser melhor cessa de ser bom.

Quais são, pois, as verdades elementares da vida cristã? Esta passagem é interessante porque nos capacita a ver o que a Igreja primitiva considerava o que nós chamaríamos cristianismo básico.

(1) *O arrependimento das obras mortas*. A vida cristã começa com o arrependimento; e o arrependimento (*metanoia*) é literalmente *uma mudança de mente*. O cristão começa com uma nova atitude para com Deus, os homens, a vida e o eu. É um arrependimento das obras *mortas*. O que é o que o autor de Hebreus quer dar a entender com esta frase estranha? Há muitas coisas que podem entender-se cada uma das quais é importante e sugestiva.

(a) As obras mortas podem ser *as ações que conduzem a morte*: as ações mortíferas; as ações imorais, egoístas, ímpias, desafeiçoadas e sujas que conduzem à morte.

(b) Podem ser *as ações que mancham*. Para o judeu tocar o corpo morto era a maior impureza; ao agir assim ficava impuro e incapacitado para o culto divino até haver-se purificado. Obras mortas podem ser as obras que mancham um homem e o separam de Deus.

(c) Podem ser *as obras que não têm relação com o caráter*. Para o judeu a vida era ritual: se fazia as devidas coisas externas e a seu devido tempo, e se oferecia corretamente os sacrifícios de animais, era um homem bom. Mas nada disto tinha efeito algum sobre o caráter e a própria pessoa. Pode ser que o autor de Hebreus queira dizer que o cristão quebrou os rituais sem significado e os convencionalismos da vida para entregar-se totalmente ao que fortalece seu caráter e desenvolve sua alma.

(2) *A fé que tem posto o olhar em Deus*. O essencial na vida cristã é olhar a Deus e não aos homens em busca de aprovação; determinar a ações não pelo veredicto dos homens mas pelo veredicto de Deus; não buscar a salvação em seus próprios logros, mas sim a graça de Deus. O

cristão olha a Deus e só a Deus como guia de sua vida e salvador de sua alma.

(3) *A doutrina de batismos.* O cristão deve experimentar o que realmente significa o batismo. O primeiro livro de instrução cristã para os que iam ingressar na Igreja e o primeiro manual de culto é a pequena obra chamada *Didaquê, A Doutrina dos Doze Apóstolos* que se escreveu cerca do ano 100 de nossa era. Aqui se estabelecem as regras para o batismo cristão. Agora, deve-se lembrar que naquele tempo ainda não se praticava o batismo de crianças. Os homens provinham diretamente do paganismo e o batismo significava a recepção na Igreja e a profissão de fé. *A Didaquê* começa com seis breves capítulos sobre a fé e a vida cristã. Começa propondo ao candidato ao batismo o que tem que crer e como tem que viver. Logo no capítulo sete segue neste teor:

"Com relação ao batismo, batizado desta maneira. Quando tiverem instruído o candidato em todas estas coisas batizem no nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo com água corrente. Se não tiverem água corrente batizem com qualquer outro tipo de água. Se não puderem batizar com água fria façam com água quente. Se não tiverem nenhuma destas águas derramem água três vezes sobre a cabeça do candidato no nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Antes do batismo, tanto aquele que batiza como aquele que é batizado jejuem; também todos outros que possam fazê-lo. Devem ordenar que aquele que se deve batizar jejue dois ou três dias antes da cerimônia."

Este texto é interessante. Mostra que o batismo na Igreja primitiva era, no possível, por imersão total. Mostra que a pessoa batizada era submersa ou aspergida três vezes com água em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Mostra que o batismo era um batismo de instrução porque a fé e a vida cristãs tinham que repassar-se antes do sacramento do batismo. Mostra que o candidato ao batismo não só tem que preparar sua mente, mas também seu espírito porque jejuará previamente em preparação. Nos tempos primitivos ninguém se infiltrava na Igreja sem

saber o que estava fazendo. Assim, pois, o autor de Hebreus diz: "No momento de seu batismo vocês foram instruídos nos fundamentos da fé cristã. Não há nenhuma necessidade de retroceder a tudo isto. Vocês devem construir uma fé plena sobre a base do que vocês já aprenderam".

(4) *A imposição das mãos.* Na prática judia a imposição das mãos tinha três significados.

(a) Significava a transferência de culpa. Aquele que sacrificava impunha suas mãos sobre a cabeça da vítima para simbolizar o fato de que transferia sua culpa ao animal que ia ser sacrificado.

(b) Significava a transferência de bênçãos. Quando um pai abençoava a seu filho impunha as mãos sobre a cabeça como objeto dessa bênção.

(c) Era o sinal de colocar à parte para uma acusação especial. Um homem era ordenado para uma função mediante a imposição das mãos. Na Igreja primitiva a imposição das mãos acompanhava sempre ao batismo e era o modo pelo qual o Espírito Santo se comunicava à pessoa recém batizada (Atos 8:17; 19:6). Isto não se tem que pensar de maneira material. Naqueles dias os apóstolos eram tidos em toda reverência pelo fato de ter sido realmente os amigos de Jesus em sua passagem por esta Terra. Era algo emocionante ser tocado por um homem que verdadeiramente tinha tocado a mão de Jesus. O efeito da imposição de mãos depende não do cargo do homem que impõe as mãos mas sim de seu caráter e sua proximidade a Cristo.

(5) *A ressurreição dos mortos.* A princípio o cristianismo foi uma religião de imortalidade: brindava ao homem dois mundos em que viver; ensinava-lhe que o melhor estava no futuro e que por esta razão devia fazer deste mundo uma escola de preparação para a eternidade.

(6) *A sentença que perdura por toda a eternidade.* O cristianismo foi desde o princípio uma religião de juízo. Nenhum cristão tinha permissão de esquecer que no final deveria enfrentar-se face a face com Deus e que o que Deus pensava dele era imensamente mais importante

que o que pensassem os homens. Em sua vida devia buscar sempre agradar, não aos homens, mas sim a Deus.

CRUCIFICANDO DE NOVO A CRISTO

Hebreus 6:4-8

Esta é uma das passagens mais tremendas da Escritura. Começa com uma espécie de preparada de privilégios da vida cristã. O cristão foi *iluminado*. A idéia da iluminação é favorita do Novo Testamento. Sem dúvida se remonta à figura de Jesus como luz do mundo e a luz que ilumina a todo homem que vem a este mundo (João 1:9; 9:5). Como dizia Bilney o mártir: “Quando ouvi as palavras ‘Jesus Cristo veio ao mundo para salvar aos pecadores’, foi como se de repente o dia tivesse irrompido em meio de uma noite tenebrosa”.

A luz do conhecimento, a luz da alegria e a luz que guia irrompe num homem que está com Cristo. O cristianismo chegou a estar tão vinculado com a idéia da iluminação, que a palavra *iluminação* (*fotismos*) converteu-se em sinônimo de *batismo* e o verbo ser *iluminado* (*fotizesthai*) sinônimo de ser *batizado*. Esta é a maneira como muitos leram aqui o termo; por isso interpretaram esta passagem no sentido de que não há possibilidade de perdão dos pecados cometidos depois do batismo. E ocorreram épocas e lugares na Igreja em que o batismo era posposto até o momento da morte, para mais segurança. Exporemos esta idéia mais adiante.

O cristão gostou do *dom celestial*. Somente em Cristo o homem pode estar em paz com Deus. O perdão não é algo que possa ganhar ou merecer, é um dom gratuito. Somente quando sobe à cruz deixa cair o peso de sua carga. O cristão é um homem que conhece o incomensurável alívio de experimentar o dom gratuito do perdão de Deus. Algo foi feito em seu favor, que ele jamais teria podido realizar por si mesmo.

O cristão *participa do Espírito Santo*: é um homem que tem em sua vida uma nova diretiva, um novo poder e uma nova presença.

Descobriu a presença de um poder que pode tanto lhe dizer o que deve fazer como capacitá-lo para que o realize; achou que a promessa do Espírito Santo se cumpriu.

O cristão *provou a boa palavra de Deus*. Esta é outra maneira de dizer que descobriu a verdade. É característico que os homens sigam instintivamente a verdade como os cegos anseiam a luz; é parte da tristeza e do privilégio da condição humana que não nos demos por satisfeitos até termos compreendido o significado da vida. Na palavra de Deus encontramos a verdade e o sentido da vida.

O cristão é um homem que *provou os poderes do século vindouro*. Tanto o judeu como o cristão dividiam o tempo em duas eras: a presente (*jo nyn sion*) que se considerava inteiramente má e inundada no pecado, e a futura (*jo mellón aion*) que se considerava absolutamente boa e toda de Deus. Algum dia Deus irromperia e interviria; então viria a desoladora destruição e o juízo terrível do dia do Senhor; então terminaria a era presente e começaria a futura. Mas o cristão é um homem que aqui e agora prova as alegrias, as bênçãos, a paz e o poder da era que é de Deus. Até estando no tempo prova de antemão a eternidade.

Assim, pois, o autor de Hebreus expõe o luminoso catálogo das bênçãos cristãs; no fim do mesmo sua palavra soa como um lúgubre tangido de morte pelos que recaíram.

O que quer dizer ao afirmar que é impossível para aqueles que recaíram ser renovados pelo arrependimento? Muitos pensadores tentaram encontrar saída na palavra *impossível*. Erasmo sustentava que a palavra impossível (*adynaton*) deve-se tomar no sentido de difícil; difícil quase até o ponto de ser impossível. Bengel sustentava que o que é impossível para o homem resulta possível para Deus e que devemos deixar aos que renegaram sacados à misericórdia do singular amor e a singular influência de Deus. Mas ao ler esta passagem lembremos uma coisa: *foi escrito numa época de perseguição*; e em tais circunstâncias a apostasia é o pecado supremo. Em toda época de perseguição o cristão pode salvar sua vida só negando a Cristo; mas cada pessoa que para

salvar sua vida ou sua comodidade nega a Cristo, lança um duro golpe à Igreja porque antepõe sua vida e sua comodidade à sua religião. Para ele Jesus Cristo não é realmente o Senhor; significa que para ele há algo mais precioso. Este modo particular de expor as coisas surgiu sempre durante e depois das perseguições. Duzentos anos depois teve lugar a perseguição do imperador Diocleciano. Quando ao passar a tormenta sobreveio a paz, o único critério que alguns quiseram aplicar a cada membro sobrevivente da Igreja foi: "Negou a Cristo e salvou assim sua vida?". E se tinha negado a seu Senhor eles lhe fechavam as portas de uma vez para sempre.

Kermit Eby conta de um eclesiástico francês que quando foi interrogado sobre o que tinha feito durante a Revolução Francesa, murmurou: "Sobrevivi". Esta é a condenação de um homem que amou mais a vida que a Cristo. Nunca teve o propósito de erigi-la numa doutrina ou uma teologia em que não haja perdão para o pecado cometido depois do batismo. Quem é um homem para dizer que outro está fora do perdão de Deus? A intenção é mostrar a seriedade terrível de escolher a existência em vez de escolher Cristo.

O autor de Hebreus continua dizendo algo tremendo. Diz que os que *recaíram*, aqueles que negaram a Cristo, *crucificam de novo a Cristo*. Este é o argumento da grande lenda *Quo vadis* que nos narra como na perseguição de Nero Pedro se sentiu encurralado em Roma e perdeu o ânimo. Por isso fugiu para salvar sua vida. Partia descendo a via Appia completamente desanimado, quando de repente uma figura se interpôs em seu caminho. Pedro levantou a vista. Era o próprio Jesus. "Domine", disse Pedro, "*quo vadis*", "Senhor, aonde vais?" Em seguida ouviu a resposta: "Pedro, volto para Roma para ser novamente crucificado; esta vez em teu lugar". Pedro se envergonhou até o heroísmo de dar meia volta, e retornar a Roma para morrer como mártir.

Mais tarde na história de Roma houve um imperador que tentou fazer retroceder o relógio. Seu nome era Juliano. Quis destruir o cristianismo para voltar para as antigas crenças e aos antigos deuses. Seu

intento terminou fracassado. Ibsen o faz dizer: "Onde está ele agora? Esteve agindo em outra parte depois que *isso* teve lugar no Gólgota?... Onde está ele agora? E o que dizer se o Gólgota, perto de Jerusalém, não foi senão algo feito à beira do caminho e de passada? E o que dizer se continuar e continuar, sofrer e morrer e vencer várias vezes, de mundo em mundo?"

Há aqui uma verdade certa. No fundo do pensamento de Hebreus encontra-se uma das concepções mais tremendas de todo o pensamento cristão. Ele via a cruz como um acontecimento que abriu uma janela no coração de Deus: a cruz de Cristo mostrava num momento do tempo o que está acontecendo no ser de Deus por toda a eternidade; mostrava num momento do tempo o amor do coração de Deus que sofre para sempre jamais. A cruz dizia aos homens: "Assim é como os amei sempre e sempre os amarei. Isto é o que seus pecados me fizeram, fazem-me e me farão sempre. Este é o único caminho pelo qual poderei jamais redimir os homens. Os pecados dos homens sempre me fizeram isto e me continuarão fazendo isso até que deixem de pecar".

Aqui há algo tremendo. No coração de Deus existe para sempre jamais, enquanto houver pecado, esta agonia do sofrimento e do amor que redime. Quando pecamos crucificamos de novo a Cristo. O pecado não só quebranta a Lei de Deus, mas também quebranta continuamente seu coração. É verdade que quando nos apartamos e quando pecamos, crucificamos de novo a Cristo.

Além disso o autor de Hebreus diz que quando renegamos ridicularizamos a Cristo e o expomos ao vitupério. Como se explica isto? Quando pecamos o mundo dirá: "Pois bem, essa é toda a utilidade do cristianismo; isso é tudo o que Cristo pode fazer; isso é tudo o que já obteve a cruz". É um mal imenso quando um membro da Igreja cai num pecado que o envergonha e desacredita a sua Igreja; mas, o que é pior, faz recair sobre Cristo a recriminação, o escárnio e a zombaria dos homens. Envergonha a seu Senhor e faz com que os homens riam da cruz.

Devemos notar uma última coisa. Assinalou-se que na Carta aos Hebreus há quatro coisas impossíveis. A impossibilidade referida nesta passagem. As outras três impossibilidades são: (1) é impossível que Deus minta (6:18); (2) é impossível que o sangue de ovelhas e bodes expie o pecado (10:4); (3) sem fé é impossível agradar a Deus (11:6).

O ASPECTO MAIS LUMINOSO

Hebreus 6:9-12

Aqui há uma coisa que ressalta. Esta é a única passagem em toda a Carta em que o autor de Hebreus dirige-se a seus leitores como *amados*. Precisamente depois da passagem mais séria de todas é quando o autor usa este apelativo de amor. É como se lhes dissesse: "Se eu não amasse vocês tão não falaria com tanta severidade". Crisóstomo parafraseava o pensamento desta maneira: "É melhor que os assiste com palavras do que tenham que lamentar os fatos". Diz a verdade, mas por severa que esta possa ser, fala com amor.

Além sua mesma forma de falar mostra quão individual é seu amor. "Esperamos", diz, "que *cada um de vós* mostre a mesma solicitude até o fim, para plena certeza da esperança". Não pensa neles como uma multidão, mas sim como homens e mulheres individuais a quem conhece e ama.

O Dr. Paul Tournier tem em seu livro *A Doctor's Casebook* um parágrafo sobre o que ele chama *o personalismo* da Bíblia.

"Deus diz a Moisés 'Conheço teu nome' (Êxodo 33:17). Diz ao Ciro 'Eu sou o Senhor que te chamei por teu nome' (Isaías 45:3). Estes textos expressam a essência do personalismo bíblico. Ao ler a Bíblia a pessoa fica assombrada pela importância que nela têm os nomes pessoais. Há capítulos inteiros que estão consagrados a longas genealogias. Quando era jovem costumava pensar que as seria melhor que as genealogias pudessem ter sido excluídas do cânon bíblico. Mas desde então me dei conta de que essas series de nomes próprios são o testemunho de que, na perspectiva bíblica, o homem não é nem uma coisa, nem uma abstração, nem uma

espécie, nem uma idéia; que não é uma fração da massa, como o vêem os marxistas, mas sim uma pessoa".

Quando o autor de Hebreus escrevia com severidade não repreendia a uma Igreja; suspirava por homens e mulheres individuais, porque isto é justamente o que Deus mesmo faz. Nesta passagem há implícitas duas coisas interessantes.

(1) Daqui aprendemos que mesmo quando as pessoas às quais escreve tinham fracassado em seu crescimento na fé cristã e no conhecimento e mesmo quando tinham deixado de lado o primeiro entusiasmo e o primeiro amor, jamais tinham abdicado de seu serviço e ajuda prática a outros cristãos. Tinham sido ativos e permanecem ainda ativos no serviço do povo consagrado a Deus. Aqui há uma grande verdade prática. Alguma vez na vida cristã chegamos a épocas que são áridas. Algumas vezes os cultos da Igreja não nos dizem nada. Algumas vezes o ensino que recebemos na escola dominical ou os cânticos que entoamos no coro ou o serviço que prestamos numa junta ou comissão ou comitê se torna um esforço carente de alegria. Em tais momentos podemos fazer duas coisas. Podemos deixar de assistir e abandonar nossa obra. Se agirmos assim estamos perdidos. Podemos continuar com muito empenho com eles, e o estranho é que se o fizermos, a luz e o romance e a alegria certamente retornarão. Nos momentos áridos o melhor é continuar os hábitos e a rotina da vida cristã e da Igreja. Agindo assim podemos estar seguros de que o Sol brilhará de novo.

(2) Diz a seus leitores que imitem àqueles que pela fé e paciência herdaram a promessa. Em outras palavras, diz-lhes: "Vocês não são os primeiros em lançar-se às glórias e aos perigos da fé cristã; outros desafiaram perigos e suportaram tribulações antes de vocês e triunfaram." Diz-lhes que continuem lembrando que outros passaram por suas batalhas e ganharam suas vitórias; que outros ousadamente empreenderam a viagem e chegaram salvos a porto. O cristão não pisa

em um caminho não pisado; põe seu pé sobre os rastros que os santos deixaram.

A ESPERANÇA SEGURA

Hebreus 6:13-20

Deus fez a Abraão mais de uma promessa. Gênesis 12:7 nos narra a promessa que fez quando o chamou do Ur e lhe deu o mandato de ir à desconhecida terra prometida. Gênesis 17:5-6 é a promessa de muitos descendentes que seriam benditos nele. Gênesis 18:18 é a repetição desta promessa. Mas a promessa que Deus jurou observar está em Gênesis 22:16-18. O sentido real desta primeira sentença é: "Deus fez muitas promessas a Abraão e no final fez realmente uma promessa que confirmou com um juramento". Esta era uma promessa, por dizê-lo assim duplamente obrigatória. A palavra de Deus por si só já faz com que uma coisa seja segura. Mas de fato foi confirmada por um juramento; Deus se fez sua própria testemunha e fiadora e por isso deu uma dupla segurança. Tratava-se de uma promessa imutável em duplo sentido.

Agora, esta promessa consistia em que todos os descendentes de Abraão seriam benditos. Esta promessa tinha como destinatária a Igreja cristã porque esta é o verdadeiro Israel e a verdadeira semente de Abraão. A bênção se fez efetiva em Jesus Cristo. É verdade que Abraão teve que exercitar sua paciência antes de viver o cumprimento da promessa; só vinte e cinco anos depois que deixou Ur, nasceu Isaque seu filho. Abraão era velho e Sara era estéril. A emigração tinha sido muito longa. Mas Abraão jamais flutuou em sua esperança e sua confiança na promessa de Deus.

No mundo antigo a *âncora* era o símbolo da esperança. Epicteto disse: "Uma nave nunca deveria depender de uma só âncora nem a vida de uma só esperança" e Pitágoras: "A riqueza é uma âncora fraca; a fama é ainda mais fraca. Quais são então as âncoras fortes? A sabedoria, a magnanimidade e o valor são as âncoras que nenhuma tormenta pode

comover" O autor de Hebreus insiste em que o cristão possui a maior esperança do inundo.

Qual é essa esperança? Diz que é uma esperança que penetra no santuário além do véu. Qual é o alcance nesta comparação? No templo o lugar mais sagrado de todos era o lugar Santíssimo. O véu era a cortina que o separava. Mantinha-se que dentro do Santíssimo habitava a própria presença de Deus. Neste lugar só podia entrar um homem de todo o mundo: o sumo sacerdote, e uma só vez ao ano, no dia da Expição. E até esse dia estava estabelecido que não devia atrasar-se porque era terrível e perigoso entrar perante a presença do Deus vivo. Agora, o que o autor diz é o seguinte: "Sob a antiga religião judia ninguém podia entrar perante a presença de Deus, mas sim o sumo sacerdote e só num dia do ano; mas agora Jesus Cristo abriu a cada homem e em todo tempo o caminho à presença de Deus. O caminho que estava fechado foi aberto: todos têm acesso à presença de Deus". O autor de Hebreus aplica a Jesus uma palavra muito expressiva. Diz que entrou perante a presença de Deus como nosso *precursor* (*pródromos*).

O termo tem três significados progressivos. (1) Indica *alguém que se apressa*. (2) Significa *pioneiro*. (3) Significa *explorador*, membro do corpo de reconhecimento de um exército, o guarda de avançada que vai à vanguarda para assegurar que o corpo das tropas siga com segurança. Jesus partiu à presença de Deus para que todos pudessem segui-lo com segurança. Esta presença oculta e obstruída durante tanto tempo está agora aberta a todos.

Expressemo-lo da maneira mais simples em outra forma. Antes da vinda de Jesus, Deus era o estranho distante a quem só pouquíssimos podiam aproximar-se e isso com perigo de suas próprias vidas. Mas por causa do que Jesus foi e fez Deus permutou-se no amigo de cada um. Os homens tinham pensado que Deus lhes fechava a porta; agora pensam que a porta em direção à presença de Deus está totalmente aberta ao mundo inteiro.

Hebreus 7

Um sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque - 7:1-28

O rei e o sacerdote verdadeiros - 7:1-3

A grandeza de Melquisedeque - 7:4-10

O novo sacerdote e o novo caminho - 7:11-20

O sacerdócio maior - 7:21-25

O sumo sacerdote que necessitamos - 7:26-28

UM SACERDOTE SEGUNDO A ORDEM DE MELQUISEDEQUE

Hebreus 7:1-28

Agora chegamos a uma passagem que é de suma importância para o autor da Carta aos *Hebreus*. É tão difícil entendê-lo que temos que tratá-lo de uma maneira particular. O capítulo 6 terminou com a afirmação de que Jesus foi constituído sumo sacerdote para sempre segundo a ordem de Melquisedeque. Este sacerdócio segundo a ordem de Melquisedeque é o pensamento mais característico de Hebreus. Atrás dele se escondem modos de pensar, argumentar e usar a Escritura que nos são inteiramente estranhos. Mas tratemos de entrar neles. O melhor será reunir em primeiro termo tudo o que o autor tem a dizer sobre o sacerdócio segundo a ordem de Melquisedeque para lê-lo como uma totalidade antes de fazer uma divisão em passagens mais curtas que estudaremos em detalhe.

Em seguida tentaremos entender qual foi a intenção do autor ao expor este pensamento. A primeira passagem é Hebréias 5:1-10. A segunda passagem que desenvolve esta idéia é todo o capítulo 7. Portanto vejamo-lo em sua totalidade lembrando que o último capítulo de Hebreus 6 afirmou já que Jesus foi feito *sumo sacerdote para sempre segundo a ordem de Melquisedeque*. Estas são, pois, as passagens em que o autor de Hebreus descreve a Jesus como *sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque*. Agora vejamos o que é precisamente o que quer dizer ao usar esta concepção.

Devemos começar entendendo a posição geral da parte. O ponto de partida é a idéia da *religião como acesso a Deus*. Segundo Hebreus a essência da religião é que leva o homem, sem temor nem barreiras, à presença de Deus. Agora, para que este acesso a Deus seja possível, existiam dois meios. Em primeiro termo *a Lei*. A idéia básica da Lei que, enquanto o homem observa fiel e obedientemente os mandamentos se mantém numa posição de amizade com Deus e as portas a sua presença ficam abertas. Mas os homens não observam nem podem observar a Lei, e, portanto, não permanecem em comunhão com Deus, o acesso a sua presença fica interrompido. Precisamente para reparar esta situação de afastamento existia o segundo: *o sacerdócio e todo o sistema sacrificial*.

A palavra latina para *sacerdote* é *pontifex* que significa *construtor de pontes*: o sacerdote é um homem cuja função consiste em tender uma ponte entre os homens e Deus. De que maneira? Por meio do sistema sacrificial. O homem quebrantou a Lei e por esse ato interrompeu sua comunhão com Deus obstruindo o caminho que conduz a Ele; pela oferta de um sacrifício correto este quebrantamento ficava expiado. Assim se restaurava a comunhão com Deus e se removiam barreiras. Isto era em teoria, mas na prática a vida inteira manifestava precisamente que o sacerdócio e seu sistema sacrificial não podiam tornar isto realidade. Não havia escape ao distanciamento humano de Deus que era consequência do pecado. O problema consistia em que nem todos os esforços do sacerdócio e todos os sacrifícios podiam restaurar a entrega perdida ou fazer com que o pecador recuperasse sua familiaridade com Deus. Portanto, segundo o argumento do autor se requeria um sacerdócio novo e diferente e um sacrifício novo e eficaz. De outra maneira o caminho à presença de Deus jamais podia ser aberto. O autor de Hebreus vê em Jesus Cristo o único sumo sacerdote que pode abrir o caminho a Deus e chama o sacerdócio de Jesus um sacerdócio *segundo a ordem de Melquisedeque*.

De onde adquiriu esta idéia? De uma passagem do Antigo Testamento. No salmo 110:4 está escrito: “O SENHOR jurou e não se arrependerá: Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque.”

A outra citação provém de Gênesis 14:17-20 onde se narra a história de Melquisedeque:

“Após voltar Abrão de ferir a Quedorlaomer e aos reis que estavam com ele, saiu-lhe ao encontro o rei de Sodoma no vale de Savé, que é o vale do Rei. Melquisedeque, rei de Salém, trouxe pão e vinho; era sacerdote do Deus Altíssimo; abençoou ele a Abrão e disse: Bendito seja Abrão pelo Deus Altíssimo, que possui os céus e a terra; e bendito seja o Deus Altíssimo, que entregou os teus adversários nas tuas mãos. E de tudo lhe deu Abrão o dízimo.”

Destas duas passagens o autor constrói a imagem do sacerdócio segundo a ordem de Melquisedeque e do que significa o sacerdócio.

Mas antes de entrar em seu procedimento devemos compreender o método judeu de interpretar as Escrituras. De fato o autor de Hebreus faz aqui o que teria feito qualquer rabino judeu experiente: segue os métodos rabínicos de interpretação. Para entender este método terá que saber duas coisas.

(1) Para o judeu erudito toda passagem da Escritura tinha quatro significados aos quais se davam quatro nomes diferentes.

(a) Em primeiro lugar o *peshat* que é o sentido literal e real.

(b) Em segundo lugar o *remaz* que é o significado sugerido.

(c) Em terceiro lugar ele *derush*: o resultado depois de uma longa e esmerada investigação.

(d) Finalmente o *sod* que é o sentido alegórico ou interno.

Agora, é um fato que para o judeu o sentido mais importante desde todo ponto de vista era o quarto, o *sod*: o sentido interno, alegórico e místico. O judeu não se interessava tanto no sentido óbvio, literal, histórico e empírico de uma passagem como no alegórico e místico que se podia solicitar do mesmo. O sentido mais importante era aquele que se podia ler na passagem e este sentido interno podia carecer obviamente de

toda conexão com o sentido literal do relato. Era absolutamente permissível — de fato era a prática regular — tirar as frases fora de contexto para ler nelas significados que nós consideraríamos fantásticos e absolutamente injustificados. Isto é o que o autor de Hebreus faz aqui.

(2) Em segundo lugar, para a interpretação do autor é essencial perceber que os intérpretes judeus consideravam-se completamente justificados em argumentar não só sobre o *expresso*, mas também sobre *silêncios* da Escritura. Em outras palavras, podia-se construir um argumento não só do que a Escritura dizia, mas também do que não dizia. De fato nesta passagem o autor de Hebreus baseia seu argumento tanto no que a Escritura não diz de Melquisedeque como no que realmente diz dele.

Agora, vejamos no que difere a qualidade do sacerdócio segundo a ordem de Melquisedeque da qualidade do sacerdócio comum, aarônico existente.

(1) *Melquisedeque não tem genealogia*: não tem pai nem mãe (Hebreus 7:3). Agora, nota-se em seguida que este é um dos argumentos tirados do *silêncio* da Escritura. A Escritura não proporciona a genealogia de Melquisedeque. E isto não era habitual por duas razões.

(a) É justamente o contrário da prática de Gênesis. As genealogias são uma característica do Gênesis; constantemente encontramos ali listas de antepassados de alguém. Mas Melquisedeque aparece em cena como se não proviesse de nenhuma lista. Isto é em si mesmo fora do costume.

(b) Mas há algo muito mais importante: é o contrário das regras que governavam o sacerdócio aarônico. Este sacerdócio dependia inteiramente da ascendência. Sob a lei judia ninguém podia ser em nenhum caso sacerdote se não podia exibir uma árvore genealógica ininterrupta e certificada que se remontasse até Arão. Aquele que não possuía esta genealogia não podia ser sacerdote por nenhuma razão do mundo. O caráter e a capacidade nada tinham que ver com o sacerdócio. A única coisa essencial era essa árvore genealógica. Quando os judeus voltaram do exílio a Jerusalém achamos que algumas famílias

sacerdotais não puderam exibir seus registros genealógicos e por isso foram excluídas para sempre do sacerdócio (Esdras 2:61-63; Neemias 7:63-65).

Por outro lado se alguém podia ostentar uma árvore genealógica que chegava até Arão — só com exceção de específicas taras físicas — nada na terra podia impedir que fosse sacerdote. A genealogia o era literalmente tudo. Desta maneira a primeira diferença entre o sacerdócio aarônico e o sacerdócio segundo a ordem de Melquisedeque era esta: *O sacerdócio aarônico dependia da ascendência genealógica: o de Melquisedeque das qualidades pessoais e só destas.* O sacerdócio de Melquisedeque se baseava no que *era* e não no que *tinha herdado*. Como o expressa um investigador, é a diferença entre um direito baseado na *legalidade* e um direito baseado na *personalidade*. Em primeiro termo e sobre tudo o novo sacerdócio se baseia nas qualidades pessoais e só nestas.

(2) Hebreus 7:1-3 menciona outras qualidades de Melquisedeque. O nome *Melquisedeque* significa literalmente *Rei de Justiça*. A palavra *Salém* significa *paz*; por isso era também *Rei da Paz*. Vimos que não tinha nem pai nem mãe nem genealogia alguma. Mas novamente o autor vai ao silêncio da Escritura. Não se nos diz quando começou Melquisedeque seu sacerdócio nem quando terminou, nem quando nasceu nem quando morreu. Por isso se deduz que Melquisedeque não tem princípio nem fim e que seu sacerdócio perdura para sempre jamais. Disto nós podemos reunir cinco grandes qualidades do sacerdócio de Melquisedeque.

(a) É um sacerdócio de *justiça*.

(b) É um sacerdócio de *paz*.

(c) É um sacerdócio de *estirpe real*, porque Melquisedeque era rei.

(d) É *pessoal e não herdado*, porque não tinha nem pai nem mãe nem genealogia.

(e) É *eterno*, porque não tem nem nascimento nem morte e seu sacerdócio não tem princípio nem fim.

Estas são, portanto, as qualidades que diferenciam o sacerdócio segundo a ordem de Melquisedeque do sacerdócio comum.

(3) Supondo que tudo isto seja verdade, como pode provar-se que o sacerdócio de Melquisedeque é superior e maior que o sacerdócio aarônico? Para provar isto o autor se apóia em dois pontos do que Gênesis relata sobre Melquisedeque. Em primeiro lugar diz-se ali que *Abraão deu a Melquisedeque os dízimos de tudo*. Agora também os sacerdotes requeriam dízimos. Mas há dois diferencia. Os sacerdotes recebiam o dízimo de seus irmãos, de seus correligionários judeus e isto como resultado de uma prescrição legal: e era-lhes dado esse direito. Mas Melquisedeque recebeu o dízimo de Abraão com quem não tinha nenhuma conexão racial e de fato foi o fundador da nação judia. Além disso, exigiu-lhe os *dízimos* não porque uma lei lhe desse o direito para isso, mas por um direito pessoal indisputável. Ele não precisava de uma lei que lhe autorizasse a pedir *dízimos*: ele *tinha* direito. Por certo que isto o coloca acima do sacerdócio comum. Em segundo lugar, diz-se que *Melquisedeque abençoou a Abraão*. Agora, é sempre o superior quem abençoa o inferior: portanto Melquisedeque era superior a Abraão que foi o fundador da raça judia e o único destinatário das promessas de Deus. Isto efetivamente dá a Melquisedeque um lugar insuperável.

A. B. Bruce sintetiza desta maneira os pontos nos quais Melquisedeque é superior ao sacerdócio ordinário levítico.

(a) Recebeu os dízimos de Abraão e portanto era superior a Abraão. Abraão foi um dos patriarcas; os patriarcas são superiores a seus descendentes; portanto Melquisedeque é maior que os descendentes de Abraão. Os sacerdotes comuns são descendentes de Abraão; portanto Melquisedeque é maior que eles.

(b) Melquisedeque é maior que os filhos de Levi porque estes podem exigir dízimos por uma prescrição legal; mas ele o fez como um direito que possuía pessoalmente e que ninguém lhe concedeu.

(c) Os levitas recebiam dízimos como homens mortais; Melquisedeque os recebeu como alguém que vive para sempre (Hebreus 7:8)

(d) De fato pode-se dizer que Levi, a quem os israelitas pagavam o dízimo, tinha pago o dízimo a Melquisedeque, porque aquele era neto de Abraão e portanto estava no corpo de Abraão quando este pagou os dízimos.

Por todas estas razões Melquisedeque era superior ao sacerdócio levítico.

(4) De Hebreus 7:11 daí em diante o escritor prossegue mostrando *em que radica a superioridade do novo sacerdócio*.

(a) *O própria fato da promessa de um novo sacerdócio* (Hebreus 7:11) *mostra que o sacerdócio antigo era inadequado*. Se o sacerdócio antigo tivesse completado a função de levar aos homens à presença de Deus então não se teria requerido mais um sacerdócio segundo a ordem de Melquisedeque. E além disso, a introdução de um novo sacerdócio é algo revolucionário. De acordo com a Lei todos os sacerdotes deviam pertencer à tribo de Levi; mas Jesus era da tribo do Judá. Isto mostra que todo o sistema antigo está superado. A Lei fica anulada. Veio algo superior à Lei. Agora a Lei é uma letra morta.

(b) *O novo sacerdócio é para sempre* (Hebreus 7:15-19). Sob o sistema antigo os sacerdotes morriam; não havia permanência; mas agora veio um sacerdote que vive para sempre.

(c) *O novo sacerdócio foi introduziu por um juramento de Deus*. O Salmo 110:4 diz: “O SENHOR jurou e não se arrependerá: Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque.”. É obvio, Deus não jura levianamente. Nunca introduziu desta maneira o sacerdócio comum. Isto é algo novo.

(d) *O novo sacerdote não oferece sacrifícios por si mesmo* (Hebreus 7:27). O sacerdote ordinário teve sempre que oferecer sacrifícios por *seu próprio* pecado antes de poder fazê-lo pelos pecados do povo. Mas Jesus

Cristo, o novo sumo sacerdote, não tem pecado e não necessita sacrifício por si mesmo.

(e) *O novo sacerdote não precisa repetir ininterruptamente os sacrifícios* (Hebreus 7:27). Oferece um sacrifício perfeito que nunca precisa repetir-se porque abriu para sempre o caminho à presença de Deus.

Agora resumamos da maneira mais direta as idéias que rondavam na mente do autor quando pensou em Jesus em termos de sumo sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque. Para que resulte claro chamamos a atenção sobre os pensamentos mais importantes sem nos deter em suas derivações.

(1) Jesus é o sumo sacerdote cujo sacerdócio não depende de alguma genealogia, mas sim de si mesmo e só de si.

(2) Jesus é o sumo sacerdote que vive para sempre; nunca morre.

(3) Jesus é o sumo sacerdote sem pecado e que portanto nunca precisa oferecer sacrifício algum por seu próprio pecado.

4) Jesus é o sumo sacerdote que ao oferecer-se a si mesmo fez o sacrifício perfeito. Já não se requer que todos os dias sejam feitos sacrifícios. O sacrifício que abre o caminho a Deus foi feito uma vez para sempre.

A função do sacerdote é abrir as portas de acesso a Deus; Jesus o fez de uma vez para sempre realizando definitivamente o que o sacerdócio comum e terreno jamais pôde fazer.

Desta maneira vemos quais eram as idéias gerais na mente do autor de Hebreus quando pensava de Jesus como sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque. Agora nos voltaremos para esta passagem em seus detalhes para estudá-la em seções mas retendo sempre em nossas mentes esta concepção geral.

O REI E O SACERDOTE VERDADEIROS**Hebreus 7:1-3**

Como vimos, as duas passagens nas quais o escritor de Hebreus funda seu argumento são o Salmo 110:4 e Gênesis 14:17-20. No antigo relato de Gênesis, Melquisedeque é uma figura estranha e quase misteriosa. Chega do céu; nada se diz de sua vida, nascimento, morte e ascendência. Simplesmente chega. Dá a Abraão pão e vinho, o que para nós — que lemos a passagem à luz do já conhecido — tem uma ressonância muito sacramental. Abençoa a Abraão para logo desaparecer do estrado da história com a mesma inexplicável rapidez com que chegou. Não é muito estranho que no mistério deste relato o autor de Hebreus achasse um tipo, um prognóstico e um símbolo de Cristo.

Melquisedeque é por seu nome Rei de Justiça; por seu domínio Rei de Paz. Esta ordem é ao mesmo tempo significativa e necessária. *A justiça deve preceder sempre à paz.* Sem justiça não pode existir a paz. Como Paulo diz em Romanos 5:1: "*Justificados* pois pela fé, temos *paz* para com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo". E como de novo diz em Romanos 14:17: "O reino de Deus é... *justiça, paz e alegria*". A ordem é sempre a mesma: em primeiro lugar a justiça e logo a paz.

Bem pode dizer-se que toda a vida é uma busca da paz, mas também pode dizer-se que os homens persistem em buscar a paz de uma maneira equivocada.

(1) Os homens buscam a paz *escapando*. Mas o problema com o escape é que sempre faz-se necessário o retorno.

A. J. Gossip traz a descrição de uma mulher abandonada que vivia descuidadamente numa água-furtada. Era preguiçosa, desordenada e suja. Uma tarde sai de sua casa e vai ao cinematógrafo. Por uma ou duas horas escapa rumo ao encanto e o luxo do mundo do filme; mas logo tem que retornar. O escape está bem, mas o retorno é inevitável.

W. M. MacGregor conta de uma anciã que vivia num bairro miserável de Edimburgo. Cada tanto se desgostava com os arredores nos

quais vivia e fazia uma excursão por seus amigos para obter alguns dólares. Com este dinheiro se embriagava irremediavelmente. Quando a reprovavam, respondia: "Reprovam-me a oportunidade de poder sair fora do bairro com um sorvo de uísque?" Era um escape ...mas tinha que retornar. Sempre é possível encontrar certo tipo de paz pelo caminho do escape. Mas nunca se trata de uma paz perdurável.

O Dr. Johnson insistia em que o homem deveria ter um hobby, como a química ou algo pelo estilo, porque, segundo ele, é necessário ter tantos refúgios na mente quanto possível. Mas até ali é necessário o retorno. O escape não é algo equivocado; algumas vezes é necessário para preservar a saúde e o bem-estar. Mas é sempre um paliativo e jamais uma cura.

(2) Existe a paz da *evasão*. Muitos buscam a paz recusando-se a enfrentar seus problemas. Postergam o encará-los, lançam-nos ao mais recôndito de suas mentes e tentam baixar a cortina sobre eles. Digamos duas coisas com relação a isto. Em primeiro lugar ninguém soluciona jamais um problema recusando encará-lo. Apesar da constante evasão o problema sempre estará ali. E os problemas são como as enfermidades; quanto mais recusamos encará-los, piores se tornam. Por este caminho chegaremos a um ponto em que a enfermidade se tornará incurável e o problema insolúvel. O segundo até pode ser mais sério. A psicologia nos diz que uma parte da mente jamais se detém no processo de pensar. Conscientemente podemos fugir de um problema mas nosso inconsciente o segue esquadrinhando. É como uma bala escondida no corpo que pode arruinar uma vida. Longe de brindar a paz neste mundo a evasão é o que mais pode destruí-la.

(3) Existe o caminho da *transação*. É possível chegar a certo tipo de paz com transações. De fato trata-se de um dos métodos mais comuns no mundo. Podemos buscar a paz suavizando certo princípio ou por um acordo difícil entre duas partes que não ficam plenamente satisfeitas.

Kermit Eby diz: "Podemos transigir por um tempo suficientemente longo mas chegará um dia em que devamos nos pôr de pé para prestar

contas se desejamos dormir tranquilos. A transação significa deixar sem resolver os extremos soltos das coisas. A transação, pois, inevitavelmente significa tensão ainda que se trate de uma tensão mais ou menos oculta. A tensão significa inevitavelmente uma preocupação que corrói. A transação é, portanto, inimiga da paz.

(4) Existe o caminho da *retidão*. Isto se pode expressar também de outra maneira: é o caminho da *vontade de Deus*. Para ninguém há paz enquanto não diga: "Faça-se a tua vontade". Mas uma vez que se diga isso, a paz invade a alma. Isto aconteceu até ao próprio Jesus quando foi ao jardim do Getsêmani com sua alma sob tensão, uma tensão tal que lhe fez suar sangue. Mas ali aceitou a vontade de Deus e saiu convertido num homem em paz. Tomar o caminho da retidão, aceitar a vontade de Deus significa remover a raiz do que se opõe à paz. É o único caminho que subtração para com uma paz perdurável.

O autor de Hebreus multiplica as palavras para mostrar que Melquisedeque não tem descendência. Age desta maneira para pôr em contraste o novo sacerdócio de Jesus Cristo com o antigo sacerdócio aarônico. Um sacerdote judeu não podia ser sacerdote se não demonstrava sua descendência ininterrupta desde Arão; e se um homem podia estabelecer tal descendência nada podia impedi-lo de ser sacerdote. Quando um sacerdote se casava, sua esposa, se era filha de sacerdote devia exibir uma árvore genealógica de quatro gerações; se não era filha de um sacerdote, devia apresentar sua árvore genealógica até cinco gerações anteriores. O caso estranho e quase incrível é que todo o sacerdócio judeu estava baseado sobre a genealogia. As qualidades pessoais não entravam de maneira nenhuma em conta. Mas Jesus Cristo é o verdadeiro sacerdote não por causa do que tenha herdado, mas sim por causa do que é. Seu sacerdócio está em si mesmo.

Como dissemos, o autor acumula palavras para sublinhar isto; algumas chamam a atenção. Diz que Jesus era *sem genealogia*. A palavra grega é *agenealogetos*; uma palavra que, até onde sabemos, nenhum escritor grego tinha usado antes. Bem pode ser que o autor a inventasse

em seu afã de sublinhar o fato de que o poder de Jesus não dependia de sua genealogia. Muito provavelmente é uma palavra nova para descrever um fato novo. Diz que Melquisedeque era sem pai e sem mãe. As palavras usadas são *apator* e *amator* que também são muito interessantes. No grego corrente têm certo uso. Ordinariamente descrevem os meninos abandonados e errantes e pessoas de baixa extração. Desprezava-se com menosprezo o homem que não tinha antepassados. Mas ainda mais. A palavra *apator*, *sem pai*, tem um uso técnico legal no grego dos papiros contemporâneos. Era usado nos documentos legais especialmente nas certidões de nascimento com o sentido de *pai desconhecido* e, portanto, *ilegítimo*.

Assim, por exemplo, há um papiro que fala de: "Jairemón, *apator*, pai desconhecido cuja mãe é Thases". É assombroso que o autor de Hebreus adote palavras como estas para sublinhar seu pensamento. Os escritores cristãos têm uma estranha maneira de redimir as palavras assim como de redimir homens e mulheres. Nenhuma frase parecia muito forte ao autor para insistir no fato que a autoridade de Jesus estava em si mesmo e não provinha de nenhum homem.

A GRANDEZA DE MELQUISEDEQUE

Hebreus 7:4-10

O autor de Hebreus aqui se preocupa em provar a superioridade do sacerdócio segundo a ordem de Melquisedeque sobre o sacerdócio comum. Espraia-se sobre a questão dos dízimos porque Abraão tinha pago um dízimo a Melquisedeque, a décima parte do despojo de sua vitória. A Lei sobre os dízimos está estabelecida em Números 18:20-21. Ali diz a Arão que os levitas não terão território geográfico destinado a eles na terra prometida mas receberão a décima parte de tudo pelos serviços que prestarem no tabernáculo:

"Disse também o SENHOR a Arão: Na sua terra, herança nenhuma terás e, no meio deles, nenhuma porção terás. Eu sou a tua porção e a tua

herança no meio dos filhos de Israel. Aos filhos de Levi dei todos os dízimos em Israel por herança, pelo serviço que prestam, serviço da tenda da congregação.”

Assim, pois, a Lei dava aos levitas o direito de receber dízimos, a décima parte do produto de todos os seus irmãos israelitas. De modo que agora o autor estabelece por uma série de contrastes a superioridade de Melquisedeque sobre os sacerdotes levíticos. Faz cinco diferenças.

(1) Os levitas recebem dízimo do povo e este é um direito que só eles desfrutam. Melquisedeque recebeu dízimos de Abraão não sendo membro da tribo de Levi. Agora, poderia-se argüir que isto coloca a Melquisedeque no nível dos levitas mas que não prova sua superioridade sobre estes. Por isso nosso autor adiciona outros quatro pontos.

(2) Os levitas recebiam dízimo de seus irmãos israelitas mas Melquisedeque não era israelita, mas sim estrangeiro. Além disso, não recebeu dízimos de um israelita qualquer mas sim nada menos que de uma pessoa como Abraão, o fundador da nação.

(3) Devia-se a uma ordem legal que os levitas possuíssem o direito de exigir dízimos; mas Melquisedeque os recebeu em razão do que era pessoalmente e não por determinação da Lei. Possuía tal grandeza essencial e pessoal que não precisava de um mandato legal que o autorizasse a recebê-los.

(4) Os levitas recebiam dízimos como mortais; Melquisedeque vive para sempre.

(5) Finalmente o autor elabora um argumento estranho e curioso por aquele que se desculpa de antemão. Levi era descendente direto de Abraão e o único autorizado legalmente a receber dízimos. Agora, se Levi era descendente direto de Abraão significa que estava já no corpo de Abraão. Foi este aquele que engendrou a Isaque, Isaque a Jacó e Jacó a Levi. Portanto pode argumentar-se que nesse tempo Levi estava potencialmente no corpo de Abraão. Em conseqüência, quando Abraão pagou o dízimo a Melquisedeque, também o pagou Levi porque estava

incluído no corpo de Abraão. Desta maneira Levi — o único autorizado a receber dízimos — de fato pagou o dízimo a Melquisedeque, o que constitui a prova final de que Melquisedeque era superior a Levi. Trata-se de uma argumentação em extremo inusitada. Como argumentação rabínica era sem dúvida suficientemente convincente para aqueles aos quais se destinava, apesar do fantástica que nos pareça .

Mas, por estranho que pareça, este argumento encerra uma grande verdade: o que um homem faz repercute em seus descendentes. Se um homem cometer algum pecado pode transmitir a seus descendentes já seja a tendência ao mesmo, já seja alguma tara física real ou ambas as coisas ao mesmo tempo. Se um homem viver uma vida proba e sadia transmite aos que o seguem um rico patrimônio. Levi, segundo a argumentação do escritor de Hebreus, estava afetado pelo que Abraão tinha feito. Dentro da fantasia da argumentação rabínica, fica em pé a verdade de que ninguém vive para si, mas sim transmite algo de si aos que o seguem.

O NOVO SACERDOTE E O NOVO CAMINHO

Hebreus 7:11-20

Ao ler esta passagem lembremos a idéia básica de religião sempre presente na mente do autor de Hebreus. Para ele a religião é o acesso à presença de Deus; é o que nos permite chegar a Deus como amigos, sem que nada se interponha. Esta era a comunidade que a antiga religião judia queria levar a efeito. E para isso tinha dois caminhos. Em primeiro lugar estava em seu desígnio realizar isto mediante a obediência à Lei; que o homem obedeça à Lei e se faça assim amigo de Deus; que seja sempre obediente aos mandamentos de Deus e assim tenha sempre direito ao acesso a Deus.

Mas, em segundo lugar, reconhecia-se que tal obediência perfeita estava fora das possibilidades do homem, daí que se introduziu todo o sistema sacrificial. Quando um homem era culpado de ter quebrantado a

Lei oferecia o sacrifício requerido e assim supunha-se corrigida a transgressão pelo sacrifício. Isto é o que o autor de Hebreus pensa ao dizer que o povo se tornou um povo da Lei sobre a base do sacerdócio levítico. Sem os sacrifícios levíticos para expiar as transgressões da Lei, esta teria sido completamente impossível.

Mas o sistema de sacrifícios levíticos se mostrou ineficaz para restaurar a comunidade perdida entre Deus e o homem. De fato não restabeleceu o perdido acesso a Deus. De modo que se requeria um novo sacerdócio: o sacerdócio segundo a ordem de Melquisedeque. Agora diz que este sacerdócio difere do antigo porque não depende de mandatos meramente humanos — *carnal* é a palavra grega — mas sim do poder de uma vida que é indestrutível. Cada prescrição particular que estabelecia o antigo sacerdócio tinha que ver com o corpo físico do sacerdote. Para ser sacerdote devia-se ser descendente direto de Arão, provir fisicamente dele. Mesmo assim, havia cento e quarenta e duas taras físicas que podiam desqualificá-lo; algumas delas se detalham em Levítico 21:16-23. Estas desqualificações são puramente físicas.

A cerimônia de ordenação é esboçada em Levítico 8.

(1) O banho em água por aquele que o candidato podia considerar-se ritualmente limpo.

(2) Os quatro ornamentos sacerdotais: os calções curtos de linho, a vestimenta longa também de linho e malha numa só peça; o cinto em torno do peito e o gorro ou turbante.

(3) A unção com azeite.

(4) O candidato era tocado no extremo da orelha direita, no polegar direito e no dedo gordo do pé direito com o sangue de certos sacrifícios.

Cada detalhe particular da cerimônia era algo físico que afetava o corpo do sacerdote. Uma vez ordenado devia observar determinadas abluções com água e unções com azeite e cortar o cabelo de uma determinada maneira. Todo o programa era puramente físico. Do princípio ao fim o sacerdócio judeu dependia do físico. O caráter, a

capacidade e a personalidade nada tinham que ver em tudo isto. Mas o novo sacerdócio depende de *uma vida que é indestrutível*. O sacerdócio de Cristo não depende do físico, mas sim de seu caráter, sua personalidade, seu ser, pelo que era em si mesmo. E aqui há algo revolucionário: daí em diante já não são as cerimônias externas e as observâncias as que fazem o sacerdote mas sim a dignidade interna. Mas além disto há outra grande mudança que tem derivações fundamentais. A Lei tinha estabelecido que todos os sacerdotes deviam pertencer à tribo de *Levi*; ser descendentes de Arão. Mas Jesus pertencia à tribo do Judá. Por esta razão o próprio feito de ser Ele o sacerdote supremo significa que a Lei fica ab-rogada e anulada. A palavra usada para ab-rogar é *athetesis*, terminou usual para anular um tratado, ab-rogar uma promessa, riscar o nome de alguém de um registro, tornar inoperante uma lei ou prescrição. Todos os atavios da Lei sacrificial e cerimonial foram anulados no sacerdócio de Jesus.

Finalmente Jesus pode realizar o que nunca pôde realizar o sacerdócio antigo: nos dar acesso a Deus.

Como realiza isto? O que é que priva o homem do acesso a Deus? O que é que levanta as barreiras?

(1) O *temor*. Enquanto o homem tenha medo de Deus jamais poderá sentir-se à vontade com Ele. Jesus veio para mostrar aos homens a ternura infinita do amor de um Deus cujo nome é Pai — e desaparece o tremendo medo. Agora sabemos que a única coisa que Deus quer é que voltemos ao lar não para sermos castigados, senão para sermos acolhidos entre seus braços.

(2) O *pecado*. Mas Jesus em sua cruz levou a cabo o sacrifício perfeito que expia o pecado. O temor desaparece e o pecado é vencido: assim fica aberto o caminho a Deus.

O SACERDÓCIO MAIOR

Hebreus 7:21-25

O autor de Hebreus segue acumulando provas de que o sacerdócio segundo a ordem de Melquisedeque — o sacerdócio de Jesus — é superior ao antigo sacerdócio levítico. Aqui adianta duas provas.

Em primeiro lugar, sublinha o fato de que a instituição do sacerdócio segundo a ordem de Melquisedeque foi confirmada por um juramento de Deus enquanto não foi assim com o sacerdócio comum. Faz referência ao Salmo 110:4: “*O SENHOR jurou e não se arrepende: Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque*”.

Agora, a própria idéia de que Deus jure causa surpresa. Filo o viu fazer tempo. Assinalou que a única razão para jurar é a falta de credibilidade da simples palavra humana: o juramento quer ser garantia da veracidade da palavra. Deus jamais necessita deste recurso porque é impossível que sua palavra careça de credibilidade. Portanto, se Deus alguma vez confirmou uma afirmação com um juramento deveu tratar-se de algo de importância única e extraordinária. Algo que Deus confirma com um juramento deve ser tão absolutamente imutável que se acha entretido na própria fibra do universo e deve permanecer para sempre.

Assim, pois, é possível que o sacerdócio comum possa desaparecer, mas o sacerdócio segundo a ordem de Melquisedeque não pode desaparecer; o sacerdócio de Jesus Cristo jamais passará, porque Deus não somente o instituiu, mas também recorreu ao meio assombroso e único de confirmá-lo mediante um juramento. Porque seu sacerdócio foi confirmado por um juramento, Jesus é o *fiador de uma melhor aliança*. Lembremos agora a função do sacerdócio e de toda religião, de abrir o caminho de acesso a Deus, de capacitar o homem a desfrutar de íntima amizade com Deus.

Agora nos encontramos aqui com o termo aliança. Logo teremos a oportunidade de examinar esta palavra mais atentamente e em detalhe. No momento basta dizer que uma aliança é essencialmente um acordo

entre dois; um acordo porque se uma parte atacar certas empresas a outra responderá de uma maneira determinada. Havia uma antiga aliança, um antigo acordo entre Israel e Deus. Esse acordo consistia em que se os israelitas obedeciam fielmente a lei de Deus, o caminho de acesso à sua amizade estaria sempre aberto. Em Êxodo 24:1-8 vemos a nação entrando nesta aliança. Ali Moisés toma o livro da Lei e o lê ao povo que responde: “Tudo o que falou o SENHOR faremos e obedeceremos.” (Êxodo 24:7). Isto significa que a antiga aliança estava baseada na obediência à Lei e que só podia manter-se enquanto os sacerdotes continuassem oferecendo sacrifícios por cada transgressão da Lei. Mas Jesus é o fiador de uma melhor aliança. Jesus é o fiador de um novo tipo de acordo, um novo tipo de relação entre o homem e Deus.

Onde está a diferença? Onde está a relação nova e melhor da nova aliança? A diferença consiste no seguinte: a antiga aliança se baseava na Lei, na justiça e na obediência; a nova aliança se baseia inteiramente no amor e no sacrifício perfeito de Jesus Cristo. Sob a antiga aliança o acesso a Deus dependia da obediência do homem; sob a nova, do amor acolhedor de Deus. A antiga aliança se baseava na realização do homem; a nova se baseia no amor de Deus.

E o que quer dizer o autor de Hebreus quando diz que Jesus é o *fiador* da antiga aliança? A palavra que aqui se usa para *fiador* é *eggyos*, que reveste um interesse particular. *Egyos* era aquele que dava segurança, aquele que era fiador, aquele que se tornava fiador. Usa-se por exemplo de uma pessoa que serve de fiador a outra num empréstimo bancário. Usa-se de quem paga uma fiança por um prisioneiro, garantindo que o prisioneiro comparecerá perante o tribunal. O *eggyos* é aquele que garante que algo se pagará, se chegará a produzir, que certa empresa com toda segurança será atendida. Assim, pois, o que quer dizer o autor de Hebreus é isto.

Alguém pode dizer: "Como saber que a antiga aliança, o antigo acordo entre Deus e o homem, já não tem vigência? Como saber que o acesso a Deus, a amizade com Ele, não dependem agora do cumprimento

obediente do homem mas sim exclusivamente do amor acolhedor de Deus?" A resposta é: "Jesus Cristo garante que é assim: Ele é o fiador do amor de Deus, o fiador que promete que o amor de Deus continuará contanto que tomemos a sério sua palavra." Para dizê-lo de uma maneira mais simples: devemos crer que quando olhamos a Jesus em todo seu amor, misericórdia e bondade, estamos vendo como é Deus.

Mas o autor introduz agora uma segunda prova da superioridade do novo sacerdócio, o sacerdócio de Jesus. O antigo sacerdócio não era permanente. A morte sobrevinha e os que eram sacerdotes deviam ser substituídos. Ninguém da antiga ordem sacerdotal perdurava para sempre. Mas o sacerdócio de Jesus é para sempre jamais. Agora, o que interessa nesta passagem são os matizes e implicações das palavras quase intraduzíveis que usa o autor de Hebreus. O sacerdócio de Jesus é um sacerdócio *imutável*. A palavra que usa aqui é *aparabatos*, uma palavra de uso legal: significa inviolável. Um juiz estabelece que sua decisão deve permanecer *aparabatos*, *inalterável*, *intransferível*. Descreve algo que pertence a uma pessoa e que não pode ser transferido a outra. Galeno, o escritor médico, usa-a para descrever uma lei científica absoluta que jamais pode ser violada e sobre cujos princípios está construído o próprio universo e os que lhe dão consistência.

Assim, pois, o autor de Hebreus diz que o sacerdócio de Jesus — o poder de dar aos homens o acesso a Deus e de capacitá-los para chegar a ser seus amigos — é algo que nunca lhe pode tirar, que nenhum outro pode jamais possuir, algo tão perdurável como as leis que mantêm unido o universo. Jesus jamais pode ser ultrapassado; nunca pode haver substituto algum dele. Ele é e será sempre o único caminho a Deus. Mas o autor faz outra afirmação maravilhosa sobre Jesus: *permanece para sempre*.

O verbo usado, *paramenein*, tem dois matizes característicos. Em primeiro lugar significa *permanecer em função*. Ninguém pode tirar de Jesus seu função; pela eternidade é aquele que introduz os homens perante Deus. Em segundo lugar significa *permanecer na condição de*

servo, permanecer com alguém de tal maneira que se continue sempre lhe prestando serviços.

Gregório Nacianceno estabelece em seu testamento que suas filhas *permaneçam* (*paramenein*) com sua mãe enquanto está viva; têm que estar com ela para brindar-lhe ajuda e sustento. Os papiros falam de uma moça que devia permanecer (*paramenein*) na atenção de um negócio durante três anos com a finalidade de pagar com seu trabalho uma dívida: tinha que *permanecer e servir*.

Existe um contrato em papiro que estipula que um jovem contratado como aprendiz deverá *permanecer* (*paramenein*) com seu amo tantos dias extras quantos faltou à sua obrigação: terá que *permanecer para completar seu serviço*. Assim, pois, quando o autor de Hebreus diz que Jesus *permanece para sempre*, nesta frase está incluído o pensamento surpreendente de que Jesus *permanece para sempre a serviço dos homens. Na eternidade, como foi no tempo, Jesus existe para sempre como aquele que permanece a serviço da humanidade*. Esta é a razão por que é o Salvador perfeito. Na Terra serviu aos homens, deu sua vida por eles; nos céus está ainda para interceder por eles. Na Terra viveu e morreu pelos homens; nos céus vive para defender sua causa. É sacerdote para sempre e aquele que para sempre abre a porta da amizade de Deus; aquele que está para sempre jamais a serviço da humanidade.

O SUMO SACERDOTE QUE NECESSITAMOS

Hebreus 7:26-28

O autor abunda ainda no pensamento de Jesus como sacerdote. Começa esta passagem usando uma série de grandes palavras e frases para descrever a Jesus.

(1) Jesus é *santo*. Usa a palavra *hosios* que no Novo Testamento aplica a Jesus em Atos 2:27 e 13:35 e ao Senhor em Apocalipse 15:4 e 16:5. Usa-se do bispo cristão em Tito 1:18. Aplica-se às mãos que o homem deve apresentar a Deus em oração em 1^o Timóteo 2:18. Atrás

deste termo esconde-se sempre uma idéia particular. Descreve ao homem que fiel e meticulosamente realiza sempre sua obrigação para com Deus; o homem não tanto como aparece perante seus semelhantes mas sim como aparece perante Deus. *Hosios* é o termo que expressa a maior das bondades: a que é pura à vista de Deus.

(2) Jesus é *inocente*. Em grego usa-se o adjetivo *akakos*. *Kakia* é a palavra grega para mal; o termo descreve ao homem limpo de todo mal e cheio de todo bem; o homem em sua influência sobre seus semelhantes.

Sir Walter Scott reclamava para si mesmo como escritor o não ter jamais corrompido a moral do homem ou minado sua fé. O homem *akakos* é aquele que está tão purificado que sua presença serve de anti-séptico e que em seu coração não abriga mais que a amante bondade de Deus.

(3) Jesus é *sem mancha*. A palavra grega *amiantos* descreve o homem que está absolutamente livre de qualquer mancha ou contaminação que pudesse incapacitá-lo para apresentar-se perante Deus. A vítima impura não pode ser oferecida a Deus; o homem desonrado não pode aproximar-se a Ele. Mas aquele que é *amiantos* está capacitado para entrar na presença de Deus.

(4) Jesus é *afastado dos pecadores*. Esta frase deve ser entendida em seu significado *próprio*. Não se diz que Jesus não foi realmente homem; de maneira nenhuma trata-se de privar Jesus de sua humanidade plena. Jesus estava afastado dos pecadores porque apesar de ser inteiramente homem e de confrontar todas as tentações humanas, jamais caiu em tentação alguma, mas ao contrario, superou-as e saiu delas sem pecado. A diferença entre Ele e outros homens não está em que não fora inteiramente humano, mas no fato de que Ele era a verdadeira humanidade no sentido mais alto e sublime, o homem sem pecado.

(5) Finalmente diz que Jesus *foi feito mais sublime que os céus*. Nesta frase pensa na ascensão e exaltação de Jesus. Se a última frase sublinha a perfeição da humanidade de Jesus esta sublinha a perfeição de

sua divindade. Aquele que era homem entre os homens é também aquele que foi exaltado à mão direita de Deus.

O autor ainda introduz aqui outro aspecto pelo qual o sacerdócio de Jesus Cristo era muito superior ao levítico. Antes que o sumo sacerdote pudesse oferecer sacrifícios pelos pecados do povo devia fazê-lo primeiro *por seus próprios pecados* porque era um homem pecador. O autor pensa particularmente no dia da expiação. Este era um dia solene em que se fazia a expiação por todos os pecados do povo, o dia em que o sumo sacerdote desempenhava sua função suprema. Ordinariamente era o único dia do ano em que pessoalmente oferecia sacrifícios. Outros dias os sacrifícios estavam em mãos dos sacerdotes subordinados, mas no dia da expiação oficiava o próprio sumo sacerdote.

Agora, o primeiro ato no ritual desse dia era um sacrifício pelos pecados do próprio sumo sacerdote. Lavava as mãos e os pés; depunha suas vestimentas suntuosas; revestia-se de imaculado linho branco; era-lhe trazido um novilho que tinha adquirido com seu próprio dinheiro e ele colocava as mãos sobre a cabeça para transferir ao animal seus próprios pecados, fazendo a confissão: "Oh meu Senhor e meu Deus!, cometi iniquidade; transpassei a Lei, pequei; eu e a minha casa. Oh Senhor!, vou a ti, cobre os pecados e as transgressões que cometi, as transgressões e os pecados em tua presença tanto de minha parte como de minha casa."

O maior de todos os sacrifícios levíticos começava com um sacrifício pelo pecado do próprio sumo sacerdote. Este é um sacrifício que Jesus jamais precisou fazer porque Ele não tinha pecado. O sumo sacerdote levítico era um homem pecador que oferecia o sacrifício de animais por outros pecadores; Jesus era o filho de Deus, sem pecado, que se oferecia a si mesmo pelo pecado de todos os homens. O sumo sacerdócio levítico tinha sido estabelecido pela Lei, mas o próprio juramento de Deus tinha dado a Jesus seu cargo. E porque era o que era — o Filho de Deus sem pecado — estava em perfeitas condições para seu ofício, como nenhum sumo sacerdote humano poderia jamais estar.

E agora o autor faz o que costuma fazer com frequência nesta carta. Dá um sinal para indicar a direção que empreenderá. Diz de Jesus que se *ofereceu a si mesmo*. Para um sacrifício era preciso duas coisas. O sacerdote que oferecesse o sacrifício e o próprio sacrifício. Com uma longa e intrincada argumentação, o autor demonstrou que Jesus é o perfeito sumo sacerdote; agora se encaminha para outro pensamento: Jesus não só é o perfeito sumo sacerdote mas também *a perfeita oferta*. O autor vai continuar mostrando que só Jesus pode abrir o caminho para Deus porque é o perfeito sumo sacerdote e ofereceu um sacrifício perfeito: justamente o sacrifício de si mesmo.

Nesta argumentação há muito que para nós é difícil de entender. Fala-se e se pensa em termos de ritos e cerimônias já esquecidos há muito tempo; mas há algo eterno que permanece. O homem busca a presença de Deus; seu pecado erigiu uma barreira entre ele e Deus; o homem não tem descanso até descansar em Deus; e só Jesus é o sacerdote que pode oferecer a única oferta capaz de abrir de novo aos homens o caminho a Deus.

Hebreus 8

O caminho à realidade - 8:1-6

A nova relação - 8:7-13

O CAMINHO À REALIDADE

Hebreus 8:1-6

O autor terminou descrevendo o sacerdócio segundo a ordem de Melquisedeque em toda sua glória. Descreveu-o como um sacerdócio para sempre, sem começo nem fim; um sacerdócio que Deus confirmou com um juramento; que se baseia na pessoal grandeza e não em alguma prescrição legal ou qualificação racial; que não pode ser tocado pela morte; que é capaz de oferecer um sacrifício que não necessita repetição; que é tão puro que não requer o oferecimento de um sacrifício por algum

pecado próprio. Agora faz com ênfase sua grande afirmação: "É um sacerdote; assim é precisamente aquele que temos em Jesus Cristo." Só Jesus cumpre as condições do sacerdote perfeito. E adiciona duas coisas sobre Jesus.

(1) Jesus se sentou à mão direita do trono da majestade de Deus nos céus. Esta é a prova final de sua glória. Não pode haver maior glória que a de Jesus em sua ascensão e exaltação. Sua glória é nada menos que a glória da majestade de Deus.

(2) Diz que Jesus é ministro do santuário. Esta é a prova de seu *serviço*. Jesus é único tanto em majestade como em serviço. Jamais olhou a majestade como algo que devia desfrutar-se com egoísmo ou que se lhe tivesse conferido por razão de si mesmo.

Marco Aurélio foi um dos imperadores realmente grandes de Roma. Como administrador foi insuperável. Morreu aos cinquenta e nove anos tendo trabalhado até a morte a serviço de seu povo. Foi um dos santos estóicos. Como narra seu biógrafo Capitolino, quando soube que o tinham eleito para suceder o imperador a seu devido tempo, ele se encheu de assombro em vez de alegria. Quando lhe foi dito que se mudasse à casa particular do imperador Adriano, ele abandonou com relutância a mansão de sua mãe. E quando os membros de sua casa lhe perguntaram por que o entristecia receber a adoção real, enumerou uma por uma as fadigas que a soberania acarretava. Marco Aurélio considerava o reinado em termos de serviço e não de majestade.

O lema do príncipe do Gales era: "Eu sirvo."

Jesus é o exemplo único de majestade e serviço divinos combinados. Sabia que lhe tinha sido concedido uma posição suprema não para retê-la zelosamente num esplêndido isolamento, senão para capacitar a outros a alcançá-la e compartilhá-la. Tinha recebido a glória para que outros pudessem entrar nela. NEle encontram-se a majestade e o serviço supremos.

E agora entra na descrição um pensamento que nunca esteve longe da mente do autor de Hebreus. Lembremos o que este pensava da

religião. A religião era o *acesso a Deus*; era comunhão com Deus; era o direito de entrar em sua presença. Por isso a função suprema de todo sacerdote é a de abrir aos homens o caminho a Deus. O sacerdote remove as barreiras entre Deus e os homens e constrói a ponte pela qual a pessoa pode passar para comparecer perante a presença divina.

Mas podemos expressar isto de outra maneira. Em vez de falar do *acesso a Deus* digamos *acesso à realidade*. Lembremos que todo escritor religioso tem que buscar termos acessíveis ao povo ao qual se dirige e apresentar sua mensagem numa linguagem e concepção familiares ao leitor para que ao menos toque uma corda de seu coração.

Agora, os gregos tinham sempre em suas mentes um pensamento básico com relação ao universo. Concebiam a este em termos de dois mundos: o mundo real e o irreal. Criam que em alguma parte existia um mundo de realidade; mas que este mundo do espaço e do tempo era só um mundo de sombras, de cópias pálidas e de reflexos irrealis do mundo real. Esta era a doutrina básica de Platão, o maior de todos os pensadores gregos. Cria no que chamava *formas*. Em alguma parte existia um mundo onde se encontravam os perfeitos padrões, os perfeitos arquétipos e as formas perfeitas dos quais tudo o que há neste mundo é cópia imperfeita e reflexo defeituoso. Algumas vezes estas formas se chamam *idéias*. Em alguma parte existe a idéia da cadeira da qual as cadeiras atuais são cópias imperfeitas; em alguma parte existe a idéia de um cavalo da qual todos os cavalos atuais são reflexos inadequados. Os gregos estavam fascinados com esta concepção de um mundo real do qual este mundo só é uma cópia aproximada, provisória e imperfeita. Neste mundo caminhamos nas sombras; em alguma parte existe a realidade. E o grande problema na vida é como passar deste mundo de sombras ao mundo das realidades.

O autor de Hebreus faz uso desta idéia. O templo terrestre é uma pálida cópia do verdadeiro templo de Deus; o culto terrestre é um reflexo remoto da verdadeira adoração; o sacerdote terrestre é uma sombra inadequada do verdadeiro sacerdócio que pode efetivamente levar aos

homens a Deus. Todas estas coisas indicam uma realidade mais além de si mesmos e da qual são sombras.

O autor até encontra esta idéia no próprio Antigo Testamento. Quando Moisés havia recebido de Deus as instruções sobre a construção do tabernáculo e de todos seus implementos Deus lhe disse: “Vê, pois, que tudo faças segundo o modelo que te foi mostrado no monte.” (Êxodo 25:40). Deus tinha mostrado a Moisés o modelo real e eterno do qual todo culto terreno é cópia e sombra. Assim, pois, o autor diz que os sacerdotes terrenos têm um serviço que é *figura e sombra* da ordem celestial. Para *figura e sombra* se combinam dois termos gregos: *jupodeigma* que significa *espécime* ou, melhor ainda, *esboço*; e *skia* que significa *sombra, reflexo, fantasma, silhueta*. O sacerdócio terreno é irreal e não pode conduzir os homens à realidade. Mas Jesus pode conduzi-los à realidade. Seu sacerdócio verdadeiro é o único que pode tirar os homens deste mundo de sombras para levá-los ao mundo invisível e real. Podemos dizer que Jesus nos conduz à presença de Deus e à realidade; trata-se sempre da mesma coisa. Quando o autor falava de *realidade* estava usando uma linguagem que seus contemporâneos usavam e entendiam.

No máximo que este mundo pode oferecer há alguma imperfeição; nunca chega a ser totalmente o que sabemos que deveria ser; no amor maior da Terra há ainda alguma imperfeição; no conhecimento mais alto da Terra há ainda ignorância; na maior realização humana há ainda persistentemente algum elemento de imperfeição. Nada do que alguma vez façamos, experimentemos ou obtenhamos aqui alcança inteiramente o ideal que perseguimos. O mundo real está mais além. Como dizia Browning: "O alcance de um homem deveria exceder seu logro ou, para que existe então o céu?" Quer se chame de céu, realidade, idéia ou forma ou Deus, tudo significa o mesmo; a realidade está mais além.

Segundo a posição do autor de Hebreus, só Jesus pode nos conduzir a essa realidade desejada; só Ele pode nos arrancar de uma situação atual frustrante para nos levar à realidade que dá plena satisfação. Por isso o

autor dá a Jesus um título importante; chama-o *mediador*, *mesites*. Este substantivo provém de *mesos* que neste caso significa no meio; um *mesites* é *alguém que está no meio de dois homens para uni-los*.

Quando Jó desejava desesperadamente ser de algum modo capaz de levar seu caso a Deus exclama sem esperança: “Não há entre nós árbitro que ponha a mão sobre nós ambos.” (Jó 9:33). Paulo chama Moisés o *mesites* (Gálatas 3:19) porque interveio para trazer a Lei de Deus aos homens.

Na Atenas dos tempos clássicos existia uma corporação de cidadãos, todos sexagenários, que podiam ser chamados para agir como mediadores quando surgia alguma disputa entre dois cidadãos. Tinham como primeiro dever obter a reconciliação. Em Roma existiam os *árbitros*: o juiz resolvia questões legais, mas os *árbitros* o que era matéria de equidade; seu dever era pôr fim às disputas.

Ademais, no grego legal um *mesites* era um *fiador*. Saía de fiador do amigo que estava sendo julgado e garantia uma dívida ou um crédito. O *mesites* era um homem que voluntariamente pagava a dívida de seu amigo para pôr assim as coisas em ordem; aquele que intervém entre duas partes para levá-las à reconciliação.

Jesus é nosso perfeito *mesites*: está entre a irrealidade deste mundo e a realidade do mundo verdadeiro; entre nós e Deus; abre o caminho à realidade e a Deus. É a única pessoa que pode levar a cabo esta união e reconciliação entre o homem e Deus, entre o real e o irreal. Isto equivale a dizer que Jesus é efetivamente a única pessoa que pode nos dar vida verdadeira.

Numa novela um personagem diz a outro: "Jamais soube o que era a vida até que o vi em seus olhos." Não há ninguém em nosso universo exceto Cristo que possa nos introduzir na vida verdadeira, introduzindo-nos na realidade e em Deus.

A NOVA RELAÇÃO**Hebreus 8:7-13**

Aqui o autor de Hebreus começa a tratar uma das grandes idéias bíblicas básicas: a de *uma aliança*. Na Bíblia a palavra grega que sempre se usa para aliança é *diatheke*. Como veremos existe uma razão especial para a escolha desta palavra inusitada. Comumente uma aliança é um acordo entre duas pessoas. O acordo depende de condições que ambas as partes aceitam: se alguém romper as condições da aliança, a própria aliança fica anulada.

Algumas vezes o termo usa-se no Antigo Testamento neste sentido simples. Por exemplo, aplica-se à *aliança* que os gibeonitas desejavam estabelecer com Josué (Josué 9:6); à *aliança* proibida com os cananeus (Juízes 2:2); à *aliança* de Davi com Jônatas (1 Samuel 23:18). Mas seu uso característico é descrever a relação entre Israel e Deus. “Guardai-vos não vos esqueçais da aliança do SENHOR, vosso Deus” (Deut. 4:23).

No Novo Testamento a palavra também se usa para descrever as relações entre Deus e o homem. Mas há um ponto estranho que requer explicação. A palavra grega para acordo no uso normal é *syntheke*. *Syntheke* é o termo para uma aliança matrimonial; para o acordo entre dois estados. Sempre no grego ordinário toda classe de compromisso ou acordo ou aliança é sempre uma *syntheke*. Além disso, normalmente, em grego *diatheke* significa não acordo, mas sim *testamento*.

Por que usaria o Novo Testamento esta palavra inusitada para aliança? A razão é a seguinte: *syntheke* descreve sempre um acordo em termos de igualdade. As partes que intervêm na *syntheke* estão no mesmo nível e podem negociar em igualdade de condições. Mas Deus e o homem não se encontram em igualdade de condições. No sentido bíblico de aliança toda aproximação e oferecimento procedem de Deus: é Deus aquele que vem ao homem, oferece-lhe uma relação consigo, e estabelece os termos nos quais a relação se fará efetiva. O homem não pode negociar com Deus, não pode discutir os termos e as condições da

aliança. Só pode aceitar ou rechaçar o oferecimento que Deus lhe faz mas de maneira nenhuma pode alterá-lo ou mudar seus termos.

Agora, o exemplo supremo de tal acordo é de fato um *testamento*. As condições do testamento não se dão pela igualdade dos que participam mas sim só por uma pessoa: o testador; a outra parte não pode alterá-las como não poderia tê-las estabelecido. O testamento é feito por uma só pessoa, e a outra parte só pode aceitar ou rechaçar a herança como lhe é oferecida. Esta é a razão pela qual nossa relação com Deus se descreve como *diatheke*, como uma aliança entre partes, das quais só uma é a responsável. Nossa relação com Deus é-nos oferecida só por iniciativa e graça de Deus. Como dizia Filo: "A Deus corresponde dar e ao homem sábio receber." Quando usamos a palavra aliança e pensamos em termos de contrato lembremos sempre que não pode significar um negócio do homem com Deus em paridade de condições. Significa sempre que toda a iniciativa é de Deus; os termos são postos por Deus e o homem não pode no mais mínimo alterá-los.

Agora, a antiga aliança, tão bem conhecida pelos judeus, tinha sido feita com o povo depois de proclamar a Lei. Deus aproximou-se graciosamente do povo de Israel e lhe ofereceu uma relação única e especial consigo. Mas essa relação dependia inteiramente de uma coisa: da observância da Lei. Vemos que os israelitas aceitam esta condição em Êxodo 24:1-8. A aliança de Deus com seu povo lhes oferecia uma relação especial com Ele, mas estabelecia com toda clareza que essa relação só poderia subsistir enquanto o povo obedecesse a Lei divina. O argumento do autor de Hebreus é que essa antiga aliança foi anulada e que Jesus trouxe uma nova aliança, uma nova relação com Deus.

No pensamento desta passagem podemos distinguir certas características da nova aliança de Jesus.

(1) O autor começa assinalando que a idéia de uma nova aliança não é algo revolucionário. Já se encontra no Antigo Testamento em Jeremias 31:31-34 que cita por inteiro; não é uma heresia nova e estranha que ele inventou: já estava em Jeremias séculos antes. Além

disso, o próprio fato de que a Escritura fale de uma nova aliança mostra que a antiga não era inteiramente satisfatória; de outra maneira nunca teria sido necessário mencionar uma nova aliança. Portanto é preciso notar-se que a própria Escritura tem em conta uma nova aliança e assinala assim que a antiga não era de modo algum perfeita.

(2) Esta aliança não só será nova; será *qualitativamente diferente*. Em grego há duas palavras para *novo*. *Neos* descreve algo novo do ponto de vista do tempo. Uma coisa que é *neos* pode ser uma cópia exata de suas antecessoras, mas nova do ponto de vista do tempo por ter sido feita com posterioridade. Pelo contrário *kainos* significa *novo* não só do ponto de vista do tempo, mas também da qualidade. Algo que é uma simples reprodução é novo no sentido de *neos*, mas não no sentido de *kainos*. Agora, esta aliança que se introduz é *kainos*, não meramente *neos*: difere qualitativamente da aliança antiga. De fato o autor usa duas palavras para descrever a aliança antiga. Diz que é *geraskon* que significa não só *envelhecido* mas também *em decadência*. Diz que está próximo a *afasnismos*. Agora, *afasnismos* é a palavra que se usa para arrasar uma cidade, apagar uma inscrição ou abolir inteiramente uma lei; indica uma eliminação ou anulação total. Desta maneira a aliança que Jesus introduz é nova qualitativamente e anula a antiga, eliminando-a totalmente.

(3) No que é nova esta aliança? É *nova em seu alcance*. Incluirá a *casa de Israel e a casa do Judá*. Agora, mil anos antes, nos dias de Roboão, o reino se dividiu em dois: Israel com dez tribos e Judá com duas. Duas partes que nunca voltaram a unir-se de novo. a nova aliança uniria o que se tinha dividido, eliminaria os cismas, faria com que os antigos inimigos achassem a unidade.

(4) É *nova em sua universalidade*. Todos os homens do menor até o maior conhecerão a Deus. Isto era algo inteiramente novo. Na vida comum dos judeus havia uma divisão completa. De um lado estavam os fariseus e ortodoxos que observavam a Lei; do outro lado os que eram chamados depreciativamente "o povo da terra". Estes eram o povo comum e simples que não observava plenamente todos os detalhes da

Lei ritual. Por isso eram o objeto de todo desprezo. Estava proibido ter vinculação alguma com eles; casar uma filha com um deles era tão mau ou pior que lançá-la às feras selvagens; era proibido viajar com eles e na medida do possível ter relacionamento ou negócio com eles. Para os observantes rigorosos da Lei o povo comum não pertencia à boa sociedade. Mas na nova aliança não existiam mais brechas nem fissuras. Abrangeria todos os homens. Já não existiria uma classe especialmente privilegiada. Todos os homens — sábios e ignorantes, grandes e pequenos — chegariam a conhecer ao Senhor. As portas que tinham estado fechadas se haviam totalmente aberto.

(5) Mas havia uma diferença ainda mais fundamental. a antiga aliança dependia da obediência a uma lei que se impunha externamente. *A nova aliança seria escrita nas mentes e nos corações dos homens.* Para expressá-lo de outra maneira, os homens obedeceriam a Deus não levados pelo medo ou o castigo, mas sim porque o amavam; não porque a Lei ordenasse fazê-lo forçosamente, mas sim porque o desejo de obedecê-lo estaria escrito em seus próprios corações. Não seria uma lei externa, obedecida com relutância; o desejo de obedecer estaria no próprio coração do homem.

(6) Seria uma aliança *cujo resultado seria realmente o perdão.* Vejamos agora como terá lugar este perdão. Deus havia dito *que teria consideração de suas iniquidades e esqueceria os seus pecados.* Agora, todo isto é de Deus. A nova relação se baseia inteiramente no amor de Deus. Sob a antiga aliança o homem só podia manter esta relação com Deus obedecendo à Lei, quer dizer, mediante seu próprio esforço. Agora pelo contrário tudo depende não do esforço do homem, mas sim da graça, do amor e da misericórdia de Deus. A nova aliança coloca os homens em relação a um Deus que é ainda o Deus de justiça, mas cuja justiça é eclipsada por seu amor. O mais tremendo da nova aliança é que a relação do homem com Deus já não depende da obediência humana, mas sim inteiramente do amor de Deus.

Ainda é preciso adicionar algo mais. Nas palavras de Jeremias sobre a nova aliança não há nenhuma menção do sacrifício. Pareceria que Jeremias cria que na nova era o sacrifício seria abolido por carecer de pertinência; mas o autor não pode pensar a não ser em termos do sistema sacrificial; e muito em breve falará de Jesus como do sacrifício perfeito, cuja morte unicamente fez possível aos homens a nova aliança.

Hebreus 9

A glória do tabernáculo - 9:1-5

A única entrada à presença de Deus - 9:6-10

O sacrifício que abre o caminho a Deus - 9:11-14

A única maneira pela qual os pecados podem
ser perdoados - 9:15-22

A purificação perfeita - 9:23-28

A GLÓRIA DO TABERNÁCULO

Hebreus 9:1-5

O autor da carta acaba de refletir sobre Jesus como Aquele que nos conduz à realidade. Empregou a idéia de que neste mundo só temos sombras e pálidas cópias do que é verdadeiramente real. O culto que o homem pode realizar é só uma cópia pálida e uma sombra fantasmagórica do culto real que somente Jesus, o sumo sacerdote, pode oferecer. Mas até ao pensar nisto sua mente retrocede ao tabernáculo. Lembremos que no que está pensando é no tabernáculo e não no templo. Com carinho evoca sua beleza e formosura; detém-se em suas posses inestimáveis. O pensamento que sua mente trabalha é o seguinte: se este culto terrestre era tão belo, atrativo e comovedor, quanto mais o será o verdadeiro culto? Se toda a preciosidade do tabernáculo era só uma sombra da realidade, quão sumamente bela será a própria realidade? Não fala do tabernáculo em detalhe, mas sim alude a alguns de seus tesouros. Não precisava deter-se em minúcias porque seus leitores conheciam sua

grandeza e a tinham gravada na memória. Mas nós a ignoramos. Portanto, vejamos qual era a beleza do tabernáculo terrestre, lembrando sempre que só era uma pálida cópia e uma sombra da realidade.

A descrição principal do tabernáculo do deserto está em Êxodo 25-31 e 35-40. Deus disse a Moisés: “E me farão um santuário, para que eu possa habitar no meio deles.” (Êxodo 25:8). E foi construído com as dádivas dadas voluntariamente pelo povo (Êxodo 25:1-7); e o povo foi tão generoso e liberal em suas oferendas, que teve que ordenar que deixassem de dar (Êxodo 36: 5-7). O átrio do tabernáculo tinha 45 metros de comprimento por 22,50 de largura. Estava rodeado por um cerco protetor semelhante a uma cortina de linho entretecido, de 2,25 m de altura. O tecido de linho branco fazia as vezes de muro santo que circundava a presença de Deus. A cortina estava sustentada por vinte colunas nos lados Norte e Sul e dez nos extremos Este e Oeste; tais colunas estavam inseridas em bases de metal e tinham um capitel de prata. Havia uma só porta, para o Este, de nove metros de largura por 2,25 m de alto. Era feita de linho fino trabalhado em azul, púrpura e escarlata. No mesmo átrio encontravam-se dois elementos. O *altar de bronze* que era quadrado e tinha 2,25 m de lado por 1,35 m de altura e era feito de madeira de acácia e recoberto de metal. Em sua parte superior tinha um ralo de bronze sobre o qual se colocava o sacrifício e quatro chifres aos quais se atava a oferta. O *lavatório*, feito com espelhos metálicos das mulheres (naquela época não existiam espelhos de vidro), e cujas dimensões não se dão. Os sacerdotes se lavavam nessa água para purificar-se antes de levar a cabo seus deveres sagrados.

O *tabernáculo* em si estava construído com quarenta e oito vigas de acácia, de 4,50 m de altura por 0,68 m de largura, recobertas de ouro puro e inseridas em conchas de prata. Estavam ligadas entre si por varas externas e por uma viga mestra que as atravessava pelo centro. O tabernáculo estava dividido em duas partes. A primeira — dois terços do total — era o *lugar santo*; a parte interior — um terço do total — um cubo de 4,50 m de lado, era o *lugar santíssimo*. A cortina que separava o

lugar santo era sustentada por 5 colunas de bronze e feita de linho fino trabalhado em azul, púrpura e escarlate.

O *lugar santo* continha três elementos.

(1) *O candelabro de ouro* encontrava-se na parte Sul e estava esculpido num talento de ouro sólido cujo valor seria de uns doze mil e quinhentos dólares; as lâmpadas eram alimentadas com azeite puro de oliva e estavam sempre acesas.

(2) Na parte Norte encontrava-se *a mesa dos pães da proposição*. Estava feita de madeira de acácia coberta de ouro: tinha 0,90 m de comprimento, 0,45 m de largura e 0,68 m de altura. Ali se colocavam cada sábado doze pães, em duas filas de seis, feitos da farinha mais fina. Somente os sacerdotes podiam comer estes pães quando eram retirados. Trocavam-se cada sábado.

(3) *O altar do incenso* era de madeira de acácia recoberta em ouro; era quadrado de 0,45 m de lado por 0,90 de altura. Nele queimava-se incenso pela manhã e pela tarde simbolizando as orações do povo que se elevavam a Deus.

Diante do *lugar santíssimo* encontrava-se o *véu* feito de fino linho torcido e recamado em escarlate, púrpura e azul e com um querubim em cima. Dentro do *lugar santíssimo* ninguém podia entrar, senão apenas o sumo sacerdote e num só dia do ano: o dia da expiação. Isto tinha lugar só depois da mais minuciosa preparação. Dentro do *lugar santíssimo* estava o *arca do testemunho* que continha três objetos: o *recipiente de ouro do maná*; a *vara de Arão* que tinha brotado e as *tábuas da Lei*. Era feita de madeira de acácia recoberta *de ouro* por dentro e por fora. Tinha 1,10 m de comprimento por 0,68 m de largura e 0,68 m de altura. A tampa chamava-se o *propiciatório*; sobre ele estavam os dois querubins de ouro maciço com suas asas estendidas por cima. Ali estava a própria presença de Deus, porque Deus havia dito: "E dali declararei a ti, e falarei contigo de sobre o propiciatório, dentre os dois querubins que estão sobre o arca do testemunho"

O autor de Hebreus pensa em toda esta beleza, que só era uma sombra da realidade. Mas ainda tem em mente outra coisa da qual voltará a falar. O israelita comum só podia entrar até o portal do átrio do tabernáculo; os sacerdotes e os levitas no átrio; somente os sacerdotes podiam entrar no lugar santo e ninguém senão o sumo sacerdote no lugar santíssimo. Havia beleza em tudo isto, mas uma beleza na qual o homem comum estava excluído da presença de Deus. Jesus Cristo eliminou as barreiras e abriu a todo homem o caminho ao segredo da presença de Deus. Em Cristo a porta fechada se havia totalmente aberto.

A ÚNICA ENTRADA À PRESENÇA DE DEUS

Hebreus 9:6-10

Vimos que os sacerdotes podiam entrar no átrio e no lugar santo do tabernáculo e que somente o sumo sacerdote podia fazê-lo no lugar santíssimo. O único dia do ano atribuído para isto era o *dia da expiação*. E aqui o autor está pensando nas cerimônias desse dia. Não precisava descrevê-las a seus leitores que as conheciam. Para eles tratava-se das cerimônias religiosas mais sagradas do mundo. Mas como nós não as conhecemos devemos adquirir alguma idéia das mesmas para penetrar na mente do autor. A descrição principal das mesmas encontra-se em Levítico 16.

Em primeiro termo devemos nos perguntar qual é a idéia que se esconde atrás do dia da expiação. Como vimos, a relação entre Israel e Deus era uma relação de aliança. O pecado de Israel rompeu esta relação, e todo o sistema sacrificial tinha o sentido de expiar o pecado e restabelecer as relações quebradas. Mas, o que sucedia se ficavam pecados sem expiar? Se havia pecados dos quais o homem não tinha consciência por causa de sua própria pecaminosidade? Qual era a saída se porventura o altar, o templo e o próprio lugar santo eram manchados e profanados? E se neste caso ninguém se dava conta disso? Em outras palavras, qual era a situação se todo o sistema sacrificial não cumpria a

função que tinha? O que sucedia então? O sumário de todo o dia da expiação está em Levítico 16:33.

“Fará expiação pelo santuário, pela tenda da congregação e pelo altar; também a fará pelos sacerdotes e por todo o povo da congregação.”

O dia da expiação era um grande ato geral de expiação por todos os pecados e toda a impureza. Era um dia grande em que as coisas e as pessoas eram purificadas, no qual toda impureza e todo pecado eram eliminados, de modo que a relação entre Israel e Deus podia continuar inquebrantável. Tratava-se com este propósito de um dia de humilhação. “Afligireis a vossa alma” (Levítico 16:29). O dia da expiação não era dia de festa mas sim de jejum: todos jejuavam, até os jovens e as donzelas. O judeu muito piedoso se preparava, jejuando durante os dez dias precedentes. O dia da expiação cai dez dias depois de começar o novo ano judeu, quer dizer, por volta de princípios de setembro segundo nosso calendário. Era o dia mais importante do ano na vida do sumo sacerdote. Em realidade ele existia para esse dia e para as cerimônias e sacrifícios que então se levavam a cabo.

Vejamos pois o que sucedia. Bem de manhã o sacerdote se purificava com um banho e se revestia com as suntuosas vestimentas de seu ofício que usava só nesse dia: os calções de linho branco e a grande túnica branca que chegava até os pés, tecida numa só peça.

Sobre a túnica, a *vestimenta chamada de estola sacerdotal*, de azul escuro; era longa e tinha no extremo uma franja com borlas azuis, púrpura e escarlata atas em forma de granada e alternadas com um número igual de pequenas cascavéis de ouro. Sobre esta vestimenta se colocava a própria *estola sacerdotal*, que era provavelmente uma espécie de túnica de linho bordada em escarlata, púrpura e ouro, com uma bandagem bem trabalhada. Nos ombros tinha duas pedras de ônix em cada uma das quais estavam gravados os nomes de seis das tribos. Na túnica estava o *peitoral*, de um palmo de lado, que continha doze pedras

preciosas com os nomes gravados das doze tribos. Desta maneira o sumo sacerdote levava o povo de Deus em seus ombros e em seu coração.

Na placa do peito estavam o *urim* e o *tumim*, que significa *luzes e perfeições* (Êxodo 28:30). Não se sabe com exatidão no que consistiam o *urim* e o *tumim*. É sabido que o sumo sacerdote os consultava quando desejava conhecer a vontade de Deus. Pode ser que se tratasse de um diamante precioso e valioso em que estiveram escritas as consoantes YHWH que correspondem no nome do Iavé, o nome de Deus. Em sua cabeça o sumo sacerdote colocava a alta mitra de linho fino, sendo que nela ia atada com uma cinta azul uma placa de ouro na qual estavam as palavras: "Santidade ao Senhor." É fácil imaginar a figura deslumbrante do sumo sacerdote nesse seu dia maior.

O sumo sacerdote começava fazendo todas as coisas que correspondiam a cada dia. Queimava o incenso da manhã; realizava o sacrifício matutino e arrumava as luzes das lâmpadas no candelabro de sete braços. Vinha então a primeira parte do ritual especial do dia. Vestido ainda com suas vestimentas pomposas, sacrificava um bezerro, sete cordeiros e um carneiro (Números 29:7). Depois tirava suas vestimentas suntuosas, lavava-se novamente com água e se revestia da simples pureza do linho branco. Era-lhe levava um bezerro adquirido com seus próprios recursos, colocava suas mãos sobre a cabeça do mesmo e de pé à vista do povo confessava seus próprios pecados e os pecados de sua casa:

"Oh, Senhor Deus!, cometi iniquidade, transgredi, pequei eu e minha casa. Oh, Senhor!, suplico-te cobrir (expiar) as iniquidades, transgressões e pecados cometidos perante ti: de minha parte e de parte de minha casa; assim como está escrito na lei de Moisés seu servo, 'porque neste dia te cobrirá (expiará) para te tornar limpo. De todas as suas transgressões diante do Senhor será purificado¹."

Pelo momento o bezerro era deixado diante do altar. Então seguia uma das cerimônias exclusivas do dia da expiação. Dois bodes aguardavam e junto a estes uma urna com duas sortes. Numa destas

estava escrito *para Iavé* e na outra *para Azazel*. Tiravam-se as sortes e as colocava sobre a cabeça de cada animal. Um pedaço de gênero vermelho em forma de língua se atava a um chifre do animal *para Azazel*, que em linguagem vulgar se denomina "bode expiatório". Nesse momento ficavam ali. Logo o sacerdote dirigia-se ao bezerro que estava ao lado do altar e o matava. Abria-lhe a garganta e o sangue era recolhido numa vasilha por um sacerdote. A vasilha era mantida em movimento para que o sangue não se coagulasse durante seu uso. Vinha então o primeiro dos grandes momentos. O sumo sacerdote tomava brasas do altar e as colocava num incensário; tomava incenso e o colocava num prato especial. E logo entrava no lugar santíssimo para queimar incenso na própria presença de Deus. Estava estabelecido que não devia deter-se muito tempo "para que Israel não se aterrorizasse". O povo literalmente observava contendo o alento; e quando o sumo sacerdote saía da presença de Deus se percebia um suspiro de alívio.

Quando o sumo sacerdote saía do lugar santíssimo tomava a vasilha com o sangue do bezerro e retornava ali. Com o sangue aspergia sete vezes acima e sete vezes abaixo dentro do santíssimo. Saía e matava o bode emissário que estava marcado *para Iavé*. Ingressava de novo com seu sangue e fazia uma nova aspersão. Novamente saía e mesclava o sangue do bezerro com o sangue do bode emissário e aspergia sete vezes os chifres do altar do incenso e o próprio altar. O que ficava da sangue se deixava ao pé do altar do holocausto. Desta maneira o lugar santíssimo, o lugar santo e o altar eram purificados de qualquer possível contaminação. A expiação se fazia mediante o sangue.

Tinha lugar então a cerimônia mais impressionante. Fazia-se adiantar o "bode expiatório". O sumo sacerdote lhe impunha suas mãos, confessava seus próprios pecados e o pecado do povo e o bode emissário carregado com estes pecados era conduzido ao deserto, "à terra desabitada" onde era sacrificado. Esta era a vítima expiatória que carregava os pecados do povo.

O sacerdote retornava então para preparar para o sacrifício o bezerro e o bode emissário mortos. Vestido ainda com suas vestimentas de linho, lia as Escrituras :— Levítico 16; 23:27-32, e repetia de cor Números 29:7-11. Logo orava pelo sacerdócio e o povo. Voltava a purificar-se com água e se vestia outra vez suas roupas deslumbrantes. Sacrificava primeiro um cabrito pelos pecados do povo; depois fazia o sacrifício normal da tarde; e logo sacrificava as partes já preparadas do bezerro e do bode emissário. Então voltava a purificar-se; tirava suas vestimentas e voltava a colocar a túnica branca; e entrava por quarta e última vez no lugar santíssimo para retirar o incensário que ardia ali. Outra vez se purificava com água; outra vez se revestia de suas vistosas vestimentas; logo queimava a oferenda de incenso da tarde; avivava as lâmpadas do castiçal de ouro; e com isso terminava seu trabalho. De noite realizava uma festa porque tinha estado na presença de Deus e tinha saído com vida.

Tal era o ritual do Dia da Expição. O dia destinado a purificar de pecado todas as coisas e todas as pessoas. Este era o quadro que estava na mente do autor de Hebreus. E fazia bom uso dele. Mas havia algumas coisas em sua mente. Todos os anos essa cerimônia devia repetir-se. Todos estavam afastados da presença de Deus, exceto o sumo sacerdote, e até este entrava aterrorizado. A purificação era uma limpeza puramente externa por meio de banhos de água. O sacrifício era de bois e bodes e sangue de animais — tudo o qual fracassava, porque tais coisas não podem expiar o pecado.

Em tudo isso o autor de Hebreus vê uma pálida cópia da realidade, um fantasmagórico padrão do único verdadeiro sacrifício — o sacrifício de Cristo. Era um nobre ritual, algo cheio de dignidade e formosura, mas era só uma sombra sem valor alguém. O único sacerdote e o único sacrifício que podem abrir o caminho a Deus a *todos* os homens, é Jesus Cristo

O SACRIFÍCIO QUE ABRE O CAMINHO A DEUS**Hebreus 9:11-14**

Quando buscamos entender o significado desta passagem, devemos começar lembrando três coisas que são básicas e fundamentais no pensamento do autor de Hebreus, e que não se apartam jamais de sua mente e seu pensamento. As três coisas são:

(1) A religião é o acesso a Deus. A função de toda religião é levar o homem à presença de Deus.

(2) Este mundo é um mundo de pálidas sombras e cópias imperfeitas; para além deste mundo está o mundo das realidades. A função de todo culto é pôr o homem em contato com as realidades eternas. Para isso que estava destinado o culto e o ritual do tabernáculo; mas o tabernáculo terreno era uma pálida cópia do verdadeiro tabernáculo, o celestial; o culto terrestre é um reflexo remoto do verdadeiro culto; e só o verdadeiro tabernáculo e o verdadeiro culto podem dar acesso à realidade.

(3) Não pode haver religião sem sacrifício. A pureza é algo custoso; o acesso a Deus exige pureza; de algum modo deve ser expiado o pecado do homem; sua impureza deve ser limpeza de algum modo. E até que isto aconteça não pode haver acesso dos homens a Deus. Com estas idéias em mente, o autor de Hebreus passa a mostrar que Jesus é o único sumo sacerdote que pode levar os homens a Deus; e que só ele traz um sacrifício que pode abrir o caminho para Deus; e que esse sacrifício é Ele próprio.

Assim, pois, para começar, o autor refere-se a alguns dos grandes sacrifícios que os judeus costumavam fazer sob a antiga aliança com Deus.

(1) Figurava o sacrifício de *bodes*. Com isto ele se refere-se a dois dos grandes sacrifícios do Dia da Expição — o sacrifício do bezerro que o sumo sacerdote oferecia por seus próprios pecados, e o sacrifício do "bode expiatório" que era conduzido ao deserto levando sobre si os

pecados do povo (Levítico 16:15,2, 22). Já vimos o papel que desempenhavam estes sacrifícios no ritual do Dia da Expição.

(2) Figurava o sacrifício da *novilha vermelha*, cujo estranho ritual se descreve em Números 19. Segundo a Lei cerimonial judia, se alguém tocava um cadáver ficava poluído. Ficava separado do culto de Deus e tudo o que tocasse – pessoas ou coisas – ficava poluído. Havia para isto um método de purificação, cujo ritual era o seguinte. matava-se uma novilha vermelha fora do acampamento. O sacerdote aspergia o sangue da novilha sete vezes diante do tabernáculo. Logo queimava-se o corpo do animal junto com madeira de cedro e hissopo e uma parte de pano vermelho. As cinzas resultantes eram colocadas fora do acampamento em lugar limpo, e constituíam uma purificação do pecado. Tanto a origem como o significado deste ritual são totalmente desconhecidos. Deve ter sido muito antigo, tão antigo que estava envolto na escuridão.

Os judeus diziam que uma vez um gentio interrogou o rabino Jocanan Ben Zaceo sobre o significado deste rito, e comentou que lhe parecia pura superstição e magia; a resposta do rabino foi que tinha sido ordenado pelo Santo e que os homens não deviam inquirir sua razões, e que o assunto devia ficar sem explicação. Em todo caso, ainda que o significado e a origem estejam mais além de toda explicação, o certo é que constituía um dos grandes ritos sagrados dos judeus.

O autor fala destes sacrifícios e declara que o sacrifício que Jesus ofereceu é muito maior e mais eficaz. Em primeiro termo devemos perguntar o que entende por *o maior e mais perfeito tabernáculo*, o tabernáculo não feito de mãos e que realmente leva os homens perante a presença de Deus. Trata-se de uma questão difícil para a qual ninguém pode dar uma resposta indiscutível. Mas os antigos investigadores a respondiam em geral de uma maneira: diziam que o novo tabernáculo que conduz os homens à própria presença de Deus não era outro senão corpo de Jesus. Jesus veio à Terra num corpo, num tabernáculo. E ao vir assim trouxe Deus aos homens e levou os homens à presença de Deus. É outra maneira de expressar o que afirmava João: “Quem me vê a mim vê

o Pai” (João 14:9). O culto do tabernáculo antigo estava destinado a levar os homens perante a presença de Deus. Isto podia realizá-lo só da maneira mais imperfeita e pálida. O advento de Jesus leva real e verdadeiramente os homens perante a presença de Deus porque nele Deus veio a este mundo do tempo e do espaço em forma humana. Ver Jesus é ver como é Deus.

Agora devemos perguntar no que radica a enorme superioridade do sacrifício que Jesus ofereceu. Em três pontos.

(1) Os antigos sacrifícios purificavam o corpo do homem de impurezas rituais; o sacrifício de Jesus purifica as almas dos homens. Devemos lembrar sempre que em teoria todo sacrifício purificava dos pecados contra a Lei ritual e contra os requerimentos da Lei; não purificava dos pecados de presunção que provêm do coração arrogante. Por exemplo o caso da novilha vermelha. Não era a impureza *moral* a que este sacrifício podia eliminar; não havia purificação do *pecado*; o que podia purificar provinha da impureza cerimonial e corporal como conseqüência de ter tocado um corpo morto. O corpo do homem podia ser purificado no sentido ritual, mas seu coração estar atormentado pelo remorso, angustiado pela compunção. Podia sentir que lhe estava aberto o ingresso ao tabernáculo e, entretanto, encontrar-se longe da presença de Deus. Podia sentir que a barreira ao culto ritual estava removida, enquanto seguia fechada a porta à presença de Deus. O sacrifício de Jesus tira da *consciência* do homem a carga de culpa. Jesus por sua vida e sua morte trouxe aos homens a imagem do amor de Deus para que saibam que o caminho a um Deus que ama desta maneira está sempre totalmente aberto. Os sacrifícios de animais da antiga aliança podiam deixar o homem afastado de Deus; o sacrifício de Jesus mostra a um Deus cujos braços estão sempre estendidos para conosco e cujo coração é só amor.

(2) O sacrifício de Jesus brinda uma redenção eterna. A idéia é que os homens estavam sob o domínio do pecado; baixo sua escravidão. E assim como deve pagar um preço para libertar um homem da escravidão,

assim também deve-se pagar o preço para libertar o homem do pecado. O homem está tão envolto no pecado que não pode por si mesmo libertar-se dele. Para ter liberdade requer-se o poder de Cristo.

(3) O sacrifício de Cristo capacita o homem a deixar as obras de morte e converter-se em servo do Deus vivo. Quer dizer, que Jesus não só ganha o perdão para o estado pecaminoso do homem, mas também o capacita para que sua vida futura seja uma vida santa e boa. O sacrifício de Jesus não olha só ao passado, mas também ao futuro. Não só faz com que o homem esteja perdoado, mas também que seja bom. Não só paga uma dívida, mas também concede uma vitória. Jesus pôs o homem em boas relações com Deus e o que faz o capacita a manter essas relações. O fato da cruz oferece aos homens o amor de Deus eliminando o terror; a presença do Cristo vivo brinda aos homens o poder de Deus para ganhar diariamente uma vitória sobre o pecado.

Westcott estabelece quatro modos nos quais o sacrifício de Jesus difere dos sacrifícios de animais do antigo pacto.

(1) O sacrifício de Jesus é *voluntário*. Um animal morre porque tem que morrer; Jesus *escolheu* a morte. O animal é-lhe tirado a vida; Jesus *deu* sua vida. O sacrifício de Jesus não foi uma exigência forçada mas sim *entregou voluntariamente a vida* por seus amigos.

(2) O sacrifício de Jesus foi *espontâneo*. O sacrifício de um animal fazia-se de acordo com as prescrições e ordenanças da Lei, era inteiramente *produto da Lei*; o sacrifício de Jesus é inteiramente *produto do amor*. Pagamos a dívida a um comerciante porque devemos fazê-lo mas damos um presente aos que amamos porque desejamos fazê-lo. Não é a Lei mas sim o amor o que está por trás do sacrifício de Jesus.

(3) O sacrifício de Jesus foi *racional*. A vítima animal não sabia o que sucedia ou o que se fazia, não pensava nem raciocinava. Jesus sabia todo o tempo o que estava fazendo. Morreu não como vítima ignorante apanhada por circunstâncias que não controla nem entende, mas com os olhos abertos sabendo de onde vinha, aonde ia e o que estava fazendo.

(4) O sacrifício de Jesus foi *moral*. O sacrifício de animais era mecânico: o ritual era levado a cabo de acordo com a norma estabelecida. As engrenagens das prescrições moíam sua rotina. O sacrifício de Jesus se fez, como o expressa o autor, mediante *o espírito eterno*. Não foi um mecanismo legal o que operou no sacrifício de Jesus mas sim o Espírito de Deus. O que aconteceu no Calvário não foi o cumprimento automático de algum ritual, mas sim porque a vontade de Jesus obedecia à vontade divina em favor dos homens, atrás dEle não estava o mecanismo da Lei, mas sim a decisão do amor.

A ÚNICA MANEIRA PELA QUAL OS PECADOS PODEM SER PERDOADOS

Hebreus 9:15-22

Esta é uma das passagens mais difíceis de toda a carta. Não terá sido difícil para os que a leram pela primeira vez, porque estavam familiarizados com seu método de argumentação e expressão e suas categorias de pensamento, que para nós são totalmente estranhos.

Como vimos, a idéia de *aliança* é básica no pensamento do autor da Carta; com *aliança* queria indicar uma relação entre Deus e o homem. Agora, a primeira *aliança* dependia da observância da Lei. Tão logo o homem quebrou a Lei, a aliança se tornou ineficaz. Lembremos a idéia básica de nosso autor sobre o significado e a função da religião. A religião significa o acesso a Deus. Por esta razão o significado básico da *nova aliança* que Jesus Cristo trouxe e inaugurou, é que os homens tenham acesso a Deus, que — para dizê-lo de outra maneira — possam ter *comunhão* com Deus. Mas aqui está a dificuldade. Os homens vêm à nova aliança já manchados com os pecados e as desobediências cometidas sob a antiga aliança; vivem com a culpa de ter transgredido a Lei com pecados que o antigo sistema sacrificial era impotente para expiar. Assim, pois, o autor tem um pensamento tremendo — diz que o sacrifício de Jesus Cristo é retroativo. Quer dizer, que o sacrifício de

Cristo é capaz de eliminar as conseqüências dos pecados cometidos sob a antiga aliança e de inaugurar a comunhão que se promete para a nova aliança.

Agora, tudo isto parece muito difícil e complicado mas no coração de tudo há duas grandes verdades eternas. Em primeiro lugar o sacrifício de Jesus obtém o perdão de nosso passado pecaminoso. Teríamos que ser castigados pelo que fizemos, deveríamos ser lançados longe de Deus por todos os nossos pecados e desobediências. Mas em razão do que Jesus fez o passado está apagado, a dívida fica cancelada, Deus pôs atrás de si nossos pecados, a transgressão é perdoada e são eliminadas as barreiras. Em segundo lugar, o sacrifício de Jesus nos abre uma nova vida futura. Abre-nos o caminho da comunhão com Deus. O Deus de quem nossos pecados tinham feito um estranho fez-se amigo pelo sacrifício de Cristo. Por meio de Jesus Cristo nos abre novamente a possibilidade de viver uma vida diária de amizade e comunhão com Deus. Pelo que Jesus fez e pelo que é, o peso do passado desaba e a vida futura se torna uma vida com Deus.

Mas este é o próximo passo no argumento que nos parece construído em forma fantástica. A pergunta que está na mente do autor é a seguinte: Por que esta nova relação com Deus inclui a *morte* de Cristo? Por que *Ele* teve que morrer antes que a nova relação se tornasse efetiva e operante? O autor de Hebreus responde a esta questão de duas maneiras.

(1) Sua primeira resposta se baseia — algo incrível para nós — nada menos que num trocadilho. Já vimos que aliança corresponde a *diatheke*. Mas também que o uso de *diatheke* no sentido de aliança é caracteristicamente cristão, enquanto que o significado secular era *testamento*. Agora, antes do versículo 16 o autor tinha usado *diatheke* no sentido normal cristão de aliança; e de repente, sem aviso nem explicação, passa ao sentido de *testamento*. Agora, um testamento não se torna efetivo e operante enquanto não morre o testador; a morte do testador é um pré-requisito sem o qual o testamento não é efetivo.

Assim, pois, o autor diz que nenhuma *diatheke*, *testamento*, pode ser efetivo enquanto não intervenha a morte do testador. Por isso a nova aliança, a nova *diatheke*, *aliança*, não pode fazer-se efetiva sem a morte de Jesus Cristo.

Evidentemente trata-se de um argumento meramente verbal e que de maneira nenhuma convence a mentalidade moderna. Mas deve-se lembrar que a fundamentação de um argumento no jogo de significados de uma mesma palavra era de fato um método favorito entre os investigadores alexandrinos da época em que se teria escrito a Carta. De fato este mesmo argumento, para nós tão fantástico e pouco convincente teria sido considerado nos dias do autor da Carta uma peça mestra e de extrema penetração. Tal argumentação teria sido saudada com um respeito cheio de admiração e não com uma surpresa incrédula.

(2) Sua segunda resposta retrocede ao sistema sacrificial hebreu. Dá até o mesmo versículo fundamental de Levítico 17:11: “Porque a vida da carne está no sangue. Eu vo-lo tenho dado sobre o altar, para fazer expiação pela vossa alma, porquanto é *o sangue que fará expiação em virtude da vida.*” “Sem efusão de sangue não pode haver expiação do pecado”, era de fato um princípio hebraico bem conhecido e estabelecido definitivamente. Assim, pois, o autor retrocede na inauguração da primeira aliança sob Moisés na ocasião em que o povo tinha aceito a Lei como condição de sua especial relação com Deus. Ali nos diz como se fez o sacrifício e como Moisés “tomou metade do sangue e o pôs em bacias; e a outra metade aspergiu sobre o altar”. E depois que leu o livro da Lei e o povo deu a entender sua aceitação “tomou Moisés aquele sangue, e o aspergiu sobre o povo, e disse: Eis aqui o sangue da aliança que o SENHOR fez convosco a respeito de todas estas palavras” (Êxodo 24:1-8).

É muito certo que a memória do autor não foi inteiramente fiel nesta evocação. Introduce bezerras, bodes, escarlate e hissopo que provêm do ritual do dia da expiação porque este dia estava tão gravado em sua mente. Fala da aspersion de um tabernáculo que naquela época

ainda não tinha sido construído; mas novamente é o tabernáculo aquele que está tão gravado em sua mente. A idéia básica sublinha que não pode ocorrer purificação alguma, que não se pode ratificar uma aliança sem aspersão de sangue. *Por que* deve ser assim, não sabe e não lhe é perguntado. A Escritura diz que é assim e isto lhe basta para sua argumentação. A razão provável é que na estimativa do hebreu o sangue é a vida e esta é a coisa mais preciosa do mundo. O homem deve oferecer a Deus a coisa mais preciosa da vida.

Agora, tudo isto retrocede a um ritual que só possui um interesse de museu. Mas no fundo há um princípio eterno que será válido enquanto o mundo perdure. Este princípio é: *O perdão é algo custoso; o perdão humano é custoso.* Um filho ou uma filha podem ter-se equivocado e um pai ou uma mãe ter perdoado; mas esse perdão produziu lágrimas, tirou cãs, deixou sulcos no rosto, uma aguda angústia e logo uma dor surda no coração. Não é que não custou nada. É preciso pagar o preço de um coração destroçado. *O perdão divino é custoso.* Deus é amor mas é também *santidade*. Deus é o último de todos em poder quebrantar as grandes leis morais sobre as quais está edificado o mundo. O pecado deve ter seu castigo para que não se desintegre a própria estrutura da vida. E somente Deus pode pagar o preço terrível e necessário antes que o homem seja perdoado. O perdão nunca consiste em dizer: "Está bem; não aconteceu nada." O perdão é a coisa mais custosa do mundo. Sem aspersão do sangue do coração não pode haver remissão nem perdão de tão surpreendente violência como o contemplar o efeito de seu pecado. Não há nada que faça repensar o homem com pecado numa pessoa que o ame, ou em Deus que o ama para sempre, e dizer-se a si mesmo: "*Isto é o que custou o perdão de meu pecado.*" Quando há perdão alguém deve ter sido crucificado.

A PURIFICAÇÃO PERFEITA**Hebreus 9:23-28**

Aqui o autor pensa ainda na suprema eficácia do sacrifício de Jesus, e começa com um vôo de pensamento que até para um escritor tão aventureiro como ele é surpreendente. Lembremos novamente seu pensamento básico. O culto deste mundo é uma pálida cópia do culto real. Neste mundo há um culto que pode brindar ao homem uma sombra da verdadeira comunhão com Deus; no mundo vindouro há um culto pelo qual o homem conhecerá realmente a Deus. Agora, o autor diz que neste mundo os sacrifícios levíticos estavam destinados a purificar os meios de culto. Por exemplo, os sacrifícios do Dia da Expição purificavam o tabernáculo, o altar, o lugar santo; e agora ele continua dizendo que a obra de Cristo purifica *não só a Terra mas também o céu*. Tem a tremenda idéia de que a obra de Cristo tem efeito tanto no céu como na Terra. Tem-se o quadro de uma espécie de redenção cósmica que purificou todo o universo visível e invisível.

Continua sublinhando de novo o modo em que a obra e o sacrifício de Cristo são supremos.

(1) Jesus não entrou num lugar santo humano, feito pelo homem; entrou na presença de Deus no céu. O que Jesus nos concede não é a entrada numa igreja, mas sim a entrada à presença de Deus. Temos que pensar no cristianismo não em termos de ser membros da Igreja, mas em termos de uma íntima comunhão com Deus.

(2) Cristo entrou na presença de Deus não por si mesmo, mas por nós. Sua entrada na presença de Deus não foi para sua glória e exaltação, senão para nos abrir o caminho; para estar na própria presença de Deus e defender nossa causa. Em Cristo existe o maior paradoxo do mundo: a da maior glória e a do maior serviço ao mesmo tempo; a de alguém por quem o mundo existe e que existe para o mundo; a do Rei eterno e do eterno Servo.

(3) O sacrifício de Cristo se fez e não precisa ser realizado de novo. O ritual do Dia da Expição devia repetir-se anualmente fazendo-se expiação pelo que bloqueava o caminho a Deus. Mas o sacrifício de Cristo jamais precisa ser repetido. O caminho a Deus fica aberto para sempre e jamais pode ser fechado de novo. Os homens são sempre pecadores e o serão, mas isto não significa que Cristo deva continuar oferecendo-se a si mesmo indefinidamente. O caminho está aberto de uma vez para sempre. Podemos sobre este ponto traçar uma pálida analogia. Há coisas que só precisam ser feitas uma só vez, e um novo caminho que nunca tem que ser fechado, permanece aberto para sempre.

Tomemos o caso da técnica cirúrgica. Durante muito tempo muitas operações cirúrgicas foram impossíveis; certo dia algum cirurgião encontrou o modo de salvar as dificuldades. Desde esse momento o caminho está aberto a todos os cirurgiões; a mesma cura está ao alcance de todos os que padecem da enfermidade. De uma vez para sempre o caminho está aberto. Podemos também expressá-lo de outra maneira: Ao que Cristo fez em favor dos homens pecadores para abrir e manter aberto o caminho ao amor de Deus ninguém jamais precisará acrescentar nada.

Finalmente o autor traça um paralelo entre a vida do homem e a vida de Cristo.

(1) O homem morre e logo vem o juízo. Agora, para o grego isto constituía em si um sobressalto. Em geral o grego pensava que o homem morria e assim chegava a seu fim

"Uma vez que a terra bebe o sangue do homem", dizia Esquilo, "morre de uma vez para sempre e não há ressurreição."

Eurípides diz: "Não pode ser que o morto vá à luz." "Porque a única perda é esta: que nunca o mortal volta a provar de novo; jamais a vida do homem apesar da riqueza pode ser ganha de novo."

Como Homero faz Aquiles dizer quando chega ao mundo das sombras: "Prefiro viver sobre a Terra como um assalariado, como um homem sem terra, de escassos meios de vida, que tendo domínio sobre todos os mortos que não existem mais."

Um singelo epitáfio grego diz:

"Adeus, tumba de Melite! Aqui jaz a melhor das mulheres, que amou a seu amante marido Onésimo; você foi a mais excelente, por isso ele sente saudades depois de sua morte; porque foi a melhor das esposas. Adeus também a você, mui querido esposo, somente ama a meus filhos."

Como G. Lowes Dickinson percebe, no grego, frente à morte a primeira e a última palavra deste epitáfio é "Adeus!" A morte era o fim. Quando Tácito paga tributo com uma biografia ao grande Agrícola só pode terminar com um "se".

"Se houver uma morada para os espíritos dos justos; se, como dizem os sábios, as almas não perecem com o corpo, que descanse em paz."

"Se" for a única palavra. Marco Aurélio pode dizer que quando um homem morre e sua centelha volta a perder-se em Deus tudo o que fica é "pó, cinzas, ossos e fedor". O significativo desta passagem de Hebreus é a convicção básica de que o homem ressuscitará; esta é parte da certeza do credo cristão; e a advertência básica é que ressuscita para o juízo.

(2) Com Cristo é diferente — Cristo morre, ressuscita e volta; vem não para ser julgado, senão para julgar. A Igreja primitiva jamais esqueceu a esperança na segunda vinda. Vibrava através de sua fé. Mas devemos notar algo: para o não crente tratava-se de um dia de espanto, como o expressa Enoque quando fala do dia do Senhor escrevendo antes da vinda de Cristo: "Para todos vós que sois pecadores não há salvação, mas sim sobre todos vós sobrevirá. a destruição e a maldição." De algum modo terá que vir a consumação. Se neste dia Cristo vier como amigo, então só pode tratar-se de um dia de glória; se vier, como um estranho ou como alguém a quem consideramos inimigo, só poderá tratar-se de um dia de juízo. O homem pode olhar o fim das coisas com alvoroçada expectativa ou com um terror assustador. O que faz a diferença é a relação do coração com Cristo.

Hebreus 10

O único sacrifício verdadeiro - 10:1-10

A finalidade de Cristo - 10:11-18

O que Cristo significa para nós - 10:19-25

A ameaça que se abriga no coração das coisas - 10:26-31

O perigo de apartar-se - 10:32-39

O ÚNICO SACRIFÍCIO VERDADEIRO**Hebreus 10:1-10**

Para o autor de Hebreus toda a questão sacrificial era só uma pálida cópia do que deveria ser o culto verdadeiro e real. Todo o trabalho da religião consistia em levar o homem a uma íntima e estreita relação com Deus, dar-lhe a liberdade e o acesso pleno à sua presença. Isto é o que os outros sacrifícios jamais podiam realizar. O mais que podiam fazer era dar ao homem um espasmódico e distante contato com Deus. O autor usa duas palavras para dar-se a entender. Diz que estas coisas são uma *sombra* (grego, *skia*), que significa um reflexo pálido e nebuloso, um mero contorno ou uma silhueta, uma forma sem realidade nem substância. Diz que não são *a imagem real*; aqui usa a palavra *eikon* que significa *representação completa, reprodução detalhada*. De fato pode significar *retrato*, e teria significado fotografia, se naquela época tivesse existido tal coisa. Efetivamente, diz: "Sem Cristo não podem ir mais além das sombras de Deus." E oferece uma prova.

Ano após ano e para sempre continuavam os sacrifícios do tabernáculo e especialmente os do Dia da Expição. Repetiam-se incessantemente. Agora, se uma coisa é eficaz não precisa ser repetida; faz-se e obtém seu efeito sem que haja necessidade de repeti-la. O próprio fato da repetição diária e anual destes sacrifícios é a prova final de que *não* purificam as almas dos homens e não brindam um acesso pleno e ininterrupto a Deus. De fato nosso autor vai mais além. Tudo o que são esses sacrifícios — diz — não é mais que um *aviso do pecado*.

Longe de purificar o homem de seu pecado, tudo o que fazem é lembrá-lo que não está purificado e que seu pecado ainda se interpõe entre ele e Deus.

Tracemos uma analogia. Suponhamos que um homem cai doente. É-lhe prescrito um frasco de medicamento. Se este medicamento for eficaz e obtém realmente a cura, daí em diante cada vez que olhar o frasco exclamará: "Foi isto o que me curou; foi isto o que me devolveu a saúde." Pelo contrário, se a medicina for ineficaz e encontra-se em pior estado que nunca, cada vez que contemplar o frasco lembrará simplesmente que está doente e que o medicamento recomendado foi inútil e impotente. Desta maneira o autor de Hebreus diz com veemência profética: "O sacrifício de animais é impotente para purificar o homem, de eliminar seu pecado, de dar-lhe o acesso a Deus; tudo o que tais sacrifícios podem efetuar é continuar lembrando o homem que ainda é um pecador doente; que ainda as barreiras de seu pecado se interpõem entre ele e Deus." Longe de erradicar seu pecado o sublinham.

O único sacrifício eficaz é o de Jesus Cristo. Como se explica isto? Para ir ao essencial e explicar o que tem em mente, o autor cita o Salmo 40:6-9:

"Sacrifícios e ofertas não quiseste; abriste os meus ouvidos; holocaustos e ofertas pelo pecado não requeres. Então, eu disse: eis aqui estou, no rolo do livro está escrito a meu respeito; agrada-me fazer a tua vontade, ó Deus meu; dentro do meu coração, está a tua lei. Proclamei as boas-novas de justiça na grande congregação; jamais cerrei os lábios, tu o sabes, SENHOR."

Mas nosso autor cita a passagem em forma diferente; na segunda linha diz: "Antes, um corpo me formaste."

A diferença se explica porque não cita o original hebraico do Antigo Testamento mas sim a versão grega dos LXX. Em torno do ano 270 a.C se começou em Alexandria do Egito a tarefa de traduzir o Antigo Testamento do original hebraico ao grego. No mundo antigo eram muitos mais os que liam grego que os que liam hebreu. É muito provável que o autor não conhecesse absolutamente o hebraico, e por

esta razão usa a versão grega dos LXX, ou Septuaginta. Em cada caso o significado das duas frases é o mesmo. “Abriste os meus ouvidos” significa, “De tal maneira me tocaste que a tudo o que escuto obedeco.” O salmista pensa no ouvido aberto e obediente. “Um corpo me formaste” significa efetivamente: “Criaste-me para que, em meu corpo e com meu corpo, faça a tua vontade.” Em essência o significado é o mesmo.

Qual é portanto o argumento do autor? Toma as palavras do salmo e as põe nos lábios de Jesus. O salmo diz que Deus não deseja sacrifícios de animais, *senão obediência à sua vontade*. O único sacrifício que Deus deseja do homem é a *obediência*. Em sua essência o sacrifício é algo nobre; significava que o homem tomava algo que era caro ou precioso ou valioso para ele e o entregava a Deus para lhe manifestar seu amor. Mas sendo o que é a natureza humana, era fatalmente fácil que a idéia do sacrifício degenerasse. Era fácil pensar no sacrifício como um meio para comprar o perdão de Deus. O sacrifício deveria ser essencialmente sinal e objeto de amor e devoção; de fato freqüentemente se tornou uma maneira em que alguém cria estar pagando o preço do perdão divino.

Agora, o autor não diz nada novo quando afirma que a obediência é o único verdadeiro sacrifício. Muito antes os profetas tinham visto como o sacrifício degenerava e se dirigiram ao povo dizendo que o que Deus desejava não era o sangue e a carne dos animais, mas sim a obediência do homem. Este é precisamente um dos pensamentos mais nobres dos homens de Deus do Antigo Testamento.

“Porém Samuel disse: Tem, porventura, o SENHOR tanto prazer em holocaustos e sacrifícios quanto em que se obedeça à sua palavra? Eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar, e o atender, melhor do que a gordura de carneiros.” (1 Samuel 15:22).

“Oferece a Deus sacrifício de ações de graças e cumpre os teus votos para com o Altíssimo” (Salmo 50:14).

“Pois não te comprazes em sacrifícios; do contrário, eu tos daria; e não te agradas de holocaustos. Sacrifícios agradáveis a Deus são o espírito quebrantado; coração compungido e contrito, não o desprezarás, ó Deus.” (Salmo 51:16-17).

“Pois misericórdia quero, e não sacrifício, e o conhecimento de Deus, mais do que holocaustos.” (Oséias 6:6).

“De que me serve a mim a multidão de vossos sacrifícios? —diz o SENHOR. Estou farto dos holocaustos de carneiros e da gordura de animais cevados e não me agrado do sangue de novilhos, nem de cordeiros, nem de bodes. ... Não continueis a trazer ofertas vãs ... o incenso é para mim abominação... Pelo que, quando estendeis as mãos, escondo de vós os olhos; sim, quando multiplicais as vossas orações, não as ouço, porque as vossas mãos estão cheias de sangue... cessai de fazer o mal. Aprendei a fazer o bem.” (Isaías 1:10-20).

“Com que me apresentarei ao SENHOR e me inclinarei ante o Deus excelso? Virei perante ele com holocaustos, com bezerros de um ano? Agradar-se-á o SENHOR de milhares de carneiros, de dez mil ribeiros de azeite? Darei o meu primogênito pela minha transgressão, o fruto do meu corpo, pelo pecado da minha alma? Ele te declarou, ó homem, o que é bom e que é o que o SENHOR pede de ti: que pratiques a justiça, e ames a misericórdia, e andes humildemente com o teu Deus.” (Miquéias 6:6-8).

Sempre houve vozes que clamavam em nome de Deus que o único sacrifício era o da obediência. Nada fora da obediência pode abrir o caminho a Deus. A desobediência, o egoísmo e a rebelião erigem barreiras que nenhum sacrifício de animal pode anular. Esta é a razão por que Jesus é o sacrifício perfeito: *porque fez perfeitamente a vontade de Deus*. ofereceu-se a si mesmo, pôs à disposição seu corpo e disse: "Faze de mim o que queiras; faça-se a tua vontade". Disse que sua comida e sua bebida era fazer a vontade de seu Pai. Fez pelos homens o que nenhum homem jamais teria sido capaz de realizar; ofereceu pelo homem um sacrifício que ninguém estava em condições de fazer;

obedeceu de uma maneira perfeita e completa e, portanto, seu sacrifício foi perfeito e completo.

Se temos que ter comunhão com Deus e acesso familiar à sua presença, o caminho da obediência é o único caminho. O que o homem não podia fazer, Jesus realizou-o. O que o homem não podia oferecer isso é o que Jesus ofereceu. Jesus veio a esta Terra, fez-se homem e em sua humanidade perfeita ofereceu uma obediência perfeita. O sacrifício perfeito já foi devotado e temos o caminho aberto de uma vez para sempre.

A FINALIDADE DE CRISTO

Hebreus 10:11-18

Novamente nesta passagem o autor traça uma série de contrastes implícitos entre o sacrifício devotado por Jesus e o de animais que os sacerdotes ofereciam.

(1) Sublinha *a suficiência do sacrifício de Jesus*: fez-se uma vez e é eficaz para sempre. Os sacrifícios de animais dos sacerdotes devem repetir-se cada dia da vida e mesmo assim não são realmente eficazes. Cada dia enquanto o templo esteve em pé se deviam levar a cabo os seguintes sacrifícios matutinos e vespertinos (Números 28:3-8). Todas as manhãs e todas as tardes se oferecia como *holocausto* um cordeiro macho de um ano e sem defeito nem mancha. No transcurso destes fazia-se a *oferenda de alimento* que consistia num décimo de um efa de farinha fina mesclada com um quarto de him de azeite puro.

Além disso havia uma *oferenda de bebida* que consistia num quarto de him de vinho. Ainda se deve adicionar a *oferta diária de comida do sumo sacerdote* consistente num décimo de efa de farinha fina mesclada com azeite e cozida numa frigideira; uma metade se oferecia pela manhã e a outra metade pela tarde. Além disso havia uma oferta de *incenso* antes das ofertas matutinas e depois das vespertinas. Enquanto o templo

existiu continuou esta rotina de sacrifícios, como o girar de uma ordem sacerdotal.

Moffat fala de "os carregadores levíticos" que dia após dia continuavam oferecendo esses sacrifícios. O processo não tinha fim, e quando tudo estava dito e feito os homens ficavam ainda conscientes de seus pecados e alienados de Deus.

Em contraste com isto Jesus fazia seu sacrifício, o qual não podia ser repetido, nem o devia ser.

(a) Não *podia* ser repetido. Em toda obra grande há algo que não se pode repetir. É possível repetir a música rítmica do jazz até o infinito. Esta música tem um ar familiar; em grande medida um tom repete e ecoa o outro. Mas é impossível repetir a quinta ou nona sinfonias de Beethoven. Ninguém escreverá jamais algo semelhante; são únicas. É possível repetir certo tipo de poesia que aparece em revistas sentimentais ou em postais natalinos, mas é impossível repetir o verso livre do teatro de Shakespeare ou os hexâmetros da *Ilíada* de Homero. Estas são obras únicas.

Há certas coisas que podem copiar-se, reproduzir-se e repetir-se; outras podem produzir algo muito similar e igualmente bom. Mas todas as obras geniais têm a qualidade de ser irrepetíveis. Isso é justamente o que as torna a obra do gênio: são produções definitivas. Podem ser admiradas e estudadas e podem servir como inspiração; mas jamais podem ser repetidas. Ocorre o mesmo com o sacrifício de Cristo: é *sui generis*, é único; é uma dessas peças mestras que se fizeram uma vez e jamais podem-se voltar a fazer.

(b) Não *precisa* repetir-se. Por que? Por duas razões. Em primeiro lugar *o sacrifício de Jesus mostra perfeitamente o amor de Deus*. Em sua vida de serviço e em sua morte de amor se mostra plenamente o coração de Deus. Ao ver Jesus amar os homens na vida e amá-los até a morte, podemos dizer: "Assim é Deus." Na vida e na morte de Jesus temos a revelação completa de Deus.

Em segundo lugar, *a vida e a morte de Jesus foram um ato de perfeita obediência e, por esta razão, o único sacrifício perfeito*. Toda a Escritura, em seu sentido mais profundo, declara que o único sacrifício que Deus deseja é a obediência; e este é justamente o sacrifício que Deus recebeu na vida e morte de Jesus. A perfeição não pode ser melhorada: está sozinha e sua forma é exclusiva. Em Jesus encontra-se ao mesmo tempo a perfeita revelação de Deus e a perfeita oferenda de obediência. Portanto o sacrifício de Jesus não pode e não precisa ser repetido jamais. Os sacerdotes podem continuar a pesada rotina de seus sacrifícios animais; mas o sacrifício de Cristo foi feito de uma vez para sempre.

(2) Sublinha *a exaltação de Jesus*. O autor escolhe suas palavras com tino. Os sacerdotes ofereciam seus sacrifícios em *pé*; Cristo se *sentou* à mão direita de Deus. Aqueles têm uma posição de servos; a sua é a posição de um soberano. Jesus é o Rei que voltou para casa; sua tarefa está cumprida e sua vitória ganha. Há tal *totalidade* na vida de Jesus que faremos bem em nos deter aqui por um momento. Sua vida é incompleta sem sua morte; sua morte é incompleta sem sua ressurreição; sua ressurreição é incompleta sem sua volta à glória. É o mesmo Jesus que viveu, morreu, ressuscitou e está à mão direita de Deus. Não é simplesmente um santo que viveu uma vida admirável nem um mártir que morreu uma morte heróica; não é somente um personagem ressuscitado e restaurado que voltou a caminhar sobre a Terra para acompanhar a seus amigos. É o Senhor da glória. Sua vida é semelhante a uma tapeçaria de painéis. Ver um painel é ver só uma pequena parte da história. A tapeçaria deve ser contemplada em sua totalidade para poder ver o desenvolvimento da história e descobrir toda sua grandeza.

(3) Sublinha *o triunfo final de Jesus*, quem aguarda a submissão final de seus inimigos. Nada pode deter esse destino. No final chegará um universo em que Jesus Cristo será a suprema cabeça.. Como chegará a suceder isto não nos é dado sabê-lo; mas seja-nos permitido pensar que essa submissão final não consistirá no esmagamento, quebrantamento e extinção de seus inimigos, mas na submissão a seu amor. Depois de tudo

não é tanto o poder quanto o amor de Deus o que levará a cabo a conquista final.

Finalmente, segundo seu costume, o autor arremata o argumento com uma citação da Escritura. Cita Jeremias 31:33-34. Aqui o profeta fala da nova aliança que não será imposto ao homem de fora, mas sim estará escrito em seu coração. Esta passagem termina: "E nunca mais me lembrarei de seus pecados e transgressões." Em Jesus a nova aliança — a nova relação entre Deus e o homem — teve lugar; e pelo que Jesus foi, fez e é as barreiras do pecado foram eliminadas para sempre.

O QUE CRISTO SIGNIFICA PARA NÓS

Hebreus 10:19-25

Agora o autor de Hebreus chega às aplicações práticas de tudo o que expôs; da teologia passa à exortação prática. É um dos teólogos mais profundos do Novo Testamento, mas toda sua teologia está dominada pelo instinto pastoral. Não pensa meramente pelo prazer de pensar ou pela emoção da satisfação acadêmica e intelectual. Pensa só que pode apelar mais vigorosamente aos homens para que entrem na presença de Deus.

Começa dizendo três coisas sobre Jesus.

(1) *Jesus é o caminho vivo rumo à presença de Deus.* Diz que nós entramos na presença de Deus através do véu, quer dizer, através da carne de Jesus. Trata-se de um pensamento complicado mas com o seguinte alcance. Diante do lugar santíssimo no tabernáculo estava o véu que excluía e separava da presença de Deus. Para que os homens pudessem entrar na presença de Deus esse véu teria que ter sido rasgado em dois a fim de que essa presença pudesse revelar-se. Agora, a carne de Jesus é o que velava sua divindade.

Carlos Wesley interpreta assim aos homens em seu belo hino: "Velada na carne vejam a divindade."

Quando a carne de Jesus foi rasgada sobre a cruz então os homens viram verdadeiramente a Deus. Toda a vida de Jesus nos mostra a Deus; mas é na cruz onde se revela em forma real e definitiva o amor de Deus. Assim como o rasgar do véu do tabernáculo abriu o caminho à presença de Deus, também o rasgar da carne de Cristo revelou a grandeza total do amor de Deus. Em Jesus temos, pois, alguém que nos abre o caminho a Deus, mostrando-nos seu amor e oferecendo a Deus um sacrifício perfeito e uma perfeita obediência.

(2) *Jesus é o sumo sacerdote de Deus, sobre a casa de Deus, nos céus.* Como vimos tão freqüentemente, a função do sacerdote era a de tender uma ponte entre o homem e Deus. Assim, pois, para expressá-lo de uma maneira muito simples, Jesus não só nos mostra o caminho a Deus, mas também nos introduz em sua própria presença. Jesus não só nos mostra o caminho que conduz a Deus, mas também nos leva como sumo sacerdote à sua presença. Pelo que fez, já não há nada que nos feche suas portas ou nos bloqueie o caminho.

(3) *Jesus é aquele que realmente pode purificar.* No ritual sacerdotal, como vimos, os utensílios sagrados eram purificados pela aspersão do sangue dos sacrifícios. O sumo sacerdote se lavava e se purificava no lavatório de água limpa. Mas estas coisas eram em definitiva ineficazes para remover a própria mancha do pecado. Só Jesus pode purificar efetivamente o coração e o corpo do homem. Sua purificação não é externa. Por sua presença e seu Espírito purifica os pensamentos mais íntimos do coração e os desejos mais recônditos do ser humano até que fica realmente limpo.

Daqui o autor passa a insistir conosco a fazermos três coisas.

(1) *Aproximemo-nos da presença de Deus.* Quer dizer, não esqueçamos nunca o dever do culto. A todo homem é dado viver em dois mundos. Vive neste mundo feito de espaço e tempo e vive no mundo do espírito e das coisas eternas. Corremos o perigo de nos ver tão envolvidos neste mundo de coisas terrenas que esqueçamos o outro. Pela manhã, ao começar a jornada, pela tarde, no fim do dia; e várias vezes em meio das

atividades diárias devemos apartar-nos, ainda que seja por um momento ou um segundo, para entrar na presença de Deus. Todo homem leva consigo seu próprio segredo; mas muitos são os que se esquecem de entrar nele.

(2) *Mantenhamo-nos firmes em nosso credo.* Quer dizer, nunca deixemos de nos aferrar ao que cremos. As vozes da zombaria e do cinismo tentam nos arrancar a fé; o materialismo com seus argumentos pretende levar-nos a esquecer de Deus; os acontecimentos da vida podem ser tais que conspirem para comover nossa fé.

Stevenson foi quem disse que cria no decoro último das coisas, e que se despertasse no inferno ainda creria nisso. Devemos nos aferrar à fé em tal forma que nada possa nos soltar.

(3) *Dediquemos nossas mentes à tarefa de pensar em outros.* Lembremos que somos cristãos não só por nossa própria causa, mas também por causa dos demais. Ninguém jamais salvou sua alma dedicando todo o seu tempo e energia para salvá-la. Muitos salvaram suas almas, interessando-se tanto em outros que se esqueceram de si mesmos e da própria salvação. É fácil ser arrastado a um cristianismo egoísta; mas um cristianismo egoísta é uma *contradictio in terminis*.

Mas o autor de Hebreus passa a esboçar nosso dever para com outros da maneira mais prática. Este dever se estende em três direções.

(1) *Devemos nos estimular mutuamente a uma vida nobre.* O melhor que podemos fazer é dar bom exemplo. Podemos lembrar outros de suas tradições, seus deveres, seus privilégios, suas responsabilidades quando provavelmente as estiverem esquecendo. Tem-se dito que um santo é alguém em quem Cristo se revela. Podemos sempre buscar estimular outros ao bem mostrando-lhes a Cristo.

Lembremos como aquele jovem soldado morreu dirigindo seu olhar a Florence Nightingale e murmurando: "Você é Cristo para mim."

(2) *Devemos render um culto comunitário.* Entre aqueles a quem estava escrevendo o autor de Hebreus havia alguns que abandonavam o hábito de congregar-se. É possível que alguém pense ser cristão e

entretanto abandone o hábito de congregar-se para render culto com o povo de Deus na casa de Deus e no dia de Deus.

Pode ser que busque constituir-se no que Moffat chamava "uma partícula piedosa", um cristão isolado. Moffat distingue três razões que podem apartar o cristão do culto comunitário com outros.

(a) Pode ser que não vá à Igreja por *temor*. Pode ser que se envergonhe de mostrar sua lealdade vendo ao ser visto ingressar na Igreja. Pode ser que viva e trabalhe em meio de gente que se ri dos que vão à Igreja. Pode ser que tenha amigos não acostumados a este tipo de coisas e tema sua crítica e menosprezo. Pode ser que tente constituir-se num discípulo secreto; mas bem se disse que ser um discípulo às escondidas é algo impossível porque ou "o ser discípulo mata o segredo ou o segredo mata a condição de discípulo". Seria bom lembrar que fora de qualquer outra coisa ir à Igreja é demonstrar onde está nossa lealdade. Mesmo quando o sermão seja pobre e o culto tedioso, a Igreja nos dá ainda a oportunidade de mostrar aos homens de que lado estamos.

(b) Pode não ir à Igreja por *chateação*. Talvez desgoste do povo comum e preferiria evitar o contato com os que não são como ele. Há Igrejas que são mais clubes que Igrejas. Isto pode ocorrer em bairros em que a posição social veio a menos e os membros que permanecem fiéis se sentem tão confundidos como prazerosos se os pobres e os habitantes dos bairros baixos afluem à Igreja. Jamais devemos esquecer que não existe algo assim como um homem "comum" na presença de Deus. Cristo morreu por *todos* os homens e não somente pelas classes respeitáveis.

(c) Pode não ir por *vaidade*. Talvez creia sinceramente que não necessita da Igreja; que intelectualmente está mais além do nível de sua prédica. O esnobismo social pode ser mau mas o espiritual e intelectual é pior. O homem mais sábio é néscio perante Deus e o mais forte é fraco no momento da tentação. Não há ninguém que possa viver a vida cristã e negligenciar sua participação na Igreja. Se alguém pensa que deve agir assim lembre que vai à Igreja não só para tirar proveito, mas também

para dar; não só deve ir receber, mas também para fazer sua própria contribuição à vida da Igreja. Se sentir que a Igreja tem falhas, é seu dever fazer-se presente e ajudar emendá-las.

(3) *Devemos nos animar mutuamente.* Um dos maiores deveres humanos é o de animar. Elifaz rendeu involuntariamente um grande tributo a Jó: “As tuas palavras têm sustentado aos que tropeçavam” (Jó 4:4).

Barrie escrevia assim a Cynthia Asquith: "Seu primeiro instinto é sempre telegrafar ao Jones as coisas bonitas que Brown dizia a Robinson dele. Desta maneira semeaste muita felicidade." É fácil rir dos ideais humanos; é fácil jogar água fria sobre o entusiasmo e desanimar a outros. O mundo está cheio de gente que desalenta. Nós temos o dever cristão de animar-nos mutuamente. Muitas vezes uma palavra de elogio, de agradecimento, de avaliação ou de estímulo consegue impedir que alguém desabe. Bem-aventurado é o homem que fala de tal maneira.

Finalmente o autor diz que nosso dever cristão mútuo é tão mais premente porque o tempo está curto. O dia se aproxima. Pensa na segunda vinda de Cristo quando as coisas, tal como as conhecemos, terão fim. A Igreja primitiva vivia nesta expectativa. Seja esta nossa atitude ou não, devemos compreender, entretanto, que ninguém sabe quando chegará a nós também a chamada para nos levantar e partir. No tempo que temos nosso dever é fazer a todos o bem que pudermos como pudermos.

A AMEAÇA QUE SE ABRIGA NO CORAÇÃO DAS COISAS

Hebreus 10:26-31

De vez em quando o autor de Hebreus fala com uma severidade que quase não tem paralelo no Novo Testamento. Há poucos escritores que possuam tal sentido de horror e terror frente ao pecado. Nesta passagem seu pensamento retrocede à sinistra descrição feita em Deuteronômio 17:2-7. Ali estabelece-se o seguinte quando se prova que alguém foi

após deuses estranhos, rendendo-lhes culto: “Então, levarás o homem ou a mulher que fez este malefício às tuas portas e os apedrejarás, até que morram. Por depoimento de duas ou três testemunhas, será morto o que houver de morrer; por depoimento de uma só testemunha, não morrerá. A mão das testemunhas será a primeira contra ele, para matá-lo; e, depois, a mão de todo o povo; assim, eliminarás o mal do meio de ti.”

O autor tem este terror ao pecado por duas razões. Em primeiro termo, vivia numa época em que a Igreja era constantemente o alvo dos ataques. O maior perigo que corria a Igreja estava no possível mal viver e a apostasia de seus membros. Uma Igreja não podia em tais circunstâncias permitir o luxo de cobrir membros que fossem uma má propaganda para a fé cristã. Esta classe de gente teria significado uma trava insuperável. Em tais circunstâncias a Igreja não podia permitir-se ter apóstatas. Seus membros deviam ser fiéis ou não ser membros. Na época do autor a lealdade fazia-se a necessidade suprema e absoluta de uma Igreja que queria sobreviver. Isto ainda hoje é verdade.

Dick Sheppard dedicou grande parte de sua vida à pregação ao ar livre a pessoas que eram hostis ou indiferentes à Igreja. De suas perguntas, argumentos e críticas dizia ter aprendido que "a maior trava que a Igreja tem é a vida insatisfatória dos cristãos professos".

O cristão insatisfatório foi e é aquele que mina os próprios fundamentos da Igreja.

Em segundo lugar, o autor de Hebreus tinha certeza de que o pecado se tornou duplamente sério por motivo do novo conhecimento de Deus e de sua vontade trazido por Jesus Cristo. Um dos antigos teólogos escreveu um tipo de catecismo. No final termina perguntando o que acontece se o homem menospreza a verdade e a apelação do oferecimento de Jesus Cristo. Sua resposta é que o resultado necessário é a condenação, "e tanto mais *porque leu este livro*". Quanto maior é o conhecimento, tanto maior é o pecado. A convicção do autor de Hebreus era que se já sob a Lei antiga a apostasia era algo terrível, tinha-se voltado duplamente atroz agora que Cristo tinha vindo.

A seguir nos dá três definições do pecado.

(1) *Pecar é pisotear a Cristo.* Pecar é pisar o oferecimento do amor. O pecado não é meramente rebelar-se contra a Lei, mas sim além disso ferir o amor. O homem pode resistir quase qualquer ataque contra seu corpo; mas o que o prostra inteiramente é a quebra do coração.

Conta-se que nos dias de terror de Hitler, um homem na Alemanha tinha sido detido, julgado, torturado e lançado ao campo de concentração. Ele tinha enfrentado tudo impertérrito, com coragem, saindo vitorioso e incólume das provas. No final seu corpo estava destroçado mas sua cabeça erguida e seu espírito invencível. Então se descobriu acidentalmente quem era aquele que primeiro tinha prestado relatório contra ele: o delator a quem se deveu seu arresto era seu próprio filho. Esta descoberta o destroçou e morreu. Pôde suportar o ataque inimigo, mas foi destroçado pelo ataque de alguém a quem amava.

Quando César foi assassinado enfrentou a seus assassinos com uma valentia decidida e quase desdenhosa. Mas quando viu a mão de seu amigo Bruto erguida para golpear, escondeu a cabeça em seu manto e morreu. Uma vez que Cristo veio, o terrível do pecado já não consiste em quebrantar a Lei, mas em pisotear o amor de Cristo. O pecado tornou-se o crime mais terrível do mundo — o crime contra o amor.

(2) *Pecado é não descobrir o sacrossanto nas coisas sagradas.* Nada há que produza um estremeimento tal como o sacrilégio.

Durante o dia do estudante costuma-se a conceder aos estudantes uma grande margem de liberdade. A ordem do dia é causar alvoroço; tanto as autoridades como o público os observam com tolerância e em certa medida até com satisfação. Mas durante certa semana do estudante um grupo levou a cabo um ato de "strip-tease" ao pé da capela de uma cidade importante. É obvio que se fez por ignorância, e a pessoa mais complicada no assunto jamais teria cometido tal ação se tivesse tido consciência da situação. Mas perante este ato houve uma pública expressão de espanto. A santidade da capela tinha sido violada; algo sagrado tinha sido usada como se carecesse de santidade.

O autor de Hebreus diz efetivamente: "Olhem o que foi feito por vocês; olhem o sangue derramado e o corpo destroçado de Cristo; olhem o que custou sua nova relação com Deus; vocês podem tratar isto como se não importasse? Não se dão conta de que estão tratando com coisas muito sagradas?" O pecado consiste em não compreender o sacrossanto do sacrifício da cruz.

(3) *O pecado é um insulto ao Espírito Santo.* O Espírito Santo é aquele que fala dentro de nós, aquele que nos diz o que é bom e o que é mau. Busca deter-nos quando nos encaminhamos ao pecado e nos aguilhoar quando somos arrastados a uma letargia cômoda. Ignorar e desatender estas vozes e avisos é insultar o Espírito. Rechaçar o aviso de um homem bom e sábio, desatender com desprezo seu convite e abusar de sua hospitalidade é insultá-lo. Ignorar completamente as súplicas, os convites e os imperativos do Espírito para seguir o próprio caminho, é insultar e ferir o coração de Deus.

De tudo isto resulta uma coisa. O pecado não é a desobediência a uma lei impessoal, mas sim a alteração e o naufrágio de uma relação pessoal. Pecar não é ir contra a Lei, mas sim desafiar, ferir e violar o coração de Deus cujo nome é Pai.

Agora o autor termina sua interpelação com uma ameaça. Cita Deuteronômio 32:35-36 onde claramente se percebe a severidade de Deus. No coração do cristianismo há uma ameaça permanente. Remover essa ameaça é adular a fé. No final não será tudo o mesmo para o bom que para o mau, pois ninguém pode evitar o fato de que no final vem o juízo.

O PERIGO DE APARTAR-SE

Hebreus 10:32-39

Houve um tempo em que os leitores da Carta se acharam diante de obstáculos insuperáveis. Quando se tornaram cristãos tinham conhecido a perseguição e o saque de seus bens; tinham aprendido o que significava

envolver-se com os que eram impopulares e ser objeto de suspeitas. Tinham enfrentado a situação com coragem e honra. E agora, quando estão em perigo de ser arrastados, o autor lembra sua lealdade anterior.

Uma das realidades da vida é que em certo sentido é mais fácil resistir à adversidade que à prosperidade. O ócio e a comodidade arruinaram a muitos mais homens que as dificuldades.

O exemplo clássico disto é o que aconteceu com o exército do Aníbal. Aníbal de Cartago foi um general que derrotou as legiões romanas: foi o único que venceu os conquistadores. Mas os romanos que perdiam com frequência uma batalha, raramente perdiam uma campanha. Chegou o inverno e as operações deviam suspender-se. Aníbal hibernou com suas tropas na Cápua que tinha sido capturada. Cápua era a cidade da brandura. E um inverno na Cápua obteve o que não tinham obtido as legiões romanas; um inverno de brandura debilitou tanto o moral das tropas cartaginesas que quando chegou a primavera e se reatou a campanha foram incapazes de resistir aos romanos. O ócio os arruinou enquanto a luta os endurecia. Frequentemente isto é verdade na vida cristã. Com frequência um homem pode enfrentar com honra a grande hora do testemunho e da prova; é a rotina de cada dia a que debilita suas forças e altera sua fé.

A apelação do autor pode ser feita a todos os homens. Com efeito, diz: "Sede o que foram no melhor de seus momentos". Se tão-só pudéssemos ser sempre o que fomos no melhor de nossos momentos, então nossa vida seria muito diferente. O cristianismo não exige o impossível. Se fôssemos sempre tão retos, honestos, amáveis, valentes e corteses como fomos em nossos melhores tempos, a vida seria muito diferente. Cada um poderia ter o seguinte lema: "Nunca serei menos que o melhor."

Para obter isto deve haver alguns requisitos.

(1) Precisamos *manter viva nossa esperança*. O atleta realiza um grande esforço porque tem à vista o foco da meta. Submete-se à disciplina de todo treinamento pelo fim que tem em vista. Se a vida

consistisse só em fazer diariamente as coisas rotineiras, bem poderíamos cair na política de nos deixar arrastar pela corrente; mas se estamos a caminho ao céu e à coroa celestial, então a vida deve viver-se sempre com toda intensidade e esforço.

(2) *Necessitamos fortaleza.* A perseverança é uma das grandes virtudes não românticas. A maioria pode começar bem. Quase todos podem ser bons espasmodicamente. Cada um tem seus dias bons e seus grandes momentos. A cada um foram-lhe concedidos momentos para remontar-se com asas de águia. Nos momentos de muito esforço cada um pode correr sem cansar-se. Mas o maior dom de todos é caminhar e não desfalecer.

(3) *Precisamos lembrar o fim.* O autor cita Habacuque 2:3. O profeta diz que se o povo se mantiver firme em sua lealdade para com Deus, Deus não os defraudará na situação presente; mas a vitória corresponderá só ao homem que persista. Para o autor de Hebreus a vida está a caminho rumo à presença de Cristo. Por isso jamais se deve permitir que seja arrastada, que se jogue para trás ou se abstenha perante as exigências da lealdade. O final da vida é o que faz com que todo seu processo seja importante; só o homem que persevere até o fim será salvo.

Aqui nos convoca a não ser nunca menos do que fomos em nossos melhores momentos; para buscar sempre a virtude não romântica mas essencial da perseverança; a ter sempre presente que vem o fim. Se a vida for o caminho para Cristo, então ninguém pode permitir o luxo de extraviar-se ou deter-se.

Hebreus 11

[A esperança cristã - 11:1-3](#)

[A fé da oferta aceitável - 11:4](#)

[Andando com Deus - 11:5-6](#)

[O homem que crê na mensagem de Deus - 11:7](#)

[A aventura e a paciência da fé - 11:8-10](#)

[Crer no inacreditável - 11:11-12](#)

Estrangeiros e peregrinos - 11:13-16

O supremo sacrifício - 11:17-19

A fé que derrota a morte - 11:20-22

A fé e seu segredo - 11:23-29

A fé que desafia os fatos - 11:30-31

Os heróis da fé - 11:32-34

O desafio do sofrimento - 11:35-40

A ESPERANÇA CRISTÃ

Hebreus 11:1-3

Para o autor de Hebreus a fé é uma esperança absolutamente segura de que o que se crê é verdade e o que se espera tem que sobrevir. Não é a esperança que olha para frente com um anelo ansioso; é a esperança que enfrenta o futuro com absoluta certeza. Não é a esperança que se refugia num possivelmente, mas sim que se funda numa convicção.

Nos antigos dias de perseguição levaram a um humilde cristão perante os juízes, o qual lhes disse que nada do que fizessem poderia comovê-lo porque cria que se era fiel a Deus, Deus seria fiel a ele. "Pensa verdadeiramente", perguntou-lhe o juiz, "que alguém tal como você participará de Deus e de sua glória?" "Não o penso", disse o homem, "sei".

Em seus dias de insegurança Bunyan era torturado pela incerteza. "Cada qual pensa que sua própria religião é a melhor", dizia, "tanto judeus como mouros e pagãos; e o que passaria se toda nossa fé e Cristo e as Escrituras, não fossem também outra coisa que só um 'pensar assim'?" Mas quando irrompeu a luz, correu exclamando: "Agora sei! Agora sei!" A esperança cristã é mais que uma esperança; é uma esperança que se transformou em certeza.

Esta esperança cristã é tal que rege toda a conduta do homem e domina sua ação. O cristão vive e morre nesta esperança, e a possessão desta esperança é o que o faz agir como age.

Moffatt distingue três direções nas que se encaminha a esperança.

(1) A esperança cristã é *confiança em Deus contra o mundo*. Se seguirmos as normas do mundo bem pode ser que obtenhamos folga, comodidade e prosperidade; se seguirmos as normas de Deus pode ser que soframos tribulação, perdas, desconfortos e impopularidade. E bem pode ocorrer que devamos abandonar as recompensas do mundo. A esperança cristã tem a convicção que é melhor sofrer com Deus que prosperar com o mundo. No livro de Daniel, Sadraque, Mesaque e Abede-Nego encontram-se em face da alternativa de escolher entre obedecer a Nabucodonosor, dando culto a sua imagem ou obedecer a Deus e ser lançados no forno de fogo ardente. Sem nenhuma vacilação escolhem a Deus (Daniel 3).

Quando Bunyan teve que comparecer perante o tribunal disse: "Com a fortaleza de Deus em minha pobre alma antes de comparecer perante a justiça, peço a Deus que se posso fazer maior bem estando em liberdade que na prisão, conceda-me a liberdade. Mas se não, que se faça sua vontade". Toda a atitude cristã consiste em que, em termos de eternidade, o homem não pode sair perdendo por ser fiel a Deus. O cristão não tem dúvida alguma de que é melhor arriscar tudo por Deus que confiar na recompensa do mundo.

(2) A esperança cristã é *confiança no Espírito contra os sentidos*. Os sentidos dizem ao homem: "Toma o que desejas: o que pode apalpar e provar, dirigir e desfrutar.

Os sentidos nos aconselham a nos apegar às coisas do momento; o Espírito, pelo contrário nos diz que há algo mais além delas. O cristão crê ao Espírito em vez de aos sentidos.

(3) A esperança cristã é *confiança no futuro contra o presente*. Há muito tempo Epicuro disse que o fim principal da vida é o prazer. Mas não quis dizer o que muitos imaginam. Quer dizer, insistia em que devemos olhar mais além do imediato. A coisa que no momento causa prazer pode a longo prazo causar tribulação, e neste caso não se trata de algo bom. O que no momento fere com fúria pode, a longo prazo causar

felicidade; neste caso trata-se de algo bom. O cristão tem a segurança de que a longo prazo ninguém pode enforçar ou proscrever a verdade. Está seguro de que "grande é a verdade e no final prevalecerá". No momento parecia que os juízes teriam eliminado a Sócrates e Pilatos teria esmagado a Cristo. Mas o veredicto do futuro lança por terra o veredicto do momento.

Fosdick diz em alguma parte que Nero condenou a Paulo uma vez; mas passaram os anos e chegou o tempo em que os homens chamam a seus filhos de Paulo e a seus cães de Nero. É fácil raciocinar: "Por que haveria eu de rechaçar o prazer, o proveito, o escape, a segurança do momento por um futuro incerto e problemático?" A resposta cristã é que o futuro *não* é incerto, porque pertence a Deus. Em todo caso a esperança cristã crê que as promessas de Deus são verdadeiras e *age com esta fé*. Para o cristão é suficiente que Deus tenha ordenado e prometido algo; tem a convicção de que não é uma esperança que adquiriu, mas sim uma certeza, porque sua esperança está em Deus.

O autor de Hebreus continua afirmando que precisamente porque os grandes heróis da fé viveram sobre este princípio desfrutaram do testemunho e da aprovação de Deus. Todos rechaçaram a grandeza do que o mundo chama "fazer carreira", a segurança do que o mundo chama decisão prudente; e se lançaram totalmente ao lado de Deus. A história demonstrou que tinham razão. A esperança cristã não é uma hipótese, mas sim uma crosta respaldada por toda a evidência do mundo.

O autor vai mais além, e diz que é um ato de fé crer que Deus fez o mundo. Logo afirma que as coisas visíveis surgem do invisível. Agora, ao dizer isto queria assentar um golpe à crença em voga. Comumente se pensava que Deus teria criado o mundo de uma matéria já existente e não do nada; que a matéria existente era defeituosa e que, portanto, desde o princípio o mundo é defeituoso. O autor insiste em que Deus não operou com um material existente; Deus criou o mundo do nada. Agora, quando raciocina desta maneira não tem interesse em especulações cosmológicas ou no aspecto científico do assunto; o que queria era sublinhar o fato que

este é o mundo de Deus. Se podemos compreender que este é o mundo de Deus, que Deus é responsável por ele, então se seguem duas conseqüências. Em primeiro lugar, que devemos usá-lo como tal. Teremos presente que cada coisa que há nele é de Deus e trataremos de usá-la como Deus quer que a usemos. Em segundo lugar, lembraremos que — ainda que não pareça, de algum modo Deus é aquele que o governa. Se cremos que este é o mundo de Deus, então surgem uma fé e uma esperança que nos capacitam a fazer o mais difícil do mundo: aceitar o que não podemos entender. Quando se crê que este é o mundo de Deus, vive-se a vida com um novo sentido de responsabilidade e com uma nova capacidade de aceitação, porque tudo pertence a Deus e tudo está em suas mãos.

A FÉ DA OFERTA ACEITÁVEL

Hebreus 11:4

O autor de Hebreus começa o quadro de honra da fé com o nome do Abel. A história de Caim e Abel se narra em Gênesis 4:1-15. Tal como está, é um relato misterioso. Caim lavrava a terra e fazia a Deus a oferta de seus frutos. Abel era pastor e fazia oferta a Deus de seu rebanho. Deus preferiu o dom do Abel ao dom de Caim. Então este arrastado por uma amarga inveja foi e matou seu irmão e foi proscrito dessa terra.

No relato original o significado é difícil. Não se diz por que Deus preferiu o dom do Abel ao de Caim. Parece-nos arbitrário e até carente de razão e justiça. O significado desta história estranha pode ser o seguinte. A única oferta que o homem pode oferecer a Deus é a do mais precioso que brinda a vida. Agora, o mais precioso que a vida brinda é a *própria vida*. E para o pensamento hebraico o sangue sempre representou a vida. A vida era o sangue e o sangue era a vida. Isto se pode entender bem porque com o derramamento de sangue desaparece a vida. Se for aceito este princípio, então naqueles dias o único verdadeiro

sacrifício para Deus, o sacrifício do mais precioso era o do sangue, porque o sangue era a vida. O sacrifício do Abel era o sacrifício de uma criatura viva, não assim o de Caim. Por isso o primeiro foi mais aceitável. Mas bem pode ser que o autor não só pense na história tal como está em *Gênesis*, mas também nas lendas e elaborações surgidas em torno da mesma no folclore judeu. É evidente que os próprios judeus estavam intrigados pelo relato e trataram de interpretá-lo com a finalidade de justificar o rechaço de Caim e explicar seu fratricídio.

Segundo a lenda mais antiga, cada vez que Eva concebia dava a luz gêmeos: um varão e uma mulher. E ambos eram entregues mutuamente como marido e mulher. No caso do Abel e Caim, Adão teria tentado mudar isto e quis entregar a irmã gêmea de Caim a Abel. Caim esteve amargamente desiludido. Para resolver a questão, Adão lhes disse: "Vão, meus filhos e sacrifiquem ao Senhor; e aquele cujo sacrifício seja aceito terá a donzela. Tomem em suas mãos suas ofertas e apresentem ao Senhor, quem decidirá". Desta maneira Abel, que era pastor, escolheu de seu rebanho o cordeiro melhor e mais gordo e o levou ao lugar do sacrifício. Mas Caim que lavrava a terra tomou o mais pobre e magro feixe de trigo e o colocou sobre o altar. Desceu fogo do céu e consumiu o sacrifício de Abel de tal maneira que não ficaram nem sequer as cinzas, enquanto o sacrifício de Caim ficou intacto. Então Adão entregou a donzela a Abel e Caim se sentiu profundamente amargurado. Certo dia Abel estava dormindo na montanha; irrompeu Caim com uma pedra na mão e lhe destroçou a cabeça. Logo carregou o corpo morto sobre seus ombros rondando pelo lugar sem saber o que fazer. Então viu dois galos em rixa e como um matava o outro. O galo vencedor, com o pico cavou uma fossa na terra e enterrou a seu competidor morto. Caim disse para si: "Eu não tenho o instinto desta ave; também tenho que colocar a meu irmão na terra". E fez o mesmo.

Os judeus têm ainda outra lenda para explicar o primeiro homicídio. Caim e Abel não podiam pôr-se de acordo sobre o que devia possuir cada um. Nesse momento, Abel ideou um plano para dividir tudo e pôr

fim à contenda. A Caim correspondeu a terra com tudo o que é estável; a Abel tudo o que se move. Mas Caim ainda albergava uma amarga inveja em seu coração. Certo dia disse a seu irmão: "Retire-se daqui; está em minha propriedade; a planície me pertence". Abel correu às colinas, mas foi açoitado por Caim que lhe disse: "As colinas são minhas". Abel se refugiou nas montanhas mas ainda escutou a Caim que o perseguia: "As montanhas são minhas". Desta maneira, levado pela inveja, perseguiu seu irmão até que lhe deu morte.

No fundo deste relato há duas grandes verdades. Em primeiro termo trata-se da inveja. Até os gregos sabiam do horror da inveja. Demóstenes dizia: "A inveja é o signo de uma natureza inteiramente má". Eurípides dizia: "A inveja é a maior das enfermidades humanas". Havia um provérbio grego que rezava: "A inveja não tem lugar no coro de Deus". A inveja conduz à amargura, a amargura ao ódio e o ódio ao homicídio. A inveja é essa gota de veneno que pode envenenar toda vida e matar todo o bem na alma do homem.

Em segundo lugar, aqui se esconde um pensamento estranho e misterioso. Caim foi o homem que introduziu um pecado novo. Um dos antigos pais gregos dizia: "Até então não tinha morrido ninguém; por isso Caim não podia saber como matar. O maligno o instruiu sobre isto num sonho". Até naquele tempo não existia o homicídio Caim o introduziu no mundo. Há condenação para o pecado mas há ainda uma condenação maior para o homem que ensina a outro a pecar. Nenhum destino pode ser muito duro para o homem que ensina a um dos pequenos a dar um tropeção e introduz o pecado numa vida inocente. Tal homem, como Caim, está proscrito da presença de Deus.

Portanto o autor diz: "Apesar de ter morrido por sua fé continua nos prendendo a atenção". Moffatt comenta finalmente: "A morte jamais é a última palavra na vida de um homem justo."

Quando um homem deixa este mundo algo fica dele. Fica algo que crescerá e se difundirá como um câncer, uma má erva ou um veneno que se infiltra na vida. Pode deixar algo bonito que brote e floresça sem fim.

Deixa uma influência de bem ou de mal, um exemplo de bondade ou de pecado. Cada um de nós quando morre ainda continua falando.

Que o Senhor nos conceda a graça de deixar atrás de nós, não o germe do mal, mas sim aquilo bonito em que possam ser benditas as vidas dos que venham depois.

ANDANDO COM DEUS

Hebreus 11:5-6

No Antigo Testamento a vida de Enoque se resume numa sentença: “Andou Enoque com Deus e já não era, porque Deus o tomou para si.” (Gênesis 5:24). Muitas lendas pululavam em torno do nome de Enoque. Dizia-se que foi o primeiro perito em alfaiataria e costura e que tinha ensinado os homens como cortar as peles em forma adaptada para fazer-se vestimentas. Dizia-se que foi o primeiro em ensinar outros a fazer sapatos para proteger os pés; que foi o primeiro em pôr a pena no papel e fazer livros para instruir a outros. A lenda conta que o anjo da morte tinha feito um pacto de amizade com Enoque. Enoque por sua parte pediu ao anjo três coisas. Em primeiro lugar, poder morrer e retornar da morte para poder saber como era a morte. Em segundo lugar, poder conhecer a morada dos maus para ter uma idéia deste castigo. Ambas as petições foram-lhe concedidas. Em terceiro lugar, olhar dentro do paraíso para conhecer a sorte dos bem-aventurados. Também lhe foi concedido isto mas tendo Enoque dado uma olhada no paraíso não quis mais retornar à Terra.

A simples colocação de Gênesis tem um halo místico. Não se diz literalmente como morreu Enoque, mas sim simplesmente que a boa idade partiu em paz e serenidade da Terra. Existiam duas interpretações bonitas da morte de Enoque.

(1) O livro da sabedoria (4:10 ss.) tem a idéia de que Deus levou a Enoque quando ainda era jovem e com a intenção de preservá-lo do contágio do mundo: "E como vivia entre pecadores o trasladou. Levou-o

para que a maldade não pervertesse sua inteligência ou o engano seduzisse a sua alma". Seria outra maneira de expressar o belo dito clássico: "Morrem jovens os que são amados pelos deuses". Considera-se a morte como uma recompensa. Segundo isto Deus amou tanto a Enoque que não pôde tolerar que fosse manchado e contagiado com a perversidade do mundo; por isso o levou antes que a idade e a perversão descendessem a mão sobre ele.

(2) Filo, o famoso intérprete judeu alexandrino, via em Enoque o protótipo e modelo do *arrependimento*. Enoque foi mudado de uma vida a outra; pelo arrependimento — na estimativa de Filo — passou de uma vida separada de Deus a uma vida que anda com Deus. Mas certamente o significado é muito mais simples que tudo isto. O autor de Hebreus lê no simples relato do Antigo Testamento a idéia de que Enoque não morreu absolutamente, mas sim Deus o levou consigo de algum modo místico. Mas evidentemente atrás de tudo está a idéia de que Enoque andou com Deus em meio de uma geração perversa e corrompida. Desta maneira quando chegou a seu fim não houve comoção, rompimento ou interrupção; a morte o conduziu simplesmente a uma maior proximidade com Deus. Porque caminhou com Deus enquanto outros se apartavam dele, esteve cada dia mais perto de Deus, e a morte não significou para ele senão o último degrau rumo à presença de um Deus com quem sempre tinha caminhado. Não podemos pensar em Enoque sem reparar nas diferentes atitudes com relação à morte. A serenidade do relato do Antigo Testamento — tão simples e entretanto tão comovedor — nos faz pensar como devemos nos comportar diante da morte.

(1) Alguns pensam na morte como algo *misterioso e inexplicável*.

William Morris escreveu: "Aborrecemos a morte não sabendo o que significava". Bacon dizia: "Os homens temem à morte como os meninos à escuridão". Para alguns a morte foi sempre terrivelmente desconhecida que Hamlet chamava "este medo de algo depois da morte".

(2) Outros vêm simplesmente na morte *o inevitável da vida*.

Shakespeare faz dizer a César em *Júlio César*: "Parece-me do mais estranho que os homens temam; vendo que a morte é um fim necessário: virá quando tiver que vir."

A morte é inevitável e nada se ganha lutando contra o inevitável.

(3) Alguns vêm na morte a *extinção absoluta*. O poeta romano mais atraente, Catulo, suplicava os beijos de Lésbia ao sobrevir a noite:

Minha Lésbia, vivamos e amemos!

Não se preocupe tanto com a conversa

de homens que censuram, velhos e resmungões;

os sóis se porão e surgirão sempre de novo,

mas quando nosso breve dia voe

nosso sonho será uma noite interminável.

Morrer significava ir a um nada, cessar de ser, perder-se num sonho eterno e escuro do que a pessoa não se desperta.

(4) Muitos vêm na morte o *terror supremo, o mal sem mitigação, o despojo de todo encanto terreno*. Em *Medida por medida* Shakespeare faz Cláudio dizer:

A morte é algo tremendo.

Sim, morrer e ir aonde não sabemos;

jazer em fria estreiteza e podridão;

para que este quente sensível movimento se permuta

numa massa de gleba e o espírito encantador

banhe-se em dilúvios de fogo ou resida

na horripilante região de densos blocos de gelo;

ser aprisionado entre ventos tenebrosos,

e ser impelidos com violências sem trégua em torno

ao pêndulo do mundo...

A mais aborrecida e detestável vida do mundo,

a dor, a penúria e a prisão

que se cifram na natureza são um paraíso

ao qual tememos morrer.

Para Cláudio a vida pior e mais amarga era preferível à morte.

W. S. Gilbert escrevia em *Los alabarderos de palacio*:

É a vida uma dádiva?

Se tal, deve acontecer

que sempre que chame a morte,

chame sempre muito cedo."

Robert Burns escrevia sobre a anterior morte de Highland Mary:

"Mas oh!, caiu da morte a inoportuna geada que cedo murchou
meu germe em flor!"

Temos aqui os que só viram na morte a lúgubre terrífica e despojadora.

(5) Muitos vêm na morte um *alívio*. Enfastiados ou aborrecidos do mundo ou da vida vêm na morte um escape.

Keats disse que estava "meio apaixonado pela morte aliviadora".

Shakespeare exclama em um de seus sonetos: "Cansado de todos estes clamor pela paz da morte".

Nicolau Rowe escrevia: "A morte é o privilégio da natureza humana".

Os estóicos mantinham que os deuses tinham concedido aos homens o dom da vida e o ainda maior de tirá-la vida.

Para muitos a morte é boa só porque significa o termo da vida.

(6) Alguns consideram a morte como uma *transição*, não como um fim, mas sim como uma etapa no caminho; não como uma conclusão, mas sim como um prosseguimento; não como um fechar as portas, mas sim como um abrir as de par em par.

Longfellow escrevia:

"Não há morte! o que parece tal é transição; esta vida de alento mortal, não é mais que um subúrbio da vida no Elísio cujo portal chamamos morte."

George Meredith escrevia:

Encontrei também a morte
e a seu través o resplendor vi da aurora.

Para os tais a morte foi sempre um chamado para subir mais acima, um passar das trevas ao amanhecer.

(7) Outros consideram a morte como uma *aventura*.

Como Barrie faz Peter Pan dizer: "Morrer será uma aventura grande e tremenda". Charles Frohman que conhecia muito bem a Barrie afundou com o *Lusitânia* no desastre de 7 de maio de 1915; suas últimas palavras foram: "Por que temer a morte? É a aventura mais bonita da vida". Havia um velho investigador que ao morrer dirigiu-se a seus amigos com estas palavras: "Acaso vocês se deram conta de que dentro de uma ou duas horas chegarei a conhecer a resposta que estivemos buscando durante toda nossa vida?" Para os tais a morte é a aventura do último descobrimento supremo.

(8) E sobre tudo estão aqueles para os quais, como para Enoque, a morte não é mais que a maior proximidade daquele com quem se viveu todo o tempo. Se tivermos vivido com Cristo, ao morrer teremos a certeza de que estaremos para sempre com o Senhor.

Mas nesta passagem o autor de Hebreus consigna além disso os dois grandes atos de fé fundamentais da vida cristã.

(1) *Devemos crer em Deus*. É evidente que não pode existir uma religião sem Deus. A religião começou quando os homens tomaram consciência de Deus; cessa quando vivem uma vida na qual Deus deixou de existir.

(2) *Devemos crer que Deus está interessado em nós*. Como o expressa o autor, devemos crer que Deus é galardoador daqueles que o buscam diligentemente. No mundo antigo muitos criam nos deuses, mas criam que viviam longe, nos espaços interestelares, inteiramente

apartados, felizes e totalmente inconscientes destes estranhos animais chamados homens. Epicuro estabelecia como um primeiro princípio que "Deus não faz nada".

Há muitos que crêem em Deus mas não crêem que Deus se interessa por algo. Tem-se dito que nenhum astrônomo pode ser ateu. Mas também tem-se dito que o astrônomo está obrigado a crer que Deus é um matemático. Mas um Deus matemático não precisa preocupar-se de nada. Os homens têm chamado a Deus o Primeiro Princípio, a Primeira Causa, a Energia Criadora, a Força Vital; sem dúvida tudo isto é verdade. São considerações de homens que crêem em Deus mas não num Deus pessoal, capaz de preocupar-se.

Quando Marco Aurélio foi perguntado por que cria nos deuses repôs: "Na verdade os deuses não podem ser recebidos pela vista humana, mas eu tampouco vi minha alma e entretanto a honro. Assim também creio nos deuses e lhes rendo honra porque com freqüência experimento seu poder." Não era a lógica mas sim a vida a que o convencia da existência dos deuses.

Sêneca dizia: "O essencial no culto dos deuses é crer que existem... e saber que presidem o universo porque o controlam com poder e agem para a segurança de toda a raça humana e ao mesmo tempo têm presente a cada pessoa em particular".

Epicteto dizia: "Devem saber que o mais importante no culto aos deuses é ter as crenças corretas de que existem e ordenam tudo o bem e com justiça".

Devemos crer não só que Deus existe, mas também que Ele se importa com o mundo, e está envolto na situação humana. E para o cristão isto é fácil, porque em Jesus Cristo Deus veio ao mundo para nos dizer quanto nós lhe importamos .

O HOMEM QUE CRÊ NA MENSAGEM DE DEUS**Hebreus 11:7**

O relato do Noé no Antigo Testamento encontra-se em Gênesis capítulos 6 a 8. A Terra chegou a tal perversão que Deus não encontrou outra saída a não ser sua destruição. Comunicou ao Noé esta intenção justiceira e lhe deu instruções para construir a arca em que ele, sua família e representantes das espécies animais pudessem salvar-se. Com reverência e espírito submisso, Noé tomou a sério a palavra de Deus, crendo que lhe tinha falado, e assim se salvou da destruição do mundo.

Como ocorre freqüentemente, a lenda completa muitos detalhes do relato. O autor de Hebreus deveu conhecer e aproveitar essas lendas para adicionar colorido ao quadro que concebia em sua mente.

Certo relato conta como Noé tinha dúvida quanto à forma que devia dar à arca. Deus lhe revelou que devia ser modelada conforme o ventre de um ave e que devia construir-se de madeira de teca. Noé plantou uma árvore de teca que em vinte anos cresceu em tal proporção que bastou para construir toda o arca.

Outro relato nos conta que depois de ter sido prevenido por Deus, Noé fez um sino de madeira de uns dois metros de altura; cada dia o fazia soar pela manhã, pela tarde e de noite. Quando lhe perguntavam por que fazia isto costumava responder: "Para adverti-los de que Deus quer enviar um dilúvio e destruir a todos".

Outro relato nos diz que quando Noé estava fabricando a arca o povo escarnecia, ria e o tinha por louco. Mas ele lhes dizia: "Ainda que agora zombem de mim, chegará o tempo em que eu zombarei de vocês; pois aprenderão às suas custas quem é aquele que castiga os perversos deste mundo e ainda lhes reserva mais castigo no mundo vindouro".

Mais ainda que Abel e Enoque, Noé se destaca como homem de fé.

(1) *Noé tomou a sério a palavra de Deus.* Creu na mensagem que Deus lhe enviou. No momento essa mensagem podia parecer néscia e com pouca probabilidade de verificar-se. Mas Noé aceitou a palavra de

Deus e arriscou tudo por ela. Ao aceitá-la teve que deixar de lado todas as suas atividades e trabalhos normais para concentrar-se em fazer o que a mensagem lhe ordenava. Toda a vida do Noé foi uma preparação contínua e concentrada para o que Deus lhe havia dito que aconteceria. Cada homem está diante da alternativa quer escute ou desatenda a mensagem de Deus. Pode viver como se a mensagem de Deus carecesse de importância ou, por outro lado, como se fosse a coisa mais importante do mundo. Podemos dizê-lo de outra maneira. Noé foi o homem que prestou atenção à advertência de Deus e que por esta razão se salvou do desastre. A advertência de Deus vem a nós de distintas maneiras. Pela consciência; por alguma palavra que Deus dirige diretamente a nossas almas; pelo conselho ou a admoestação de algum homem bom e santo; pode saltar perante nós do Livro de Deus, ou nos desafiar em algum sermão. Venha de onde vier, quando negligenciamos a advertência de Deus o fazemos por nosso próprio risco.

(2) *Noé foi um homem que não se deixou dissuadir pelas zombarias dos demais.* Quando o Sol brilhava a conduta do Noé pôde parecer a de um louco. Quem que estivesse em seus cabais ia construir o enorme trambolho de uma nave em terra seca e longe do mar? Frequentemente pode ocorrer que o homem que toma a sério a palavra de Deus pareça néscio; que adote uma atividade que pareça loucura. Pode ser que tenha que abandonar muitas coisas que o mundo tem em grande estima, porque descobriu uma nova escala de valores. Só temos que pensar nos primeiros dias da igreja.

Um cristão encontrava a seu amigo e lhe dizia: "Decidi me tornar cristão". O outro certamente lhe replicaria: "Sabe o que acontece aos cristãos? Estão fora da lei. São encarcerados, jogados aos leões, crucificados e queimados". "Sei" responderia ele. E o outro responderia desesperançado: "Tudo o que posso dizer é que deve estar louco".

Um dos desafios mais duros do cristianismo é que algumas vezes devemos estar dispostos a ser considerados néscios pela causa de Cristo. No fim de contas não podemos esquecer que houve dias em que os

amigos de Jesus tentaram convencê-lo a voltar para sua casa, porque pensavam que estava louco. A sabedoria de Deus muito freqüentemente é estultícia para os homens.

(3) *A fé do Noé foi um juízo sobre outros.* Esta é a razão pela qual, em última instância, é perigoso ser cristão. Não se trata de que o cristão se justifique a si mesmo, que censure, que ande buscando faltas em outros ou diga: "Eu te disse isso..." Com freqüência acontece que o cristão, simplesmente por ser tal, enuncia um juízo sobre outros.

Alcibíades, esse jovem brilhante mas indômito de Atenas, costumava dizer a Sócrates: "Odeio-te, Sócrates porque cada vez que te encontro, mostras o que sou". Um dos melhores homens que jamais viveu em Atenas foi Aristides, a quem chamavam "o justo". Mas votaram proscrevê-lo e condená-lo ao ostracismo. Quando lhe foi perguntado a um dos votantes por que tinha votado assim, respondeu: "Porque estou cansado de que Aristides seja chamado, 'o justo'."

Há um perigo na bondade: é que a sua luz o mal é condenado.

(4) *Noé foi justo pela fé.* Tal é assim que é o primeiro homem na Bíblia chamado *dikaios, justo* (Gênesis 6:9). Sua bondade consistiu em ter tomado a sério a palavra divina: quando outros quebrantavam os mandamentos de Deus, Noé os observava; quando outros eram surdos às admoestações divinas, Noé as escutava; quando os homens riam de Deus, Noé lhe rendia culto. Tem-se dito dele que sua luminosa fé em Deus pôs de relevo o tenebroso cepticismo do mundo". Numa época em que os homens esqueciam e desatendiam a Deus era para Noé a realidade suprema do mundo. Foi o único homem que tomou partido por Deus em dias em que todos o abandonavam.

A AVENTURA E A PACIÊNCIA DA FÉ

Hebreus 11:8-10

No Antigo Testamento se relata o chamado de Abraão com dramática simplicidade em Gênesis 12:1. Em torno do nome de Abraão

se agrupava uma profusão de lendas tanto judias como orientais. Algumas delas, que adicionam mais vivacidade ao relato, deveram ser conhecidas pelo autor de Hebreus.

As lendas narram como Abraão era filho de Tera, comandante em chefe do exército de Ninrode. Quando nasceu Abraão surgiu no céu uma estrela muito brilhante que pareceu obscurecer as demais. Ninrode tentou matar o menino Abraão, mas este foi escondido numa cova e salvou sua vida. O relato narra como nessa cova Abraão teve a primeira visão de Deus. Quando era jovem saiu da cova, e estava olhando ao longe através do deserto. O Sol surgiu em toda sua glória e Abraão exclamou: "Certamente o Sol é Deus, o Criador!". Ajoelhou-se e lhe rendeu culto. Mas ao entardecer o Sol submergiu no ocaso e Abraão disse: "Não!, o autor da criação não pode ter ocaso". Então se ergueu a Lua no oriente e apareceram as estrelas. Abraão disse: "Esta Lua sim deve ser Deus e as estrelas sua corte. Ajoelhou-se e adorou a Lua. Mas ao passar a noite a Lua se afundou e de novo se levantou o Sol. Então Abraão disse: "Na verdade que estes corpos celestiais não são deuses porque obedecem à lei; adorarei ao que lhes impõe a lei".

Os árabes têm uma lenda diferente. Contam como Abraão viu muitos rebanhos e disse a sua mãe: "Quem é o dono de todos estes?" Ela lhe respondeu: "Seu pai, Tera". O jovem Abraão continuou perguntando: "E quem é o amo da Tera?" Ninrode", disse sua mãe. E continuou Abraão: "E quem é o amo de Ninrode?" E sua mãe mandou que calasse e não perguntasse tanto. Mas já os pensamentos de Abraão se elevavam ao Deus que é o Deus de todos.

As lendas continuam dizendo que Tera, o pai de Abraão, não só rendia culto a doze ídolos — um para cada um dos meses — mas também era também fabricante de ídolos. Certo dia Abraão foi deixado à frente do negócio. Acudiram as pessoas para comprar ídolos. Abraão lhes perguntava que idade tinham e respondiam talvez cinquenta ou sessenta anos. Então ele exclamava: "Ai do homem de tal idade que adora a obra de um só dia!" Um homem forte e robusto de setenta anos

se apresentou também para comprar um ídolo. Abraão lhe perguntou a idade e logo lhe disse: "Néscio, que adora a um deus mais jovem que você!" Em seguida veio uma mulher com uma fonte de carne para os deuses. Abraão tomou um pau e destroçou todos os ídolos, menos um em cuja mão colocou o pau que tinha usado. Voltou Tera e se irritou. Abraão lhe disse: "Meu pai, uma mulher trouxe uma fonte de carne para seus deuses; todos desejavam possuí-la e o mais forte destroçou a golpes a outros para que não comessem todos". Tera disse: "Isso é impossível, porque são feitos de madeira e de pedra". E Abraão respondeu: "Que seu ouvido escute o que falou sua própria boca!"

Todas estas lendas nos pintam um vívido quadro do Abraão que busca a Deus insatisfeito com a idolatria de seu povo. Desta maneira quando Abraão recebeu o chamado divino já estava preparado para sair ao encontro de Deus rumo ao desconhecido. Abraão é o exemplo supremo de fé.

(1) A fé de Abraão foi uma *fé disposta à aventura*. O chamado de Deus significou que devia deixar casa, família, carreira e negócio; entretanto, empreendeu a marcha. Tinha que sair ao desconhecido e partiu. No melhor de nós sempre se abriga algum temor. Perguntamo-nos o que nos acontecerá se tomamos a palavra a Deus, e agimos de acordo com seus mandamentos e suas promessas.

O Bispo Newbiggin relata as negociações que conduziram à formação da Igreja Unida do Sul da Índia. Ele tomou parte nessas negociações e nas longas discussões que tiveram lugar. Frequentemente as coisas se estancavam pela atitude de pessoas cautelosas, prudentes, que queriam saber precisamente aonde os levava cada passo, e o que ia acontecer se faziam isto ou aquilo, até que enfim o presidente da assembléia tinha que lembrá-los que o cristão não tem direito de perguntar aonde vai.

A verdade é que a fé da maioria de nós adocece de uma torpe falta de espírito de aventura. A maioria vivemos uma vida de precaução, regendo-nos pelo princípio de "segurança acima de tudo". Para viver a

vida cristã é preciso certa temerária disposição para a aventura. Se a fé não envolve risco, não é fé; se a fé pode ver cada passo do caminho, não é fé. Algumas vezes será necessário que o cristão empreenda o caminho reto ao qual a voz de Deus o chama, ignorando as conseqüências. Como Abraão, terá que empreender a marcha sem saber aonde vai.

(2) A fé de Abraão foi uma *fé paciente*. Quando Abraão chegou à terra prometida nunca pôde tomar posse dela. Teve que andar como um estrangeiro errante, habitando em tendas, como teria que fazê-lo um dia o povo em seu peregrinar pelo deserto. As promessas de Deus nunca tiveram pleno cumprimento para Abraão. E entretanto, jamais abandonou sua fé. É próprio dos melhores de nós que tenhamos sempre pressa. É ainda mais difícil aguardar que arriscar-se. O tempo mais difícil de todos é o intermediário. No momento da decisão há excitação e estremecimento; no fim da obra cumprida vive-se o esplendor e a glória da satisfação; mas no tempo intermediário requer-se a habilidade de perseverar, aguardar, operar e vigiar quando parece que não sucede nada. É então quando corremos o perigo de depor nossas esperanças, rebaixar nossos ideais e afundar numa apatia que já não sonha mais. O homem de fé é o homem cuja esperança brilha com esplendor e cujo esforço se mantém com firmeza e intensidade até nos dias cinzentos nos quais não resta outra coisa senão esperar.

(3) A fé de Abraão *olhava mais além deste mundo*. Segundo as lendas posteriores, no momento de seu chamado Abraão teve a visão da nova Jerusalém. No Apocalipse de Baruque, Deus diz: "Eu o mostrei a meu servo durante a noite" (4:4). Em 4 Esdras diz o escritor: "Aconteceu que quando praticavam diante de ti a idolatria escolheste um entre eles cujo nome era Abraão; o amou e só lhe revelou em segredo e durante a noite o fim dos tempos" (4:13). Ninguém neste mundo nunca fez algo importante sem uma visão. A visão da meta faz capaz de enfrentar as dificuldades e desalentos do caminho. A Abraão foi dada a visão. Não tinha que satisfazer seus desejos em coisas terrestres; só encontraria satisfação quando tivesse chegado à pátria da alma. E mesmo quando seu

corpo peregrinava pela Palestina, sua alma estava com Deus em seu lar. Deus não pode dar-nos uma visão a não ser que nós lhe demos a possibilidade de nos conceder isso. Se esperamos em Deus até nos lugares desertos da terra, ele nos enviará essa visão e com ela valerá a pena suportar as fadigas e moléstias do caminho.

CRER NO INACREDITÁVEL

Hebreus 11:11-12

O relato da promessa de um filho a Abraão e a Sara narra-se em Gênesis 17:15-22; 18:9-15; 21:1-8. O surpreendente da história é que tanto Abraão como Sara eram nonagenários, quer dizer, tinham ultrapassado fazia muito a idade de conceber e engendrar. E entretanto, segundo o antigo relato foi-lhes feita essa promessa que teve cumprimento.

Quando lemos o relato do Antigo Testamento vemos que a reação de Abraão e Sara à promessa de Deus segue um tríplice curso.

(1) Começou com absoluta *incredulidade*. Quando Abraão escutou a promessa caiu rosto em terra e riu (Gênesis 17:17). Quando Sara o ouviu, também ria em seu íntimo (Gênesis 18:12). Quando nós escutamos pela primeira vez as promessas, o oferecimento e o convite de Deus, nossa primeira reação humana é pensar que tudo isso é muito bom para ser verdade.

Em toda a criação não há um mistério semelhante ao do amor de Deus. Que Deus tenha amado os homens, sofrido e morto por eles é algo que precipita o homem na absoluta incredulidade. Por isso a mensagem cristã é *evangelho, boas novas*; notícia tão boa que quase é impossível crer que seja certa.

(2) Passou a ser uma *crescente compreensão*. Depois da incredulidade veio a compreensão crescente de *que aquele que lhe tinha falado era Deus*. E quando Deus fala necessariamente diz a verdade; Deus não pode mentir. Os judeus costumavam estabelecer como

primeiro princípio para o mestre, que jamais promettesse a seus alunos o que não queria ou não era capaz de realizar, porque agindo dessa maneira costumaria desde cedo aos alunos a quebrantar a palavra ou a promessa empenhadas. Mas quando lembramos que aquele que faz a promessa é *Deus*, o surpreendente e incrível cede à compreensão de que apesar de tudo tem que ser verdadeira.

(3) Culminou com a *capacidade de crer no impossível*. Que Abraão e Sara tivessem um filho parecia impossível, e humanamente o era. Como disse Sara: “Quem teria dito a Abraão que Sara amamentaria um filho?” (Gênesis 21:7). Mas pela graça e o poder de Deus o impossível faz-se verdadeiro. Aqui há algo que desafia e eleva o coração de todo homem.

Cavour dizia que o essencial num homem de Estado é, em primeiro termo, "o sentido do possível". Quando escutamos os homens planejar, argumentar e pensar em voz alta fazemos uma idéia do imenso número de coisas que os homens sabem que são desejáveis mas desprezam por impossíveis. Assim é como muitas visões, sonhos e planos maravilhosos se desabam com o veredicto: "Não se pode fazer." Os homens passam a maior parte de suas vidas pondo limitações ao poder de Deus. A fé é a capacidade de nos aferramos a essa força que se aperfeiçoa em nossa fraqueza, essa graça que é suficiente para tudo, em tal forma que as coisas humanamente impossíveis se fazem divinamente possíveis. Para Deus todo é possível e, portanto, no vocabulário do cristão e da Igreja cristã não cabe a palavra impossível.

ESTRANGEIROS E PEREGRINOS

Hebreus 11:13-16

Nenhum dos patriarcas entrou em possessão plena das promessas que Deus tinha feito a Abraão. Até o final de seus dias permaneceram nômades sem desfrutar jamais de uma vida sedentária numa terra

ocupada. Deveriam manter-se permanentemente em movimento. Daqui surgem algumas verdades grandes e importantes.

(1) Viveram sempre como estrangeiros. O autor usa três palavras gregas muito expressivas.

(a) Em 11:3 os chama *xenoi*, *estrangeiros e peregrinos*. No mundo antigo o destino dos estrangeiros era duro. Eram olhados com ódio, suspeita e desprezo. Na Esparta *xenos* era equivalente a *bárbaros*; estrangeiros e bárbaros eram a mesma coisa.

Um homem escreve lamentando-se porque era desprezado "porque sou um *xenos*, um estrangeiro". Outro escrevia dizendo que por pobre que seja um lar, é melhor viver na pátria que *epi xenos*, em terra estrangeira. Quando as sociedades organizavam uma comida comum os que se sentavam à mesa se dividiam em *membros* e *xenoi*, *membros* e *estranhos*. A palavra *xenos* pode significar também *refugiado*. Durante todas as suas vidas os patriarcas foram estrangeiros num país que nunca foi próprio.

(b) Em 11:9 usa-se de Abraão a palavra *paroikein*, *morar* transitoriamente. Em qualquer país um *paroikos* era um *residente estranho*. A palavra usa-se para os judeus cativos em Babilônia e no Egito. Socialmente os *paroikoi* não estavam muito acima dos escravos, o *paroikos* devia pagar um imposto de imigração. Era uma espécie de residente autorizado num determinado lugar. Sempre era um forasteiro e só era tolerado como membro da comunidade mediante um estipêndio. Para dizê-lo em linguagem moderna, os patriarcas nunca tiveram uma sociedade humana além do próprio clã ao qual pertenciam,

(c) Em 11:13 usa a palavra *parepidemos*. Em toda comunidade o *parepidemos* era aquele que permanecia ali temporalmente porque tinha seu lar permanente noutro lugar. Algumas vezes sua permanência estava estritamente limitada. Por exemplo, só podia permanecer no lugar não mais de vinte dias. Um *parepidemos* é o homem que está hospedado e sem casa no lugar aonde a vida o levou. Os patriarcas jamais tiveram um lugar próprio de residência que pudessem chamar lar. Deve-se notar que

na antigüidade viver no estrangeiro era muito mais humilhante que hoje. Os estrangeiros estavam de certa forma marcados.

Na *Carta do Aristeas* o escritor diz: "É algo bonito viver e morrer na própria terra natal; a terra estrangeira oferece desprezo aos pobres e vergonha aos ricos pela insidiosa suspeita de que foram exilados por algum mal que fizeram".

Em Eclesiástico (29:22-28, BJ) há uma passagem melancólica:

Vale mais vida de pobre sob o abrigo de teto de tábua
do que alimentos finos comida em casa alheia.

Com pouco ou muito, mostra-te contente,
e não ouvirás ultraje do teu séquito.

Triste vida é andar de casa em casa;

Aí és forasteiro, não poderás abrir a boca.

tu és um estranho, darás de beber sem receber um obrigado

E, além disso, ouvirás palavras amargas:

"Vem cá, forasteiro, põe a mesa;

se tens alguma coisa, dá-me de comer."

"Retira-te, forasteiro, cede lugar a um mais digno,
vou hospedar meu irmão, preciso da casa."

Estas coisas são pesadas para um homem sensato;

a censura do hospedeiro

e a injúria do credor."

Sempre é uma desdita ser estrangeiro em terra estranha; mas na antigüidade, à desdita natural se adicionava a amargura e a humilhação. Os patriarcas foram sempre estrangeiros em terra estranha. Esta imagem do residente estrangeiro, peregrino e forasteiro se fez própria da vida cristã.

Tertuliano dizia do cristão: "Sabe que é peregrino sobre a Terra mas que sua dignidade está nos céus". Clemente de Alexandria afirmava: "Não temos pátria sobre a Terra". Agostinho disse: "Somos peregrinos exilados de nossa pátria".

Não se tratava de que os cristãos fossem neciamente partidários de outro mundo e não se relacionassem com a vida e do trabalho deste

mundo, mas sim de que lembravam sempre que estavam de passagem. Há um dito apócrifo de Jesus que reza: "O mundo é uma ponte: o homem sábio passará sobre ele mas não edificará ali sua casa". O cristão se considera peregrino da eternidade.

(2) Estes homens apesar de tudo jamais perdiam sua visão e suas esperança; por mais que essa esperança demorasse para fazer-se realidade sua luz brilhava em seus olhos; por longo que fora o caminho, jamais detinham a marcha.

Robert Louis Stevenson dizia: "É melhor viajar esperançoso que chegar ao destino". Jamais retrocederam; jamais viajaram à deriva; jamais desistiram da viagem pelo cansaço. Viviam com esperança e morriam em expectativa.

(3) Apesar de tudo, jamais desejaram voltar atrás. Seus descendentes, os filhos de Israel quando estavam no deserto, desejaram com frequência voltar para as panelas de carne do Egito. Mas não os patriarcas. Eles tinham começado e nunca pensaram voltar atrás. Em aeronáutica há um ponto que se chama *sem retorno*. Quando o avião chegou a esse ponto *já não pode voltar atrás*. Suas reservas de combustível alcançaram tal nível que não resta senão seguir adiante. Uma das tragédias da vida é a quantidade de gente que volta atrás um pouco antes do tempo. Um esforço mais, um pouco mais de espera e esperança teriam feito do sonho uma realidade. Assim que um cristão se lança numa empresa encomendada por Deus, logo que empreende o caminho cristão, deve sentir que já passou o ponto sem retorno".

(4) Aqueles homens eram capazes de continuar adiante porque estavam obcecados com as coisas do mais além. O homem que tem o prazer de viajar está seduzido pela idéia dos países que nunca viu. O grande artista ou compositor está obcecado e empurrado pelo pensamento da interpretação que ainda não deu e a maravilha que ainda não produziu.

Stevenson nos conta de um moço de estábulo que tinha passado todos os seus dias no meio do esterco. Alguém lhe perguntou se alguma

vez não se tinha cansado. Respondeu: "Aquele que tem algo mais além jamais precisa cansar-se". Aqueles homens tinham algo mais além — e nós também.

(5) Porque aqueles homens eram o que eram, Deus não se envergonhou de chamar-se seu Deus. Sobre todas as coisas, Deus é o Deus do valente aventureiro. Deus ama o homem disposto à aventura por causa de seu nome. O homem prudente, precavido e amante da comodidade é o inteiramente oposto a Deus. O homem que sai ao desconhecido e que se mantém na marcha chegará finalmente a Deus.

O SUPREMO SACRIFÍCIO

Hebreus 11:17-19

A história de Isaque é narrada em Gênesis 22:1-18. Aqui lemos num relato muito dramático como Abraão passou a prova suprema quando Deus lhe pediu a vida de seu próprio filho. Em certa medida este relato hoje tem caído no descrédito; não aparece nos manuais de educação religiosa porque se sustenta que ensina um ponto de vista sobre Deus que já não se pode aceitar. Ou, sustenta-se que ensina que dessa maneira aprendeu Abraão que Deus não deseja sacrifícios humanos. Houve uma época em que os homens consideravam dever sagrado oferecer a Deus os seus primogênitos antes que aprendessem que Deus nunca quereria tais sacrifícios. Isto é indubitavelmente certo; mas se desejamos ler o relato em seu alcance mais sublime, como o lia o autor de Hebreus então devemos nos ater ao sentido literal. Trata-se da resposta de um homem a quem Deus pediu o sacrifício de seu próprio filho.

(1) Este relato nos ensina que por lealdade a Deus devemos estar dispostos a sacrificar o que nos é mais caro. Houve muitos que sacrificaram suas carreiras pelo que eles consideraram ser a vontade de Deus.

J. P. Struthers era ministro da Igreja presbiteriana reformada em Greenock. Tinha a seu cargo uma reduzida comunidade e uma pequena igreja que, não é errôneo nem ofensivo dizer que possuía um grande passado mas carecia inteiramente de futuro. Se ele tivesse estado disposto a abandonar a igreja de seus pais, qualquer púlpito do país teria estado a seu dispor; eram suas as mais brilhantes recompensas eclesiásticas; mas ele sacrificou tudo pelo que lealmente considerava ser a vontade de Deus.

Alguma vez alguém terá que sacrificar relações pessoais. Talvez se sinta chamado por Deus a certas tarefas duras e difíceis ou num lugar sem atrativo. Ele pode estar seguro de que essa é a vontade de Deus para ele. Mas talvez a jovem com a que está a ponto de casar-se não queira confrontar com ele a situação nem os rigores, as moléstias e as circunstâncias penosas da vida e a atividade numa região onde a vida é dura. Deverá escolher então entre a vontade de Deus e uma relação que tanto significa para ele.

Quando Bunyan estava no cárcere pensava no que iria passar com sua família se o executavam. Particularmente o obcecava o pensamento de sua pequena filha cega a que tanto queria, "Oh!, dizia, vejo-me nestas condições como um homem que derruba sua casa sobre a cabeça de sua mulher e de seus filhos; entretanto — pensava — devo fazer isto, devo fazê-lo".

Abraão foi o homem que teria sacrificado a Deus o mais caro da vida. Isto ocorria com muita freqüência na Igreja primitiva. Acontecia que numa casa um membro se tornava cristão e os outros não; por exemplo, os filhos se convertiam ao cristianismo e os pais não. Então a espada caía implacável sobre essa casa. Se não tivessem existido aqueles que faziam de Cristo a coisa mais preciosa de tudo, hoje não existiria o que chamamos cristianismo. Deus deve ocupar o primeiro lugar em nossa vida, ou não ocupar lugar nenhum.

Existe a história de dois meninos que tinham recebido como presente um Arca de Noé de brinquedo. Como tinham ouvido os relatos

de Antigo Testamento, determinaram que também eles deviam oferecer um sacrifício. Para isso examinaram os animais do arca. Finalmente se decidiram por uma ovelha com *uma perna quebrada*. A única coisa que podiam oferecer era um brinquedo quebrado do qual poderiam prescindir. Esta é a maneira em que muitos ofereceriam a Deus seus sacrifícios, mas somente o mais custoso e o melhor é suficientemente bom para Ele.

(2) Abraão é o modelo do homem que aceita o que não pode entender. A Abraão foi feita uma exigência completamente incompreensível e sem sentido. Tinha-lhe sido prometido que em Isaque sua descendência cresceria cada vez mais, até transformar-se numa nação poderosa em quem seriam benditas todas as nações da Terra. A promessa dependia da vida de Isaque. E agora Deus parecia exigir a eliminação desta vida. Como o expressou Crisóstomo: "As coisas de Deus pareciam lutar contra as coisas de Deus, a fé contra a fé e o mandamento contra a promessa". Na vida de cada um ocorre alguma vez algo que parece carecer de sentido, algo que ultrapassa a compreensão e desafia toda explicação. É então quando o homem se depara com a batalha mais dura de sua vida: a batalha de aceitar quando não compreende. Em tais circunstâncias só se pode fazer uma coisa: submeter-se, aceitar, obedecer, e agir desta maneira sem ressentimento nem rebelião dizendo "Ó Deus tu és amor! Sobre esta verdade construo minha fé."

(3) Abraão é o modelo do homem que, com a prova, encontrou uma saída. Se tomarmos a palavra a Deus e o apostamos tudo por ele ainda que pareça que em frente de nós só há uma parede, se abrirá uma porta de escape.

A FÉ QUE DERROTA A MORTE

Hebreus 11:20-22

Há algo que liga e vincula estes três exemplos de fé. Em cada caso a fé era de alguém muito próximo à morte.

A bênção de Isaque encontra-se em Gênesis 27:28-29, 39-40. Pronunciou-a depois que disse: “Estou velho e não sei o dia da minha morte.” (Gênesis 27:2). Disse então: “Deus te dê do orvalho do céu, e da exuberância da terra, e fartura de trigo e de mosto. Sirvam-te povos, e nações te reverenciem” (Gênesis 27:28ss).

A bênção de Jacó encontra-se em Gênesis 48:9-22. O relato acaba de dizer: “Aproximando-se, pois, o tempo da morte de Israel” (Gênesis 47:29). A bênção rezava: “Seja neles chamado o meu nome e o nome de meus pais Abraão e Isaque; e cresçam em multidão no meio da terra.” (Gênesis 48:15-16).

O incidente da vida de José provém de Gênesis 50: 22-26. Quando José estava próximo da morte fez os israelitas jurarem que não deixariam seus ossos no Egito, mas sim que os levariam consigo à terra prometida, promessa que cumpriram a seu devido tempo (Êxodo 13:19; Josué 24:32).

O que o autor de Hebreus deseja sublinhar é que estes três personagens morreram sem ter entrado na terra da promessa de Deus e na grandeza da nação de Israel. Isaque era ainda nômade e peregrino; Jacó estava exilado na terra do Egito; José tinha alcançado uma grandeza, mas mesmo assim era a grandeza de um estrangeiro em terra estranha. E entretanto jamais duvidaram que alguma vez a promessa teria cumprimento. Todos morreram não desesperados, mas esperançados. Pela fé derrotaram a morte. Puderam morrer, mas a promessa de Deus não podia morrer jamais.

Agora, aqui há algo de uma grandeza permanente. O pensamento que estava na mente de todos estes grandes homens era o mesmo. Se tivéssemos podido ler seus pensamentos ou escutá-los teríamos percebido algo assim: "A promessa de Deus é verdadeira porque Deus jamais quebranta uma promessa; eu não viverei para vê-la; pode me sobrevir a morte antes que esta promessa seja um fato e o sonho uma realidade; mas eu sou um elo em seu cumprimento; de mim depende que se produza ou não o cumprimento".

Esta é a grande função da vida. Nosso sonho pode não fazer-se realidade e nossa esperança nunca se cumprir, mas devemos viver de tal maneira que aceleremos a esperança e facilitemos assim o acesso a este sonho. Talvez não seja dado a todos, nem ingresso na plenitude da promessa de Deus, mas lhes é dado viver com tal fidelidade e serviço que possa acelerar o dia em que outros ingressem. É-nos dada a tremenda tarefa de ajudar a Deus para que suas promessas se façam realidade.

A FÉ E SEU SEGREDO

Hebreus 11:23-29

Para os hebreus, Moisés era o personagem supremo de sua história. Ele era o caudilho que os tinha resgatado da escravidão e aquele que tinha recebido a Lei de Deus para suas vidas. Para o autor de Hebreus Moisés era preeminentemente o homem de fé. Neste relato — como o assinala Moffatt — há cinco diferentes atos de fé. Como acontece com os outros grandes personagens cujos nomes estão incluídos neste quadro de honra dos homens de fé, também em torno do nome de Moisés se acumularam muitas lendas e elaborações. Sem dúvida o autor de Hebreus as tinha presentes.

(1) Figura a fé dos pais de Moisés. O relato o respeito está em Êxodo 2:1-10. Êxodo 1:15-22 narra como o rei do Egito levado pelo ódio tentou eliminar os israelitas matando-os ao nascer.

A lenda narra como Anrão e Joquebede, os pais de Moisés (Êxodo 6:20), angustiaram-se pelo decreto do faraó. Como resultado Anrão se despediu de sua mulher, não porque não a amasse, mas sim porque queria poupá-la da tristeza de ver mortos a seus filhos, se os concebia. Viveram separados, por três anos. Então Miriam profetizou: "Meus pais terão outro filho que livrará a Israel de mãos dos egípcios". A seu pai disse: "O que tem feito? Jogou em sua mulher fora de casa porque não pôde confiar que o Senhor Deus protegeria ao filho que pudesse te

nascer." De modo que, Anrão, confiando em Deus por vergonha, fez voltar para sua mulher, e a seu devido tempo nasceu Moisés. Era um menino tão bonito que seus pais determinaram escondê-lo em casa. Desta maneira procederam durante três meses.

Então, segundo conta a lenda, os egípcios idearam um plano muito cruel. O rei determinou que se buscasse até os meninos ocultos para matá-los. Agora, quando um menino ouve outro chorar, ele também chora. De modo que mandaram mães egípcias com seus meninos às casas israelitas. Ao entrar, as mães egípcias beliscavam a seus filhos para que chorassem. Então levavam também os meninos escondidos dos israelitas. Assim eram descobertos e lhes davam morte. Diante disso, Anrão e Joquebede decidiram construir uma pequena arca e encomendar, nela o menino às águas do Nilo. Que Moisés nascesse tinha sido um ato de fé; que tivesse sido preservado também tinha sido outro ato de fé. Moisés começou sendo filho da fé. Sem a fé de seus pais jamais teria nascido nem se salvado.

(2) O segundo ato de fé foi a lealdade de Moisés a seu próprio povo. O relato encontra-se em Êxodo 2:11-14. Novamente as lendas ajudam a iluminar o quadro. Quando Moisés flutuava nas águas do Nilo foi encontrado pela filha do faraó cujo nome era Bitia ou mais usualmente Termutis. Ela se extasiou perante sua beleza.

Diz a lenda que quando tirou a arca da água, o arcanjo Gabriel bateu nos ouvidos do pequeno para fazê-lo chorar, a fim de que o coração de Termutis se comovesse ao ver a carinha franzida de pesar e os olhinhos cheios de lágrimas. Termutis, para sua dor, era estéril; de modo que levou o menino para casa e o criou, educou e cuidou como a seu próprio filho. Moisés cresceu e foi tão formoso que as pessoas davam volta nas ruas e até interrompiam seu trabalho para vê-lo passar. Era tão sábio que avantajava em muito a outros meninos na aprendizagem e conhecimento. Sendo menino ainda, Termutis o levou a faraó e lhe contou como o tinha encontrado. Ao colocá-lo em seus braços o faraó ficou tão fascinado que o abraçou e a pedido de Termutis

prometeu fazê-lo seu herdeiro. Tomou em brincadeira sua coroa e a colocou na cabeça do menino mas este a arrebatou, jogou-a no chão e a pisoteou. Os sábios conselheiros do faraó foram cheios de pressentimentos de que menino algum dia pisotearia o poder real do faraó. Os sábios queriam por isso matar o menino Moisés. Mas se propôs uma prova: colocariam diante do menino um recipiente com pedras preciosas e outro com carvões acesos. Se o menino estendia suas mãozinhas e tocasse as jóias demonstraria ser tão sábio como perigoso; se pelo contrário estendia suas mãos e tocasse os carvões demonstraria ser tão néscio como inofensivo.

O menino Moisés esteve a ponto de tocar as jóias mas Gabriel tomou sua mão e a pôs sobre os carvões. Queimou um dedo que levou imediatamente à boca e queimou também a boca. Desta maneira explicavam por que Moisés não era bom orador (Êxodo 4:10); gaguejou durante toda sua vida. Assim se salvou Moisés.

Foi criado no luxo, como herdeiro do reino. Chegou a ser um dos maiores generais do Egito conquistando em particular os etíopes, que ameaçavam o país, e finalmente se casou com uma princesa etíope. Mas jamais esqueceu o seu povo e os de sua nação. Chegou um dia em que decidiu aliar-se aos oprimidos israelitas e dizer adeus ao futuro de riqueza, tranqüilidade, comodidades e domínio real.

Moisés foi o homem que renunciou a toda glória terrestre por causa do povo de Deus. Cristo, aquele que se despojou de sua glória pelos homens; aquele que foi desprezado e rechaçado; aquele que abandonou a glória dos céus pelas bofetadas, os açoites e a vergonha infligida pelos homens. Moisés participou de sua época e geração dos sofrimentos de Cristo. Foi o homem que escolheu uma lealdade que o conduziria ao sofrimento em vez de uma tranqüilidade que o teria levado à glória terrena. Preferiu sofrer com os justos que desfrutar de fausto com os perversos. Sabia que as recompensas terrenas eram desprezíveis em comparação com a recompensa final de Deus.

(3) Veio o dia em que Moisés, devido a sua intervenção em favor de seu povo, teve que sair do Egito rumo a Midiã (Êxodo 2:14-22). Em razão da ordem que se segue, deve ser a isto que se refere o versículo 27. Alguns acharam aqui uma dificuldade porque segundo Êxodo, Moisés fugiu porque temia o faraó (Êxodo 2:14). O autor de Hebreus diz, pelo contrário, que saiu não temendo a ira inflamada do rei. Na verdade não há uma verdadeira contradição. Trata-se simplesmente de que o autor da Carta aprofundou-se mais no relato. Para Moisés retirar-se a Midiã não foi um ato de medo, mas sim de coragem. Mostrava a coragem do homem que tinha aprendido a aguardar.

Os estóicos eram sábios: sustentavam que o homem não devia desperdiçar sua vida provocando desnecessariamente a ira do tirano.

Sêneca escreveu: "O sábio jamais provocará a ira dos poderosos; ainda mais, se apartará deles; da mesma maneira que os marinheiros esquivam o perigo da tormenta".

Nesse momento Moisés teria podido levar adiante seu plano, mas seu povo não estava preparado. Se tivesse procedido desta maneira temerária simplesmente teria desperdiçado sua vida; a libertação do Egito jamais tivesse tido lugar. Moisés era suficientemente grande e corajoso para saber quando aguardar. Teve a paciência e a coragem de aguardar até que Deus lhe disse: "Agora é o momento."

Moffatt cita um dito de A. S. Peake: "A coragem de abandonar a obra na qual está empenhado de todo coração e de aceitar com ânimo a ação como vontade de Deus, é de uma índole muito estranha e elevada; só pode ser criada e sustentada por maior visão espiritual".

Quando nossos instintos combativos dizem: "Continue" terá que ser um homem de grande envergadura e coragem para esperar. É humano temer perder a oportunidade; é grande esperar o tempo de Deus — mesmo quando se tenha a impressão de desperdiçar a oportunidade.

(4) Chegou o dia em que Moisés teve que organizar no Egito todos os preparativos da primeira Páscoa. O relato encontra-se em Êxodo 12:12-48. Teve que preparar os pães asmos; o cordeiro pascal teve que

ser imolado; o batente das portas deveu ser orvalhado com o sangue do cordeiro para que o anjo da morte vendo o sangue passasse adiante sem matar aos primogênitos dessa casa. Mas o admirável é que, segundo o relato de Êxodo, Moisés não só estabeleceu estas prescrições para a noite em que os filhos de Israel iam deixar o Egito, mas também *as promulgou para que fossem observadas sempre, cada ano*. Isto significa que nunca duvidou do êxito de sua empresa, da libertação de seu povo do Egito, que algum dia chegariam à terra prometida. Até sob a fúria do faraó, jamais duvidou da fuga e do futuro triunfo do povo. Os que se deviam mobilizar pelo deserto desconhecido para uma desconhecida terra prometida eram um grupo de miseráveis escravos hebreus, seguido por todo o poder acalorado do Egito. E entretanto, Moisés jamais duvidou de que Deus devia conduzir o seu povo com segurança. Moisés foi preeminentemente o homem de fé: cria que se Deus dava uma ordem ao povo também lhe concederia a força para levá-la a cabo; que se Deus lhe encomendava uma empresa daria também a fortaleza para levá-la a um triunfante final. Moisés sabia que Deus não chamava seu servo a uma grande missão para logo abandoná-lo. Deus os acompanharia a cada passo do caminho.

(5) Finalmente está o grande ato do cruzamento do Mar Vermelho. O relato se acha em Êxodo 14. Ali lemos como os filhos de Israel atravessaram maravilhosamente o Mar Vermelho e como os egípcios foram inundados em suas ondas quando tentavam fazer o mesmo. Foi neste preciso momento quando a fé de Moisés se transmitiu ao povo e o empurrou a seguir adiante quando bem teria podido dar as costas. Estamos perante a fé de um caudilho e de um povo dispostos a empreender o impossível por ordem de Deus, que compreende que a maior barreira do mundo não é nenhum impedimento quando Deus está para ajudar a franqueá-la.

O livro *As in Adam* tem uma sentença que reza: "O trabalho da vida e seu caminho consistem em passar por cima das cercas, não em jazer e lamentar-se sem franqueá-las". Para Moisés era questão de fé tentar o

que aparecia como a cerca mais infranqueável, mas com a certeza que Deus ajuda o homem que recusa voltar atrás e insiste em prosseguir.

Finalmente esta passagem não só nos fala de Moisés, mas também da *fonte desta fé*. O verso 27 nos diz que Moisés era capaz de atacar tudo como alguém que vê o Invisível. A característica mais extraordinária de Moisés era sua intimidade com Deus. Em Êxodo 33:9-11 lemos como Moisés entrava no tabernáculo: “Falava o SENHOR a Moisés face a face, como qualquer fala a seu amigo”.

Em Números 12:7-8 lemos o veredicto de Deus sobre Moisés quando alguns estavam prontos a rebelar-se contra ele: "Face a face falarei com ele". Para expressá-lo de uma maneira muito simples e humana, o segredo da fé de Moisés estava em que conhecia pessoalmente a Deus. Empreendia cada obra da presença de Deus.

Diz-se que antes de uma batalha importante Napoleão estava acostumado a ficar só numa carpa, mandava chamar um por um a seus comandantes em chefe e quando estavam presentes não lhes dizia uma palavra mas sim que os olhava nos olhos e lhes dava um apertão de mãos. Então partiam preparados para a batalha e para a morte pelo general que amavam.

Esta era a atitude de Moisés com relação a Deus. Moisés tinha a fé que tinha pelo conhecimento que obteve de Deus. Quando empreendemos uma tarefa diretamente da presença de Deus não há empresa que possa nos derrotar. Nosso fracasso e temor se devem com frequência ao querer fazer as coisas a sós. O segredo de uma vida triunfante é saber apresentar-se ante Deus antes de enfrentar os homens

A FÉ QUE DESAFIA OS FATOS

Hebreus 11:30-31

Até agora o autor citou exemplos de fé das grandes figuras anteriores à entrada de Israel na terra prometida. Agora escolhe duas

figuras do período de luta em que os filhos de Israel combatiam por possuir um lugar próprio dentro da Palestina.

(1) Em primeiro termo está o relato da queda do Jericó. Esta história antiga e estranha se narra em Josué 6:1-20. Jericó era uma cidade grande e bem fortificada. Tomá-la parecia uma tarefa impossível. Segundo o mandato divino o povo devia rodear uma vez por dia durante seis dias em torno da cidade guiado por sete sacerdotes com a arca à frente e levando trombetas de chifres de carneiros. Durante seis dias a marcha devia realizar-se em silêncio. Ao sétimo dia os sacerdotes deviam tocar as trombetas depois de ter dado a sétima volta à cidade, o povo devia gritar com todas as suas forças e o muro da cidade seria derrubado. Segundo o relato, isto aconteceu ao pé da letra. Esta história deixou uma marca indelével na memória de Israel.

Séculos depois, Judas Macabeu e seus homens estavam frente à cidade de Caspín, tão segura em sua fortificação que seus defensores riam agradados. "Os homens do Judá, depois de invocar ao grande Senhor do mundo, que sem aríetes nem máquinas de guerra tinha ruído a Jericó no tempo de Josué, atacaram ferozmente a muralha. Uma vez donos da cidade por vontade de Deus... (2 Macabeus 12:13-16). O povo jamais esqueceu os grandes eventos que Deus tinha realizado por ele; quando se requeria um grande esforço davam valor, lembrando o que Deus tinha feito no passado.

Isto é justamente o que o autor de Hebreus deseja sublinhar. A tomada de Jericó foi o resultado de um ato de fé. Foi levado a cabo por homens que pensavam, não no que eles mesmos podiam fazer, mas no que Deus podia fazer por eles. Puseram mãos a obra, não pelo próprio poder, mas com o poder de Deus. Estavam preparados para crer que Deus podia fazê-los capazes de realizar o impossível, que Deus podia fazer com que a fraqueza evidente fosse capaz de uma tarefa incrível.

Depois da destruição da armada espanhola em Plymouth Hoe, erigiu-se um monumento com a inscrição: "Deus enviou seus ventos e eles foram dispersados". Em outras palavras, quando o povo da

Inglaterra viu como a tormenta e o vento tinham dispersado a armada espanhola disse: "Isto foi Deus que fez."

Quando estamos frente a alguma tarefa grande e exigente, nosso pensamento deve ser, não o que nós podemos fazer, mas sim o que Deus pode fazer *com* nós e *por* nós. Quando avaliamos nossos recursos, Deus é o único aliado a quem jamais devemos deixar de lado em nossos cálculos. O que é impossível para nós sozinhos é sempre possível com Deus.

(2) O segundo relato que o autor apresenta é a história de Raabe. Esta se narra em Josué 2:1-21 e tem sua conclusão em Josué 6:25. Quando Josué mandou espiões para precaver-se da situação de Jericó, estes se alojaram na casa de Raabe, a rameira, que os protegeu e fez possível a fuga. E em recompensa quando Jericó foi sitiada ela e sua família foram salvos da matança geral. É extraordinário como ficou impressa Raabe na memória de Israel. Tiago (2:25) menciona-a como um grande exemplo das boas obras que demonstram a fé. Os rabinos que podiam fazê-lo, se sentiam orgulhosos de poder traçar sua ascendência até ela. E — o mais chamativo — é um dos nomes que aparecem na mesma genealogia do próprio Jesus (Mateus 1: 25). Clemente de Roma a cita como um exemplo extraordinário de alguém que se salvou "pela fé e pela hospitalidade".

O que é o que quer sublinhar o autor de Hebreus quando a cita? Trata-se do seguinte — frente aos acontecimentos Raabe creu no Deus de Israel. Disse aos espiões que tinha recebido e oculto: "Bem sei que o SENHOR vos deu esta terra... porque o SENHOR, vosso Deus, é Deus em cima nos céus e embaixo na terra." (Josué 2:9-11). No momento em que pronunciava estas palavras parecia impossível que os filhos de Israel pudessem capturar Jericó. Estes nômades do deserto não tinham artilharia nem catapultas. Deve ter parecido fantasticamente improvável que alguma vez pudessem destruir o muro do Jericó e arrasas a cidade. Entretanto, Raabe creu — e arriscou todo o seu futuro nesta fé — que Deus faria possível o impossível. Creu em Deus contra a evidência dos

fatos. Quando o sentido comum via uma situação sem esperança, ela teve o sentido não comum de ver mais além da situação. Teve a coragem aventureira de lançar sua sorte em Deus quando fazer isto parecia respaldar a parte perdedora. A fé verdadeira e a verdadeira coragem são a fé e a coragem que tomam o lado de Deus quando este lado parece destinado ao fracasso.

O cristão crê em Deus contra os fatos; crê que ninguém que tome o lado de Deus pode achar-se finalmente do lado perdedor, porque, mesmo quando conheça as derrotas da Terra, há uma vitória cujos troféus estão nos céus.

OS HERÓIS DA FÉ

Hebreus 11:32-34

Nesta passagem o autor de Hebreus deixa que os olhos de sua mente se remontem para trás na história de seu povo. E daqui surgem em sua memória nome após nome dos que levaram uma vida heróica. Não os tem em conta num ordem particular mas sim, como veremos quando considerarmos as características relevantes de cada um deles, segue uma linha de pensamento que os liga a todos.

A história de Gideão é narrada em Juízes 6 e 7. Com apenas trezentos homens Gideão obteve uma vitória sobre os amonitas nos dias em que estes eram o terror de Israel; foi um episódio que teve ressonância durante séculos. A história de Baraque encontra-se em Juízes 4 e 5. Sob a inspiração da profetisa Débora, Baraque reuniu dez mil jovens e enfrentou as temíveis forças superiores dos cananeus com seus novecentos carros de ferro e obteve uma vitória quase incrível: é como se um batalhão de infantaria quase desarmado derrotasse a uma divisão de tanques.

A história de Sansão é narrada em Juízes 13 a 16. Sansão sempre lutou sozinho. Na solidão de sua fortaleza extraordinária sempre

enfrentou forças muito superiores e saiu triunfante. Como figura única e solitária foi o açoite dos filisteus.

A história de Jefté é narrada em Juízes 11 e 12. Jefté era filho ilegítimo; tinha sido empurrado a uma espécie de exílio e a uma vida fora da Lei. Mas quando os amonitas atemorizavam a Israel foi chamado o esquecido proscrito. E obteve uma tremenda vitória ainda que seu voto a Deus lhe custou a vida de sua filha.

Figura o rei Davi que tinha sido num tempo um jovem pastor e que, para sua admiração e dos demais, foi ungido rei com preferência a todos os seus irmãos (1 Samuel 16: 1-13).

Figura Samuel, nascido quando sua mãe era de idade amadurecida (1 Samuel 1) e que sempre teve que agir sozinho como o único homem forte e fiel de Deus em meio de um povo facilmente atemorizado, descontente e rebelde.

Figuram os profetas, que um após outro deram um testemunho fiel e solitário de Deus.

Toda a lista abrange a homens que enfrentaram incríveis provas por Deus. É uma lista de homens que nunca creram que Deus estivesse do lado dos grandes batalhões; homens dispostos a assumir riscos tremendos e terríveis por Deus. É uma lista de homens que de bom ânimo, valorosa e confiantemente aceitaram tarefas encomendadas por Deus que em termos humanos eram impossíveis. Todos eles eram homens que nunca tiveram medo de estar sozinhos e, por lealdade a Deus, de enfrentar as hordas hostis aparentemente invencíveis. O quadro de honra da história é a lista de nomes de homens que escolheram estar, antes que tudo, na minoria de Deus que na maioria terrestre.

Na segunda parte desta passagem, quando o autor narra o que fizeram Homens dessa estatura, ele o faz com uma série de frases que ressoam como o matraqueio da metralhadora. Pode ser que a maioria de nós tenha perdido muito do impacto dessas frases porque *frase após frase é uma reminiscência*. Aqueles que conheciam bem as Escrituras na versão grega evocavam ao ponto o contexto de cada frase.

A frase *subjugaram reinos* corresponde à mesma que Josefo, o historiador judeu, aplica a Davi.

A frase praticaram a justiça evoca a descrição de Davi de 2 Samuel 8:15.

A expressão *fecharam a boca de leões* é a mesma que se refere a Daniel em Daniel 6:18, 23.

A frase *extinguiram a violência do fogo* retrocede diretamente à história de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego (Daniel 3:19-28).

Dizer *escaparam ao fio da espada* era dirigir os pensamentos do leitor ao modo em que Elias escapou à ameaça de assassinato em 1 Reis 19:1 ss. e Eliseu em 2 Reis 6:31 ss.

O toque de trombeta sobre ser *poderosos em guerra* e *pôr em fuga exércitos de estrangeiros* trariam imediatamente à memória as glórias inesquecíveis da época dos macabeus, da qual falaremos na próxima seção.

A frase *da fraqueza tiraram força* evocaria mais de um quadro: poderia evocar a imagem da cura extraordinária de Ezequias depois de ter-se voltado à parede para morrer (2 Reis 20:1-7). Possivelmente com mais probabilidade pela época em que o autor escrevia evocasse o incidente épico mas sangrento narrado em um dos apócrifos, o livro do Judite. Em certa época Israel estava ameaçado pelo exército de Nabucodonosor conduzido por seu general Holofernes. A população judia da Betulia tinha decidido entregar-se no prazo de cinco dias porque as reservas de alimento e água se esgotavam. Na aldeia havia uma viúva chamada Judite; era rica e bonita, mas tinha vivido em luto solitário pela morte de seu marido Manassés. Vestiu-se com seus melhores ornamentos e conseguiu que a deixasse sair do povo. Dirigiu-se então diretamente ao campo dos assírios, conseguiu entrar até à presença de Holofernes, persuadiu-o de que estava convencida da derrota de seu povo como castigo por seus pecados e se ofereceu para ensinar o caminho secreto ao interior de Jerusalém. Havendo ganho assim sua confiança, matou-o com sua própria adaga enquanto dormia embriagado,

cortou-lhe a cabeça e a levou a seu povo. Os traidores dentro do acampamento foram silenciados e a iminente derrota foi transformada numa tumultuosa vitória. A fraqueza de uma mulher se tornou tão forte para salvar a seu povo.

O autor de Hebreus busca inspirar um novo sentido de coragem e responsabilidade, lembrando a seus leitores a história do passado. Não o faz jactanciosamente, mas com uma arte incomparável; não é tanto o fato de dizer-lhes o que têm que lembrar, mas sim, com delicadas insinuações os compele a lembrar por si mesmos.

Quando Oliver Cromwell tomava disposições para a educação de seu filho Richard disse: "Eu o faria aprender um pouco de história".

Quando estamos desanimados olhemos para trás, lembremos e recuperemos o ânimo. O braço de Deus não se encurtou; seu poder não diminuiu. O que Deus fez uma vez, voltará a fazê-lo, porque o Deus da história é o mesmo Deus a quem hoje rendemos culto.

O DESAFIO DO SOFRIMENTO

Hebreus 11:35-40

Nesta passagem o autor mistura diferentes períodos da história. Algumas vezes tira suas ilustrações do período bíblico, mas mais ainda do período macabeu que cai entre o Antigo e o Novo Testamento.

Em primeiro termo consideremos o que pode explicar-se à luz do Antigo Testamento. Nas vidas de Elias (1 Reis 17:17ss.) e de Eliseu (2 Reis 4:8 ss.) lemos como, pelo poder e a fé dos profetas, as mulheres recuperaram seus filhos defuntos. Alguns profetas tinham sido lapidados até morrer. 2 Crônicas 24:20-22 narra como o profeta Zacarias foi lapidado por seu próprio povo por haver dito a verdade.

A lenda diz que no Egito Jeremias tinha sido lapidado até morrer por seus compatriotas. A lenda judia narra que Isaías foi serrado em pedaços. Quando morreu Ezequias, o rei bom, foi sucedido no trono por Manassés que adorou os ídolos e tentou coagir Isaías para que

tomasse parte em sua idolatria e a aprovasse. Isaías se recusou e foi condenado a ser serrado com uma serra de madeira. Enquanto seus amigos tentavam fazê-lo retratar-se de sua fé, ele os desafiava firmemente e profetizava a sua ruína. "E enquanto a serra mordia em sua carne, Isaías não proferiu lamento algum nem derramou nenhuma lágrima; não cessava de manter-se em íntima união com o Espírito Santo até que a serra lhe dividiu a metade do corpo".

A mente e a memória do autor retrocedem à história de homens que foram capazes de realizar por Deus obras poderosas e que tiveram a fortaleza de suportar torturas e agonias por seu nome.

Mas a mente do autor se remonta mais ainda, à história mais terrível da época dos macabeus. Esta foi uma luta da qual todo cristão deve conhecer algo, porque se naqueles dias terríveis de matança os judeus tivessem claudicado na fé e abandonado a Deus, Jesus não teria vindo. Porque se aferraram à fé e desafiaram a seus torturadores, o propósito de Deus em Israel pôde levar-se a cabo. A história narra o seguinte.

Em torno do ano 170 A. C. ocupava o trono de Síria um rei chamado Antíoco Epifânio. Era um bom governante, mas tinha um amor quase anormal por tudo o que era grego e considerava-se a si mesmo como um missionário do estilo de vida e da religião gregos. Tratou de introduzir este estilo de vida na Palestina e teve certo êxito pois havia os que estavam dispostos a adotar a cultura, o teatro e o atletismo gregos. Os atletas gregos eram treinados nus, alguns dos sacerdotes judeus chegavam até o extremo de tentar apagar a marca da circuncisão para ver-se completamente helenizados. Até esse momento, Antíoco só tinha conseguido dividir a nação ainda que a maior parte dos judeus mantinha-se incombustível na fé e irreduzível. Até então não se usou da força nem da violência.

Mas em torno do ano 168 A. C, sobrevieram dias em que as coisas chegaram a seu ponto de ebulição. Antíoco tinha interesse no Egito e organizou um exército e invadiu o país. Para sua profunda humilhação os romanos o fizeram retornar e este caminho de volta piorou a humilhação;

os romanos não enviaram exército alguém contra ele; era tal o poder de Roma que não precisaram fazê-lo. Enviaram o senador Popilio Laena com um pequeno séquito, quase desarmado. Popilio e Antíoco se encontraram na fronteira do Egito. Conversaram como bons conhecedores de Roma onde tinham sido outrora amigos. Logo Popilio disse com toda gentileza a Antíoco que Roma não desejava que prosseguisse sua campanha, mas que empreendesse a volta. Antíoco respondeu que o teria em conta, mas Popilio tomou a fortificação que levava, traçou um círculo em volta de Antíoco e disse com toda tranqüilidade: "Considere-o agora; dê-me sua decisão antes de sair deste círculo". Antíoco pensou por um momento e se deu conta de que era impossível derrotar Roma. "Empreenderei a volta", respondeu. Foi uma humilhação esmagadora para um rei.

Antíoco empreendeu a volta quase louco de raiva, e em sua marcha se desviou em direção de Jerusalém, atacou a cidade e a capturou quase sem esforço. É declarado que 80.000 judeus foram mortos e 10.000 vendidos como escravos. Mas faltava o pior. Saqueou o templo, os altares de ouro dos pães da proposição e do incenso, o candelabro, os vasos de ouro e até as cortinas e os véus. Foi saqueado o tesouro. Mas ainda havia algo pior. Sobre o altar dos holocaustos ofereceu a Zeus sacrifícios de carne de porco e transformou os aposentos do templo em lupanares. Não houve sacrilégio que não fizessem.

Mas ainda restava algo pior. Proibiu absolutamente a circuncisão e a posse das Escrituras e da Lei; tentou obrigar aos judeus a comer carnes impuras e a sacrificar aos deuses gregos. Os inspetores percorriam o país para certificar-se que as ordens fossem cumpridas. Se alguém as desafiava "era submetido a grandes misérias e fortes torturas; eram açoitados com varas e seus corpos rasgados em pedaços; eram crucificados vivos; também estrangulavam as mulheres com seus filhos que tinham circuncidado, pendurando os seus filhos de acordo com a indicação do rei, em torno de seus pescoços como se estivessem sobre cruzes. E se fosse achado algum livro sagrado da Lei o destruíam e os

que fossem encontrados também pereciam miseravelmente" (Josefo, *Antiguidades* 12:5, 4). Jamais em toda a história houve um intento tão sádico e deliberado de eliminar a religião de um povo.

É fácil ver como se podia ler esta passagem frente aos terríveis acontecimentos daqueles dias. O quarto livro dos Macabeus tem duas histórias famosas que sem dúvida estavam na mente do autor de Hebreus quando escrevia a lista de coisas que o homem de fé tem que sofrer.

A primeira história é a de Eleazar, o ancião sacerdote (4 Macabeus 5-7) levado diante de Antíoco e obrigado a comer carne de porco sob a ameaça dos mais horrendos castigos. Mas se recusou. "Nós, Antíoco — disse — que estamos convencidos de viver sob uma Lei divina, consideramos que nenhuma coação é tão forte como a obediência à nossa Lei". Não esteve disposto a obedecer as ordens do rei: "Não, nem que me arranquem os olhos e consumam minhas vísceras no fogo". Despiram-no e o açoitaram com látigos enquanto um soldado junto a ele lhe dizia: "Obedeça as ordens do rei". Os açoites lhe rasgavam a carne, o sangue jorrava pelo corpo e seus lados se converteram em feridas abertas. Caiu no chão e um dos soldados lhe deu um violento chute no estômago para levantá-lo. No final, assombrados, os próprios guardas se sentiram movidos a compadecer-se dele. Sugeriram oferecer-lhe uma comida de carne que não era de porco para que ele a comesse fingindo que o era. Ele respondeu: "Então nos converteríamos em exemplo de impiedade para a juventude se lhes dermos desculpa para comer o impuro". No final o levaram ao fogo e o jogaram nele "queimando-o com instrumentos cruelmente ideados e derramando líquidos fedidos em seus narizes". Morreu, pois, exclamando: "Morro em terríveis torturas por causa da Lei". Esta era ao menos uma das histórias às quais se refere o autor ao falar dos sofrimentos dos que morreram pela fé.

A segunda história é a dos sete irmãos (4 Macabeus 8-14). A eles também se lhes apresentou a mesma opção e se viram frente às mesmas ameaças. Tiveram que suportar "rodas e instrumentos de tortura, ganchos de ferro e catapultas, caldeirões e frigideiras, torturas dos dedos e mãos

de ferro, cunhas e cinzas ardentes". O primeiro irmão recusou comer coisa impura. Açoitaram-no com látigos, ataram-no à roda até que deslocaram e fraturaram cada membro. "Fizeram um montão de carvão e lhe prenderam fogo e ainda o estiraram mais sobre a roda. A roda estava toda coberta de sangue e o montão de carvão se extinguia pela destilação desta; as partes de carne voavam ao redor do eixo da maquinaria". Mas resistiu as torturas e morreu fiel. O segundo irmão foi preso às catapultas. E com manoplas de ferro com puas "estas bestas selvagens, ferozes como panteras, rasgaram-lhe todas as carnes e nervos até a mandíbula e lhe arrancaram o couro cabeludo." E também morreu sendo fiel a Deus. Fizeram comparecer o terceiro dos irmãos. "Os funcionários impacientes pela intrepidez do homem, deslocaram-lhe as mãos e os pés com artefatos de tortura desconjuntando-os e lhe arrancando os membros a pedaços. Fraturaram-lhe os dedos, os braços, as pernas e os cotovelos." Finalmente o estiraram sobre a catapulta e o esfolaram vivo. Também ele permaneceu fiel até a morte. Ao quarto irmão lhe arrancaram a língua antes de submetê-lo a torturas semelhantes. Ao quinto o ataram em torno de uma roda. Logo o aferraram com grilhões de ferro à catapulta e o rasgaram em pedaços. Ao sexto o desconjuntaram sobre a roda enquanto um fogo o assava por abaixo. Depois esquentaram punções pontiagudos, os aplicavam nas costas e atravessando seus flancos lhe queimaram as vísceras". Também morreu permanecendo fiel. Ao sétimo irmão o assaram vivo numa frigideira enorme.

Em tudo isto pensa o autor; também nós devemos lembrá-lo. À fé destes homens se deveu que a mesma fé judia não desaparecesse totalmente. E se esta fé judia tivesse sido destruída, o que teria acontecido com o desígnio de Deus? Como poderia ter nascido Jesus no mundo se a fé judia tivesse cessado de existir? É um simples fato histórico que nós devemos nosso cristianismo a estes mártires dos tempos de matanças em que Antíoco tentou deliberadamente eliminar a religião judia.

Mas chegou um dia em que se iniciou a revolta. Os agentes de Antíoco foram a uma aldeia chamada Modin e erigiram ali um altar para que os habitantes oferecessem sacrifícios aos deuses gregos. Os emissários de Antíoco tentaram persuadir a um certo Matatias, que era um homem distinto e de influência, a que desse o exemplo oferecendo o sacrifício. Ele se negou irado, mas outro judeu querendo salvar-se e ganhar o favor inimigo se adiantou e esteve a ponto de sacrificar. Matatias levado de uma ira incontrolável empunhou uma espada, deu um salto para frente, matou a seu compatriota e com ele ao emissário do rei. Levantou-se o estandarte da rebelião. Matatias, seus filhos e os que pensavam da mesma maneira se retiraram às montanhas, e mais uma vez as frases que se usam para descrever suas vidas ressoam na mente do autor de Hebreus. "Então fugiu, ele e seus filhos, para as montanhas, deixando tudo o que possuíam na cidade" (1 Macabeus 2:28, BJ). "Judas, porém, chamado também Macabeu ... retirou-se para o deserto, onde passou a viver como os animais selvagens, nas montanhas, com os seus companheiros" (2 Macabeus 5:27, BJ). "Outros, que tinham acorrido juntos às cavernas vizinhas, a fim de aí celebrarem ocultamente o sétimo dia, sendo denunciados a Filipe, foram juntos entregues às chamas" (2 Macabeus 6:11, BJ). "Estavam obrigados a viver nas montanhas e nas cavernas, à maneira de feras" (2 Macabeus 10:6, BJ). No final, sob Judas Macabeu e seus irmãos, os judeus reconquistaram sua liberdade, o templo foi purificado e a fé voltou a florescer.

Nesta passagem o autor acode sempre ao mesmo recurso. Não menciona explicitamente os fatos, mas sim de uma maneira mais eficaz move aos leitores a lembrar por si mesmos os acontecimentos por esta ou aquela frase; que, lançando um olhar para trás, eles lembrassem o preço tremendo da fé que lhes havia custado a religião que tinham.

Finalmente acrescenta algo importante. Todos estes morreram antes que a promessa de Deus chegasse à sua realização última, antes da vinda do Messias de Deus ao mundo. É como se Deus tivesse que preparar as coisas, como se o resplendor pleno de sua glória e revelação não tivesse

que manifestar-se até que, nós e eles, pudéssemos desfrutar junto com eles. "Olhem!" diz o autor, "a glória de Deus veio. Mas pensem quanto custou tornar possível sua vinda! Essa é a fé que deu a vocês sua fé. O que outra coisa podem fazer, mas senão manter-se fiéis a uma herança e uma tradição semelhantes?"

Hebreus 12

A carreira e a meta - 12:1-2

A norma de comparação - 12:3-4

A disciplina divina - 12:5-11

Deveres, finalidades e perigos - 12:12-17

O terror do velho e a glória do novo - 12:18-24

A maior obrigação - 12:25-29

A CARREIRA E A META

Hebreus 12:1-2

Estamos aqui ante uma das grandes e eloqüentes passagens do Novo Testamento; nela o autor nos dá um sumário quase perfeito da vida cristã.

(1) Na vida cristã temos *uma meta*. A vida cristã é uma carreira por uma rota que temos pela frente. O cristão não é um vagabundo que anda desinteressado pelas ruelas da vida; é um viajante que percorre a estrada principal. Não é um turista que cada noite retorna ao ponto de partida; é um peregrino que está sempre em caminho. A meta é nada menos que o próprio Cristo, a presença de Cristo, a semelhança de Cristo. A vida do cristão marcha em torno de um ponto determinado e seria bom que no final de cada dia nos perguntássemos: "Fiz algum progresso?"

(2) Na vida cristã temos *uma inspiração*. Temos o pensamento da nuvem invisível de testemunhas. São testemunhas num duplo sentido: são os que deram testemunho de sua fé em Cristo e agora são

testemunhas de nosso cumprimento. O cristão é como um corredor num estádio lotado de gente. Quando acelera a marcha a multidão o olha; e a multidão que o observa são aqueles que já ganharam a coroa.

Longino em seu grande *Tratado de lo sublime* tem uma receita para obter êxito no empenho literário: "É algo bom —escreve— formular em nossas mentes as perguntas: 'Como Homero teria dito isto?' 'Como Platão ou Aristóteles o teria elevado à sublimidade?' 'Como Tucídides o teria expresso em sua história?' Porque quando os rostos destes personagens apresentam-se perante nós para nossa emulação, iluminam nosso caminho e nos elevam àqueles níveis de perfeição que imaginamos. Melhor ainda seria que nos interrogássemos: 'Como isto soaria a Homero se estivesse aqui, ou a Demóstenes; como eles reagiriam perante isto?'. Na verdade é uma prova suprema imaginar tal juramento e tal teatro para nossas produções privadas e imaginariamente, dar conta de nossos escritos a tais heróis como juízes".

Um ator agiria com dupla intensidade se soubesse que algum famoso do drama está sentado nas poltronas, observando-o. Um atleta se esforçaria duplamente se soubesse que é observado por uma famosa equipe de atletas olímpicos. Faz parte da própria essência da vida aquele que esta é vivida perante o olhar dos heróis da fé que viveram, sofreram e morreram em suas épocas. Como pode alguém evitar a luta pela grandeza perante um concurso de gente que o está olhando?

(3) Na vida cristã temos *um obstáculo*. Se estamos rodeados por toda a grandeza do passado, também estamos rodeados pelo obstáculo de nosso próprio pecado. Ninguém pode alcançar a grandeza quando se sente arrasado por uma carga. Ninguém tentaria escalar o Everest com um caminhão carregado de madeira. Se devemos viajar longe temos que ir leves. Na vida cristã é um dever essencial descartar coisas: hábitos, prazeres, confissões e associações que nos arrastam para trás ou nos atiram para baixo. Devem ser arrojados como o atleta arroja sua capa quando se dirige à luta. Devemos abandonar tudo aquilo que nos retém e freqüentemente necessitaremos a ajuda de Cristo para poder fazê-lo.

(4) Na vida cristã temos *um meio*. Este meio é a *persistência firme*. Trata-se da palavra *hypomone*. O termo não significa a paciência que se senta e aceita as coisas: a paciência que, cansada e cabisbaixa, se senta com as mãos cruzadas e com a mente resignada enquanto maré das coisas passa sobre ela e a supera a. Trata-se da paciência que domina as coisas. O que possuímos não é algo romântico ou algo que nos dá asas para voar sobre as dificuldades e os lugares ingratos. É essa determinação que não se apressa, mas que tampouco descansa; que não se precipita, mas que não demora, mas sim marcha sempre adiante com firmeza recusando desviar-se. Os obstáculos não a intimidam, as demoras não a deprimem; os desalentos não lhe tiram a esperança. Não a deterão nem os desalentos que provêm de dentro nem a oposição de fora. É a firme persistência que não retrocede até obter o triunfo.

(5) Na vida cristã temos *um exemplo*. Esse exemplo é o próprio Jesus. Pela meta que teve diante de si, Ele suportou tudo. Para ganhar essa meta esteve disposto ao abandono da glória celestial, rechaçou deliberadamente o triunfo terreno e abraçou o caminho da cruz. O autor de Hebreus tem um relâmpago de percepção ao dizer: “*desprezando a ignomínia*” (12:1, TB). Jesus era sensível; jamais alguém teve um coração tão sensível como o seu. A cruz era humilhante, o castigo dos criminais, dos quais a sociedade considerava como o sedimento da humanidade. E entretanto, aceitou-a.

São Filipe de Neri dava o conselho de "desprezar o mundo, a nós mesmos e desprezar o fato de ser desprezados". Se Jesus pôde suportar semelhante coisa, então também nós devemos fazê-lo.

(6) Na vida cristã temos *uma presença*: a mesma presença de Jesus. Ele é, ao mesmo tempo, a meta de nossa viagem e o companheiro de rota; Aquele com quem vamos encontrar nos e aquele que nos acompanha no caminho. A maravilha da vida cristã é que partimos rodeados de santos, esquecidos de tudo o que não seja a glória da meta,

em companhia constante daquele que já fez a viagem, alcançou a meta e nos espera para nos dar as boas-vindas quando chegarmos no final.

A NORMA DE COMPARAÇÃO

Hebreus 12:3-4

O autor usa duas palavras muito vividas na expressão “para que *não vos fatigueis, desmaiando em vossa alma*”. São os termos que Aristóteles aplica ao atleta que desaba em terra ofegante *depois* do esforço para chegar à meta. Por conseguinte o autor diz: "Não abandonem logo a luta; não busquem descanso antes do término; não desabem enquanto não tenham transpassado a marca da meta; mantenham-se em pé até ter conseguido a finalidade".

Para instar com eles a fazerem isto, ele usa dois argumentos.

(1) Para eles a luta do cristianismo ainda não se converteu numa luta mortal. Quando fala de resistir até ao sangue, usa a mesma frase dos chefes macabeus ao insistirem com suas tropas para saírem e lutarem até a morte. Quando o autor de Hebreus diz que seus leitores ainda não resistiram até o sangue, como demarca Moffatt, "não os reprova, mas antes os *envergonha*". Quando pensarem no que os heróis do passado suportaram para fazer possível sua fé, certamente não poderão desmaiar nem evitarão as dificuldades.

(2) Pede-lhes que comparem o que eles têm que sofrer com os sofrimentos que Jesus suportou. Jesus depôs uma glória que lhe pertencia, assumiu todas as estreitezas da vida humana, enfrentou a inimizade e a hostilidade dos homens, no final teve que morrer sobre uma cruz. Assim, pois, o autor pergunta com efeito: "Como podem vocês comparar o que têm que suportar com o que Ele suportou? Ele fez tudo isso por vocês; o que vocês vão fazer vós por Ele?"

Estes dois versículos sublinham o custo inapreciável da fé cristã: custou as vidas de todos os santos e mártires e a vida daquele que era o Filho de Deus. Algo que custa tanto não se pode desprezar levemente;

uma tradição como esta não se pode deixar de lado. Uma herança semelhante não é algo que possamos transmitir embaciada, decadente e diminuída. Estes dois versículos enunciam um imperativo destinado a cada cristão: "Mostre-se digno do sacrifício que outros e Deus fizeram por você".

A DISCIPLINA DIVINA

Hebreus 12:5-11

Aqui o autor expõe ainda outra razão pela qual os homens deverão suportar de bom ânimo as aflições e contratempos da vida. Insistiu com eles a suportar tudo isto porque os grandes santos do passado o suportaram e porque tudo o que suportamos é pouco em comparação com o que Jesus Cristo teve que suportar. Agora afirma que devemos suportar a prova e a aflição porque nos são enviadas como uma disciplina de Deus, e nenhuma vida pode ter valor algum sem disciplina.

Um pai sempre disciplina a seu filho. Não seria sinal de amor paterno deixar que o filho faça o que queira e busque sempre o caminho fácil. Um pai que agisse assim não demonstraria amor a seu filho; pelo contrário, daria a entender que não considera seu filho melhor que um filho ilegítimo para o qual não sente nem amor nem responsabilidade. Nos submetemos à disciplina de um pai terrestre só por um breve tempo, até que chegamos aos anos da maturidade. Na correção paterna terrestre há, no melhor dos casos, um elemento de arbitrariedade. O pai terreno é aquele a quem lhe devemos nossa vida corporal. Quanto mais devemos nos submeter à disciplina de Deus a quem devemos nossas almas imortais, um Deus que é inteiramente sábio e que em sua sabedoria não busca outra coisa senão nosso maior bem que só Ele conhece.

Na *Cyropaedia* de Xenofonte há uma passagem curiosa e interessante. discute-se sobre qual é mais útil no mundo: o homem que faz você rir ou aquele que faz você chorar. Aglaidas diz: "Aquele que faz rir a seus amigos parece que lhes brinda um serviço muito menor que

aquele que os faz chorar. E se quer considerar isto retamente, você também encontrará que digo a verdade. De toda maneira, os pais desenvolvem o domínio próprio de seus filhos, fazendo-os chorar, os mestres gravam boas lições em seus alunos da mesma maneira e também as leis conduzem os cidadãos à justiça, fazendo-os chorar. Mas, poderíamos afirmar que aqueles que nos fazem rir, fazem bem a nossos corpos ou fazem com que nossas mentes sejam mais capazes no manejo dos negócios privados ou do Estado?"

Segundo o ponto de vista do Aglaitidas o homem que exercita a disciplina é aquele que verdadeiramente cuida dos demais e faz o bem para eles.

Não há dúvida de que esta passagem sentaria aos que o escutaram pela primeira vez, com um duplo impacto, porque todo mundo estava a par do pasmoso *pátrio poder*, o poder do pai. Um pai romano tinha por lei um poder absoluto sobre sua família. Até sobre um filho casado o pai exercia esse poder absoluto: tanto sobre ele como sobre seus netos. Isto foi assim desde o princípio. Um pai romano podia aceitar ou rechaçar um filho recém-nascido, segundo seu gosto; podia encadeá-lo ou açoitá-lo e vendê-lo como escravo; até tinha o direito de matá-lo. Mas, em geral quando um pai devia dar um passo sério contra algum membro de sua família convocava a todos os membros masculinos e adultos ainda que não precisava fazê-lo nem ter em conta o parecer dos mesmos.

É verdade que, nos últimos tempos a opinião pública não permitia que um pai executasse a seu filho, mas isto sucedeu a partir dos dias de Augusto.

Salustio, o historiador romano, conta-nos de um incidente durante a conspiração de Catilina. Catilina que se tinha rebelado contra Roma foi apoiado por alguns que se uniram a suas forças. Entre eles encontrava-se Aulo Fulvio, filho de um senador romano. Foi detido e levado a sua casa. Seu mesmo pai o julgou e ordenou sua execução.

De acordo com a *pátrio poder* um filho romano jamais se tornava adulto. Podia estar entregue a uma carreira oficial, ocupar as

magistraturas mais altas, ser honrado por todo o país; tudo isto não interessava. Ainda permanecia direta e totalmente sob o poder do pai enquanto este vivesse. Se alguma vez algum povo soube o que era a disciplina paterna este foi o povo romano. E quando o autor de Hebreus fala de como um pai terrestre corrigia a seu filho, seus leitores sabiam muito bem a que se referia.

Assim, pois, o autor insiste em que devemos considerar todas as provas da vida como uma disciplina de Deus; não devemos considerar que são para nosso dano e prejuízo, senão para nosso bem supremo e último. Para provar isto cita Provérbios 3:11-12. Há muitas maneiras nas que a pessoa pode considerar a disciplina que Deus lhe envia.

(1) Pode *aceitar* a disciplina resignadamente. Isto é o que faziam os estóicos que pensavam que nada neste mundo acontecia sem a vontade de Deus. Portanto, afirmavam, não há outra saída senão a aceitação. Agir de outra maneira é simplesmente golpear a cabeça contra as muralhas do universo e não querer aceitar o inevitável. Trata-se certamente de uma aceitação. Pode ser que seja até a aceitação da sabedoria suprema; mas apesar de tudo é uma aceitação não do amor de um pai, mas sim de seu poder. Não é uma aceitação voluntária mas sim uma aceitação derrotada.

(2) Pode-se aceitar a disciplina *com o lúgubre sentimento de que passe o mais rapidamente possível*. Um famoso romano da antigüidade dizia: "Não deixarei que nada interrompa minha vida". Se a pessoa aceitar a disciplina desta maneira, ele o faz com uma turva determinação mas considerando-a como uma correção e aflição que devem superar-se com desafio e não certamente com gratidão.

(3) Pode-se aceitar a disciplina com *uma auto-comiseração que o conduz finalmente ao fracasso*. Há pessoas que quando se vêem vítimas de alguma situação difícil dão a impressão de ser os únicos do mundo golpeados ou afligidos pela vida. Perdem-se na auto-comiseração. Ainda que se trate da perda de um ser querido, por quem sofrem todo o tempo é por si mesmas.

(4) Alguém pode aceitar a disciplina *como um castigo que os ofende*. É estranho que nessa época os romanos não vissem nos desastres nacionais e pessoais mais que a vingança dos deuses.

Luciano escreveu: "Roma teria sido efetivamente feliz e seus cidadãos felizes, se os deuses se preocupassem tanto em cuidar dos homens como em ser exigentes na vingança".

Tácito mantinha que os desastres da nação eram a prova de que os deuses não se interessavam pela segurança dos homens, mas sim em seu castigo. Até há aqueles que consideram a Deus como um Deus vingativo. Quando algo lhes acontece ou aos que amam, eles se perguntam: "O que é que eu fiz para merecer isto?" E o perguntam em tom e com um espírito tais que evidenciam que consideram tudo como um castigo injusto e imerecido de parte de Deus. Jamais lhes ocorre perguntar: "O que é o que Deus quer me ensinar? O que quer fazer de mim? O que quer fazer comigo por meio desta experiência que me sobreveio?"

(5) Desta maneira chegamos à última atitude. Também existem os que vêm nas coisas difíceis da vida *a disciplina de um pai amante*.

Jerônimo dizia algo paradoxal mas verdadeiro: "A maior ira de todas é que Deus não se ire mais conosco quando pecamos". Queria dizer que o castigo supremo é que Deus nos abandone como indóceis, incuráveis e irremediavelmente cegos.

O verdadeiro cristão sabe que tudo o que lhe sobrevém procede de um Deus que é um Pai e que, "a mão de um pai jamais causará a seu filho uma lágrima inútil". Sabe que tudo o que acontece significa algo, tem um propósito, leva o desígnio de fazer dele um homem melhor e mais sábio.

Daremos fim à auto-comiseração, ao ressentimento e à queixa rebelde se lembrarmos que não há disciplina de Deus que não tenha suas fontes no amor, e que não esteja ordenada para o bem.

DEVERES, FINALIDADES E PERIGOS**Hebreus 12:12-17**

Com esta passagem o autor chega aos problemas diários da vida cristã. Sabia que algumas vezes o homem pode alçar vôo como águia e correr sem cansaço seguindo o ímpeto do esforço; mas sabia também que o mais difícil é caminhar diariamente sem desfalecer. Nesta passagem pensa no viver diário e na luta da vida cristã.

(1) Começa lembrando os cristãos de seus *deveres*. Em toda congregação e em toda sociedade cristã há membros fracos e propensos a extraviar-se e a deixar-se arrastar e abandonar a luta. É dever dos mais fortes injetar vida e vigor nos que estão a ponto de claudicar na batalha. Devem inspirar fortaleza em suas mãos abatidas e nova força em seus pés desfalecentes. A frase que se usa para *mãos descaídas* é a mesma que se aplica aos filhos de Israel quando desejavam abandonar os rigores da viagem através do deserto e retornar ao bem-estar e às panelas de carne do Egito.

As *Odes de Salomão* 6:14 ss têm uma descrição dos que são servos e ministros fiéis:

"Eles suavizaram os lábios secos,
à vontade que desfalecia infundiram vigor...
e aos membros prostrados
endireitaram e ergueram."

Uma das maiores glórias da vida é saber dar ânimo ao homem que está à beira do desespero e fortaleza ao que desfalece. Para ajudá-lo nisto devemos endireitar seu caminho. O cristão tem o duplo dever para com Deus e para com seu próximo.

O *Testemunho de Simeão* 5:2-3 tem uma luminosa descrição do dever de um homem bom: "Que seu coração seja bom à vista do Senhor; que seu caminho seja reto à vista dos homens; desta maneira encontrará favor diante Deus e dos homens". O homem deve apresentar a Deus um

coração limpo e aos homens uma vida íntegra. O cristão tem o dever de mostrar ao homem o caminho reto por aquele que tem que caminhar, de encaminhá-lo pelo bom exemplo pessoal, de remover do atalho da vida o que o faria tropeçar e de tornar a viagem mais fácil a seus pés vacilantes e atrasados. O homem deve oferecer seu coração a Deus e seu serviço e seu exemplo ao próximo.

(2) Em segundo lugar, o autor refere-se às finalidades que o cristão sempre deve ter perante si.

(a) Deve ter em vista a *paz*. No pensamento e na linguagem hebraicas a paz não era algo negativo, mas algo positivo por excelência; não era simplesmente estar livres de dificuldades. Abrangia duas coisas. Em primeiro lugar, era tudo aquilo que tinha que ver com o bem supremo do homem; e significava o maior bem-estar que alguém podia desfrutar. Era aquilo que fazia com que o homem alcançasse seu topo mais alto. Segundo os judeus, esse bem-estar supremo e esse sumo bem encontravam-se na obediência a Deus

O autor de Provérbios (3:1) diz: “Filho meu, não te esqueças dos meus ensinamentos, e o teu coração guarde os meus mandamentos; porque eles aumentarão os teus dias e te acrescentarão anos de vida e *paz*.”. O cristão deve ter em vista essa obediência total a Deus em que a vida encontra sua maior felicidade, seu maior bem, sua perfeita consumação, sua *paz*. Em segundo lugar, *paz* significa relações justas entre os homens; um estado em que se proscree o ódio e em que cada um não busca senão o bem de seu próximo; significa o vínculo de amor, perdão e serviço que devesse unir aos homens entre si. O autor de Hebreus diz: "Busquem viver unidos assim como os cristãos devem viver: na unidade real que provém da vida em Cristo". A paz que se tem que buscar é a que provém da obediência à vontade de Deus, a que eleva a vida do homem a sua realização mais alta e a que o capacita para viver com seu próximo e estabelecer uma relação justa com ele.

Deve-se notar uma coisa mais: esta classe de paz tem que ser nossa *finalidade*; tem que ser *perseguida*. Esta paz requer um esforço; é o produto do esforço, a disciplina e o empenho e o suor mental e espiritual.

Os dons de Deus são dados, mas não dados de presente; devem ser *ganhos*, pois só podem-se receber aceitando as condições que Deus põe — e a condição suprema é a obediência a ele.

(b) Deve apontar à *santidade* (*hagiasmos*). *Hagiasmos* tem a mesma raiz que o adjetivo *hagios* ordinariamente traduzido por *santo*. A raiz da palavra indica sempre *diferença* e *separação*. Ainda que viva no mundo, o homem *hagios* deve ser sempre, em certo sentido, diferente do mundo e estar separado dele. Suas normas e sua conduta não são as do mundo. Seu ideal é diferente; sua recompensa é diferente; sua finalidade é diferente. Sua finalidade não é estar bem com os homens mas com Deus.

Hagiasmos (*santidade*) como o expressa finalmente Westcott, é: "a preparação para a presença de Deus". A vida do cristão está dominada e dirigida pela lembrança constante de que seu maior propósito é entrar na presença de Deus.

(3) O autor passa agora a assinalar os perigos que ameaçam a vida cristã.

(a) Existe o perigo de *perder a graça de Deus*, ou como se traduz na Nova Versão Internacional: *excluir-se da graça de Deus*. O antigo comentarista grego Teofilacto, interpreta isto em termos de uma viagem de um grupo de pessoas. De vez em quando devem fazer chamada e perguntar: "Alguém caiu? Alguém se demorou à beira do caminho? Alguém atrasou enquanto outros se adiantaram?"

Em Miquéias 4:6 (Reina-Valera Revisada 1995) há um texto gráfico: "Reunirei as extraviadas". É fácil desencaminhar-se, atrasar-se, ir à deriva em vez de adiantar-se, e perder assim a graça de Deus. Não há nesta vida oportunidade que não possa ser desperdiçada. A graça de Deus nos traz a oportunidade de fazer de nós mesmos e de nossas vidas o que têm que ser. Um homem, em sua letargia, sua negligência, sua

inconsciência e demora pode perder as oportunidades que a graça lhe oferece. Contra isto devemos estar sempre alerta.

(b) Devemos estar alerta ao que o texto chama “alguma raiz de amargura”. A frase provém de Deuteronômio 29:18, onde descreve ao que vai atrás de deuses estranhos, anima a outros a operar desta maneira e se transforma assim num fator pernicioso e mortífero na vida da comunidade. O autor adverte contra aqueles que têm uma influência corruptora. Sempre há aqueles que pensam que as normas cristãs são desnecessariamente estritas e meticulosas; os que nunca vêm por que não devam envolver-se nas coisas que o mundo chama êxito e prazer; os que estariam bem contentamentos adotando as normas do mundo para a vida e a conduta. Isto era particularmente assim na Igreja primitiva. A Igreja era uma pequena ilha de cristianismo rodeada por um mar de paganismo; seus membros estavam apartados no máximo por uma geração. Era fatalmente fácil recair nas antigas normas. Trata-se de uma advertência contra qualquer influência que pudesse fazer com que o cristão pensasse mais no mundo e menos em Deus. É uma admoestação contra o contágio do mundo, algumas vezes deliberado, outras inconsciente, difundido na sociedade cristã.

(c) O cristão tem que estar alerta contra toda *queda na imoralidade ou recaída numa vida ímpia*. *Ímpio* em grego é *bebelos* que tem todo um fundo luminoso. usava-se para a terra *profana* em contraposição à *consagrada*. O mundo antigo tinha suas religiões nas quais só o iniciado podia participar. *Bebelos* se usava para a pessoa *não iniciada e desinteressada* em contraposição ao homem *devoto*. Aplicava-se a homens tais como Antíoco Epifânio, que estavam empenhados em eliminar toda religião verdadeira e aos judeus renegados e apóstatas e que tinham abandonado a Deus.

Westcott resume o alcance desta palavra dizendo que descreve o homem cuja mente não reconhece nada superior ao mundo; para quem não existe nada sagrado; que não guarda nenhum respeito para com o invisível. Uma vida *ímpia* é uma vida sem nenhuma consciência de Deus

ou interesse nEle; que em seus pensamentos, suas intenções, seus prazeres e suas normas está completamente atada à terra. Devemos tomar cuidado de não ser arrastados a uma estrutura mental e emotiva que não tem nenhum horizonte para além deste mundo; este caminho leva inevitavelmente ao fracasso da castidade e na perda da honra.

Para resumir tudo o autor de Hebreus cita o exemplo do Esaú. Em realidade junta duas histórias: a de Gênesis 25:28-34 e a de Gênesis 27:1-39. Na primeira Esaú vem do campo com um homem voraz, para vender seu direito de primogenitura a Jacó e participar assim na comida que este preparava. A segunda narra como Jacó despojou sutilmente a Esaú de seu direito de primogenitura personificando-o perante Isaque velho e cego, e ganhando assim a bênção e o direito de primogenitura que pertenciam a Esaú como o maior dos dois. Quando Esaú buscou a bênção que Jacó tinha obtido astutamente, levantou sua voz e chorou (Gênesis 27:38). Mas há algo mais que salta à primeira vista. Nas lendas hebraicas e nas elaborações rabínicas, Esaú chegou a ser considerado como o tipo do homem inteiramente sensual, que em primeiro lugar tem em conta as necessidades de seu corpo, que dá preeminência aos prazeres imediatos e às paixões, que vende o direito de primogenitura para encher o estômago.

A lenda hebraica diz que antes de nascerem Jacó e Esaú (eram gêmeos) e enquanto ainda estavam no seio de sua mãe, Jacó disse a Esaú: "Irmão meu, há dois mundos diante de nós: este mundo e aquele que há que vir. Neste mundo os homens comem, bebem, negociam, casam-se e engendram filhos e filhas; mas tudo isto não tem lugar no mundo futuro. Se quiser, escolhe este mundo que eu escolherei o outro". E Esaú ficou muito contente de poder escolher este mundo, porque não cria no outro. No mesmo dia em que Jacó ganhou por seu subterfúgio a bênção de Isaque, Esaú segundo a lenda, já tinha cometido cinco pecados: "tinha rendido um culto estranho, tinha derramado sangue inocente, tinha açoitado a uma jovem comprometida, tinha negado a vida do mundo vindouro, e tinha desprezado seu direito de primogenitura".

A interpretação hebréia considerava o Esaú como o homem do corpo, o homem sensual, o homem que não encontra prazeres mais além dos deste mundo. Todo homem deste tipo vende seu direito de primogenitura e esbanja seu patrimônio desprezando a eternidade.

O autor de nossa Carta diz que Esaú não teve *oportunidade para o arrependimento*. Usa-se a palavra *metanoia* que literalmente significa *mudança de mente*. É melhor dizer que a Esaú foi impossível a mudança de mente. Não é que se achasse proscrito para sempre do perdão de Deus; é algo muito mais simples. É o triste fato de que há certas opções que não podem desfazer-se e certas conseqüências que nem sequer Deus pode evitar. Para aduzir um exemplo simples: se um jovem perder sua pureza ou uma jovem sua virgindade, não há nada que possa restituir o estado anterior. A escolha foi feita e subsiste. Deus pode e quer perdoar, mas Deus mesmo não pode fazer com que o relógio do tempo volte atrás para suprimir a escolha e eliminar as conseqüências. Lembremos que a vida tem certa finalidade. Se como Esaú seguimos o caminho do mundo, nosso bem último serão as coisas sensuais e corporais; se escolhermos os prazeres do tempo, preferindo-os às alegrias da eternidade, Deus pode e quer ainda perdoar, mas sucedeu algo que não pode ser desfeito. Há certas coisas nas quais o homem não pode mudar de mente; seu desejo de mudança sobreveio muito tarde; deve permanecer para sempre na escolha que fez.

O TERROR DO VELHO E A GLÓRIA DO NOVO

Hebreus 12:18-24

Esta passagem é um contraste entre o velho e o novo, entre a Lei do Sinai e a nova aliança da qual Jesus é mediador. Até o versículo 21 se repetem os ecos da história da entrega da Lei no monte Sinai. Deuteronômio 4:11-12 descreve a que se assemelha esta Lei: “Então, chegastes e vos pusestes ao pé do monte; e o monte ardia em fogo até ao

meio dos céus, e havia trevas, e nuvens, e escuridão. Então, o SENHOR vos falou do meio do fogo”.

Êxodo 19:12-13 nos fala de como não era possível aproximar-se a essa terrível montanha: “Marcarás em redor limites ao povo, dizendo: Guardai-vos de subir ao monte, nem toqueis o seu limite; todo aquele que tocar o monte será morto. Mão nenhuma tocará neste, mas será apedrejado ou flechado; quer seja animal, quer seja homem, não viverá. Quando soar longamente a buzina, então, subirão ao monte”.

Deuteronômio 5:23-27 nos narra como o povo estava tão assustado de ouvir ele mesmo a voz de Deus, que pediu a Moisés que fosse ele quem lhes trouxesse a mensagem de Deus: “Se ainda mais ouvíssemos a voz do SENHOR, nosso Deus, morreríamos”.

Deuteronômio 9:19 nos fala do temor e terror de Moisés mas o autor de Hebreus trasladou isto à entrega da Lei. No relato original estas palavras foram pronunciadas por Moisés quando desceu da montanha e encontrou o povo dando culto ao bezerro de ouro. Toda a passagem até o versículo 21 reúne frases típicas e reminiscências históricas da entrega da Lei no monte Sinai. Reuniu-se todo o terrível e terrífico para dar ênfase à esmagadora grandiosidade da cena.

Na entrega da Lei no monte Sinai se sublinham três coisas.

(1) *A absoluta majestade de Deus.* Toda a narração insiste no poder esmagador de Deus; no qual não há absolutamente nada de amor.

(2) *A absoluta inacessibilidade de Deus.* Não só não estão abertas as portas a Deus, mas também estão obstruídas com barreiras. Aquele que tentava aproximar-se a Deus encontrava-se com a morte.

(3) *O terror absoluto a Deus.* Aqui não há outra coisa senão o tremendo temor de olhar e até de escutar.

Logo no versículo 22 vem algo diferente. A primeira seção trata de tudo o que o homem pode esperar sob a antiga aliança e a antiga Lei; nela não há em Deus outra coisa senão majestade solitária, completa separação do homem e temor que prostra. Mas para o cristão veio a nova aliança, uma nova relação com Deus.

Nesta passagem o autor de Hebreus faz uma espécie de lista das novas glórias que o cristão espera e às quais tem acesso.

(1) A nova Jerusalém, a Jerusalém celestial o aguarda. Aguarda-ou uma nova criação. Este mundo com toda sua expiração, com seus temores, seus mistérios e suas separações passou; para o cristão a vida foi recriada e feita nova.

(2) Os anjos o aguardam numa prazerosa assembléia (*companhia*; BJ., "reunião solene"). A palavra que o autor usa é *paneguris*. A palavra indica uma assembléia nacional jubilosa em honra dos deuses. Para o grego descrevia um dia santo jubiloso quando todos estavam de festa e se alegravam. Para o cristão a glória do céu é tal que até faz com que os anjos prorrompam em manifestações de regozijo.

(3) O cristão é esperado pelos escolhidos de Deus. O autor usa duas palavras para descrevê-los. Diz literalmente que eles são *os primogênitos*. Agora, a característica do filho primogênito é que tanto a herança como a honra lhe pertencem. Diz que são aqueles cujos nomes estão escritos no livro de Deus. Na antigüidade os reis guardavam um registro de seus cidadãos fiéis. O homem cujo nome figurava nesse registro era um cidadão aceito e reconhecido pelo rei. Desta maneira o cristão é esperado por aqueles aos quais Deus honrou e registrou entre seus cidadãos fiéis.

(4) O cristão é esperado por Deus como Juiz. Até no meio da alegria permanece o temor. O autor nunca esquece que no final o cristão deverá suportar o escrutínio divino. A glória está ali; mas o temor e o sobressalto perante Deus ainda subsistem. O Novo Testamento nunca corre o menor perigo de sentimentalizar a idéia de Deus.

(5) O cristão é esperado pelos espíritos de todos os homens bons que alcançaram a meta. Uma vez o rodearam numa nuvem invisível, agora ele será um deles. O mesmo irá unir-se àqueles cujos nomes estão no quadro de honra de Deus. que em sua fé foram aprovados e confirmados por Deus.

(6) Finalmente, o autor diz que Jesus é aquele que iniciou esta nova aliança, aquele que fez possível esta nova relação com Deus: foi Jesus aquele que eliminou o terror do Sinai e deu aos homens a glória da nova relação com Deus, o perfeito sacerdote e o perfeito sacrifício que tornou acessível o inacessível, suprimindo o terror de Deus. E isto à custa de seu sangue, quer dizer, teve que morrer antes de que isto fosse possível. Assim, pois, o autor termina a seção com um curioso contraste entre o sangue de Abel e o sangue de Jesus. Quando Abel foi morto, seu sangue sobre a terra clamava por vingança (Gênesis 4:10); sua morte pedia a desforra. Mas quando Jesus foi morto seu sangue e sua morte não clamavam por vingança; abriram o caminho à reconciliação. Sua vida, morte e sacrifício tornaram possível que o homem se tornasse amigo de Deus.

Num tempo os homens estavam sob todo o terror da Lei; a relação entre eles e Deus era de uma distância intransponível e um medo assustador. Mas depois que Jesus veio e morreu, o Deus tão distante se aproximou; abriu-se um caminho rumo ao Deus cuja presença tinha estado bloqueada ao homem.

A MAIOR OBRIGAÇÃO

Hebreus 12:25-29

Aqui o autor começa com um contraste que é também uma advertência. Moisés trouxe para a Terra os oráculos de Deus. Agora, o termo que usa de Moisés (*crematizein*) implica que ele só foi o transmissor desses oráculos, o porta-voz pelo qual Deus falou. E entretanto, o homem que quebrantava os mandamentos transmitidos por Moisés não escapava ao castigo e condenação. Por outro lado está Jesus. Para ele usa-se a palavra *lalein* que implica uma locução direta de Deus; Ele não foi meramente o transmissor da voz de Deus, mas sim *a própria voz* de Deus; não falou com um acento terreno e uma mensagem terrena: o próprio céu fala nEle.

Sendo assim quanto mais será castigado e se condenará o homem que recuse obedecê-lo? Se merece condenação aquele que negligencia a mensagem imperfeita da Lei, quanta maior condenação merecerá aquele que negligenciar a mensagem perfeita do Evangelho? Justamente porque o Evangelho é a plena revelação de Deus e Deus falou como jamais tinha falado antes nem jamais falará de novo o homem que ouve está perante uma dupla e tremenda responsabilidade. Aqueles que só ouviam a Lei antiga jamais tiveram a possibilidade de ouvir toda a verdade; os que ouvem o Evangelho prestam ouvido à revelação plena da verdade divina. E tanto maior será a condenação do homem se negligenciar a perfeita revelação de Deus.

O autor passa então a enunciar outro pensamento. Quando a Lei foi dada a Terra se comoveu. “Todo o monte Sinai fumegava, porque o SENHOR descera sobre ele em fogo; a sua fumaça subiu como fumaça de uma fornalha, e todo o monte tremia grandemente.” (Êxodo 19:18); “Estremece, ó terra, na presença do Senhor” (Salmo 114:7); “Tremeu a terra; também os céus gotejaram à presença de Deus” (Salmo 68:8); “O ribombar do teu trovão ecoou na redondeza; os relâmpagos alumiarão o mundo; a terra se abalou e tremeu” (Salmo 77:18). Isto foi o que aconteceu quando a Lei foi dada pela primeira vez. Para o sacudimento da Terra o autor encontra outra referência em Ageu 2:6. A versão grega do Antigo Testamento diz: "Ainda outra vez (o hebraico diz "daqui a pouco") eu farei tremer os céus e a Terra."

O autor de Hebreus toma isto como um anúncio do dia em que esta Terra passará e começará a nova era. Naquele dia tudo o que possa ser movido será extirpado e destruído; somente ficarão as coisas inamovíveis e entre estas conta acima de tudo nossa relação com Deus. Todas as coisas podem passar; o mundo assim como o conhecemos pode ser desarraigado; a vida assim como a experimentamos pode chegar a seu fim. Mas uma coisa não pode mudar, terminar ou ser comovida: a relação do cristão com Deus. Ainda que todo o resto seja feito em pedaços, destruído pela eternidade, esta relação será eternamente segura.

Sendo assim, uma enorme obrigação pesa sobre nossos ombros. Devemos dar culto a Deus com reverência e servi-lo com temor; porque não devemos permitir que nada turve esta relação que será nossa salvação quando o mundo passar. Assim o autor termina com uma das citações ameaçadoras que com freqüência lança a seus ouvintes como um rodar de trovões. É uma citação de Deuteronômio 4:24.

Ali Moisés diz ao povo que jamais devem quebrantar seu acordo com Deus nem recair na idolatria e no culto a imagens entalhadas ou esculpidas porque Deus é um Deus ciumento; devem adorá-lo e só a ele, ou o acharão como um fogo consumidor.

É como se o autor de Hebreus dissesse:

"Perante vós se apresenta uma dupla opção: ou permanecer fiéis e inamovíveis em Deus para que, quando vier o dia em que o universo seja abalado até a destruição, sua relação com Deus se mantenha salva e segura; ou ser desleais a Deus e neste mesmo dia, que poderia ser sua salvação, permutar-se num fogo que consuma até a destruição".

É um pensamento lúgubre mas que contém uma verdade eterna e inalterável: se um homem for fiel a Deus ganha tudo; se pelo contrário for infiel a Ele, perde tudo. Nada interessa no tempo e na eternidade salvo só a lealdade a Deus.

Hebreus 13

[As características da vida cristã - 13:1-6](#)

[Os condutores e o condutor - 13:7-8](#)

[O sacrifício falso e o verdadeiro - 13:9-16](#)

[Obediência e oração - 13:17-19](#)

[Uma oração, uma saudação e uma bênção - 13:20-24](#)

AS CARACTERÍSTICAS DA VIDA CRISTÃ**Hebreus 13:1-6**

Ao aproximar-se ao final de sua carta o autor passa a ocupar-se de assuntos práticos. Aqui sublinha cinco qualidades essenciais da vida cristã.

(1) *O amor fraternal.* As mesmas circunstâncias da Igreja primitiva ameaçavam algumas vezes o amor fraternal. O próprio fato de tomar tão a peito a religião era em certo sentido um perigo. Numa Igreja ameaçada de fora e desesperadamente ciumenta de dentro, há sempre dois perigos.

Em primeiro lugar o perigo de dedicar-se à caça de heresias. O próprio desejo de preservar a fé faz com que os homens tenham o afã de descobrir e eliminar os hereges ou os que se desviaram da fé.

Em segundo lugar, o tratamento duro e pouco amável dos que perdendo o domínio de seus nervos quebrantam a fé.

A própria necessidade de uma lealdade que não vacila em meio de um mundo pagão e hostil tende a adicionar severidade e rigor ao trato com o homem que em alguma crise não teve a coragem de manter-se firme em sua fé. É algo grande conservar pura a fé, mas quando este desejo nos faz críticos, rígidos, acusadores, ásperos e desatentos destrói-se o amor fraterno e se chega a uma situação pior que a que tentamos evitar. De uma ou outra maneira devemos combinar estas duas atitudes: zelo ardente na fé e amabilidade para com o homem que se apartou dela.

(2) *A hospitalidade.* O mundo antigo amava e tinha em honra a hospitalidade. Os judeus tinham o provérbio: "Há seis coisas cujo fruto o homem come neste mundo e pelas quais seu corpo se ergue no mundo futuro". E a lista começa: "Hospitalidade para com o estrangeiro e visitar os doentes". Os gregos davam a Zeus, como título favorito o de *Zeus Xênios*, que significa Zeus o deus dos estrangeiros. O caminhante ou o estrangeiro estavam sob a proteção do rei dos deuses.

A hospitalidade, como diz Moffatt, era um artigo da religião antiga. No mundo antigo as pousadas eram sujas, tremendamente caras e de

baixa reputação. O grego sempre se estremecia ante uma hospitalidade conseguida por dinheiro. O trabalho de hospedeiro lhe parecia um negócio antinatural.

Em *Las Ranas* de Aristófanes, Dioniso pergunta ao Heraclio, discutindo como encontrariam hospedagem, se sabia onde havia menos pulgas.

Platão em *Las Leyes* fala do dono de hospedaria que mantém os viajantes como reféns.

Não carece de significado que Josefo diga que Raabe, a rameira — a que hospedou os espiões de Josué no Jericó — tinha uma hospedaria.

Quando Teofrasto escreveu a biografia do homem despreocupado, disse que era apto para cuidar uma pousada ou dirigir um prostíbulo. Põe ambas as ocupações no mesmo nível.

No mundo antigo existia um sistema admirável chamado "amizades do forasteiro". Algumas famílias acordavam que através dos anos, mesmo quando tivessem perdido contato entre si, em qualquer momento que fosse necessário, dariam mutuamente hospedagem. Esta hospitalidade era ainda mais necessária no círculo dos cristãos. Os escravos não tinham casa própria. Os pregadores e profetas ambulantes estavam sempre de viagem. Os cristãos tinham que viajar por assuntos da vida corrente. Tanto pelo preço como pela atmosfera moral as pousadas públicas eram impossíveis. Naqueles dias deveriam existir muitos cristãos isolados e travando batalha a sós. O cristianismo era, e deveria ser ainda, uma religião de portas abertas.

O autor de Hebreus diz que aqueles que davam hospitalidade aos forasteiros algumas vezes, sem sabê-lo, hospedaram anjos de Deus. Pensa na época em que um anjo se apresentou a Abraão e a Sara para anunciar o nascimento de um filho (Gênesis 18:1ss) e do dia em que um anjo foi a Manoá com a mesma notícia (Juízes 13:3ss).

(3) *A simpatia para com os que padecem tribulação.* É aqui onde vemos a Igreja cristã dos dias primitivos em seu aspecto mais atrativo. Sucedia com freqüência que o cristão era arrojado à prisão ou padecia

algo pior em razão de sua fé, ou talvez por dívidas, pois os cristãos eram pobres. Também podia acontecer que fossem capturados por piratas ou bandidos. Era então quando a Igreja cristã ficava em ação.

Tertuliano em sua *Apologia* escreve: "Se acontecia que alguém se encontrasse nas minas ou fosse proscrito nas ilhas ou lançado nas prisões por nenhuma outra razão que por sua fidelidade à causa da Igreja de Deus, eram cuidados como meninos de peito.

Aristides, o orador pagão, disse dos cristãos: "Se ouvirem que algum deles está na prisão ou passa tribulação por causa do nome de seu Cristo, todos lhe prestam ajuda em sua necessidade e se podem resgatá-lo, o põem em liberdade".

Quando Orígenes era jovem foi dito dele: "Não só estava de parte dos santos mártires em sua prisão e condenação final, mas quando eram conduzidos à morte os acompanhava intrepidamente, arriscando-se".

Algumas vezes os cristãos eram condenados às minas; era como enviá-los a Sibéria ou à Ilha do Diabo.

As *Constituições Apostólicas* estabelecem: "Se algum cristão é condenado por algum ímpio às minas por causa de Cristo não o descuidem mas sim enviem-lhe algo do produto de seu esforço e suor para sustentá-lo e recompensar o soldado de Cristo." Os cristãos buscavam seus irmãos na fé até nos desertos. De fato havia uma pequena Igreja cristã nas minas de Feno. Algumas vezes os cristãos tinham que ser resgatados de assaltantes e bandidos.

As *Constituições Apostólicas* estabelecem: "Todos o dinheiro que provêm de um trabalho honrado deve ser destinados e distribuído para o resgate dos santos, pagando com eles pelos escravos, cativos e prisioneiros, pessoas dolorosamente ofendidas ou condenadas pelos tiranos".

Quando os assaltantes da Numidia levaram os cristãos, a Igreja de Cartago pagou o equivalente a 2500 dólares para resgatá-los e prometeu ainda mais. Havia casos em que os cristãos se vendiam como escravos para obter dinheiro para resgatar a seus amigos. Os cristãos estavam

dispostos a recorrer ao suborno para poder entrar nas cárceres. Chegaram a ser tão conhecidos por sua ajuda aos encarcerados no começo do século IV o imperador

Licinio expediu uma nova legislação para que "ninguém mostrasse bondade para com os pacientes da prisão, brindando-lhes alimento e ninguém mostrasse compaixão para com os que ali faleciam de fome". Adicionava-se que os que fossem descobertos agindo desta maneira deviam ser obrigados a sofrer a mesma sentença e destino daqueles aos quais queriam ajudar.

Estes exemplos estão tomados do *Expansion of Christianity* de Harnack; muitos outros poderiam adicionar-se. Jamais na Igreja primitiva algum cristão que sofria por sua fé era negligenciado ou esquecido por seus companheiros.

(4) *A pureza.* Em primeiro termo o laço matrimonial devia ser respeitado universalmente. Isto poderia significar duas posições opostas.

(a) Existiam ascetas que desprezavam o matrimônio. Alguns chegavam ao extremo de castrar-se para assegurar o que, segundo eles, era a pureza. Orígenes, por exemplo, seguiu este caminho. Até um pagão como Galeno, o médico, anotava que entre os cristãos havia "homens e mulheres que se abstêm de coabitar durante toda sua vida". O autor de Hebreus insiste contra estes ascetas em que o laço matrimonial tem que ser tido em honra e não deve ser desprezado.

(b) Havia outros sempre propensos a recair na imoralidade. O autor usa dois termos: um denota uma vida de adultério; o outro toda classe de impureza, tais como os vícios contra natureza. Os cristãos introduziram no mundo um novo ideal de pureza. Até os pagãos admitiam isto.

Galeno, o médico grego, na passagem que já citamos, prossegue: "Também contam com indivíduos que pela disciplina, o controle e sua veemente perseguição da virtude alcançaram uma altura não inferior a de verdadeiros filósofos".

Quando Plínio o governador de Bitínia julgava os cristãos e informava a Trajano, o imperador, deveu admitir, mesmo quando

buscasse uma acusação para condená-los, que no encontro do dia de seu Senhor "obrigavam-se a si mesmos por meio de um juramento não a um ato criminal, mas sim a evitar o roubo, a rapina e o adultério; a não quebrantar nunca a palavra empenhada nem negar um depósito quando solicitado a que o devolvessem. Na época primitiva os cristãos exibiam perante o mundo tal pureza que nem sequer seus críticos e inimigos mais acérrimos encontravam neles falta alguma.

(5) *O contentamento.* O cristão deve estar livre do amor ao dinheiro e contentar-se com o que tem e, por que não deve estar se possui a contínua presença de Deus? O autor cita duas grandes passagens do Antigo Testamento: Josué 1:5 e Salmo 118:6 para mostrar que o homem de Deus não necessita nada, porque sempre tem consigo a presença e a ajuda de Deus. Nada do que os homens possam lhe dar, nenhum dom que a ambição terrena pode arrancar da vida pode melhorar sua situação.

OS CONDUTORES E O CONDUTOR

Hebreus 13:7-8

Nesta passagem encontra-se implícita uma descrição do verdadeiro condutor de homens.

(1) O verdadeiro condutor da Igreja prega a Cristo e desta maneira leva aos homens a Cristo; não chama a atenção sobre si mesmo, e sim sobre a pessoa de Jesus Cristo.

Leslie Weatherhead narra-nos a história de um menino da escola pública que decidiu entrar no ministério. Foi-lhe perguntado quando tinha assumido essa decisão. Respondeu que por ouvir um sermão na capital da escola. Interrogaram-lhe pelo nome do pregador, mas repôs que não o lembrava; a única coisa que sabia era que esse pregador lhe tinha mostrado a Jesus.

O dever do verdadeiro pregador é desaparecer para que Cristo apareça diante dos homens.

(2) O verdadeiro condutor da Igreja vive em fé e por isso leva os homens a Cristo. O santo foi definido como "o homem em quem Cristo vive de novo". O dever do verdadeiro pregador não é tanto falar com os homens sobre Cristo como mostrar a Cristo em sua própria vida, obra e ser. Os homens não aceitam tanto o que o homem diz quanto o que é. Sua vida não é uma argumentação verbal, mas sim uma demonstração vivente.

(3) O verdadeiro condutor morre, se for necessário, permanecendo fiel. Mostra aos homens como viver e no final como morrer. Demonstra uma lealdade que não tem limites. Jesus tendo amado aos seus os amou até o fim. O verdadeiro condutor tendo amado a Jesus o amava até o fim. Sua lealdade jamais detém-se a metade de caminho.

(4) Por isso o verdadeiro condutor deixa dois patrimônios aos que o seguem: um exemplo e uma inspiração. Quintiliano, o mestre romano de oratória, dizia: "É algo bom conhecer e manter sempre girando na mente os atos ilustres realizados antigamente". Epicuro aconselhava continuamente a seus discípulos que lembrassem daqueles que nos tempos antigos tinham vivido virtuosamente.

Se houver alguma coisa mais importante que qualquer outra é que a Igreja e o mundo necessitam sempre de uma condução desta classe. Mas agora o autor passa a outro pensamento importante. Está na natureza das coisas que todos os condutores terrestres surjam e passem; têm seu tempo e guiam a sua geração, logo se retiram da cena; têm sua parte no drama da vida e logo desce o pano de fundo. Pelo contrário, Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e sempre. Sua preeminência é permanente; sua liderança é eterna. E nisto reside o segredo da liderança terrena. O verdadeiro condutor é aquele que é ele próprio conduzido por Jesus Cristo. Os homens que fizeram as igrejas e guiaram a outros no caminho ascendente, foram conduzidos em cada época e geração pelo Cristo eterno e imutável. Aquele que caminhava pelos caminhos da Galiléia é ainda tão poderoso como sempre para esmagar o mal e amar o pecador; e assim como então escolheu os doze para que estivessem com Ele e

fossem realizar sua obra, ainda está agora, buscando os que têm que levar os homens Ele, e Ele aos homens.

O SACRIFÍCIO FALSO E O VERDADEIRO

Hebreus 13:9-16

Pode ser que ninguém chegue a descobrir jamais o significado preciso desta passagem. Certamente existia alguma doutrina falsa que se estava difundindo na Igreja e a que se refere esta Carta. O autor não precisa descrevê-la para o povo ao qual se dirige, porque era bem conhecida, até alguns tinham caído em suas redes e todos estavam sob sua ameaça. Quanto a no que consistia, só possuímos algumas indicações e podemos fazer deduções e conjeturas.

Começaremos com um fato básico. O autor está convencido de que a verdadeira fortaleza do homem só provém da graça divina e que o que o povo come e bebe não tem nada a ver com sua força espiritual. Assim, pois, na Igreja a qual se dirige a Carta havia alguns que davam muita importância às leis alimentares. Eis aqui algumas observações.

(1) Os judeus tinham suas leis rígidas sobre mantimentos, estabelecidas por extenso em Levítico 11. Todo mundo sabe que nenhum judeu come carne de porco. O judeu cria que podia servir e agradar a Deus comendo ou não comendo certos mantimentos. Possivelmente haveria nesta Igreja cristãos dispostos a abandonar a liberdade cristã para voltar de novo ao jugo das leis e prescrições judias sobre mantimentos, pensando que agindo dessa maneira adicionariam vigor à sua vida espiritual e às suas almas.

(2) Havia alguns gregos que tinham idéias muito definidas sobre os mantimentos. Já Pitágoras pensava algo pelo estilo; cria na reencarnação; em que a alma do homem passava de corpo em corpo até merecer finalmente a libertação. Essa libertação podia apressar-se pela oração, a meditação, a disciplina e o ascetismo. Por esta razão os pitagóricos eram vegetarianos e se abstinham de carne. Os chamados gnósticos formavam

um grupo com as mesmas características. Pensavam que a matéria era completamente má e que o homem devia concentrar-se no espírito, que era inteiramente bom. Portanto criam que o corpo era inteiramente mau e que o homem devia castigá-lo e tratá-lo com o maior rigor e austeridade. Reduziam a alimentação ao mínimo possível e se abstinham também da carne. Eram muitos os gregos que pensavam que pelo que comiam ou deixavam de comer se fortaleciam espiritualmente e libertavam suas almas.

(3) Mas nada de tudo isto parece ter tido a ver no caso. Aqui o comer e o beber têm algo que ver com o corpo de Cristo. O autor de Hebreus se remonta às prescrições do Dia da Expição. Agora, segundo essas prescrições, os corpos do bezerro devotado pelos pecados do sumo sacerdote e do bode emissário devotado pelos pecados do povo, deviam ser consumidos inteiramente pelo fogo num lugar fora do acampamento (Levítico 16:27). Eram ofertas pelo pecado e ainda que os que rendiam o culto tivessem desejado comer essa carne não podiam fazê-lo.

O autor considera Jesus como o sacrifício perfeito. O paralelismo é completo porque, além disso, Jesus foi sacrificado fora da porta; efetivamente, o Calvário estava fora dos muros de Jerusalém. As crucificações sempre se levavam a cabo fora de uma população. Jesus também foi a oferta pelo pecado em favor dos homens. Em consequência, assim como ninguém podia comer a carne da oferta do pecado no Dia da Expição tampouco ninguém pode comer a carne de Cristo. Pode ser que aqui tenhamos a chave; é possível que existisse nessa Igreja um pequeno grupo que, seja no sacramento, seja em alguma comida comum, consagrassem seus mantimentos a Jesus e pretendessem de fato e verdadeiramente comer o corpo de Cristo. Poderiam ter-se convencido a si mesmos de que pelo fato de consagrar seus mantimentos a Cristo, o corpo dEle entrava neles. Isto era efetivamente o que as religiões gregas pensavam de seus próprios deuses.

Quando um grego sacrificava recebia parte da carne. Com freqüência fazia uma festa para si mesmo e seus amigos dentro do

templo, onde teve lugar o sacrifício, crendo que quando ingeria a carne do sacrifício, o deus que estava na carne sacrificada entrava em sua pessoa. Com a carne a vida do deus entrava em seu corpo e em seu coração. Bem pode ser que alguns gregos tivessem introduzido no cristianismo suas próprias idéias e falassem de comer o corpo de Cristo.

O autor cria com toda a força de seu ser que nenhuma comida podia introduzir a Jesus Cristo no interior do homem; que Cristo jamais pode entrar num homem a não ser pela graça. É muito provável que tenhamos aqui uma reação contra a demasiada ênfase nos sacramentos. É notável que o autor jamais menciona os sacramentos, que não parecem entrar absolutamente dentro de sua colocação. É provável que até naquela época tão primitiva existissem os que tinham uma concepção muito mecânica dos sacramentos e esqueciam que nenhum sacramento do mundo é útil por si mesmo; o único proveito está na graça de Deus acolhida pela fé do homem. Não é a carne, mas sim a fé e a graça o que importa.

Mas esta colocação estranha dava o que pensar a nosso autor. Cristo tinha sido crucificado fora da porta como proscrito e expulso pelos homens; foi acusado de ser um criminoso; foi contado entre os transgressores. Aqui o autor descobre uma imagem: também nós devemos nos separar da vida do mundo, nos submeter a sair fora das portas do mundo, carregar sobre nós a mesma recriminação que Cristo carregou. A separação, o isolamento e a humilhação podem sobrevir sobre o cristão como sobrevieram sobre Cristo. Os cristãos devem estar preparados para suportar o mesmo tratamento do mundo que suportou seu Mestre.

Mas o autor vai mais além. Se no sacramento o cristão não pode oferecer de novo o sacrifício de Cristo, qual é o sacrifício que pode oferecer? O autor diz que várias coisas.

(1) Pode oferecer a Deus seu contínuo louvor e ação de graças. Os povos antigos sustentavam às vezes que uma oferta de gratidão era mais aceita a Deus que uma oferta pelo pecado, porque quando um homem a

oferecia, buscava obter algo de Deus, o perdão de seus pecados, enquanto que uma oferta de gratidão era uma oferta incondicional de seu coração agradecido. O sacrifício de ação de graças é aquele que todos podem oferecer e ao qual devem sentir-se obrigados.

(2) Pode oferecer uma profissão pública e prazerosa de sua fé em Cristo. Esta é uma oferenda de lealdade. O cristão sempre pode oferecer a Deus uma vida que não se envergonha de mostrar de quem é e a quem serve. Não envergonhar-se jamais do Evangelho de Jesus Cristo é também uma oferta.

(3) O cristão pode oferecer a Deus como sacrifício obras de amor e o compartilhar com seu próximo. De fato isto era algo que o judeu sabia muito bem. Depois do ano 70 de nossa era os sacrifícios do templo chegaram a seu fim. Já não eram possíveis, porque nesse ano o templo tinha sido destruído. O que ficou? Os rabinos ensinavam que nesses dias tardios em que o ritual do templo tinha concluído, a teologia, a oração, a penitência, o estudo da Lei e a caridade eram ainda sacrifícios equivalentes aos do antigo ritual.

O rabino Jônatas Ben Zakkai se consolava nesses tristes dias crendo que "com a prática da caridade ainda possuía um sacrifício válido pelo pecado".

Um escritor cristão antigo diz: "Espero que seu coração renda frutos: que dê culto ao Deus Criador de tudo, e que lhe ofereça continuamente suas orações por meio da compaixão porque a compaixão que os homens mostram pelos homens é um sacrifício incruento e santo a Deus."

Finalmente, Jesus mesmo disse: "Sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes" (Mateus 25:40). E o melhor sacrifício de todos é ajudar a um dos filhos de Deus que padece necessidade.

OBEDIÊNCIA E ORAÇÃO**Hebreus 13:17-20**

Aqui o autor estabelece o dever da congregação para com seus condutores presentes e ausentes.

Deve obedecer os condutores presentes. Uma Igreja é uma democracia, mas não uma democracia enlouquecida; deve prestar obediência aos condutores que escolheu como seus guias. Esta obediência não tem por objeto gratificar o sentido de poder dos mesmos ou incrementar seu prestígio. Deve-se obedecer para que no final do dia os dirigentes vejam que não perderam nenhuma das almas encomendadas a seu cuidado e a seu cargo.

A maior alegria do condutor de uma comunidade cristã é ver que aqueles aos quais conduz estão firmados no caminho cristão. Como escrevia João: “Não tenho maior alegria do que esta, a de ouvir que meus filhos andam na verdade.” (3 João 4). A maior tristeza do condutor de uma comunidade cristã é que aqueles aos quais conduz se separem do caminho de Deus.

Para o condutor ausente o dever da congregação é orar. Sempre é um dever cristão levar a nossos seres amados ausentes perante o trono da graça divina. É um dever cristão lembrar diariamente perante Deus a todos os que têm a responsabilidade de dirigir e a autoridade.

Quando Mr. Baldwin foi designado Primeiro Ministro de Grã-Bretanha, seus amigos se apinharam a seu redor para felicitá-lo. Sua resposta às felicitações foi: "Não são suas felicitações o que necessito; são suas orações."

Devemos render respeito e obediência aos que têm autoridade sobre nós quando estão presentes; se estiverem ausentes devemos lembrá-los sempre em nossas orações.

UMA ORAÇÃO, UMA SAUDAÇÃO E UMA BÊNÇÃO**Hebreus 13:20-24**

Na grande oração dos dois primeiros versículos desta passagem o autor traça uma imagem perfeita de Deus e de Jesus.

(1) Deus é o Deus de paz. Até na situação mais turbulenta e angustiante Deus pode brindar paz. Em toda comunidade dividida a divisão deve-se ao esquecimento de Deus; só a memória da presença de Deus pode fazer com que retorne a paz. Quando a mente e o coração de um homem estão perturbados, quando se encontra dividido entre as duas partes de sua própria natureza, só colocando sua vida sob o domínio de Deus pode provar a paz. Só Deus pode colocar o homem numa devida relação consigo mesmo, com o próximo e com a eternidade: só o Deus de paz pode nos dar a paz conosco mesmos, com os demais e com Ele.

(2) Deus é o Deus da vida. Foi Deus aquele que ressuscitou a Jesus dentre os mortos. O amor e o poder de Deus é a única coisa que pode dar ao homem paz na vida e triunfo na morte. Jesus morreu para obedecer à vontade divina e a mesma vontade de Deus o arrancou de novo da morte. Para o homem que obedece à vontade de Deus não existe algo assim como um desastre final; até a mesma morte está vencida.

(3) Deus é o Deus que nos mostra sua vontade e nos capacita para realizá-la; Deus jamais nos atribui uma tarefa sem nos dar o poder de realizá-la. Com a visão envia também o poder. Jamais nos pede que levemos a cabo uma tarefa só com nossos recursos; se fosse assim, bem poderíamos nos intimidar com as enormes exigências da vida cristã. Quando nos manda, ele o faz, armando-nos e nos equipando com todo o necessário.

Aqui também se encontra uma tríplice imagem de Jesus.

(1) Jesus é o grande pastor de seu rebanho. A imagem de Jesus como o Bom Pastor é algo que nos é muito caro, mas embora pareça estranho, Paulo nunca a usa e o autor de Hebreus só a menciona uma vez.

Existe uma simpática lenda sobre Moisés quando fugiu do Egito e cuidou os rebanhos do Jetro no deserto. Uma ovelha do rebanho se tinha extraviado. Moisés a seguiu pacientemente e a achou bebendo num arroio da montanha. Aproximou-se e a colocou sobre seus ombros dizendo: "Então foi porque estava sedenta que te extraviaste." E sem zangar-se pela fadiga que a ovelha lhe tinha causado, levou-a de volta. E quando Deus o viu exclamou: "Se este homem Moisés tiver tanta compaixão para com uma ovelha extraviada, é precisamente aquele que necessito para caudilho de meu povo."

Um pastor é alguém que está disposto a dar sua vida por suas ovelhas; que suporta a simplicidade das ovelhas e jamais deixa de amá-las. Isto é o que Jesus faz por nós.

(2) Jesus é aquele que fundou uma nova aliança, quer dizer, aquele que fez possível a nova relação entre Deus e o homem. É Jesus quem nos mostrou como é Deus, e quem nos abriu a porta. Ele apartou o terror e manifestou o amor de Deus.

(3) Jesus é aquele que morreu. Para estabelecer esta nova relação, para mostrar aos homens como era Deus, e para abrir o caminho para Ele, requereu-se a vida de Jesus. Nossa nova relação com Deus custou o sangue de Jesus. Ele morreu para nos conduzir a Deus e à vida.

Desta maneira termina a Carta com algumas saudações pessoais. O autor se desculpa em parte pela extensão de seu escrito. Se tivesse tratado devidamente todos os seus temas nunca teria terminado. Em realidade, a Carta é breve — Moffatt assinala que se pode lê-la em voz alta em menos de uma hora — em comparação com a grandeza das verdades eternas e infinitas que aborda.

Ninguém sabe o significado da referência a Timóteo, mas soa como se também este tivesse estado detento por causa de Jesus Cristo.

E assim finaliza a Carta com uma bênção. Desde o início falou da graça de Cristo que abre o caminho a Deus. Agora conclui com uma oração para que essa graça maravilhosa descance sobre nós.